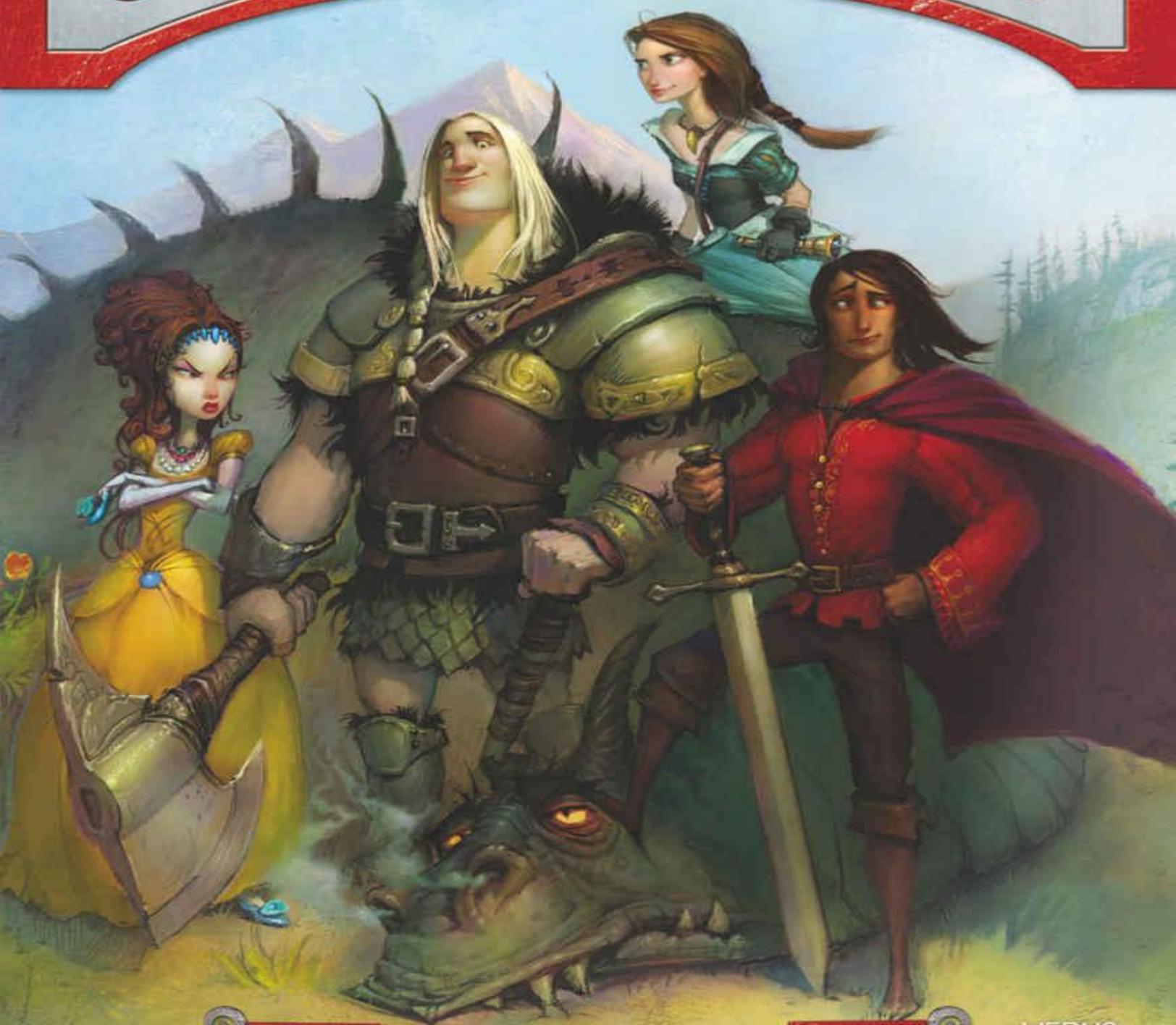


★ O GUIA DO HERÓI PARA ★
SALVAR O SEU REINO



CHRISTOPHER HEALY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CHRISTOPHER HEALY

← O GUIA DO HERÓI PARA →
SALVAR O SEU REINO

Ilustrações

Todd Harris

Tradução

Silvia M. C. Rezende



VERUS
EDITORA

Editora: Raïssa Castro
Coordenadora editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Cleide Salme
Revisão: Tássia Carvalho
Capa: Amy Ryan
Projeto gráfico: André S. Tavares da Silva

Título original: *The Hero's Guide to Saving Your Kingdom*

ISBN: 978-85-7686-517-9

Copyright © Christopher Healy, 2012

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers.

Ilustrações de capa e miolo © Todd Harris, 2012

Tradução © Verus Editora, 2013

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H344g

Healy, Christopher

O guia do herói para salvar o seu reino [recurso eletrônico] / Christopher Healy; tradução Silvia M. C. Rezende; [ilustração Todd Harris]. - 1. ed. - Campinas,SP: Verus, 2016.
recurso digital

Tradução de: *The Hero's Guide to Saving Your Kingdom*

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-517-9 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rezende, Silvia M. C. II. Harris, Todd. III. Título.

13-32254

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Dashiell e Bryn, meus heróis



◀ SUMÁRIO ▶

MAPA DOS REINOS

PRÓLOGO: Coisas que você não sabe sobre o Príncipe Encantado

1. O Príncipe Encantado perde sua noiva
2. O Príncipe Encantado defende alguns vegetais
3. O Príncipe Encantado diz que não tem medo de velhinhas
4. O Príncipe Encantado perde alguns fãs
5. O Príncipe Encantado é o pior homem do mundo
6. O Príncipe Encantado não tem senso de direção
7. O Príncipe Encantado não faz a menor ideia do que está acontecendo
8. O Príncipe Encantado tem medo do escuro
9. O Príncipe Encantado é um homem procurado
10. O Príncipe Encantado irrita o rei
11. O Príncipe Encantado mergulha de cabeça
12. O Príncipe Encantado abraça uma árvore
13. O Príncipe Encantado é totalmente dispensável
14. O Príncipe Encantado cai duro

15. O Príncipe Encantado precisa de supervisão constante
16. O Príncipe Encantado encontra um galho de árvore
17. O Príncipe Encantado ainda não faz a menor ideia do que está acontecendo
18. O Príncipe Encantado é ferido e chamuscado
19. O Príncipe Encantado precisa de um banho
20. O Príncipe Encantado entra em um bar
21. O Príncipe Encantado forma uma gangue
22. O Príncipe Encantado é um espião
23. O Príncipe Encantado senta no lugar errado
24. O Príncipe Encantado odeia crianças
25. O Príncipe Encantado precisa muito descobrir o que está acontecendo
26. O Príncipe Encantado desiste
27. O Príncipe Encantado recebe boas e más notícias
28. O Príncipe Encantado está condenado
29. O Príncipe Encantado faz exatamente o que disse que nunca faria
30. O Príncipe Encantado quase salva o dia
31. O Príncipe Encantado consegue exatamente o que queria

EPÍLOGO: O Príncipe Encantado vai para um lugar onde todos sabem seu nome

AGRADECIMENTOS

MAPA DOS REINOS





◀ PRÓLOGO ▶

COISAS QUE VOCÊ NÃO SABE SOBRE O PRÍNCIPE ENCANTADO

O Príncipe Encantado tem medo de velhinhas. Você não sabia disso, certo?

Não se preocupe. Tem um montão de coisas que você não sabe sobre o Príncipe Encantado: ele não faz ideia de como usar uma espada, não tem paciência com anões e detesta capas.

Alguns de vocês talvez nem tenham percebido que existe mais de um Príncipe Encantado. E que nenhum deles, na verdade, se chama Encantado. Nenhum se chama assim. *Encantado* nem é um nome; é uma qualidade.

Mas não se culpe por essa sua falta de conhecimento sobre o Príncipe Encantado; culpe os bardos preguiçosos. Sabe, antigamente, os bardos e os menestréis eram as únicas fontes de notícias do mundo. Eram eles que tornavam uma pessoa famosa e construíam a reputação de qualquer herói (ou vilão). Sempre que acontecia algo importante — uma donzela era salva, um dragão era morto, um encanto quebrado —, os bardos reais escreviam uma música sobre o feito e os menestréis errantes saíam cantando a melodia, espalhando a história pelos reinos. Mas os bardos não se prendiam aos detalhes. Não achavam importante incluir o nome dos heróis que tinham salvado a donzela, matado o dragão e quebrado o encanto. Eles simplesmente chamavam todos esses caras de “Príncipe Encantado”.

Os bardos nem se importavam se era um herói de verdade (como o príncipe Liam, que enfrentou um terrível monstro mágico cuspidor de fogo

para salvar uma princesa de um sono encantado), ou se era um sujeito que simplesmente estava no lugar certo, na hora certa (como o príncipe Duncan, que também despertou uma princesa de um sono encantado, mas só porque os anões o avisaram). Não, eles davam ao homem o mesmo nome genérico, sem se importar se ele quase havia morrido (como o príncipe Gustavo, que foi jogado de uma torre de aproximadamente trinta metros de altura quando tentava salvar Rapunzel), ou se simplesmente havia impressionado uma mocinha com suas habilidades de dançarino (como o príncipe Frederico, que conquistou Cinderela num baile).



Fig. 1
Um bardo típico

Se havia uma coisa que Liam, Duncan, Gustavo e Frederico tinham em comum era que nenhum deles gostava de ser chamado de Príncipe Encantado. Foi o ódio que sentiam por esse nome que os uniu. Não que unir forças fosse necessariamente a melhor ideia para eles.

Se dermos uma espiadinha mais adiante, digamos, no capítulo vinte, encontraremos nossos heróis numa cidadezinha montanhosa chamada Flargstagg, reunidos na pior taberna do mundo: a Perdigueiro Rombudo. A Perdigueiro Rombudo é aquele tipo de lugar sujo e abafado, onde piratas e malfeitores jogam baralho enquanto planejam o próximo crime desprezível (que normalmente começa por roubar a própria taberna). Não é o tipo de lugar no qual se esperaria encontrar um príncipe encantado, muito menos quatro. Mesmo assim, no capítulo vinte, estão todos lá: Liam, machucado, todo sujo de fuligem e com espinhas de peixe enroscadas nos cabelos; Gustavo, com a armadura chamuscada e amassada, massageando sua reluzente careca vermelha; Frederico, tão sujo que parece ter acabado de sair de um túmulo escavado com as próprias mãos; e Duncan, com um galo enorme na testa e vestindo... aquilo é um camisolão? Para completar, ainda tem uns cinquenta bandidos armados ao redor da mesa, e todos parecem loucos para fazer picadinho dos príncipes.

Claro, lá pelo capítulo vinte não dá para culpar os príncipes por estarem tão acabados. Eles tiveram sorte de ainda estar vivos depois de ter topado com a bruxa, o gigante, os bandidos e com o... bem, você vai ver. Essencialmente, o fato de estarem prestes a entrar numa enorme briga não é de surpreender, considerando a semaninha que tiveram. Mas estou antecipando as coisas.

Antes de chegarmos a esse momento de reviravolta na Perdigueiro Rombudo, precisamos voltar ao pacífico reino de Harmonia, onde toda a aventura — ou *confusão*, depende do ponto de vista — começa. Precisamos voltar ao dia em que o príncipe Frederico conseguiu perder Cinderela.



← 1 →

O PRÍNCIPE ENCANTADO PERDE SUA NOIVA

Frederico nem sempre foi um derrotado. Houve um tempo em que ele sonhava em ser um herói. Mas, pelo jeito, não era para acontecer.

Do momento em que nasceu — e foi imediatamente colocado em um bercinho delicadamente enfeitado com a mais pura seda —, o príncipe Frederico levou uma vida de conforto. Herdeiro do trono da rica e próspera Harmonia, cresceu cercado por um exército de servos prontos para satisfazer seus desejos de todas as maneiras imagináveis. Quando estava aprendendo a engatinhar, colocaram-lhe joelheiras de pele de carneiro para não arranhar seu delicado joelhinho de bebê. E, quando ele queria brincar de esconde-esconde, os mordomos e os valetes se escondiam nos lugares mais óbvios — atrás de uma pena, sob um guardanapo — para que o menino não tivesse o menor trabalho de encontrá-los. Para resumir, tudo que o pequeno Frederico queria ou precisava lhe era dado em uma bandeja de prata. Literalmente.

A única coisa que Frederico precisava fazer em troca era levar a vida de um verdadeiro cavalheiro. Ele tinha permissão para ir a todos os saraus de poesia, aos bailes e aos banquetes que quisesse. Mas era proibido de participar de qualquer atividade que pudesse ser considerada de risco ou perigosa. As aparências eram muito importantes para o pai de Frederico, o rei Wilberforce, que jurou que nunca mais alguém da sua família seria vítima das brincadeiras maldosas que seu bisavô, o rei Charles, cujo apelido era Bexiguento, sofrera.

“Nem uma cicatriz, nem um machucado, nem uma mancha” era o lema do rei Wilberforce. Para manter o filho longe de qualquer coisa que pudesse lhe causar um arranhãozinho sequer, ele tomou medidas extremas. Até mesmo as pontas dos lápis de Frederico eram desgastadas antes do uso.

Durante os primeiros anos de vida, Frederico nunca se importou muito em não poder participar de brincadeiras como subir em árvores (joelhos torcidos!), trilha na floresta (plantas venenosas!), ou bordado (agulhas pontudas!). Os avisos do rei Wilberforce sobre os perigos de tais aventuras marcaram o menino profundamente.

Mas, aos sete aninhos, Frederico teve uma inspiração e resolveu tentar algo ousado. O menino estava no meio de uma aula particular, aprendendo a escrever seu nome com uma caligrafia cheia de fru-frus, quando uma confusão no andar de baixo levou seu professor a interromper de repente a lição. Frederico o acompanhou até os portões do palácio, onde vários criados rodeavam admirados um cavaleiro que acabara de chegar.



Fig. 2
Príncipe Frederico

O velho guerreiro, ferido e cansado depois de ter enfrentado um dragão, tinha se arrastado até o palácio em busca de comida e abrigo. O rei convidou o exausto visitante para entrar. Aquele foi o primeiro cavaleiro que Frederico viu na vida (e, para dizer a verdade, aqueles sobre os quais ele lia a respeito nos livros nem pareciam tão legais — sua história preferida era a de *Sir Bertram, o Pomposo, e a busca pelo garfo de salada encantado*). Durante a curta estada do cavaleiro, Frederico o seguia fascinado por todos os lados, ouvindo suas histórias de batalhas contra ogros, guerras contra duendes e perseguições a malfeitores. Havia algo nos olhos do homem que Frederico nunca vira antes. O jovem príncipe podia sentir a sede de emoções do cavaleiro, sua fome de ação.

Aquele era um homem que devorava aventuras do mesmo modo que Frederico devorava uma fatia de bolo.

No fim daquela tarde, depois que o cavaleiro partiu, Frederico pediu a seu pai permissão para ter aulas de esgrima. O rei recusou o pedido com um sorriso:

— Espadas são afiadas, meu garoto. E preciso de um filho com as orelhas no lugar.

O jovem Frederico não desanimou. No dia seguinte, pediu ao pai se podia tentar, então, aprender luta romana. O rei Wilberforce balançou a cabeça:

— Você é muito miúdo, Frederico. Pode acabar quebrando a coluna num piscar de olhos.

No outro dia, Frederico pediu uma vaga no time de justa.

— Isso é ainda mais perigoso — resmungou o rei, aborrecido. — Você vai acabar espetado como uma salsicha.

— Arco e flecha? — perguntou o jovem príncipe.

— Pode furar os olhos — insistiu o rei.

— Artes marciais?

— Ossos quebrados.

— Escalar montanhas?

— Cegueira. Fraturas expostas.

Ao fim da semana, o rei não aguentava mais. Precisava pôr um fim no desejo de Frederico de sair em busca de aventuras. Para tal, ele resolveu pregar uma peça no filho.

— Pai, posso tentar explorar cavernas? — perguntou Frederico, ansioso.

— Explorar cavernas? Pode acabar caindo em um buraco sem fundo — ralhou o rei. Então resolveu mudar o tom. — Mas você pode tentar domar animais, se quiser.

— Posso mesmo? — Frederico ficou zozzo de alegria. — O senhor quer dizer animais *selvagens*? E não hamsters ou peixinhos dourados?

O rei assentiu.

— O senhor não acha que vou ser devorado vivo? — perguntou Frederico.

— Acho que sim, mas, se está tão determinado a arriscar sua vida, não tentarei impedir — respondeu seu pai, tramando tudo.

No dia seguinte, com o coração acelerado, Frederico foi levado ao imenso porão do palácio. Ali, todos os brasões antigos, cetros sobressalentes e caixotes com velhas roupas de bebês tinham sido empurrados contra as paredes a fim de abrir espaço para uma jaula enorme. Dentro dela havia um tigre andando de um lado para o outro, com a língua de fora. Assim que viu o príncipezinho, o animal soltou um rosnado.

— Nossa, eu não sabia que ia começar com um animal tão grande — disse Frederico, bem menos animado do que estava um minuto antes.

— Está pronto, alteza? — perguntou o domador.

Frederico mal teve tempo de acenar e o treinador já havia erguido o trinco e aberto o portão da jaula. Bastou apenas uma palavra do domador para o tigre, um felino imenso, sair e avançar para cima de Frederico.

O príncipe soltou um grito e fugiu correndo. O tigre gigante, três vezes maior do que ele, saiu atrás. Frederico se lançou entre caixas de taças manchadas e alaúdes desafinados, em busca de um lugar para se esconder.

— Por que não segura o tigre? — gritou o príncipe para o domador.

— Não posso — respondeu o domador. — É um animal selvagem. Seu pai avisou que isso podia ser perigoso.

Frederico se enfiou embaixo de uma pesada mesa de madeira, mas o tigre a lançou longe como se fosse uma pluma de dente-de-leão. Então ele se arrastou pelo chão para tentar se livrar da fera, porém acabou encurralado contra uma pilha de tapetes enrolados. Não havia mais nenhum lugar para se esconder. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Frederico tremia enquanto olhava o tigre de boca aberta vindo em sua direção.

Quando o tigre o abocanhou, Frederico estava tão apavorado que nem percebeu que o animal não tinha dentes. Calmamente, o felino saiu carregando o garoto choroso de volta para a jaula e o colocou com todo cuidado no chão

— da maneira que fora cuidadosamente treinado para fazer. Afinal, aquele não era um tigre comum: ele era El Stripo, o grande astro do circo dos Irmãos Flimsham. Os Flimsham eram famosos pelo assustador — mas muito seguro — espetáculo em que o domador de El Stripo colocava na boca do tigre até cinco bebês da plateia e depois dizia ao animal que os cuspsse de volta para as respectivas mães. As criancinhas quase sempre caíam no colo certo.

Demorou alguns segundos para que Frederico percebesse que não tinha sido devorado. Nesse momento seu pai apareceu. Frederico correu para os braços do rei e escondeu o rosto úmido nos trajes reais do pai.

— Agora você entendeu? — perguntou o rei. — Viu por que digo que não pode fazer essas coisas? — E, por detrás das costas de Frederico, fez um sinal de positivo para o domador de El Stripo.

O plano do rei Wilberforce funcionou. O príncipe ficou tão assustado com a experiência com o tigre, com tanto medo, que nunca mais pediu permissão para fazer nada ousado. *Meu pai estava certo*, pensou ele, *não fui feito para aventuras ousadas*.

Daquele momento em diante, o medo dominou Frederico. Tanto que ele até achou algumas histórias de sir Bertram, o Pomposo, um tanto assustadoras.

Frederico então concentrou suas energias nas aulas de boas maneiras e de como combinar roupas com estilo e em se tornar o tipo exato de príncipe que seu pai queria que ele fosse. E ficou bom nisso. Na verdade, começou a adorar. Tinha orgulho de sua postura correta, de seus belos arranjos de flores e de seus passos de dança perfeitos.

Mais de uma década se foi antes de a ideia de se meter em aventuras passasse novamente pela cabeça de Frederico. Isso aconteceu numa noite, no grande baile no palácio, ocasião em que se esperava que o príncipe encontrasse uma noiva (ele não costumava sair do palácio, então esse tipo de evento era sua única oportunidade de conhecer garotas). Entre dúzias de jovens elegantes presentes no baile, houve uma que chamou a atenção de Frederico de imediato — e não foi apenas porque estava linda e muito bem vestida. Não, ela tinha

algo mais: um brilho ousado no olhar. Ele já tinha visto aquele brilho antes — naquele velho cavalheiro, anos atrás.

Frederico e a misteriosa garota dançaram juntos por horas a fio. Mas, à meia-noite, ela saiu correndo sem dizer uma única palavra sequer.

— Pai, preciso encontrar aquela garota — disse Frederico, novamente tomado pela mesma sensação que o acometera aos sete anos.

— Filho, você nunca saiu do palácio — respondeu o rei, num tom agourento. — E se tiver *tigres* lá fora?

Frederico se retraiu. Aquele episódio com o tigre o marcara de verdade.

Mas, mesmo assim, Frederico não desistiu.

Ele confiou ao seu criado pessoal, Reginaldo, a missão de sair em seu lugar em busca da jovem misteriosa. Descobriu-se que Ella (esse era nome da garota) não era uma nobre, mas uma simples arrumadeira. Contudo, sua história — o modo como havia feito um acordo com uma fada madrinha e usado magia para escapar da madrasta e das meias-irmãs malvadas — intrigou Frederico (ainda que ele esperasse nunca ter de conhecer nenhum dos parentes da jovem).

Quando Frederico contou ao pai que queria se casar com Ella, o rei quase teve um treco.

— Pensei que tinha dado um jeito em você, mas pelo visto não consegui — ralhou o rei. — Você não entendeu nada, não é mesmo? Uma esposa sem título vai destruir a sua imagem mais do que qualquer cicatriz ou membro quebrado.

Até aquele momento, Frederico achava que o rei tinha imposto regras rígidas por temer pela segurança do filho. Mas então percebeu que esse não era exatamente o caso. E, pela primeira vez, ele enfrentou o pai.

— O senhor não manda em mim — respondeu com firmeza. — Quer dizer, tecnicamente sim, já que é o rei. Mas o senhor não manda no meu coração. E meu coração quer a Ella. E, se o senhor não a trouxer para ficar comigo, eu irei atrás dela. Não me importa quanto é perigoso lá fora. Se for preciso, sou capaz de montar em um tigre para ir ao encontro dela.

Na realidade, Frederico estava morrendo de medo da ideia de se aventurar pelo mundo de verdade. Caso seu pai se recusasse a atender às suas exigências, ele não fazia a menor ideia se seria mesmo capaz de cumprir com as ameaças. Para sua sorte, o rei ficou chocado o suficiente e acabou cedendo.

Então Ella veio morar no palácio. O casal oficializou o noivado e a história encantada de como os dois haviam se conhecido se tornou o assunto do reino. Em poucos dias, os menestréis já tinham um novo sucesso em mãos, e a história foi contada e recontada em vários reinos. Mas, enquanto a versão popular da história terminava com um final feliz para o Príncipe Encantado e Cinderela, na vida real as coisas não iam tão bem assim.



Ironicamente, foram a ousadia e o espírito aventureiro de Ella — exatamente o que Frederico tanto tinha admirado nela — que acabaram por atrapalhar as coisas entre eles. A madrasta malvada de Ella a tratara como prisioneira na própria casa e a forçava a passar o dia todo fazendo trabalhos pesados, como esfregar paredes ou remover maionese endurecida dos espaços entre os dentes dos garfos. Enquanto sofria calada, Ella sonhava com uma vida bem mais divertida. Fantasiava cavalgar em camelos pelos desertos em busca de templos antigos e encontrar lâmpadas mágicas, ou escalar picos nevados e jogar carteadado com os soberanos dos reinos escondidos nas montanhas. Ela realmente acreditava que *qualquer coisa* podia acontecer no seu futuro.

Quando Ella conheceu Frederico no baile, no auge de um dia repleto de magia e intriga, achou que seria o começo de uma existência cheia de emoções. Mas a vida ao lado de Frederico não era exatamente o que ela esperava.

Frederico gostava de dormir até tarde. Às vezes, até a hora do almoço. E ainda por cima costumava demorar mais de uma hora para se arrumar de acordo com as exigências de seu pai. Quando os dois finalmente se encontravam, Ella estava mais do que pronta para algum tipo de diversão. Mas

Frederico sempre acabava sugerindo alguma atividade mais calma, como fazer um piquenique, ouvir música ou ficar admirando uma obra de arte.

Não me entenda mal: Ella gostou de tudo isso — nos primeiros dias. Mas, lá pelo décimo quarto piquenique, começou a temer que aquelas poucas atividades fossem tudo que ela iria fazer no palácio. A rotina a fez se sentir como uma prisioneira novamente. Então, numa manhã, ela resolveu falar sério com Frederico sobre suas necessidades.

Naquela manhã, como sempre, Frederico dormiu até mais tarde. Quando finalmente saiu da cama, ele ainda demorou quinze minutos (tempo considerado rápido para seus padrões) examinando o armário repleto de trajes elegantes, antes de finalmente escolher um todo branco debruado com tranças e dragonas douradas. Os cinco minutos seguintes foram gastos para alisar os cabelos castanhos. Infelizmente, uma mechinha teimosa se recusava a ficar no lugar, e então o príncipe fez o que costumava fazer sempre que era contrariado:

— Reginaldo!

Segundos depois, um homem alto e elegante com um bigodinho fino e pontudo entrou no quarto do príncipe.

— Pois não, milorde? — indagou num tom sóbrio que combinava direitinho com a sua postura rígida.

— Bom dia, Reginaldo — cumprimentou Frederico. — Você poderia dar um jeito no meu cabelo?

— Certamente, milorde — disse Reginaldo, enquanto apanhava uma escova de prata e se punha a domar as madeixas do príncipe.

— Obrigado, Reginaldo — agradeceu o príncipe. — Vou me encontrar com Ella e quero estar impecável.

— Claro, milorde.

— Acho que farei uma surpresa para ela: vou mandar levar seu café da manhã na cama.

Reginaldo fez uma pausa.

— Creio que a jovem já tenha tomado o café da manhã, milorde.

— Droga — resmungou o príncipe. — Outra vez. A que horas ela acordou?

— Há umas três horas — respondeu Reginaldo.

— Três horas! Mas pedi para me acordar assim que Ella se levantasse.

— Sinto muito, milorde — disse Reginaldo num tom compassivo. — Sabe quanto aprecio servi-lo. Mas o rei ordenou que seu sono reparador da beleza não fosse perturbado.

Frederico deu um pulo da cadeira, empurrando para o lado a escova que Reginaldo segurava.

— Meu pai *ordenou* que você não me acordasse? Ele ainda está tentando me afastar da minha amada.

O príncipe correu rumo à porta do quarto, em seguida voltou até o espelho para dar uma última olhadinha no cabelo, e só então saiu em busca da noiva.



Como Ella não se encontrava no quarto, Frederico seguiu para o jardim. Ao fazer uma pausa para sentir o perfume de uma rosa, ele ouviu o som de passos se aproximando. Quando olhou por cima do ombro, percebeu que um enorme cavalo branco vinha em sua direção, galopando a toda velocidade pelo jardim e saltando todas as cercas vivas que encontrava pelo caminho. O príncipe tentou correr, mas a borla dourada do seu paletó enroscou nos espinhos da roseira.

Frederico puxava desesperadamente a manga enroscada enquanto o cavaleiro puxava as rédeas do animal, que acabou parando bem próximo dele. Do alto da sela, Ella olhou para baixo e riu. Ela usava um vestido azul simples, e os cabelos presos para trás estavam desalinhados por causa da cavalgada. Seu porte ativo e forte, exalando vitalidade e saúde, era o oposto da figura magra e alva de Frederico.

— Espero que não tenha passado a manhã toda preso aí — comentou a jovem, brincando.

— Não, acabei de me enroscar — respondeu Frederico aliviado. — Será que dá para você descer e me dar uma mãozinha?

Ella deslizou da sela, fez uma carícia no focinho do cavalo e se abaixou para ajudar a soltar a manga presa do príncipe.

— Falei que essas borlas iam acabar causando problema um dia — comentou ela.

— Mas é a última moda, e todos os nobres estão usando — disse Frederico com propriedade.



Fig. 3
Lady Ella

Em seguida, alisou a roupa, estufou o peito e pousou as mãos sobre os quadris para exibir seu traje, executando um gesto elaborado que arrancou risos de Ella. O gracejo funcionou.

— Muito bem — disse Ella ainda rindo. — Mas eu adoraria ver você montado num cavalo qualquer dia desses — deu a dica, acariciando o focinho rosado da sua égua.

— Com certeza eu iria parecer muito valente lá no alto — disse Frederico. — Mas é uma pena que eu seja alérgico a pelos de cavalo.

Ele não era alérgico coisa nenhuma. Tinha era medo de cair.

— É uma pena, mesmo — comentou Ella, suspirando.

— Não sabia que gostava de cavalgar — disse Frederico. — Considerando que sua madrasta te mantinha fechada a sete chaves, nunca imaginei que tivesse tempo para aulas de equitação.

— Nunca tive aulas — explicou Ella. — Charles, seu cavaliço, tem me ensinado ao longo das últimas semanas. Costumo praticar de manhã, enquanto... hum, enquanto você dorme.

Frederico mudou de assunto:

— Por acaso já ouviu a música que Penaleve escreveu sobre você? O tal bardo leva jeito com a pena. Ouvi dizer que está fazendo muito sucesso. Os menestréis devem estar cantando até em Sylvaria e Sturmhagen. Quando você menos perceber, estará mais famosa do que eu. Ou mais famosa do que o próprio Penaleve. Mas não gostei muito de ele ter chamado você de Cinderela. Esse nome dá a entender que você está sempre suja de cinzas ou coisa parecida.

— Não me importo — disse Ella. — Passei anos suja de cinza de tanto limpar lareiras. Deve ser por isso que ele me deu esse nome.

— Por falar em nomes — falou Frederico —, notou que a música se refere a mim como Príncipe Encantado? Meu nome de verdade nem aparece. As pessoas vão acabar pensando que sou o mesmo príncipe da canção da Bela Adormecida ou da Rapunzel. Escute e dê a sua opinião. — Ele fez sinal para um servo que passava. — Por favor, meu bom homem. Você poderia mandar chamar Penaleve, o Melífluu? Diga a ele que o príncipe e lady Ella gostariam de ouvir uma apresentação da “A história da Cinderela”.

— Sinto muito, milorde — respondeu o servo. — O sr. Penaleve não está disponível. Há dias não é visto. Não se fala de outra coisa no palácio... Pensamos que o senhor já soubesse. Ninguém sabe onde foi parar o bardo real.

— Isso explica por que ninguém tem aparecido para cantar minhas canções de ninar ultimamente — comentou Frederico, pensativo.

— Frederico, talvez tenha acontecido algo terrível com Penaleve — disse Ella, muito animada com a perspectiva. — Devemos verificar. Vamos logo. Precisamos descobrir quem foi a última pessoa que o viu. Vamos começar perguntando no portão...

— Tenho certeza de que não deve ter acontecido nada grave — disse Frederico rapidamente. A única coisa pior do que imaginar um crime dentro dos limites do palácio era investigar tal acontecimento. — Provavelmente ele viajou para alguma convenção de bardos, uma dessas reuniões em que eles votam sobre o número exato de penas que um menestrel deve carregar no chapéu e coisas do tipo. Mas não se preocupe; só porque Penaleve não se encontra no palácio, isso não significa que não podemos ter música. Vamos mandar chamar...

— Esqueça a música, Frederico — disse Ella, respirando fundo. — Lembra que estávamos falando sobre a minha infância trancafiada?

Frederico assentiu.

— Agora que estou livre, quero experimentar coisas novas. Descobrir do que sou capaz. Então, se não vamos tentar descobrir o motivo do desaparecimento de Penaleve, o que vamos fazer hoje? — perguntou ela. — Que tipo de aventuras *podemos* ter?

— Aventuras! Claro. — Frederico ponderou brevemente as opções. — O dia está lindo. Agradável e ensolarado. Que tal um piquenique?

Ella desanimou.

— Frederico, preciso fazer algo diferente.

O príncipe olhou para a jovem como se fosse um coelhinho assustado.

— Ouvi dizer que tem uma trupe de acrobatas de passagem pela cidade — sugeriu Ella. — Talvez pudessem vir aqui nos ensinar algumas acrobacias.

— É que tenho um probleminha no tornozelo. — Ele não tinha nenhum problema no tornozelo.

— Que tal caça ao tesouro? — propôs Ella toda animada. — O pessoal da cozinha falou algo sobre um saco cheio de ouro que foi roubado por um dos antigos criados do seu pai e escondido nos túneis subterrâneos do castelo. Poderíamos tentar encontrar.

— Há... não posso descer até os túneis. Você sabe o mal que a umidade faz para a minha sinusite. — A umidade não causava mal algum à sinusite, que ele nem tinha.

— Podemos passear de barco no lago?

— Não sei nadar. — Isso era verdade.

Ella bufou.

— Frederico, o que *podemos* fazer então? Desculpe se pareço um pouco rude, mas estou entediada.

— Poderíamos fazer um piquenique diferente — propôs Frederico, esperançoso. — Podemos comer coisas do café da manhã, só que na hora do almoço. Croissants, ovos poché. O que acha disso para agitar um pouco?

Ella caminhou de volta para o cavalo e subiu na sela.

— Vá em frente e mande preparar o nosso piquenique, Frederico — disse com certa indiferença. — Vou cavalgar um pouco mais enquanto isso.

— Combinado — ele respondeu, acenando. — Estarei esperando por você, bem aqui.

— Estou certa que sim. Você é muito bom nisso — ela retrucou e se foi.



Uma hora depois, Frederico se sentou no gramado do palácio (quer dizer, sobre uma manta cuidadosamente estendida, pois não queria sujar as calças brancas),

esperando pela chegada do almoço e de sua noiva. Um criado se aproximou e pousou diante do príncipe uma bandeja com as delícias do café da manhã.

— Milorde — disse o homem, fazendo uma reverência e se afastando. — Tenho uma mensagem para o senhor.

Frederico viu um papel dobrado, acomodado entre a tigela de gomos de laranja e o prato de bolo de chocolate. Ele apanhou o bilhete, apesar do mau pressentimento que o abateu.

Meu doce e bondoso Frederico,

Sinto muito pelo que estou fazendo, mas espero que algum dia compreenda os motivos que me levaram a partir.

Você parece plenamente satisfeito com a vida no palácio.

Não posso transformá-lo em alguém que deseja escalar montanhas, praticar canoagem e explorar ruínas antigas.

Você não sonha com essas aventuras, e tudo bem.

Simplesmente não é a sua praia. A sua praia é, bem, uma praia mais calma.

Mas eu preciso de algo mais.

Quando você me falou da música sobre Rapunzel, cheguei a uma conclusão. O príncipe daquela história tentou salvá-la, mas foi Rapunzel quem acabou salvando-o.

AQUELA garota sim é uma fonte de inspiração. Por isso estou indo procurá-la. Acho que Rapunzel e eu vamos nos dar muito bem. Acredito que ela vai ser uma ótima companhia para me ajudar a encontrar Penaleve. E, mesmo que ele esteja na convenção chata que você comentou, quem sabe que tipo de aventuras poderemos encontrar pelo caminho?

Frederico, você é um homem encantador e lhe desejo tudo de bom. Só para constar, aquela noite, no baile, realmente foi a noite mais romântica de toda a minha vida.

*Tudo de bom,
Ella*

Frederico deixou o bilhete cair no prato vazio. *Então o baile foi a noite mais romântica da vida dela, hum?,* pensou. *Bom, isso não quer dizer muito, vindo de uma garota que costumava passar as noites tirando aranhas mortas das frestas do assoalho. E veja como ela assinou: “Tudo de bom”?* Isso é o que se escreve no bilhete de agradecimento para o passeador do seu cachorro. Frederico perdeu totalmente o apetite.

— Reginaldo!



— Será que sou tão chato assim?

Frederico estava de volta ao seu quarto, largado na beirada da cama forrada com uma manta de caxemira, enquanto Reginaldo, firme como sempre, permanecia ao lado, consolando o príncipe.

— Calma, calma, milorde — respondeu o fiel criado. — Não creio que a condessa do Vale dos Sinos o considere um chato. Lembra como ela ficou feliz quando o senhor a ensinou a dançar o chá-chá-chá? O senhor tem muitas, mas muitas admiradoras mesmo.

— Sim — concordou Frederico, tristonho. — Mas parece que Ella não está entre elas.

— Aparentemente, lady Ella busca um estilo de vida diferente do que o senhor pode lhe oferecer aqui no palácio — disse Reginaldo.

— Ovos poché! Como sou tonto! — Frederico deu um tapa na testa.

— Outras mulheres virão, milorde.

— Não quero outra mulher. Quero a *Ella*. Reginaldo, o que você acha que eu deveria fazer? Seja honesto comigo. Não venha me dizer o que você acha que meu pai quer que você diga.

Reginaldo pensou a respeito. Ele cuidava de Frederico desde que o príncipe era criança. E nunca tinha sentido mais orgulho de Frederico do que no dia em que viu o jovem enfrentando o pai superprotetor. Frederico precisava mesmo de uma pessoa geniosa e destemida como Ella ao seu lado.

— Não a deixe escapar — disse Reginaldo, deixando de lado a postura rígida e falando num tom bem menos formal.

— Uau! — exclamou Frederico. — Você por acaso acabou de diminuir uns cinco centímetros?

— Não se preocupe comigo — disse Reginaldo. — O senhor ouviu o que acabei de dizer? Vá em frente! Vá atrás dela.

— Mas como? — perguntou Frederico, ainda surpreso em ouvir o valete falando como uma pessoa comum.

— Vamos colocá-lo sobre um cavalo. Charles pode lhe ensinar o básico. O senhor não precisa ser o melhor cavaleiro do mundo, basta saber se virar por aí. Siga sempre em frente que tudo vai dar certo.

— Mas...

— Sei que está com medo, Frederico. Mas eis o meu conselho: Vença o medo. Ella quer alguém que goste tanto de aventuras quanto ela. Um herói de verdade.

— Então não tenho esperança. — Frederico desanimou. — Sei me vestir muito bem. Minha caligrafia é maravilhosa. Sou muito bom em ser príncipe, mas péssimo em ser herói.

Reginaldo olhou no fundo dos olhos do príncipe.

— Lá no fundo, deve existir uma pontinha de coragem. Procure. Vá em busca da sua amada, onde quer que ela esteja. Veja o que acontece. Quem sabe ela não se impressione só pelo senhor ter saído do palácio.

— Meu pai nunca me dará permissão para fazer isso.

— Quem precisa contar para ele?

— Ele vai acabar percebendo. E, quando isso acontecer, vai mandar seus homens atrás de mim.

— Para onde quer que o senhor vá, eu os mandarei para a direção oposta.

— Não sei se devo. O mundo do lado de fora do palácio é muito perigoso.

— Isso é o que seu pai costuma dizer — falou Reginaldo. — Veja bem, se partir para essa viagem, não estará fazendo isso apenas por Ella, mas também por aquele menino que um dia sonhou em viver aventuras.

— Você está se referindo ao meu primo, Lourenço, que quebrou a perna tentando voar com aquelas asas de cera?

Reginaldo olhou muito sério para o príncipe.

— Frederico, você não se lembra da sua mãe, mas eu sim. E sei o que ela gostaria que você fizesse.

Frederico se levantou.

— Muito bem, eu vou.

— É isso aí! — exclamou Reginaldo.

Frederico saiu do quarto pisando firme. Mas um segundo depois voltou.

— Acho melhor vestir algo mais apropriado — disse.

Reginaldo pousou o braço ao redor do ombro do príncipe.

— O senhor não tem nada mais apropriado para vestir — afirmou com um sorriso. — Vamos descer até os estábulos.



Na manhã seguinte, depois de várias horas de aulas intensivas e secretas de como montar um cavalo, o príncipe Frederico saiu trotando pelos portões do palácio, com Reginaldo e Charles, o cavaleiro, acenando. Seus olhos estavam fechados, os braços agarrados ao redor do pescoço do animal. Quando, de repente, ele caiu em si.

— Espere! — gritou para Reginaldo. — Não sei para onde estou indo.

— Ella escreveu no bilhete que estava indo atrás daquela garota, a Rapunzel — comentou Reginaldo. — Os bardos não costumam dizer exatamente onde as histórias aconteceram. Mas, pelas rimas toscas, tenho certeza de que *A história de Rapunzel* foi escrita por Lero Lira, o bardo de Sturmhagen. Affff. Com um nome desses, o cara não tinha mesmo como escrever nada melhor do que “Seus cabelos eram muito longos, não curtos como um camarão”. Bem, eu tentaria Sturmhagen. Siga para o sul.

— Mas... Sturmhagen? Não é lá que está cheio de monstros? — indagou Frederico com os olhos arregalados.

— Vá rápido — sugeriu Charles, o cavaleiro. — Se tiver sorte, o senhor ainda conseguirá alcançar lady Ella antes que ela cruze a fronteira.

— Mas não consigo andar *rápido* — disse Frederico. — Já está difícil andar *para frente*.

— Até agora, o senhor está indo muito bem — gritou Reginaldo. — Fique firme!

Frederico segurou firme as rédeas do cavalo, imaginando o tamanho da enrascada em que acabara de se meter. Vinte e quatro horas depois, ele estaria espirrando embaixo de uma chuva torrencial, desejando nunca ter saído de casa. Após pouco mais de uma semana, estaria tremendo à sombra de um gigante enfurecido. Mais uma semana e acabaria na Perdigueiro Rombudo. Mas por enquanto ele estava a caminho de Sturmhagen.



← 2 →

O PRÍNCIPE ENCANTADO DEFENDE ALGUNS VEGETAIS

Sturmhagen não era bem um centro turístico, basicamente por causa de todos os monstros da região. As densas e escuras florestas de pinheiros do reino eram habitadas por todos os tipos de criaturas horripilantes. Mas, mesmo assim, o fato nunca pareceu incomodar os moradores. Para a maioria, os esporádicos ataques de trolls ou as invasões de trasgos não passavam de um incomodozinho a mais, comparável a um rato na despensa ou a uma traça na gaveta de meias. Mas estamos falando de *gente valente*. Veja a família real, por exemplo: o rei Olaf, com sessenta anos de idade e dois metros de altura, era capaz de arrancar árvores pela raiz com as próprias mãos. Sua esposa, a rainha Berthilda, apenas cinco centímetros menor, tornara-se famosa depois de ter acertado um soco num trapaceiro que tentou lhe vender “feijões mágicos” falsos.

Príncipe Gustavo, com um metro e noventa e cinco e ombros largos o suficiente para enroscar na maioria dos batentes das portas, era o menorzinho da família. Visto como o “caçulinha” pelos dezesseis irmãos mais velhos, Gustavo sempre teve necessidade de parecer maior e mais imponente. Então, costumava estufar o peito e falar aos berros. Imagine um menino de seis anos em cima da mesa de jantar, posando como se fosse uma estátua de um herói de guerra e gritando:

— O poderoso Gustavo ordena que encham a sua caneca de leite!

Isso não chegava a impressionar, pelo contrário, só fazia com que o garoto parecesse ainda mais esquisito. Seus irmãos mais velhos zombavam dele sem dó.



Fig. 4
Príncipe Gustavo

Quanto mais as pessoas riam, mais maluquices Gustavo fazia. Certa vez, ele enfiou novelos de lã nas mangas para fingir que seus músculos eram maiores (mas tudo que conseguiu foi fazer papel de bobo). Em outra ocasião, amarrou tijolos na sola das botas para parecer mais alto (mas saiu pisando duro como se

fosse um lutador de sumô enfaixado). O rapaz até deixou os cabelos crescerem, só para ter *algo a mais* que os outros. Mesmo assim, seus irmãos nunca abandonaram as zombarias.

Na adolescência, Gustavo acabou se transformando numa pessoa solitária e frustrada. Durante a maior parte do dia, evitava o contato com outras pessoas (o que não era algo necessariamente ruim para os outros). Montado em seu cavalo, o príncipe percorria as florestas de Sturmhagen na esperança de encontrar alguma criatura para enfrentar — e assim provar sua força e heroísmo.

Até que um dia ele topou com algo fantástico: uma torre muito alta e solitária no meio de uma clareira na floresta. O mais estranho era que não havia portas nem escadas. Mas, apesar disso, havia uma garota presa lá no alto — uma garota cujos cabelos deviam medir uns dois metros e meio de comprimento. Ela jogou as tranças loiras para Gustavo, que as usou como corda para subir. Dentro do quarto, no alto da torre, Gustavo ficou sabendo que o nome da moça era Rapunzel e que ali estava prisioneira de uma bruxa malvada.

Gustavo não tinha muito jeito com as mulheres. Na verdade, aquela era a primeira vez que falava com uma garota. Mas ele ficou fascinado por Rapunzel. Ela era muito diferente de todas as moças que conhecia, especialmente de suas primas grandalhonas, que gostavam de derrubá-lo e bater nele com as grossas tranças. Rapunzel era cheia de curvas, os gestos eram graciosos e delicados. Ela sorriu para ele carinhosamente, segurou suas mãos e falou com doçura. *Então é por isso que os rapazes gostam das garotas*, pensou Gustavo.



Fig. 5
Torre

Tomado por sentimentos totalmente novos, Gustavo abriu o coração. Reclamou dos irmãos, e, para sua surpresa, Rapunzel lhe deu atenção. O príncipe se sentiu no céu. Falou por horas, até Rapunzel perceber que o sol estava se pondo. A bruxa iria chegar logo, disse ela, e implorou a Gustavo que saísse em busca de ajuda.

O príncipe desceu pelas tranças de Rapunzel, montou em seu cavalo e seguiu na direção do castelo. Mas parou a pouco mais de um quilômetro de distância da torre da bruxa. Não podia de modo algum recorrer à ajuda de seus

irmãos. Eles acabariam ficando com todo o crédito e provavelmente roubariam as atenções de Rapunzel também. Não, a missão era *sua*, o *seu* ato de heroísmo.



Fig. 6
Lady Rapunzel

Sob o céu de fim de tarde, ele deu meia-volta e cavalgou rumo à torre novamente. Rapunzel jogou as tranças para que ele pudesse subir, mas ficou confusa ao ver que Gustavo estava sozinho.

— Onde estão os outros? — perguntou.

— Não preciso de ajuda — respondeu Gustavo, cheio de confiança. — Eu salvarei você.

— Por acaso trouxe uma escada? — indagou a moça, esperançosa.

— Não — disse ele, de repente soando bem menos confiante.

— Como vamos conseguir sair daqui então?

Gustavo não tinha nenhum plano, por isso não disse nada. Apenas deu uma olhada ao redor, fingindo que procurava algo.

Minutos depois, uma voz rouca berrou lá de baixo:

— Rapunzel, jogue suas tranças.

— É Zaubera — sussurrou Rapunzel. — Rápido, você precisa se esconder.

— Não sou homem que se esconde — disse Gustavo. — Deixe que ela suba. Quando pisar nesta torre, eu a matarei.

— Mas...

— Faça — insistiu Gustavo.

Rapunzel jogou as tranças.

Quando Lero Lira contou o acontecido na canção que fez sobre Rapunzel, a “batalha” do Príncipe Encantado contra a bruxa se estendeu por três versos inteirinhos. Mas, na verdade, tudo durou menos de três segundos. Assim que a bruxa colocou a cara na janela, Gustavo avançou para cima dela. A velha malvada pegou o príncipe e, com uma força sobrenatural, empurrou o rapaz torre abaixo. Problema resolvido.

A aterrissagem de Gustavo foi um tanto desagradável. Ele caiu de cara em um espinheiro. A queda foi tão desastrosa que, de fato, ele acabou furando os olhos nos espinhos e ficou cego. Depois disso, passou dias tropeçando pela floresta, Tateando de árvore em árvore. Uma situação de dar pena. Quase uma semana depois, o rapaz desfalecia de fome.

Rapunzel, por sua vez, acabou fugindo (como conseguiu essa façanha permanece um mistério, e a verdade somente ela e a bruxa conhecem). A moça saiu à procura de Gustavo pela floresta e acabou encontrando-o cego e faminto. Rapunzel deitou a cabeça do príncipe em seu colo e chorou. E esta é a parte mais surpreendente: quando as lágrimas tocaram os olhos de Gustavo, ele voltou a enxergar.

Assim que a música sobre a história foi lançada — e, cara, ela acabou se tornando uma das mais pedidas —, os irmãos de Gustavo passaram a tratá-lo

ainda pior do que antes. Ele não podia aparecer no castelo sem ter de ouvir brincadeiras como:

— Cuidado, Príncipe Encantado, acho que vi um arbusto assustador! Mas não se preocupe, mandamos chamar a prima Helga para salvá-lo!

Foi o pior momento da sua vida. Ele ficara famoso por seu fracasso. Se a vida em sociedade já não era fácil, agora as coisas tinham piorado ainda mais.

Um dia, depois de ter sido motivo de piada de um grupo de pastores (de acordo com Gustavo, até as ovelhas riram), o príncipe grandalhão fugiu para a floresta. Subiu em uma árvore bem alta e sentou-se no galho mais alto para fugir de tudo e de todos. Mas Rapunzel acabou encontrando-o.

— Desça daí — chamou ela. — Vamos para casa.

— Vá embora — respondeu Gustavo. — Não vê que estou em uma árvore?

— Sei quanto as palavras dos outros magoam você — disse Rapunzel. — Mas jamais ouvirá de mim palavras cruéis.

— Ah, claro, a senhorita perfeitinha — resmungou Gustavo lá do alto. — É tudo culpa sua. Foi por sua causa que virei motivo de piada.

— Sinto muito que pense assim — disse Rapunzel, erguendo o rosto para vê-lo melhor. — Você sabe que eu só quis ajudar. Quando vi você naquelas condições...

— Eu teria me virado.

— Mas você estava quase morto.

— Estava mais para *quase vivo*. Esse é o problema, *Mega-Hair*. Você está sempre tentando ajudar quem não precisa de ajuda.

— Ajudar as pessoas é o meu dom.

Gustavo bufou.

— Então vá ajudar alguém que esteja precisando.

Rapunzel ficou em silêncio por um momento, depois disse:

— Eu devia mesmo. É egoísmo de minha parte guardar esse dom só para mim. O mundo está cheio de gente necessitada. Estou desperdiçando meu

talento aqui, tentando convencer você a gostar mais de si mesmo.

— O quê? — Gustavo deu um pulo e desceu quebrando vários galhos até chegar ao chão. — Por que você não usa seu poder consigo mesma, garota maravilha? Acho que você não bate muito bem da cabeça. Pois eu gosto muito de mim mesmo. Na verdade, eu me *amo*. E por acaso não era para amar? Sou o melhor lutador, o melhor caçador, o melhor cavaleiro...

— Se gosta tanto assim de si mesmo, por que sente tanta necessidade de provar que é melhor que os outros?

— Vá embora — rosnou Gustavo. — Você mesma já disse: vá ajudar outra pessoa. Não preciso de ninguém.

Rapunzel enrolou os cabelos e começou a se afastar.

— Você tem razão — disse ela, indo embora. — Devo mesmo ajudar quem está precisando. Não entendo você, Gustavo. Mas talvez você também não *me* entenda.

Ele nunca contou para ninguém que Rapunzel tinha ido embora. Mas a partida só serviu para aumentar ainda mais a determinação de Gustavo de provar para o mundo que ele era um herói digno de respeito. Para tal, passou dias andando pelo campo à procura de alguém que estivesse precisando de ajuda.



Meses depois, nos arrabaldes de Sturmhagen, Rosilda Stiffenkraus e seus filhos colhiam beterrabas quando uma árvore próxima se partiu com um enorme estrondo e um troll grande e desajeitado surgiu da floresta, farejando com seu narigão. Caso você nunca tenha visto um troll, eles medem uns três metros de altura, têm o corpo coberto por uma pelagem feia e esverdeada e podem ou não ter chifres (esse troll tinha um chifre torto, do lado direito da cabeça). Muitas pessoas, quando veem um troll pela primeira vez, imaginam que estão sendo atacadas por um imenso e feroz maço de espinafre. Rosilda Stiffenkraus,

no entanto, nascida e criada em Sturmhagen, sabia reconhecer um troll assim que botava os olhos em um.

— Era só o que faltava! — exclamou ela. — Lá vem mais um. Vamos, crianças. Todos para dentro até que essa coisa vá embora.



Fig. 7
Troll

O monstrengo verde rosnou e se arrastou para cima da família com um sorriso faminto na cara medonha. Rapidamente, Rosilda levou os onze filhos para dentro da pequena cabana de madeira, de onde todos ficaram vendo pela

janela o monstro sentado bem no meio da horta, enchendo a boca com punhados de beterrabas fresquinhas. Rosilda ficou furiosa.

— Empestear a horta com o seu fedor é uma coisa — ralhou ela —, mas deixar que você devore a nossa colheita é outra bem diferente, seu animal.

Vermelha de raiva, a mulher limpou as mãos no avental, abriu a porta e saiu da cabana pisando firme.

— Tire essas mãos encardidas das minhas beterrabas! — gritou. Os cabelos ruivos e desgrenhados agitavam-se a cada berro. — Passamos a manhã toda na colheita e não vou permitir que você devore tudo!

Rosilda pegou uma pá que estava jogada no chão e a ergueu para o alto, ameaçando acertar a cabeça do ladrão de vegetais, que era quase duas vezes maior que ela. As crianças correram para a porta e ficaram na torcida.

— Ma-mi, ma-mi!

O troll olhou assustado, com o caldo vermelho das beterrabas escorrendo-lhe pelo queixo.

— Uhh! — rosnou o monstrengo. — Mulher da Pá bate?

— Pode ter certeza que sim — gritou Rosilda em resposta. — A menos que solte essas beterrabas e volte para a floresta agorinha mesmo.

O troll deu uma olhada para a careta da mulher e depois para a pá enferrujada que ela agitava ameaçadoramente no ar. No mesmo instante, ele largou o punhado de beterrabas que estava prestes a comer.

— Não bate Troll, Mulher da Pá — murmurou a coisa, levantando-se. — Troll não quer confusão. Troll vai embora.

Nesse instante, apareceu o príncipe Gustavo. Montado em seu cavalo, envergando uma armadura toda adornada com pele e agitando um enorme e brilhante machado de guerra, ele ameaçou o Troll.

— Parado aí, seu animal! — gritou Gustavo ao se aproximar, com os longos cabelos loiros esvoaçando ao vento.

Antes mesmo de parar o cavalo, ele pulou da sela e, parecendo um míssil humano, derrubou o troll de costas no chão. O príncipe e o troll saíram

rolando pela horta, quebrando e estragando os brotos de beterraba, até que a criatura finalmente conseguiu ficar em pé e atirar Gustavo para longe. O príncipe bateu contra uma cerca de madeira, mas, mesmo atordoado, ainda conseguiu se levantar, prontinho para enfrentar o monstro novamente. Foi então que Gustavo viu a mancha vermelha de beterraba que escorrera da boca do troll.

— Devorador de criancinhas! — berrou o príncipe.

Todas as crianças estavam inteirinhas — e tinham até saído da casa para ver a luta mais de perto —, mas Gustavo estava tão concentrado no monstro que nem notou. O príncipe balançou o machado. O troll segurou a arma com suas garras enormes, arrancando-a das mãos de Gustavo para arremessá-la num canto, rachando vários caixotes cheios de beterrabas.

— Vamos detornar! — Gustavo soltou seu grito de guerra (o que fez algumas das crianças mais velhas taparem os ouvidos das mais novinhas).

Desarmado, o príncipe se viu cara a cara com o troll. O monstro era quase um metro mais alto que ele, mas Gustavo não demonstrou nenhuma pontinha de medo. Nunca tinha sentido “medo”. Aborrecimento, desolação, um pouco de vergonha: esses sentimentos Gustavo conhecia bem. Mas medo não.

— Por que Homem Bravo faz isso? — perguntou o troll.



Gustavo avançou para cima da criatura, que o deteve no meio do caminho e o ergueu para o alto. O troll virou o príncipe de cabeça para baixo e bateu

com a sua cabeça no chão como se ele fosse um bate-estaca. Atordoado, ainda de cabeça para baixo, Gustavo tentou escapar, mas o troll o balançou para a esquerda e acertou uma pilha de caixotes de madeira. Em seguida, o monstro balançou o príncipe para a direita, que acabou enroscado em uma das estacas da cerca. Gustavo tentou desferir um soco no troll, contudo não conseguiu acertar nem o chão. A criatura ergueu o príncipe e estava pronta para arremessá-lo para cima do telhado do casebre quando Rosilda se aproximou por trás e acertou a cabeça do troll com a pá.

— Ai! — O troll largou Gustavo no chão e esfregou a cabeça dolorida. — Mulher da Pá não devia ter batido troll.

— Essa foi por conta da surra que você deu nesse pobre homem — revidou Rosilda. — Agora suma daqui.

— Mas Homem Bravo bateu troll primeiro.

— Não quero saber. Cai fora. — Ela ergueu a pá novamente.

— Chega, chega. Troll vai embora.

A imensa criatura voltou para a floresta. As crianças saíram gritando e dançando pelo jardim.

Rosilda estendeu a mão para Gustavo, que ainda estava caído no chão. Aborrecido, ele dispensou a ajuda e ficou em pé sozinho.

— Estava tudo sob controle — ralhou ele. — A senhora não devia ter se arriscado.

— O troll já estava indo embora quando você chegou e partiu para cima dele — disse Rosilda. — Estava tudo certo. E agora dê só uma olhada. Você acabou com a nossa plantação.

Gustavo deu uma olhada ao redor. Uma parte da cerca estava quebrada, havia barris espatifados, beterrabas amassadas e fileiras e fileiras de brotos pisoteados.

— A senhora está preocupada com alguns vegetais perdidos? O monstro comeu as suas crianças! — gritou ele.

— Ele não fez nada disso — respondeu a mulher.

— Mas ele estava com a boca suja de sangue.

— Era caldo de beterraba.

— Tem certeza? — indagou Gustavo, olhando atordoado para as crianças que não paravam de pular. — Ele deve ter comido pelo menos uma. A senhora já contou?

— Preste atenção, meu caro cavaleiro de armadura — disse Rosilda enquanto devolvia a Gustavo o machado sujo de beterraba que ele tinha perdido. — Sei muito bem quantos filhos tenho, e nenhum deles está na barriga daquele troll. Se você tivesse parado e pensado antes de... — Rosilda parou de falar e se aproximou de Gustavo. — Espere! — exclamou ela com um sorriso. — Conheço a sua cara. Você é o príncipe da história da Rapunzel.

Nesse momento, as crianças se juntaram ao redor de Gustavo, ovacionando e gritando. Ele, por sua vez, não confirmou nada.

— Tenho certeza de que é você mesmo — insistiu Rosilda. — É o Príncipe Encantado em pessoa.

— Meu nome é Gustavo.

— Já estive no castelo — disse ela. — Já vi o senhor por lá.

Gustavo fechou a cara.

— Não, a senhora está me confundindo com um de meus irmãos. Ele é encantado. Eu sou o príncipe Gustavo. Gustavo, o Poderoso.

Nisso, um menino e uma menina já estavam pendurados nos braços de Gustavo.

— Muito bem, alteza — disse Rosilda. — Por que o senhor não abre logo a sua carteira real e paga todo o prejuízo que causou?

— Não costumo carregar ouro comigo — respondeu Gustavo, com uma criança sentada em cada lado de seus ombros, puxando seus cabelos. — Mas vou pedir para o tesoureiro real enviar algum dinheiro à senhora.

Ele tentou ir embora antes que a mulher retomasse o assunto desagradável, mas foi detido por mais duas crianças, que resolveram sentar-se em seus pés, agarradas às suas pesadas botas forradas de pele.

— Diga uma coisa, alteza — indagou Rosilda. — Por que o senhor não arrumou uma escada?

Aquela pergunta *outra vez*? Foi a gota-d'água para Gustavo. Ele chacoalhou as crianças, que caíram no chão, rindo.

— Bah! — foi tudo que saiu de sua boca.

— Quando voltar para o seu castelo, por que não pede para aquele tal de Lero Lira compor algumas coisas novas? — disse Rosilda com um sorriso maldoso. — Já estou cansada de ouvir a mesma música sobre como aquela doce garota salvou a sua vida.

— Para sua informação, aquele cuspidor de palavras de duplo sentido não aparece no palácio há semanas — resmungou Gustavo. — E que bons ventos o levem!

Ele deu as costas para Rosilda e montou em seu pomposo cavalo. O plano era cair fora, deixando para trás uma nuvem de poeira na cara daquela mulher irritante, mas, antes que tivesse tempo de esporar o cavalo, alguém se aproximou da fazenda. O sujeito também estava montado, mas era em uma égua mansinha. O estranho pendia torto na sela e cavalgava lentamente. O cavaleiro parou e ergueu os olhos ao se aproximar da cerca da fazenda. Gustavo, Rosilda e as crianças ficaram olhando admirados para a roupa esquisita do forasteiro. O homem usava um conjunto branco empoeirado, adornado com borlas e cordões dourados.

— Olá — saudou o sujeito com um sorriso cansado. — Sei que a pergunta pode parecer estranha, mas já ouviram a história da Rapunzel? Da garota com cabelos muito compridos e...

As criancinhas começaram a pular, apontando para Gustavo.

— Ah! — exclamou o forasteiro. — Você conhece a história?

Rosilda riu.

— Ele *é* a história. Ele é o Príncipe Encantado.

O homem arregalou os olhos e endireitou a postura.

— É mesmo? Você está brincando. Não pode ser! Ah, mas isso é maravilhoso. Você não imagina a semana terrível que tive! Estou vindo de Harmonia, cavalgando dia e noite, dormindo pouco, parando em todas as vilas e fazendas que encontrava pelo caminho. Estou morto de fome. Vocês não vão acreditar nas coisas que me serviram por aí. Tive de dormir em estalagens onde os lençóis nem são trocados de um hóspede para outro. Lavei o rosto na mesma água em que os peixes faziam as suas *necessidades*. Sinto muito, estou falando como um louco. O ponto é: passei por tudo isso na esperança de achar alguém que pudesse me dizer onde encontrar Rapunzel. E agora encontrei *você*. Justamente você. E as coincidências não param por aí, pois eu também sou um Príncipe Encantado!

Gustavo contraiu os olhos.

— Você é maluco, cara?

— Não, desculpe, só estou um pouco agitado. Meu nome é Frederico. Sou o Príncipe Encantado da história da Cinderela. — Ele abriu um largo sorriso e estendeu a mão para Gustavo, que não lhe retribuiu o cumprimento, uma vez que não fazia a menor ideia do que aquele lunático estava falando. A única certeza que tinha era de que não confiava nele. As crianças, por sua vez, aplaudiram alucinadas ao ouvirem o nome Cinderela. Frederico acenou discretamente para elas.

— Muito bem, vou começar tudo outra vez — Frederico se dirigiu a Gustavo. — Estou à procura da minha noiva, Ella. Esse é o verdadeiro nome da Cinderela. Ela partiu de Harmonia há quase duas semanas. Tudo que sei é que ela viria a Sturmhagen para encontrar Rapunzel. Então, se você pudesse fazer a gentileza de me levar até a senhorita Rapunzel...

— Venha comigo — disse Gustavo, e saiu andando com seu cavalo pelo campo.

— Ah, fantástico. Ela está muito longe daqui?

— Não vou te levar até Rapunzel — respondeu Gustavo. — Quero falar com você longe dos ouvidos dessa gente curiosa. — E então acelerou o passo.

— Ah! — exclamou Frederico. — Bom, adeusinho, crianças! — disse acenando para a mulher e seus onze filhos. Porém, antes de conseguir fazer com que o animal seguisse Gustavo pela estrada, a égua ainda rodeou em círculos umas três vezes.

— Hum — resmungou Rosilda. — Esses são os caras com quem todas sonham em se casar? Não entendo.



Os dois seguiram trotando em silêncio pela estradinha de terra que margeava a campina, até Frederico finalmente falar:

— Então... Você disse que não iria me levar até Rapunzel.

— Isso mesmo — respondeu Gustavo. — Não vou levar você até Rapunzel.

— Mas por quê?

Seguro de que estavam longe o suficiente da fazenda, Gustavo puxou as rédeas de seu cavalo.

— É o seguinte — falou muito sério —, você é mesmo o príncipe daquela outra história?

— Sou — disse Frederico, enquanto tentava sem muito sucesso parar a égua ao lado do cavalo de Gustavo. — E você é realmente o príncipe da Rapunzel?

Gustavo bufou.

— Não sou o príncipe *dela*, mas, sim, sou o tal daquela história idiota. Não posso levar você para encontrar a Rapunzel porque não sei onde ela está.

— Ah. — Frederico desanimou. — Então temos mais uma coisa em comum.

— Eu não queria que aquela camponesa e aquele bando de pirralhos ficassem sabendo que a Rapunzel me abandonou — explicou Gustavo, então

encarou Frederico. — E, se *ocê* contar para alguém, seu almofadinha, vai se arrepender.

— Não vou contar — garantiu Frederico. — Mas, se é um segredo tão grande, estou curioso para saber por que resolveu revelá-lo justamente para mim.

Gustavo não sabia ao certo por que tinha resolvido contar o caso para aquele estranho ridículo. Talvez tivesse concluído que, se havia alguém no mundo capaz de entender sua situação, esse alguém só poderia ser outro coitado condenado a se tornar conhecido como Príncipe Encantado. Mas será que o sujeito era mesmo um príncipe de verdade? Ele se parecia mais com um porteiro maluco. *Meus irmãos provavelmente comeriam esse cara vivo*, pensou Gustavo. *Mas, se meus irmãos não iriam gostar dele, talvez ele não seja tão mau assim.*

— O que aconteceu com a sua noiva? — perguntou Gustavo.

— Ella fugiu porque se cansou de mim — respondeu Frederico. — Mas você não parece chato. Acho que esse não foi o *seu* problema, certo?

— Chato? Ah! Não, é bem pior que isso. Rapunzel saiu pelo mundo para *ajudar* as pessoas — soltou Gustavo. (Ele simplesmente não conseguia imaginar que seu comportamento tivesse algo a ver com a partida de Rapunzel.)

— Não entendo — disse Frederico. — Mas ajudar as pessoas é assim tão ruim?

— Você conhece a minha história, não?

Frederico assentiu.

— Então sabe sobre o lance do espinheiro?

— Foram mesmo as lágrimas dela que curaram a sua cegueira? — perguntou Frederico.

— Quem sabe? — murmurou Gustavo. — Mas *ela* está convencida de que me salvou. E, quando aquela música começou a tocar por todo lado, as coisas só pioraram. Ela era a valente heroína com lágrimas mágicas. E eu fiquei sendo o quê? O idiota que levou uma surra de uma velhinha e foi salvo por uma

garota. De qualquer maneira, ela acredita que tem o dom de curar as pessoas, por isso partiu para espalhar a bondade pelo mundo ou alguma bobagem do tipo. E eu fiquei aqui, tentando salvar a minha reputação...

— Sinto muito mesmo por saber que...

— Economize suas palavras — Gustavo interrompeu Frederico. De repente, ocorreu-lhe que aquele homem estranho com sua roupa esquisita poderia lhe oferecer exatamente o que ele precisava: a oportunidade de um ato heroico. — Essa tal Cinderela que você está procurando por acaso corre algum tipo de perigo? Está precisando de ajuda?

— Não que eu saiba — respondeu Frederico.

— Mas ela está correndo perigo — disse Gustavo com toda segurança. Ao ver como Frederico contraía os olhos quando ouviu a palavra “perigo”, ele teve certeza de que seria fácil convencê-lo de que a sua noiva precisava ser socorrida.

— Sturmhagen não é um lugar para aventureiros amadores — prosseguiu. — Há monstros por toda parte.

— Tigres? — perguntou Frederico num sussurro quase inaudível.

— Claro, por que não? Temos de tudo — respondeu Gustavo. — Sabe, salvei a família daquela camponesa de um troll pouco antes de você aparecer.

— Sério? — indagou Frederico, roendo as unhas.

— Seríssimo — confirmou Gustavo. — A garota estava armada?

Frederico negou com um aceno de cabeça.

— Nunca saio de casa sem meu machado — disse ele, apontando para a imensa arma presa às costas.

Frederico deu uma olhada na lâmina enorme — ainda manchada de vermelho — e quase caiu do cavalo.

— Ninguém está seguro nessas florestas sem uma arma — disse Gustavo. — O que ela estava vestindo?

— Acho que um vestido azul.

— Um vestido? — zombou Gustavo. — Olhe para mim. É *assim* que você está preparado para enfrentar Sturmhagen. — Armaduras reluzentes protegiam-lhe os ombros. Tiras de couro prendiam protetores de aço nos braços, pulsos e pernas. O tronco estava envolto por uma túnica forrada de pele. E as botas de ferro pareciam fortes o suficiente para derrubar uma parede sólida com um chute apenas.

— Acho que eu nem conseguiria andar com tudo isso — disse Frederico.

— Se essa moça está sozinha por aí há uma semana, precisamos agir rápido. A vida dela deve estar correndo perigo neste exato momento.

— Minha nossa! — exclamou Frederico. — Bom, você vai, hum... você vai...

— Sim, eu vou salvar a sua noiva — declarou Gustavo. — Vamos! Precisamos partir!

E assim Gustavo saiu galopando estrada afora, rumo à floresta densa e escura.

— Por favor, não vá tão rápido! — pediu Frederico, que vinha ziguezagueando logo atrás. — Esta sela é muito desconfortável!



← 3 →

O PRÍNCIPE ENCANTADO DIZ QUE NÃO TEM MEDO DE VELHINHAS

Ao longo do anos, Frederico havia conhecido vários outros príncipes. Nenhum deles se parecia com o príncipe de Sturmhagen. Gustavo era tão rude. Não tinha paciência nem boas maneiras, e sua fala era rudimentar. Diante dessas evidências, Frederico chegou à conclusão de que a dança flamenca do sujeito só podia ser péssima. Não era de surpreender que o relacionamento dele com Rapunzel não tivesse dado certo. Mas, considerando a fuga da sua noiva, quem era ele para julgar?

À medida que os dois príncipes percorriam o reino à procura de Ella, Frederico começava a se cansar de Gustavo. Primeiro porque o grandalhão sempre insistia em acampar ao ar livre. E, todas as vezes que Frederico sugeria uma estalagem, Gustavo respondia com um:

— Bah!

Ou às vezes:

— Pah!

Ou até mesmo:

— Pfff!

Todas as noites, Gustavo se esparramava feliz da vida no chão e em seguida ria de Frederico, que tentava se acomodar sobre uma caminha improvisada com três lenços.

— Higiene, Gustavo — costumava dizer Frederico em sua defesa. — Faço o que posso em nome da higiene. — *Sujeira*, claro, era a quarta colocada na lista dos “inimigos da nobreza” do rei Wilberforce, e vinha logo abaixo de *pelos no nariz* e acima de *soluços*.

Conforme os dias se passavam, Frederico também começou a duvidar das habilidades de rastreador do príncipe. Em várias ocasiões, ele viu Gustavo farejando o ar, encostando a mão em forma de concha à orelha para “auscultar o vento” e às vezes descendo do cavalo para morder a ponta de uma folha. Mas era difícil imaginar como aquilo tudo poderia ajudá-los a encontrar Ella.

Na verdade, nada daquilo ajudaria. Gustavo não tinha a menor ideia do que estava fazendo.

Finalmente Gustavo resolveu sair da estrada para se embrenhar pelas densas florestas de pinheiros de Sturmhagen, onde as árvores eram tão altas que a luz do sol quase não penetrava. Cada piar de pássaro ou movimento de rato fazia Frederico se encolher e puxar as rédeas. Trilhas quase não havia, o que os obrigava a se espremer com cavalo e tudo em meio às árvores para poder passar. Mais de uma vez Gustavo empurrou um galho gigante e, ao soltá-lo depois de passar, deixou-o bater no rosto de Frederico.

Até que finalmente eles se depararam com a luz do dia.

— Ahhh! — exclamou Gustavo ao parar o cavalo e desmontar. — Agora sei onde estamos.

— Só agora? — indagou Frederico. — Você está dizendo que estávamos perdidos esse tempo todo?

— Olhe adiante — disse Gustavo, apontando para uma pequena clareira entre as árvores, na qual era possível ver uma única construção de pedra. — Aquela é a torre de Zaubera.

— Zaubera? Por acaso é a tal bruxa?

— Não, é *outra* velhinha que possui uma torre na floresta — respondeu Gustavo sarcasticamente, revirando os olhos.

— E você foi me trazer logo aqui? — perguntou Frederico sem acreditar. — Para um dos lugares mais perigosos de Sturmhagen? Onde Ella com certeza *não* está? Afinal, se esta é a torre de onde a sua noiva escapou, por que Ella viria procurar por Rapunzel exatamente *aqui*?

Gustavo ignorou os protestos.

— Vamos dar uma olhada — sugeriu, entrando na clareira.

Frederico puxou o grandalhão pelo braço de volta para a proteção das árvores.

— E se a bruxa estiver lá? — questionou Frederico.

— Bruxa, você está aí? — gritou Gustavo. Parou por um segundo, como se estivesse esperando uma resposta. — Ela não está lá. Vamos. — Seguiu rumo à clareira, e Frederico mais uma vez o puxou de volta.

— Espere — disse ele. — Essa bruxa, Zaubera, ela é muito poderosa, não é?

— Ela não passa de uma velhinha — rebateu Gustavo. — Não tenho medo de velhinhas. Você tem?

— De uma que pode me erguer do chão e me atirar longe, sim.

— Bom — disse Gustavo. — Vou lhe contar tudo que você precisa saber sobre Zaubera.



Zaubera possivelmente era uma das bruxas mais poderosas do mundo. Mas nem sempre fora assim. Houve um tempo em que ela nem era má. Zaubera não passava de uma camponesa que morava sozinha na pequena Jorgsborg. Praticava a arte da magia, assim como todos os outros membros da sua família, há gerações. Mas nunca havia usado seus talentos para fazer nada além de cultivar os nabos mais saborosos do mundo. Mesmo assim, a magia sempre assustou seus vizinhos. Apesar de várias vezes ter tentado fazer amizades na pequena vila, Zaubera sempre era rejeitada — ou pior, era motivo de chacota.

Um grupinho de crianças da vizinhança costumava parar na frente do portão da velha para chamá-la de coisas como “boca de caçapa” e “cabelo de milho”. Cansada, Zaubera desistiu e se recolheu na solidão de sua cabana para levar uma vida reclusa.

Até que chegou o fatídico dia, quando um dos caçadores da região conseguiu capturar um castor gigante cuspidor de fogo de Sturmhagen. O homem trouxe a criatura até a vila para exibir sua presa, o que foi um erro. O animal conseguiu escapar e saiu desvairado ateando fogo em quase todas as casas de Jorgsborg. Quando o fogo estava se aproximando, Zaubera projetou um escudo mágico ao redor de sua propriedade, protegendo seu lar das chamas. Foi então que ela avistou três crianças cercadas pelas labaredas, as mesmas que costumavam insultá-la diariamente. Zaubera desviou o escudo de sua casa para protegê-las e acabou perdendo tudo que tinha, mas imaginava que com isso os moradores da vila finalmente começariam a gostar dela.

De repente, surgiu um herói. O cavaleiro sir Lindgren adentrou a cidade montado em seu cavalo branco e rapidamente matou o castor. Em seguida, cercou Zaubera e ordenou que ela soltasse as crianças. Confusa, ela desfez o escudo. Sir Lindgren pegou os pequenos e os levou embora.

A vila começou a ser reconstruída e as pessoas retornaram para casa, mas ninguém se lembrou de agradecer a Zaubera. Na verdade, passaram a evitá-la ainda mais. Até que, certo dia, ela ouviu falar sobre a nova canção de um bardo, *A balada do cavaleiro e o castor*, em que o heroico cavaleiro não apenas matava o castor como também salvava três crianças das garras de uma bruxa malvada. Foi nesse momento que a ficha caiu para Zaubera.

Tudo bem, pensou. Se querem uma vilã, é isso que vão ter. Ela buscou um antigo livro de feitiços e aprendeu alguns truques de magia negra. Em seguida, saiu causando estragos pela vila. Usou bolas de fogo para mandar pelos ares cada uma das casas que tinham sido reconstruídas. Destruiu jardins com rajadas de vento. Disparou raios mágicos contra cada uma das crianças cuja vida tinha

salvado, fazendo com que todas saíssem correndo, gritando e chorando. Todos os moradores fugiram. E ninguém jamais voltou para Jorgsborg.

Zauberera sentiu o gostinho de como era ser realmente temida. E quis mais. Achou que o mundo todo devia tremer de medo. Ela tinha ouvido falar de outras bruxas que ficaram famosas por feitos que nem eram tão impressionantes assim. Fazer alguém cair em sono profundo? Quanta falta de originalidade. Tentar assar um casal de criancinhas? Nem precisou usar magia! Não, Zauberera merecia ser muito mais famosa que todas elas. Mas era preciso que a sua fama de malvada se espalhasse por todos os reinos. E, para tal, ela não podia confiar em algumas criancinhas à pururuca. Ela precisava de algo grandioso. Precisava chamar a atenção dos bardos.



Fig. 8
A bruxa Zaubera

Um dia, ela flagrou um camponês roubando alguns nabos de sua horta e teve uma ótima ideia. Em vez de simplesmente fritar o sujeito ali mesmo, Zaubera poupou a vida dele em troca de sua filha mais nova. O camponês concordou na hora (ele não era um pai muito bom), e foi assim que Zaubera ficou com Rapunzel. A bruxa trancou a menina no alto de uma torre impenetrável e ficou esperando o dia em que um herói viesse tentar salvá-la. Ah, como Zaubera odiava os heróis. E, quando um herói tolo aparecesse para invadir a torre, ela o reduziria a pó. Os níveis de dor e destruição que iria causar seriam tamanhos que acabaria chamando a atenção de todos os bardos.

Mas nenhum herói apareceu. O pai de Rapunzel nunca enviou ninguém para tentar resgatar a filha. Assim como nunca contou para ninguém que ela era mantida prisioneira. Como eu disse, ele não era um bom pai. Ele simplesmente foi para casa e saboreou os nabos roubados.

Os anos foram passando e Zaubera acabou com uma prisioneira que na verdade ela nunca quisera. Mas a bruxa usou o tempo com sabedoria para aprender os feitiços mais terríveis: um para cegar os inimigos, outro para lhe dar poderes sobre-humanos. Até que descobriu um dicionário mágico de sinônimos para ajudá-la a pensar em novos e criativos meios de insultar as pessoas. Não demorou muito, e ela se transformou numa mestra da magia negra. Então, um dia, do nada, aconteceu a tão esperada tentativa de resgate. Ou quase isso.

Um dos príncipes idiotas de Sturmhagen tentou atacá-la, mas ela cuidou dele rapidinho. O problema é que o tonto veio sozinho e não havia ninguém para espalhar a história de como Zaubera tinha acabado com o príncipe. Quer dizer, ninguém além de Rapunzel. Louca para se tornar famosa, Zaubera libertou a moça para que ela pudesse contar a história. A bruxa nunca imaginou que a mocinha de cabelos longos poderia salvar o idiota moribundo e acabar se transformando na heroína da história.

Depois que *A história de Rapunzel* se tornou um sucesso — na música, os bardos retrataram a bruxa como uma incompetente quando deixaram subentendido que Rapunzel conseguira escapar sozinha —, Zaubera mais do que nunca queria provar a sua maldade para o mundo. Agora, além dos heróis, ela pegara birra dos bardos.

A bruxa passou semanas arquitetando seu superplano do mal. Em vez de raptar outro prisioneiro, dessa vez raptaria cinco. Seus cativos fariam falta e todos iriam querê-los de volta. Prisioneiros que heróis do mundo todo disputariam a chance de salvar: ela pretendia raptar os bardos.

Foi exatamente o que ela fez ao longo das últimas semanas. Nem se preocupou se alguém desconfiaria do seu plano antes que ele se concretizasse,

pois os reinos não se comunicavam entre si. E, sem os bardos, como as pessoas ficariam sabendo que os próprios tinham desaparecido?

Sturmhagen, Harmonia, Eríntia, Avondell e Sylvaria: quando os heróis desses cinco reinos descobrirem que raptei seus amados tocadores de alaúde, eles virão correndo, pensou a bruxa. E, quando chegarem, vão testemunhar a maior exibição de força maléfica que o mundo jamais viu. Nunca mais Zaubera será ignorada.



Claro que Gustavo não contou nada disso para Frederico — uma vez que não sabia de nada. O que Gustavo disse ao outro foi o seguinte:

— Ela é uma velhinha. Ponto-final.

Gustavo seguiu confiante rumo à clareira, com Frederico encolhido logo atrás. Mas pelo visto alguém tinha ouvido o falatório de Gustavo. Uma jovem colocou a cabeça para fora da única janela da torre, a quase trinta metros de altura.

— Quem está aí? — gritou Ella, olhando para baixo e ficando surpresa ao ver o noivo. — Frederico, é você mesmo? O que está fazendo aqui?

— Ella! — exclamou Frederico encantado. — Ai, minha nossa! Você está aí. Eu, bom, eu vim atrás de você.

— Veio? — indagou Ella. — Uau. Você veio. De verdade.

Certo, é agora, pensou Frederico. Chegou o momento de mostrar para ela tudo do que você é capaz.

— Tudo é muito novo para mim, Ella. Até dormi no chão. Mas sinto que agora estou pronto para encarar novas aventuras.

Frederico não conseguia ver Gustavo logo atrás, mas podia *sentir* o outro revirando os olhos.

— Como você subiu aí? — interpelou Frederico.

— É uma longa história — respondeu Ella.



A história nem é tão longa assim. O que aconteceu foi o seguinte:

Ella percorreu Sturmhagen inteiro (demorou dois dias para cobrir a mesma distância que Frederico fez em uma semana) e visitou uma vila onde esperava conseguir alguma informação sobre Rapunzel.

— Alguém sabe o que aconteceu com Rapunzel? — perguntou para um grupo de pessoas que passava, e então tentou (inutilmente) reavivar a memória deles, cantando: “Ouçam a história que vou contar, meus queridos; é a história de uma jovem de cabelos muito compridos...”

Zauberá, que andava por ali, apareceu naquele exato momento, pensando em uma maneira de espalhar a novidade sobre o rapto dos bardos. *Apanhar um menestrel e usá-lo para cantar sobre o crime poderia dar um toque poético*, pensou ela.

Quando Zauberá viu uma mocinha cantando para uma multidão em uma esquina, logo se deu conta de que tinha encontrado seu menestrel. Só que na verdade era Ella. Assim que o grupo dispersou, a bruxa se aproximou.

— Informe-se direito, sua cabeçuda cantante! — esbravejou Zauberá. Em seguida, jogou um encanto sobre Ella, que foi apanhada de surpresa, e a levou para a torre.

Viu? A história nem foi tão longa assim.



— Estou tão feliz por ver você aqui — disse Ella. — Por favor, busque ajuda antes que a bruxa volte.

— Não vamos partir sem você! — gritou Frederico.

— Quem é esse aí com você? — perguntou Ella.

— Ah, esse é o príncipe da Rapunzel. Foi ele quem me ajudou a chegar até aqui. E ele pode tirar você daí de cima; já tem experiência nisso. — Frederico

voltou-se para Gustavo e perguntou baixinho: — Como vamos conseguir tirar minha noiva de lá?

Gustavo se aproximou da base da torre, olhou para a janela no alto e gritou:

— Cinderela, jogue suas tranças!

Ella olhou surpresa.

— Mas meus cabelos não passam dos ombros!

Gustavo recuou até Frederico e encolheu os ombros.

— Esse é o único truque que conheço. Estou sem ideias.

Frederico ficou estupefato.

— Bom, deve haver *outro* jeito de subir. Quer dizer, se *ela* subiu. — Então gritou para a noiva lá no alto: — Como você conseguiu subir até aí?

Com um olhar de soslaio, Ella viu algo se aproximando.

— Corram! Ela está chegando!

Frederico e Gustavo saíram em disparada e se esconderam atrás de algumas árvores. De lá, viram uma mulher magra e alta envolta em trapos vermelhos e cinza surgir na clareira. Sua pele pálida era oleosa e enrugada, e tufos de cabelos grisalhos despontavam de sua cabeça desordenadamente.

— Aquela é Zaubera? — perguntou Frederico.

Gustavo assentiu com um aceno de cabeça e disse:

— Vamos ver como ela sobe.

A bruxa gritou para Ella, na torre, com uma voz que parecia uma gaita de foles quebrada:

— Posso jurar que ouvi você conversando com alguém, minha querida. Quando eu subir aí, é melhor que esteja sozinha. — Então se virou na direção da floresta e gritou: — Reese!

Logo em seguida houve um forte estrondo. Galhos chacoalharam e folhas caíram à medida que um homem mais alto que a torre abria caminho entre as árvores para surgir na clareira. O gigante se aproximou de Zaubera com uma passada enorme, ajoelhou-se e colocou uma mão no chão, com a palma virada

para cima, para que a bruxa pudesse subir. Com a maior facilidade, ele ergueu a velha até a janela da torre. E foi assim que ela conseguiu entrar.

— Bom! — exclamou Frederico. — Não vamos poder entrar *daquele* jeito.

Foi nesse momento que Gustavo enlouqueceu. Ele sacou seu enorme machado de dois gumes e correu para a clareira gritando:

— Stuuuuuuuurm-haaaaaygennnnnn!

O gigante, surpreso, simplesmente permaneceu parado, olhando. Assim como Frederico.

Gustavo desferiu um golpe contra a imensa canela de Reese. Com um grito de dor, o gigante segurou a perna ferida e começou a pular num pé só. A terra tremia a cada pulo, e por conta dos tremores Gustavo perdeu o equilíbrio e caiu, soltando o pesado machado, que acabou fincado no solo argiloso. Escondido entre as árvores, Frederico observava apavorado seu companheiro se arrastando para pegar a arma, sem perceber que ficava bem na mira do enorme pé do gigante. Gustavo estava prestes a ser esmagado como um inseto.

Pense, disse Frederico para si mesmo. *O que sir Bertram, o Pomposo, faria?* A resposta veio. Na *História da ordenhadora bronca*, sir Bertram tinha chamado a atenção da governanta já prestes a usar a taça de vinho errada. Frederico podia recorrer à mesma tática. Oito anos de aulas de canto iodelei estavam surtindo efeito. Frederico levou as mãos à boca e soltou a voz:

— Ioooo-deee-lee-iiiiii!

Funcionou. Nada irritava mais Gustavo que o iodelei. Assim que ouviu a aguda melodia alpina, ele olhou bravo para Frederico, que apontava como um louco para cima. Gustavo saiu da mira no momento em que o enorme pé descalço do gigante desceu e aterrissou diretamente sobre o machado.

— Aaaiii! — Reese soltou um grito e saiu pulando de dor novamente.

Mas dessa vez ele não conseguiu manter o equilíbrio. O gigante cambaleou para trás e tombou contra a torre de pedra.

— Ai, ai! — murmurava Reese.

Toda a estrutura balançou e pedaços imensos de pedra começaram a despençar.

— Essa não! — exclamou Gustavo enquanto a torre desmoronava numa pilha de pedras e nuvens de poeira. Mais um fracasso. E dessa vez haveria uma música sobre como ele, além de não ter conseguido salvar a garota, ainda acabara a matando sem querer.



Fig. 9
Reese, o gigante

— Ella! — gritou Frederico.

Foi tudo culpa minha, pensou ele. Ella morreu, e tudo porque tentei ser alguém que não sou. Eu devia ter ouvido meu pai.

No entanto, quando o gigante se sentou e empurrou para o lado os tijolos e as pedras que entulhavam a clareira, ele revelou uma cena impressionante. A bruxa estava ilesa, dentro de uma bolha verde luminosa, com Ella jogada sobre seu ombro ossudo, vivinha da silva.

— Um escudo mágico! — exclamou Gustavo.

Frederico quase desmaiou de alívio.

— Reese, seu imbecil! Veja só o que você fez! — ralhou Zaubera.

Reese apontou o dedo imenso para os príncipes.

— Foi tudo culpa deles.

A bruxa virou para ver de quem Reese estava falando, mas Frederico já havia puxado Gustavo de volta para a proteção das árvores. Os dois príncipes ficaram ouvindo tudo, escondidinhos atrás de um arbusto.



Fig. 10
Bolha mágica

— Não me diga que você está culpando os coelhinhos, Reese — ironizou a bruxa.

— Não, senhora — respondeu o gigante. — Foram dois homens. Eles estavam tentando salvar a garota.

Gustavo saiu de trás do arbusto.

— Coloque Cinderela no chão, minha senhora!

Frederico pulou sobre as costas de Gustavo e o puxou de volta para a moita.

— Viu só? — disse Reese, provando sua inocência. — Devo esmagar esses dois?

— Não se preocupe com aqueles paspalhos, Reese — respondeu Zaubera com um sorriso nos lábios finos e pálidos. — Você ouviu do que ele acabou de

chamar a nossa prisioneira? — A bruxa puxou Ella pelos cabelos e a encarou. — Veja só! — Zaubera riu. — Esqueça aqueles cantores idiotas, cujo resgate não vai render nada, Reese. Tenho uma verdadeira celebridade nas mãos. Cinderela. Isso vai dar muito mais o que falar. Ah, isso vai ser divertido.

Ella encarou a bruxa de volta, relutando em mostrar uma pontinha sequer de medo.

— Mas e se os heróis nos seguirem? — perguntou Reese.

— Herói, no singular — respondeu Zaubera. — Um deles é um perfeito covarde. E, sim, o herói vai nos seguir, porque é isso que os heróis fazem. Mas estaremos preparados. Quando pegarmos ele e seu assistente, você pode triturar os ossos deles e fazer pão. Agora, vamos.

— Sim, senhora — entouou o gigante com a sua voz cavernosa. — Mas acho que pão feito de ossos deve ser horrível.

— Não contratei você para trabalhar como padeiro, Reese — reclamou a bruxa. — Ande logo.

— Certo — bramiu o gigante. — Mas a senhora já experimentou pão de ossos? Nem consigo imaginar o sabor. E será que ainda vai precisar de farinha?

— Cale a boca, Reese.

— Meu pé está doendo.

— Calce alguma coisa, seu imbecil.

Minutos depois, quando não se podia mais ouvir a voz dos dois nem os passos pesados de Reese, os príncipes saíram do esconderijo. Como sempre, Frederico tentou remover o pó da sua roupa suja e amassada, mas não demorou a perceber que era inútil.

— Certo, vamos logo — disse Gustavo.

— Para onde? — indagou Frederico.

— Você quer a sua noiva de volta, não quer? — Gustavo respondeu com uma pergunta. — Vamos segui-los.

— Não — respondeu Frederico. — Não vamos, não. Com você, eu não vou a lugar nenhum. Você quase matou Ella. E teria morrido junto se eu não

tivesse feito nada.

— Tudo que você fez foi cantar o iodelei — revidou Gustavo com desdém.

— Pelo menos fiz *alguma coisa* — retrucou Frederico. — Como não percebeu aqueles dedões calejados acima da sua cabeça, prestes a esmagá-lo?

Gustavo encarou Frederico tão de perto que dava até para sentir seu hálito quente.

— Por acaso está dizendo que não sou um herói bom o bastante?

Frederico fez o que pôde para não piscar.

— Está insinuando que não sou capaz de dar conta disso? — sibilou Gustavo. — Que não consigo salvar alguém? Que você, sr. Terninho Branco de Seda com Penduricalhos Dourados, é melhor que eu? — Sua testa tocou a de Frederico.

— Não — sussurrou Frederico, sentindo só um pouquinho menos de medo de Gustavo do que sentira do gigante. — Não estou dizendo nada disso. Claro que vou precisar da sua ajuda.

Gustavo se afastou um pouco.

— Afinal, você conseguiu encontrar a Ella — continuou Frederico. — Sinto se o subestimei. Mas a situação mudou, e não é mais apenas uma questão de encontrar uma pessoa desaparecida: virou uma missão de resgate. E muito perigosa, considerando que tem uma bruxa e um gigante envolvidos. Talvez a gente não dê conta do recado. Quem sabe não seja melhor arrumar ajuda. Uma mãozinha. Só isso.

Gustavo ponderou por um instante e falou:

— Acho que não vai fazer mal algum ter outro espadachim ao meu lado.

— Quem sabe alguém com um pouco mais de experiência em salvar pessoas de bruxas e monstros? — indagou Frederico.

— Ha! — Gustavo riu. — Quem você vai chamar? Aquele cara da *Bela Adormecida*?



← 4 →

O PRÍNCIPE ENCANTADO PERDE ALGUNS FÃS

Liam nunca teve dúvidas de que era um herói. Pelo contrário, tinha certeza absoluta. Mas não se pode culpá-lo por isso, pois as pessoas sempre o trataram como um semideus desde a mais tenra idade. Os paparicos começaram logo após o nascimento da princesa Rosa Silvestre, a filha do casal real de Avondell. Num caso raro de comunicação entre os reinos, os soberanos anunciaram estar à procura de um príncipe para desposar a princesinha. Quando atingisse a idade adulta, ela se casaria com o tal príncipe, unindo para sempre seu reino ao dele.

Coincidentemente, o reino de Avondell encontrava-se sobre uma inesgotável fonte de minas de ouro. Qualquer reino que conseguisse se unir a ele com certeza se tornaria imensamente rico. Gareth, o rei de Eríntia, o reino vizinho (mas que não tinha acesso ao ouro de Avondell), queria muito a união. O ambicioso rei ofereceu seu filho, Liam, na época com apenas três anos, como futuro marido da princesa Rosa. Infelizmente, vários reinos também estavam de olho no ouro de Avondell, então a competição pela mãozinha de Rosa Silvestre foi ferrenha. Príncipezinhos do mundo todo fizeram fila para se apresentar diante do casal real de Avondell — e cada um possuía um talento especial. Havia um sapateador de um ano e meio de Valerium e um bebê de Svenlândia cujos pais afirmavam ser capaz de se comunicar com golfinhos. Um menino de quatro anos de Jangleheim arrasava no trompete. E um príncipe de

Sturmhagen (um dos irmãos de Gustavo) mostrou sua habilidade em chutar uma galinha à distância de trinta e cinco metros.

Receoso de que o pequeno Liam não conseguisse se destacar na multidão, seu pai lançou mão de um artifício. No exato momento em que Liam estava se apresentando aos soberanos de Avondell, dois bandidos mascarados invadiram a sala do trono real. Na verdade, eram atores contratados por Gareth, que traziam presos na parte de trás do cano das botas pirulitos de canela, o doce preferido de Liam. Os dois “bandidos” se colocaram entre o príncipezinho e o casal real e, assim que Liam avançou para apanhar os pirulitos de canela, os atores mostraram todo o talento que tinham. Quando o menino segurou e puxou os doces, os atores se jogaram no chão e saíram rolando, fingindo dor. Eles rodopiaram, sacudiram-se e se debateram alucinados. Para os governantes de Avondell, parecia que o menino de apenas três anos estava dando uma surra nos dois adultos. Quando os guardas reais conseguiram se aproximar da cena da “luta”, o pequeno Liam já estava de pé em cima dos dois bandidos, aparentemente inconscientes, lambendo ruidosamente um pirulito de canela.

Depois disso, não restou nenhuma dúvida de qual príncipe deveria ser o escolhido para se casar com Rosa Silvestre. O rei de Eríntia levou, triunfante, o filho de volta para casa. O menino foi recebido com presentes, desfiles e festas em sua homenagem. Os dois atores não conseguiram provar sua inocência e foram condenados a passar o resto da vida presos na masmorra de Avondell, mas o rei Gareth nem deu bola para isso: ele ia ficar rico (quer dizer, ainda *mais* rico — afinal, ele já era um rei).

O pequeno príncipe Liam fez ainda mais sucesso que antes, apesar de não entender direito o motivo.

— Por que todos me amam tanto? — perguntou o pequeno ao pai.

O rei não queria contar a verdade ao filho — que a maioria dos súditos de Eríntia era tão gananciosa quanto seu rei, e que o tratavam com tanto carinho porque sabiam que um dia ele tornaria o reino ainda mais rico ao se unir à fortuna de Avondell. Em vez disso, disse ao filho:

— Porque você é um herói.

Aquilo foi tudo que Liam precisou ouvir. Daquele dia em diante, o garoto se dedicou a ser um exército de um homem só, pronto para atender quem quer que estivesse precisando de ajuda. E ele era bom nisso. Tinha força, coragem, destreza e talento natural com o manejo da espada. Era até boa-pinta: alto e esbelto, pele bronzeada, olhos verdes e brilhantes, cabelos pretos que pareciam sempre esvoaçantes.

Eis um dia típico na vida de Liam: café da manhã, frustrar uma tentativa de assalto, almoço, salvar uma criança de lobos ferozes, ser o convidado de honra para cortar a faixa inaugural de uma nova loja de ferraria, janta, resgatar uma velhinha de uma casa em chamas, lanchinho saudável, cama.

Claro que o príncipe nunca percebeu que tudo isso era desnecessário, que podia passar o dia deitado numa rede, tomando água de coco, e mesmo assim seus súditos continuariam a idolatrá-lo — o que era uma sorte, pois para ele sua reputação como herói representava tudo.



Fig. 11
Príncipe Liam

No único dia em que Liam não estava por perto para impedir um crime — quando a lendária espada de Eríntia, uma valiosa peça de família, foi roubada do museu real —, ele se preparou para o pior. Achou que a infinita onda de louvores e adoração se extinguiria rapidamente, por isso reuniu todos os súditos para se desculpar em público. Mas ficou surpreso quando viu as pessoas chegando, carregando faixas nas quais se podia ler AMAMOS LIAM. Alguém até se deu ao trabalho de fazer uma escultura de manteiga do menino. Sério, eles nem se importavam com os atos de heroísmo.

Isso até o dia do incidente com a Bela Adormecida. Se Liam não tivesse salvado a donzela na ocasião, o casamento real teria corrido risco. Quando a fada malvada lançou uma maldição contra a princesa Rosa Silvestre e contra todos os habitantes de Avondell — que os manteria em sono profundo por cem anos —, todo o povo de Eríntia esperava que ele fosse até lá e salvasse o reino. E foi o que ele fez, é claro.

Liam foi atrás da fada malvada, apanhou-a de surpresa e amarrou-lhe as asinhas até ela revelar que um beijo em Rosa Silvestre podia quebrar a maldição. Assim que obteve a informação de que precisava, Liam soltou nobremente sua inimiga. A fada agradeceu o gesto de bondade se transformando num enorme dragão dentuço para em seguida tentar arrancar a cabeça de Liam. Após uma longa e exaustiva batalha, que incluiu cambalhotas, socos, golpes de caratê e até mesmo alguns coices, ele venceu ao desferir um golpe com a sua espada contra a fera encantada.

Bastou um selinho e Rosa Silvestre e todo o seu reino já estavam de olhos abertos e festejando.

As semanas seguintes foram de pura alegria para Liam. Ele foi recebido com festas e desfiles nos dois reinos, incontáveis homenagens e presentes. O único senão surgiu quando os menestréis saíram espalhando *A história da Bela Adormecida*. Liam nunca fora muito fã do músico de Eríntia, Tirésio Melodia — o homem parecia adorar fazer música sobre os malfeitores (*A balada do rei Bandido*, *O gigante destruidor*, *A volta do rei Bandido*, e assim por diante) em vez de compor sobre os feitos heroicos do príncipe. E, agora que finalmente havia escrito uma, ele deu um jeito de tirar o nome de Liam da história. O príncipe ficou muito bravo, mas buscou consolo no carinho de seus súditos.

Depois que a poeira assentou, Liam se deu conta de que nunca tinha dito nada para Rosa Silvestre além de:

— Bom dia. Considere-se salva.

Ele estava curioso para saber mais sobre ela. Por isso, fez algo extremamente raro: enviou-lhe um bilhete. E, mais surpreendente ainda,

sugeriu um encontro. Ao vivo. Duas pessoas de reinos distintos — que estavam noivas — se encontrando e conversando. Loucura, eu sei.

Liam enviou uma mensagem sugerindo um encontro nos jardins de Avondell para que os dois pudessem passar um tempo juntos e se conhecerem melhor. Ficou surpreso quando a resposta da princesa chegou:

O que mais precisamos saber? Já sei seu nome. Sei onde mora. Basta comparecer no dia do casamento.

Liam resolveu tentar novamente e enviou outra mensagem para Avondell na qual expunha de forma clara e veemente os motivos pelos quais acreditava ser tão importante que eles realmente se conhecessem e se entendessem antes do casamento. Dessa vez, a resposta foi um pouco mais positiva:

Que seja.

E então eles se conheceram. Na primeira vez em que Liam vira Rosa Silvestre dormindo, ele achou a jovem muito bonita (o que facilitou bastante o lance do beijo). De pele alva e volumosos cachos ruivos que emolduravam seu rosto como se fossem um imenso e fofo halo, a princesa tinha aparência delicada e doce, quase angelical. Mas, assim que Liam pisou nos jardins de Avondell naquele dia e viu Rosa parada com as mãos na cintura, sobrancelhas erguidas e cara amarrada, ele ficou surpreso. Havia algo estranho. Mas o príncipe tentou ver além das aparências e se aproximou com uma reverência cavalheiresca.

— Obrigado por ter aceitado meu convite — disse ele. — Como faltam poucos dias para nosso casamento, eu estava ansioso por conhecer você de

verdade.

Apanhando-o totalmente desprevenido, Rosa pousou as duas mãos sobre o peito dele e o empurrou para o banco mais próximo.

— Escute aqui, herói — berrou a moça. — Não pense que, só porque pôs uma bruxa para correr, você vai mandar no pedaço.

— Era uma fada e não uma bruxa — corrigiu ele, surpreso com a violência de Rosa. — E não estou entendendo por que está tão brava.

— Sei que você se acha o tal — ela continuou. — Mas isso não me impressiona. Fui educada para ser uma princesa de verdade. Isso significa que tenho tudo o que quero e quando quero. Nesse casamento, você vai me servir.

Liam ficou perplexo.

— Eu sirvo ao povo — disse ele. — Ofereço meus serviços para qualquer pessoa que esteja precisando de ajuda.

— O povo! Ha! — Rosa caçoou, jogando as madeixas para trás. — O povo só serve para polir minhas coroas e preparar meus pudins. Fui obrigada a passar toda a minha infância escondida por causa daquela bruxa idiota...

— Fada.

— ... e agora que estou no meu lugar de direito, vou começar a viver como a princesa que sempre fui. Se eu quiser me divertir, alguém vai dançar para mim. Se estiver com sede, alguém vai me dar a água que estiver bebendo. Se quiser um bolo, alguém usará o último resto de farinha para preparar um para mim. Veja isto.

Rosa se abaixou e arrancou sem dó um punhado de orquídeas raras de um canteiro. Em seguida, amassou as flores valiosíssimas entre os dedos e jogou pétalas e talos esmagados sobre o calçamento de pedra.

— Sabe quem vai viajar até os extremos de Kom-Pai e enfrentar cobras venenosas só para encontrar novas orquídeas para mim? — indagou com um sorriso perverso. — O povo.

Rosa se aproximou de Liam e sacudiu uma pétala na cara dele.

— O que foi, benzinho? O gato comeu sua língua?

— Não me chame de benzinho — disse Liam com um tom de asco. De todas as batalhas contra monstros que tinha enfrentado e armadilhas da morte de que conseguira escapar, essa conversa era de longe a experiência mais difícil que ele já havia experimentado. — Sabe de uma coisa? Nem sei se quero me casar com você — falou.

— Por que não?

— Porque você é má.

— Buá, buá! — ela fingiu estar chorando. — Seja homem, herói.

— Por favor, diga que tudo isto não passa de uma brincadeira.

— Você queria me conhecer de verdade, esta sou eu. Rosa Silvestre não se rebaixa para ninguém.

— Isso não faz sentido — disse Liam, tristonho. — Nunca vou amar alguém como você.



Fig. 12
Princesa Rosa Silvestre

— É aí que você se engana, fofinho. Todos sabem que eu sou seu verdadeiro amor.

— Quem foi que disse isso? — indagou Liam. — A fada malvada que tentou matar a todos nós? Foi ela que disse que “um beijo de amor” podia quebrar a maldição. E ainda se transformou num monstro e tentou me comer. Acha mesmo que podemos acreditar na palavra dela?

— Blá, blá, blá, blá — zombou Rosa, abrindo e fechando a mão como se fosse a boca de um fantoche. — Nós ainda vamos nos casar. Nossos pais acertaram tudo há anos. E você é um partidão: querido pelo povo, vem de uma família de respeito e até que é engraçadinho. O tipo exato de homem que quero sentado no trono ao meu lado para fazer as pessoas se sentirem sãs e salvas antes que eu transforme a vida delas num pesadelo.

— Jamais concordarei com isso — insistiu Liam.

— Você não tem muita opção. Encare a realidade, você está preso a mim, Príncipe Encantado. — A cada sílaba pronunciada de *Prín-ci-pe En-can-ta-do*, Rosa Silvestre cutucava o peito do rapaz. Em seguida, sentou-se num banco de frente para Liam e chutou o chafariz, assustando os passarinhos que ali se banhavam. — Agora descasque uma laranja para mim.

Liam foi embora sem dizer uma palavra sequer, pegou seu cavalo e retornou para Eríntia, onde anunciou que tinha um pronunciamento a fazer aos seus súditos naquela tarde.



Os cidadãos de Eríntia se reuniram em peso na frente do palácio, todos com os olhos voltados para a sacada de mármore com adornos dourados, de onde o príncipe iria se pronunciar. Uma salva de palmas irrompeu assim que as portas de vitrais se abriram e Liam saiu para saudar o povo. Ele vestia uma túnica azul, calça preta com a barra enfiada dentro de botas de couro marrom, uma espada pendurada de lado e uma esvoaçante capa cor de vinho. Antes de dar início ao pronunciamento, Liam ficou observando a multidão animada. *Quem precisa de uma esposa tendo todos esses fãs incondicionais?*, pensou.

O pai e a mãe de Liam, o rei Gareth e a rainha Gertrude, também surgiram na sacada, logo atrás. Seguidos pela irmã de doze anos do príncipe, a princesa Lila, que avançou e fez um afago no rosto do irmão antes de retomar seu lugar, ao fundo. Lila, cujos cabelos cacheados pendiam graciosamente soltos e que

gostava de enrolar as mangas dos vestidos elegantes que seus pais a forçavam a vestir, podia até ser jovem, mas era a pessoa mais próxima de Liam — e a única em Eríntia que realmente apreciava o príncipe pelos seus feitos. Mas nem mesmo ela sabia o que ele estava prestes a anunciar.

O rei deu um tapinha nas costas de Liam.

— Estamos ansiosos para saber qual é o grande pronunciamento — disse Gareth, na esperança de que o filho tivesse concordado em passar a lua de mel em Valerium, como ele e a rainha haviam sugerido. As lagostas eram simplesmente sensacionais naquela época do ano. — Queria tanto que Tirésio estivesse aqui para registrar tudo, mas ninguém sabe onde foi parar aquele bardo.

— Não se preocupe, papai — disse Liam. — Serei breve.

O príncipe se voltou para a multidão.

— Povo de Eríntia — iniciou, e o murmurinho cessou. — Agradeço por ter comparecido. E por todo o carinho que vocês sempre tiveram por mim e pela minha família. — Apontou para os pais e o povo irrompeu em aplausos novamente.

Assim que o barulho cessou, Liam continuou:

— Tenho um anúncio muito importante a fazer sobre o casamento real.

— Vai ter bolo? — gritou alguém.

— Não, sinto muito. Não vai ter bolo. Na verdade...

— Vocês vão se casar em um balão? — gritou outra pessoa.

— Claro que não. Por que alguém faria isso? Como eu ia dizendo, sobre o casamento...

— Vai ter espetinhos e uma imensa variedade de molhos? — berrou mais um.

— Não.

— E o bolo?

— Já disse que não vai ter bolo. Escutem, por favor, me deixem...

— Você vai entrar na igreja montado num unicórnio?

— Não haverá casamento nenhum! — o príncipe deixou escapar de uma vez. O povo todo ficou boquiaberto, assim como o rei e a rainha. — Sinto muito. Mas foi por isso que convoquei todos vocês. O noivado está desfeito. A princesa Rosa Silvestre e eu já discutimos a questão e decidimos que é melhor sermos apenas amigos. — Apesar de não gostar de Rosa, ele não queria falar mal dela para seus súditos.

Enquanto o povo murmurava agitado, o rei avançou, parou ao lado do filho e se dirigiu à multidão:

— Haha! Liam é terrível. O príncipe está apenas brincando com todos nós.

— Não estou, pai — afirmou Liam. — Estou falando sério.

— Eu disse que ele ia acabar estragando tudo — comentou a rainha Gertrude com certo rancor. — Sempre foi muito certinho.

— Ouçam — disse Liam. — Rosa e eu simplesmente não fomos feitos um para o outro.

— Mas você a ama! — gritou o rei, com seu bigodão subindo e descendo a cada palavra.

— Não amo — retorquiu Liam com clareza.

— Mas você a beijou e quebrou o encanto — insistiu a rainha. — Um beijo de amor verdadeiro!

— Não acredito que tenha sido bem assim — disse Liam, seguido de um suspiro. — Acho que o beijo de qualquer outro teria quebrado o encanto. Além do mais, como eu poderia amar alguém que nem conhecia?

— Porque é assim que as coisas são! — explodiu o rei. — Você vai se casar com Rosa Silvestre. Está escrito!

— Coisas que foram escritas pelo senhor — retrucou Liam, começando a se aborrecer com os pais. — O senhor decidiu tudo quando eu tinha três anos. Alguém por acaso perguntou se eu queria me casar com ela?

— Você não tem opção — insistiu Gertrude.

— Escutem, pai, mãe — disse Liam num sussurro. — Vocês já passaram algum tempo com Rosa Silvestre? Ela não é uma pessoa legal.

— E você acha que estou preocupado com isso? — rugiu Gareth. — A família dela tem dinheiro que não acaba mais!

A ambição assumida de seu pai o surpreendeu. Liam apoiou as mãos sobre o beiral da sacada e gritou bem alto:

— Sinto muito, povo de Eríntia. Mas não haverá casamento!

Num piscar de olhos, o mesmo povo que minutos antes aplaudia agora vaiava. Gritos de “Nosso herói!” foram substituídos por “Traidor!”. Liam nunca imaginou que os súditos de Eríntia fossem capazes de se voltar contra ele. Foi como se os encantadores peixinhos dourados de um aquário de repente tivessem se transformado em piranhas assassinas. Ele ficou confuso e um tanto assustado.

— Você devia se envergonhar! — gritou uma mulher.

— Que belo príncipe você é! — berrou um homem.

— Quero bolo! — reclamou outro.

Liam pediu atenção.

— Confiem em mim. Ainda sou o mesmo herói que vocês sempre conheceram, certo?

— Não! — respondeu alguém, que atirou um pé de sapato contra o príncipe. Logo em seguida, outros objetos começaram a ser lançados contra a sacada, como pedaços de pau, pedras e sanduíches.

— Inacreditável — murmurou Liam. — Isto é um motim.

Um tomate acertou em cheio a cara do rei Gareth, deixando uma mancha de polpa vermelha emplastada no bigode crespo. Gertrude tentava limpar a todo custo a sujeira do pomposo bigode do marido.

— Parem de atirar coisas contra *nós*! — reclamou a rainha dirigindo-se à multidão enfurecida. — Nós *também* queremos que ele se case!

— Venha, rápido! — chamou a irmãzinha de Liam, puxando-o pela mão para dentro do palácio.

— Lila, você sabe o que está acontecendo? — perguntou ele enquanto a princesa fechava as portas de vitral atrás deles. — Sempre achei que nossos pais

tinham certo entusiasmo em relação à riqueza de Avondell, mas mesmo assim...

— Pelo jeito, papai e mamãe só se importam com dinheiro — disse a garota. — Acho que isso também se aplica ao povo lá fora. Sei que eles desejavam um casamento real há anos, mas... Uau!

— Eu achei que eles fossem ficar desapontados — disse Liam. — Mas se virarem contra mim daquele jeito...

— Bom, assim que as coisas esfriarem, falarei com todos e tentarei acalmar a situação — afirmou a princesinha.

— Lila, por favor, não entenda mal — disse Liam. — Mas você só tem doze anos.

— Eu sei — falou Lila, entendendo a indireta. — O que significa que estou prestes a entrar na fase de adolescente chata. Só que eu ainda posso me aproveitar da minha “carinha de menina engraçadinha”. Acredite, só por isso ainda uso esses cachinhos irritantes de que a mamãe tanto gosta. Mas, continuando, vou lembrar o povo de todas as suas façanhas surpreendentes durante esses anos. Você sempre foi um herói para todos nós. Vou dar um jeito para que você volte a ser o ídolo deles novamente.

Liam nunca se sentiu tão próximo da irmã quanto naquele momento.

— Você vai ter muito trabalho pela frente — disse ele. — E quanto ao papai e à mamãe? Acho que eles vão me forçar a casar com Rosa Silvestre contra a minha vontade.

— Pode deixar que cuido deles também — disse Lila. — Não me pergunte como, porque ainda não sei. Acho que terei de convencer os dois de que seria bem pior perder o filho do que montanhas e montanhas de ouro. Acho que vai demorar um pouco para aceitarem. Enquanto isso, você devia tirar umas férias.

— Férias? Onde?

— Fora do reino. Todos em Eríntia estão furiosos com você. Então vá para algum lugar onde as pessoas só o conheçam pela *História da Bela Adormecida*.

— Ah! *Aquela* história. Ninguém fora de Eríntia sabe que eu sou o herói daquela história. Meu nome nem aparece!

— É exatamente isso que quero dizer — falou Lila. — Vá para um lugar onde você pode ser apenas o Príncipe Encantado por uns tempos. Todo mundo *adora* o Príncipe Encantado. Aproveite a glória.

— Que glória? O Príncipe Encantado nem é um herói — lamentou Liam. — Todo mundo pensa que a única coisa que ele fez foi beijar e despertar a garota. Mereço ser reconhecido por muito mais que isso.



Fig. 13
Princesa Lila

— É melhor ser amado por pouco do que odiado sem motivo, certo? — indagou Lila.

Liam ponderou o conselho da irmã. Lila não passava de uma criança, mas era muito esperta. Já tinha se metido em várias encrencas e se livrado de todas elas. E seu plano fazia sentido. O raciocínio de Liam foi interrompido por uma pancada surda, quando um peru assado se chocou contra a porta, esparramando cacos de vidro e pedaços de carne sobre o tapete.

— Acho que alguém tem o braço forte — comentou Liam.

Lila o empurrou na direção de uma escada que conduzia aos porões do palácio, mas, antes que o príncipe partisse, os dois irmãos ainda trocaram um abraço rápido.

— O povo vai voltar a te amar, não se preocupe — ela garantiu. — Agora, saia pela porta dos fundos da cozinha. Preciso salvar nossos pais gananciosos.

A princesinha deixou o irmão no topo da escada e voltou correndo para a sacada.

— Obrigado, irmã — agradeceu Liam. Quando descia os primeiros degraus, ele ouviu a princesa gritando para a multidão agitada:

— Muito bem, quem foi que jogou o peru?

Liam saiu sorrateiramente pelos porões e seguiu para os estábulos. Como quase todos os súditos do reino estavam diante da sacada, não havia nenhum cavaleiro ou ajudante para vê-lo subir no seu garanhão preto e sair pelos portões do fundo do palácio.



← 5 →

O PRÍNCIPE ENCANTADO É O PIOR HOMEM DO MUNDO

Liam seguiu para Sylvaria. O reino era distante demais para que as pessoas de lá o reconhecessem e malquisto demais (graças à excêntrica família real) para que alguém fosse procurar por ele justamente ali. Infelizmente, para chegar a Sylvaria, ele foi obrigado a passar por Avondell, onde foi recebido com insultos, zombarias e um melão passado que rachou ao meio quando atirado contra a sua cabeça. Ele supôs que Rosa Silvestre, de alguma maneira, tinha sido responsável por todo aquele ódio coletivo. E estava certo. Pois a Bela Adormecida era, como Liam bem colocara, má. Estava acostumada a ter as coisas do seu jeito — mais ainda do que a maioria das crianças da realeza. Mas não se pode culpá-la pela educação que recebeu.

Logo após o nascimento de Rosa Silvestre, seus pais ofereceram uma festa e convidaram um bando de fadas (naquela época, as pessoas julgavam o sucesso de uma festa pelo número de fadas que compareciam). Mas o casal real se esqueceu de convidar uma fada muito má — e muito sensível. Em vingança por ter sido desprezada, a fada má ameaçou lançar uma maldição contra o bebê. Contudo, ela não podia lançar a maldição se não conseguisse encontrar a princesinha. Assim, o rei e a rainha mantiveram a filha escondida numa casa protegida por magia e assistida por uma equipe de criados que atendia a todos os seus caprichos de criança real. Dizer que Rosa tinha sido mimada era pouco.

Para garantir que a menina nunca quisesse deixar o esconderijo seguro, seus criados fizeram tudo que ela queria. *Tudo mesmo.*

Quando Rosa Silvestre dizia que queria andar de elefante, por exemplo, todos saíam pelas montanhas selvagens em busca de um. E, quando não conseguiam encontrar um elefante, um pobre mordomo era forçado a se empanturrar por um mês, a se pintar de cinza, prender uma meia comprida no nariz para fingir de tromba e permitir que a menina subisse em suas costas. Rosa não era boba; ela sabia que o homem não era um elefante. Mas saber que podia expor as pessoas a tais humilhações era muito mais divertido do que montar em um elefante de verdade.

Uma vez que todo mundo fazia das tripas coração para satisfazê-la, dá para imaginar a surpresa e o choque que Rosa teve quando Liam se tornou a primeira pessoa a lhe dizer não. Ela ficou furiosa com o repentino cancelamento do noivado e resolveu se vingar do noivo contando aos seus súditos quão “rude e cruel” príncipe Liam tinha sido ao terminar tudo.

Como o bardo oficial de Avondell — Reinaldo, duque da Rima — desaparecera havia semanas, os menestréis do reino estavam louquinhos por novidades. Então Rosa Silvestre mandou reuni-los e lhes deu a suculenta história para ser espalhada. De acordo com a versão de Rosa Silvestre, Liam invadira o palácio falando como um maluco sobre o gosto terrível que tinha ficado impregnado em sua boca desde que a beijara. E que ele ainda dissera que nunca poderia morar em Avondell, pois todos os súditos fediam a batata estragada. Depois, cuspiu no copo de leite que ela bebia, atirou o retrato dela contra a parede e pisou nos pés dos criados quando estava indo embora.

— Esse material é de primeira, alteza — disse um dos menestréis. — Mas não serve para uma canção. Está mais para uma arenga.

— Então não cante; declame — disse Rosa. — As pessoas têm sede de novidade. E é isso que vocês vão dar a elas.

E foi justamente o que aconteceu. Depois que a história se espalhou, os cidadãos de Avondell nem quiseram ouvir as explicações de Liam. Em vez

disso, lançaram insultos — e comida — quando ele passou por lá.

— Se não fosse por mim, vocês todos ainda estariam dormindo — disse Liam apanhando um cacho de uvas que tinha acabado de acertar seu rosto.

— Você é desprezível — gritou uma mulher.

— Um vilão — soltou outra.

— Se tivessem ideia de como realmente é a princesa de vocês... — murmurou Liam consigo mesmo.

— Seu monstro! — berrou uma professora descontente. — Saia do nosso reino!

— Acreditem, é o que estou tentando fazer — disse Liam, esporeando o cavalo para acelerar o trote. Mesmo assim, não conseguiu ir rápido o suficiente para evitar uma chuva de cuscuz que voou em sua direção.

Liam percebeu que a situação não melhoraria tão cedo. Nunca se sentiu tão sozinho em toda sua vida. E, para ser sincero, estava pouco ligando para Rosa Silvestre. O casamento tinha sido arranjado, portanto ele nunca teve ilusões de que ela pudesse ser a garota perfeita. Mas chegou a ter esperança de que a sua presença fosse ao menos tolerável.



Fig. 14
Situação vergonhosa

Liam, no fundo, era um romântico. Sempre se imaginou apaixonado por uma moça adorável. Mas, em seus sonhos, sua futura noiva era alguém, bem, mais parecida com ele — uma mulher bela e ousada que participaria de seus atos de bravura. Uma mulher inteligente e destemida, como uma tal Rapunzel de quem ele ouvira falar, ou corajosa e ousada, como Cinderela. Com certeza não era alguém como Rosa Silvestre. Mas aqueles sonhos pareciam mortos e enterrados, assim como seus dias de herói. Liam não sabia o que fazer. Por isso seguiu em frente, na esperança de ficar o mais distante possível de “seus” súditos.

Assim que pisou em Sylvaria, ele respirou aliviado — não apenas por estar longe de toda aquela confusão, mas porque o lugar era simplesmente encantador. Guaxinins e esquilos corriam pelos campos verdes, flores silvestres

cresciam em abundância, gaios-azuis e melros cantarolavam nos galhos dos lindos olmos e carvalhos. Sylvaria era o tipo de lugar onde as pessoas se sentiam à vontade e seguras. Mas as aparências enganam.

Liam pouco tinha andado quando se deparou com três anões cortando lenha, à beira da estrada. Eles eram barbudos e traziam mochilas pesadas nas costas. Nenhum deles prestou atenção quando o príncipe passou; simplesmente continuaram cortando as toras com seus machadinhos.

Suponho que você nunca viu um anão de Sylvaria. Eles não são engraçadinhos como os outros anões. Os anões de Sylvaria são extremamente mal-humorados. Pense num dia em que você ficou muito bravo — por exemplo, quando topou o dedão do pé e saiu gritando de dor, então apareceu alguém e disse:

— Pare de gritar, nem doeu tanto assim...

É desse modo que os anões de Sylvaria reagem quando estão felizes.

Eles também são um tanto exigentes. E se irritam facilmente. Por exemplo, eles insistem em dizer “anãos” em vez de “anões”. Argumentam que, se o plural de “lobo” é “lobos” e o de “casa” é “casas”, então por que “anão” tem de ser “anões”? Os anões de Sylvaria certa vez declararam guerra contra os elfos de Avondell só porque eles se gabaram de que o plural deles se fazia acrescentando somente a letra s.

O príncipe Liam nunca tinha visto um anão sylvariano, assim como não sabia de sua fama. E foi por isso que resolveu pedir informação ao trio:

— Com licença. Os senhores poderiam me informar se tem alguma estalagem por perto?

— Por acaso está falando conosco? — perguntou o primeiro anão, mal erguendo os olhos escondidos debaixo de seu estranho gorro com abas laterais.

— Sim — disse Liam. — Não conheço a região e estou à procura de um lugar para descansar.



Fig. 15
Anão de Sylvaria

— Ah. E suponho que nos confundiu com um bando de mapas ambulantes — disse o primeiro anão.

— Não vê que estamos ocupados? — rosnou o segundo.

— Vejo — respondeu Liam. — Mas imaginei que pudessem me dizer se há alguma estalagem por perto.

— Acho que tem eco por aqui — comentou um dos anões, e os três retomaram o trabalho.

— Repeti a pergunta porque ainda não tive uma resposta — retrucou Liam. Ele já estava aborrecido, e lidar com aqueles anões rabugentos não ajudava muito.

— Tem uma coisa gosmenta na sua cabeça — comentou o segundo anão.

— É melão — respondeu Liam.

— Foi o que pensei — disse o terceiro. — Detesto melão.

— Eu também não sou muito fã — falou Liam. — E quanto à estalagem...

— Ah, sinto muito — zombou o primeiro anão com ironia assim que ele e os outros pararam de cortar lenha. — Esqueci que devemos parar nosso trabalho sempre que um estranho convencido nos fizer uma pergunta. Quem é você, aliás?

— Para sua informação, sou o príncipe... — Liam parou. Ele já estava cansado dos anões e prestes a soltar seu berro real silenciador quando se lembrou do conselho de sua irmã sobre tentar passar despercebido. Se as mentiras que Rosa Silvestre tinha inventado sobre ele tivessem se espalhado por Sylvaria, a pior coisa que Liam poderia fazer seria revelar aos anões seu verdadeiro nome. — Encantado — completou entre dentes. — Sou o Príncipe Encantado. — Foi muito difícil para ele pronunciar aquelas palavras.

Os anões se entreolharam e em seguida se voltaram para Liam.

— Não é, não — disseram os três em uníssono.

— Sinceramente, sou. Talvez vocês tenham ouvido falar da história...

— Ah, conhecemos a história — interrompeu o primeiro anão. — E você não é o cara da história.

— Sou sim — insistiu Liam. — Beije a princesa e a despertei do sono encantado.

— Sim, como eu disse, conhecemos a história. O Príncipe Encantado realmente fez isso — disse o primeiro anão. — Mas você não é o príncipe.

— Por que insistem em dizer que não sou o Príncipe Encantado?

— Porque conhecemos o Príncipe Encantado, e você não é ele — respondeu o primeiro anão. — Agora, cai fora daqui e pare de tentar se passar por outra pessoa. — Ele e seus companheiros ergueram os machados em sinal de ameaça.

Isso diz tudo, pensou Liam. Definitivamente, Rosa Silvestre falou com esses caras. Mas ela não tinha falado. Não dessa vez. Como eu disse, os anões são

muito rabugentos. Entretanto, Liam foi embora mesmo assim.

Cerca de um quilômetro depois, ele encontrou um lugarzinho agradável para descansar. Parou, desceu do cavalo e sentou-se embaixo de um imenso carvalho para pensar na vida. Com a barra da capa, limpou a gosma de melão dos cabelos. *Como pude decair tanto assim, em tão pouco tempo?*, ponderou. Desanimado e exausto, acabou caindo no sono.

Pouco tempo depois, foi despertado por uma voz insistente:

— Senhor, desculpe?

Meio dormindo, com os olhos entreabertos e a visão embaçada, Liam viu dois sujeitos parados na sua frente. Um deles usava um traje branco enfeitado, mas em frangalhos, que fazia com que o sujeito parecesse o líder de uma fanfarra de zumbis. O segundo era duas vezes mais alto que o primeiro e parecia ser metade viking, metade urso.

— Ei, você! — vociferou o grandão. — Acorde!

Liam abriu os olhos no mesmo instante e ficou de pé com um pulo, segurando o cabo da espada.

— Não se aproximem! — alertou, em guarda.

O gigante de armadura não se impressionou.

— Precisamos mesmo desse cara? — perguntou ao companheiro. — Olhe bem. Ele está usando uma capa.

O menorzinho respondeu:

— Desculpe se assustamos você. Não foi de propósito. Você por acaso é o Príncipe Encantado?

Liam não sabia ao certo o que responder.

— Por que deseja saber?

— Porque estávamos à sua procura. Precisamos da sua ajuda.

— Minha ajuda? — indagou Liam.

— Isso mesmo — respondeu o homem com a roupa encardida, enquanto seu companheiro encarava Liam ameaçadoramente. — Precisamos da sua ajuda

para livrar uma donzela das garras de uma bruxa. Você já fez esse tipo de serviço antes, certo?

— Era uma *fada* — Liam corrigiu. — O mundo seria um lugar melhor sem aqueles bardos estúpidos que não se atentam aos detalhes.

— Arrá! — exclamou o grandão com um sorriso. — Então você é *mesmo* o Príncipe Encantado.

Liam relaxou um pouco.

— Sim. Mas odeio esse nome.

— Nós também — concordou o estranho. O grandão apenas soltou um grunhido.

— Como assim? — perguntou Liam.

— Eu também sou um Príncipe Encantado — disse o menorzinho. Em seguida, apontou para o seu companheiro. — E ele também. Apesar de não parecermos tão encantados assim, agora. Mas podemos explicar...

Frederico e Gustavo contaram a Liam tudo que tinha acontecido até então. Liam ficou surpreso e ao mesmo tempo intrigado com a história dos dois.

— Mas como vocês conseguiram me encontrar aqui? — perguntou.

— Bom, saímos perguntando se alguém sabia onde tinha se passado a história da Bela Adormecida — explicou Frederico. — Um senhor disse que foi em Frostheim, mas em seguida descobrimos que a informação era *totalmente* errada, então perdemos um tempão por lá. Depois, encontramos um vendedor de lâmpadas que garantiu que tinha um Príncipe Encantado em Sylvaria, por isso viemos para cá. Andamos por todo o reino em vão até que topamos com um grupo de anões muito mal-humorados. Perguntamos se eles sabiam onde o Príncipe Encantado se encontrava, e um deles respondeu exatamente assim: “Vou lhe dizer onde ele *não* está. Com certeza ele *não* foi por aquela direção, porque o sujeito que seguiu por ali definitivamente *não* é o Príncipe Encantado”. Foi uma resposta tão esquisita que resolvemos verificar. E, veja só, era você mesmo.

— Não sei o que se passa com aqueles anões — comentou Liam, que estava começando a sentir sua velha energia voltando. O fato de saber que seus feitos heroicos eram apreciados em reinos distantes foi revigorante. — Então, de onde vocês vieram a canção sobre a minha história faz muito sucesso?

— Sobre a *sua* história? — Gustavo zombou. — A canção é sobre a garota.

— É verdade — admitiu Liam. — Não sei como isso foi acontecer. Liquidei a vilã, salvei todo mundo e mesmo assim a história acabou virando *dela*.

— Recebemos o mesmo tratamento — disse Frederico. — Fazer o que se as pessoas amam as princesas. Acho que é por causa dos vestidos.

— Eu sei — disse Liam. — E o título: *A história da Bela Adormecida*? Nem soa emocionante. — Ele arregalou os olhos e agitou os dedos, fingindo estar empolgado. — Do que se trata, afinal? Uma garota que cai no sono? Ah, sim! Estou louco para ouvir mais!

Os outros dois riram, e Liam sorriu. Ele nunca tinha imaginado que fosse conhecer pessoas que pudessem entender como era ser um Príncipe Encantado.

— Então você topa voltar a Sturmhagen para nos ajudar a salvar Ella da bruxa? — perguntou Frederico.

Liam fingiu analisar a possibilidade, mas na verdade nunca teve nenhuma dúvida a respeito. Minutos antes, ele estava pensando em desistir de tudo, se aposentar, ir para as montanhas e tentar refazer a vida como pastor de cabras. Ou talvez como vendedor de bichinhos feitos com cascas de nozes, à beira de uma estrada. E então, por uma força do destino, apareceram dois príncipes, heróis como ele (apesar de parecerem um bocado estranhos). E ainda lhe ofereceram uma missão de proporções épicas irrecusável: salvar uma donzela raptada. Além disso, ainda havia a possibilidade de recuperar a sua reputação de bom moço.

— Vocês encontraram o príncipe certo — disse ele.

Os três montaram em seus cavalos.

— Só tem uma coisa que não entendi — adicionou Liam quando eles saíram cavalgando. — Como o vendedor de lâmpadas sabia que eu estava aqui?

— Só sei que ele disse que tinha um Príncipe Encantado em Sylvaria — respondeu Frederico. — E ele estava certo.

— É um tanto misterioso — disse Liam. — O que você acha, Gustavo?

— Que você está cheirando a melão — respondeu Gustavo.

— Obrigado — agradeceu Liam. — Isso foi muito útil.



◀ 6 ▶

O PRÍNCIPE ENCANTADO NÃO TEM SENSO DE DIREÇÃO

Enquanto os príncipes seguiam pela densa floresta de Sylvaria, Liam contava detalhadamente como havia derrotado a fada malvada (“Ela girou para a esquerda, eu desviei para a direita. Ela desferiu um golpe para cima, eu me abaixei”). Frederico ouvia atento cada detalhe. Não demorou muito para que Liam se transformasse em seu novo ídolo — e Gustavo não gostou nada disso.

— Matar fadas não tem nada de grandioso — disse Gustavo. — Devo esmagar umas quatro ou cinco toda vez que salto com meu cavalo. Mas acredito que isso seja o máximo de diversão que se pode ter em um lugar café com leite como Eríntia. Esperem só quando chegarmos a Sturmhagen. Aí sim vocês vão ver o que é perigo de verdade. Gigantes, ogros, lobisomens. Os castores de Sturmhagen são capazes de deixá-lo inconsciente com um único golpe.

— Não estou nada ansioso para voltar lá — disse Frederico, apontando para o agradável cenário ao redor. — Esta aqui é o tipo de floresta à qual eu poderia me acostumar.

— Você não gosta de Sturmhagen porque almofadinhas do seu tipo não sabem lidar com um pouco de ação de vez em quando — disse Gustavo.

— Concordo — afirmou Frederico. — Mas, honestamente, quem não iria preferir morar em um lugar onde se pode fazer um piquenique sem se

preocupar se um troll vai roubar seus biscoitos?

— Você está brincando, não está? — perguntou Gustavo.

— Olhe ao redor, Gustavo — continuou Frederico. — Você não prefere esses esquilos peludinhos a ogros e trasgos? Quer dizer, não gosto nem de pensar em ogros. Os esquilos só me deixam um pouquinho nervoso.

Gustavo balançou a cabeça.

— Pare com essa falação.

— Não se deixe enganar pela beleza deste lugar — disse Liam. — Esta floresta pode esconder mais perigos do que você imagina. Os bosques de Eríntia também aparentam essa mesma calma. Uma vez, alguns anos atrás, fui atacado por bandidos sanguinários. Eles eram sete, e, para todos os efeitos, eu nunca teria escapado vivo. Mas percebi que o líder deles tinha um estranho tique nervoso no olho direito...

— Pare de falar — disse Gustavo.

— Mas nem cheguei na melhor parte — comentou Liam.

— *Pare de falar*, Homem da Capa! — ralhou Gustavo. — Tem alguém escondido nos arbustos!

Naquele momento, um homem pulou de trás de uma moita próxima. Os três príncipes levaram o maior susto, assim como o recém-chegado, que soltou um grito e deu alguns pulinhos ao vê-los. Mas, assim que percebeu que os três homens, montados em cavalos, não pareciam ser nem criminosos nem monstros, ele se acalmou e abriu um sorriso. O estranho era um sujeito baixinho. Vestia uma túnica de veludo azul com mangas bufantes e gola franzida branca ao redor do pescoço. A túnica estava amarrada com um cinto, de modo que a parte de baixo ficava franzida como uma saia. Ele usava uma capa curta verde sobre os ombros, e um gorro verde molengado, com uma pena espetada, cobria-lhe parcialmente os cabelos pretos ondulados. A calça que vestia era justa e listrada. Com listras verticais. Verdes e azuis.

— Olá — saudou o homenzinho esquisito. — Estou tão feliz por ter encontrado vocês. Sabe, saí para uma caminhada pelo bosque e... haha... devo

ter virado em algum lugar errado, porque acabei me perdendo um pouco.

— Como vamos saber se você não é um malfeitor? — perguntou Frederico.

Gustavo bufou.

— Nenhum malfeitor sairia vestido assim.

— Ah, vocês não estão me reconhecendo? Então não são daqui — disse o homem. — Meu nome é Duncan, sou o príncipe deste reino. Creio que este seja o meu reino. Ainda estamos em Sylvaria? De qualquer maneira, é um prazer conhecê-los.

Sei o que você está pensando: Fala sério! Então o príncipe da Branca de Neve estava vagando por uma floresta enorme e acabou se encontrando justamente com os três outros príncipes? Não pode ser.

Mas a vida de Duncan sempre foi marcada por acontecimentos surpreendentes. Aos cinco anos, ele estava descendo uma montanha de trenó, a favor do vento, claro, e acabou trombando com um enorme baú, cheio de moedas de ouro, que tinha desaparecido havia centenas de anos. Aos onze anos, ele se levantou no meio da noite para beber água, tropeçou sem querer, acabou rolando escada abaixo e acertou um ladrão que estava prestes a roubar as joias da coroa. Um dia, quando tinha saído para sua caminhada diária, acabou topando com uma bela princesa que dormia sob o efeito de um feitiço. Uma vida inteira repleta de acontecimentos surpreendentes como esses levaram Duncan a acreditar que ele possuía algum tipo de “sorte” mística. Que ele não tinha, é claro. Coincidências acontecem com qualquer pessoa, e sorte é um fenômeno totalmente aleatório. Mas Duncan realmente acreditava que a *sua* sorte era mágica.



Fig. 16
Príncipe Duncan

Outra coisa que você precisa compreender sobre Duncan — e você já deve saber o que é — é que ele era esquisito. Todos os príncipes tinham peculiaridades: Frederico se assustava com facilidade, o ego de Liam não tinha limites, e Gustavo precisava aprender a controlar mais seus impulsos. Mas Duncan era simplesmente esquisito. Todo mundo conhece alguém um pouco excêntrico: a menina que fala sozinha, ou o menino que come a borracha da ponta do lápis como se fosse gominha. Elas podem até ser maravilhosas, mas, graças ao seu comportamento estranho, essas pessoas não costumam ter muitos amigos. Era isso que acontecia com Duncan também.

Se Duncan virasse seu amigo, ele seria capaz de trazer um montão de energia positiva para o seu dia, certamente faria você rir e com toda certeza seria o companheiro mais fiel que você já teve. Mas ninguém nunca se aproximou de Duncan para descobrir isso. Seu gosto estranho para se vestir e os hábitos esquisitos (como fingir tocar piano nos dentes) acabavam afastando as pessoas.

Uma vez, quando estava com oito anos, Duncan participou de um concurso de artes com um desenho malfeito de duas batatas se beijando. Mas, antes que um vencedor fosse escolhido, uma rajada de vento soprou na direção de uma vela dentro do ateliê real. O fogo se espalhou queimando todos os desenhos participantes, menos o de Duncan. E foi assim que seu rabisco, intitulado *O amor das batatas*, venceu o concurso. Quando ele percebeu que os outros competidores estavam um pouco aborrecidos com o desfecho, Duncan achou que ficariam felizes se fossem incluídos em um novo projeto de arte. O que não foi uma má ideia. Mas Duncan, o sempre entusiasmado e muito animado Duncan, tinha uma queda por dizer as coisas de maneira errada. Ele saiu da cerimônia de premiação carregando o desenho das batatas acima da cabeça e cantando:

— Larararará! Sou o rei do desenho! Quem quiser que me siga para fantásticos voos artísticos!

Mas ninguém o seguiu. Depois disso, Duncan nunca mais foi convidado para nenhuma festa de aniversário. Por ser um príncipe e tudo o mais, isso foi muito mal.

E o fato de a família de Duncan não ser muito diferente dele não ajudou em nada. Os pais de Duncan, o rei e a rainha de Sylvaria, formavam o casal menos popular do reino. A mania que tinham de servir somente aspargos e feijões fazia com que todos rejeitassem seus convites para jantar. Até o bobo da corte pediu demissão, pois o rei sempre lhe interrompia as apresentações de girar pratos ou equilibrar ovos com gritos eufóricos de:

— Ah! Me deixe tentar isso!

E as tentativas do rei sempre acabavam com a sala do trono cheia de cacos e toda suja de gemas de ovos.

As irmãs de Duncan, Mavis e Marvella, passavam a maior parte do tempo pintando os dedos dos pés uma da outra — não eram as *unhas dos pés*, mas os dedos. Sem exagero, eles formavam uma família estranha.

Por volta dos dez anos, Duncan se conformou com a solidão. Amigos eram para as outras pessoas, não para ele. Sua existência seguiu solitária por muitos anos. Até o dia em que encontrou Branca de Neve no bosque. Lá estava ela, uma bela jovem dentro de um caixão de cristal, cercada de anões chorosos. Duncan surpreendeu a todos quando apareceu.

— Caramba! A moça está morta — ele deixou escapar. — Ela comeu aquelas frutinhas silvestres que meu pai sempre alertou para tomar cuidado?

Primeiro os anões reclamaram da invasão, mas, quando Duncan estava indo embora, um deles teve uma ideia e o chamou de volta:

— Espere, você é um humano. Pode ser útil para nós.

— Isso mesmo, eu *sou* um humano — respondeu Duncan entusiasmado. — Vocês são tão espertos. — Ele queria elogiar os anões, na esperança de ficar amigo deles, mas seu comentário inocente acabou parecendo sarcástico.

— Puxa, valeu, sabichão — zombou o anão. Este sim estava sendo sarcástico, embora Duncan não tenha entendido.

— De nada — disse ele. — Mas meu nome é *Duncan*.

— Chega desse falatório, humano — vociferou o anão. — Você vai nos ajudar ou não?

— Ajudar como? — perguntou Duncan. — Estão precisando de ajuda para carregar o caixão? Eu não sou muito forte. Mas, se precisarem de alguém para tocar a marcha fúnebre, estou com a minha flauta aqui.

— Ela não está morta, cabeça-oca — disse o anão. — Ela foi enfeitiçada por uma bruxa.

— Então por que colocaram a moça em um caixão? — perguntou Duncan. — Foi uma decisão um tanto precipitada, não acham?

Um dos anões ergueu o punho, pronto para desferir um belo soco na cara de Duncan, mas os outros o detiveram.

— O feitiço pode ser quebrado — disse outro anão, mais bem-educado.

— Certo — Duncan respondeu. — Essa é uma boa notícia. Mas como vamos fazer isso?

— Dê um beijo nela — ordenou outro anão. — Ouvimos falar que esses feitiços do sono podem ser quebrados com um beijo.

— Então por que um de vocês não fez isso? — perguntou Duncan.

Os anões torceram o nariz com cara de nojo, cuspiram e disseram coisas como:

— Eca!

— Nem pensar!

— Ela é como uma irmã para nós. Isso seria nojento.

— De qualquer maneira, não iria funcionar — disse o anão que parecia ser o líder. — É de conhecimento de todos, não que você pareça ter algum, que um feitiço do mal só pode ser quebrado por um beijo de *amor verdadeiro*.

— Bom, não posso ser o verdadeiro amor dela. Nunca nos vimos — afirmou Duncan.

— Detalhes técnicos — respondeu o anão.

— Do que está com medo? Qual o problema, nunca beijou uma garota antes? — provocou outro anão.

— Haha! Não, não, não. Não é nada disso. Que ridículo — Duncan simulou uma risadinha. — É que beijar uma garota que está dormindo profundamente parece um pouco errado. Mas se for para salvar uma vida? E ela até que é bonitinha.

— Beija logo! — gritaram em coro os anões.

Duncan se inclinou sobre o rosto rosado da moça, pousou os lábios sobre os dela e ficou observando seus olhos se abrindo.

— Isso foi demais! — ele riu.

Mais uma vez a sorte de Duncan entrou em ação: Branca de Neve se apaixonou por ele. Os dois descobriram que tinham muito em comum. Ambos eram baixinhos. Gostavam de observar pássaros, de nós de marinheiro e de longos solos de flauta. Eles se casaram imediatamente.

Branca de Neve era uma princesa e estava se casando com um príncipe, por isso é de se imaginar que o casamento fora um megaevento, certo? Mas não apareceu quase ninguém. De um lado da capela, os únicos convidados presentes eram os pais de Duncan, suas irmãs e alguns cortesãos que foram obrigados a comparecer. Do outro lado, estavam o pai muito velhinho da Branca de Neve e os sete anões com cara de estátua. Isso porque Branca de Neve também era esquisita. E um tanto solitária. Ela passou a maior parte da vida na floresta, falando com animais em vez de com pessoas. Ela não era mais popular que Duncan. Ou pelo menos não era até os menestréis a transformarem em uma figura famosa com a música escrita por Wallace Fitzwallace, o bardo real de Sylvaria.

Logo após o casamento, *A história da Branca de Neve* estourou nas paradas de sucesso e pessoas de todas as partes de Sylvaria foram até o castelo para conhecer a famosa princesa e o Príncipe Encantado. Claro que, assim que descobriam que o Príncipe Encantado era Duncan, todos expressavam desapontamento:

— Você? Isso só pode ser uma brincadeira. Por acaso não sabe que a palavra “encantado” quer dizer que as pessoas *gostam* de você?

A vida já era difícil o suficiente para Duncan quando as pessoas não falavam com ele, mas, agora que era o Príncipe Encantado, as pessoas falavam para ele por que não queriam falar com ele.



Fig. 17
Branca de Neve

Por isso, Duncan e Branca de Neve resolveram se mudar do castelo real (e para longe das zombarias estúpidas dos visitantes) para uma propriedade rural isolada. Lá, Duncan deixou a sua esquisitice fluir livremente. Ele organizou sua coleção de palitos de dente em ordem alfabética (todos foram catalogados com a letra P); praticou sentar de cabeça para baixo; gritava em alto e bom tom o nome de cada animal que passava correndo pelo jardim (não o nome que se

referia à espécie do animal, mas um nome que ele inventava, como Chester, Ligeirinho ou J. Peludo). Apesar disso, Branca de Neve achava tudo muito divertido. Duncan era o primeiro humano com quem ela gostava de passar o tempo.



Fig. 18
Chester

Contudo, até mesmo Branca de Neve tinha seus limites. Era um tipo de alma solitária cuja missão de compartilhar a casa com outra pessoa seria sempre uma tarefa árdua. E dividir a casa com um tagarela cheio de energia como Duncan significava o mesmo que morar com uma trupe de artistas de circo. Com o passar do tempo, Branca de Neve começou a se sentir acuada e sufocada. Até que um dia a sua paciência esgotou.



Fig. 18
Ligeirinho

Numa manhã, ela foi ao jardim em busca de um pouco de paz e solidão, mas Duncan a seguiu, como sempre fazia:

— Aposto que sou capaz de encontrar mais minhocas que você — desafiou ele.

Em outro dia qualquer, Branca de Neve teria aceitado o desafio, pegado uma colher e se colocado a cavar. Mas seus nervos estavam à flor da pele.



Fig. 18
J. Peludo

— Não! — ela explodiu, e seu rompante surpreendeu a ambos. — Sinto muito, não sei de onde veio isso. Acho que estou precisando de um pouco de sossego.

— Claro — concordou Duncan. Ele entrelaçou os dedos, olhou para a floresta ao redor, as montanhas rochosas e assoviou.

— Humm, querido?

— Desculpe. — Ele parou de assoviar e permaneceu em silêncio por trinta segundos antes de gritar: — Capitão Spaulding!

Branca de Neve levou um susto tão grande que quase caiu de costas.

— O quê? Onde? — ofegou.

Duncan sentiu a irritação na voz dela e ficou um pouco triste.

— Aquele guaxinim, logo ali — disse ele sem jeito. — Dei a ele o nome de capitão Spaulding.

— Veja bem, Duncan — disse Branca de Neve, respirando fundo. — Espero que não me entenda mal, mas eu gostava dos anões principalmente porque eles mal falavam.

— Tudo bem, entendi — respondeu ele, um pouco nervoso. — Sou capaz de ficar sem falar um pouco. Eu consigo fazer isso. Vou pegar a minha flauta.

— Não — disse Branca de Neve. — Vá fazer outra coisa. Sem mim.

— Sem você?

— Isso mesmo. Você pode fazer coisas sem mim, sabe? Vá dar um passeio. Encontre outros príncipes para brincar. Acredite, vai ser bom para você.

— Entendi — disse Duncan. Aquela era a primeira vez que Branca de Neve tinha uma reação negativa. A atitude despertou antigos sentimentos desconfortáveis em Duncan. De repente, ele estava se sentindo com sete anos outra vez, parado sozinho do lado de fora do clube, diante do aviso colado na porta: PROIBIDO PRÍNCIPES. Branca de Neve era a única pessoa que tinha gostado dele de verdade, e ele estava com medo de perder isso. É claro que estava exagerando, mas uma reação sensata não era do feitio de Duncan.

— Tudo bem, vou sair para um passeio pelo bosque — anunciou ele, enquanto se afastava, na esperança de que algum tempo longe dele a fizesse enxergar o quanto a sua companhia era importante. — Tenho certeza de que vou me divertir muito sozinho.

Fingindo despreendimento e nada de ansiedade, ele soprou um beijo para Branca de Neve e saiu andando pelo jardim, assoviando. Vinte minutos depois, Duncan estava completamente perdido. Dois dias depois, após vagar quilômetros pela floresta se alimentando apenas de frutas silvestres (não as venenosas de cujo perigo seu pai o alertara), ele encontrou Frederico, Liam e Gustavo. *Minha sorte mágica me trouxe esses caras, pensou ele. Justamente quando estava me sentindo mais solitário do que nunca, surgem três novos amigos.*

Duncan contou sua história para o grupo.

— Então, *voce* é o Príncipe Encantado de Sylvaria? — indagou Liam, finalmente se dando conta de que o vendedor de lâmpadas tinha enviado Frederico e Gustavo atrás de Duncan e não dele.

— Infelizmente, sim — respondeu Duncan. — A maioria das pessoas não fica muito feliz com isso.

— Eis uma coincidência em que você não vai acreditar — disse Frederico.

— Tente — respondeu Duncan. — Acredito em quase tudo.

Frederico, Liam e Gustavo contaram para Duncan quem eles eram e como acabaram juntos. Bem, Frederico e Liam foram os que mais falaram — Gustavo basicamente resmungou e grunhiu coisas como:

— Não temos tempo a perder com isso.

À medida que ouvia a história, Duncan foi ficando cada vez mais animado. Quando os príncipes terminaram de contar tudo, ele estava dando pulinhos no lugar.

— Você precisa, hum... ir embora? — perguntou Liam.

— Ah! Não — irrompeu Duncan. — Esta é a coisa mais fantástica que já aconteceu! Aqui estamos nós, os quatro Príncipes Encantados. Juntos, num só lugar.

— Príncipes Encantado — corrigiu Gustavo.

— Não, *Príncipes Encantados* — reafirmou Duncan alegremente. — “Príncipe” é um substantivo, e “encantado”, um adjetivo. Nesse caso, as duas palavras vão para o plural.

— Isso é ridículo — disse Gustavo.

— De qualquer maneira, minha resposta é SIM! — anunciou Duncan.

— Para qual pergunta? — perguntou Liam.

— Vou com vocês — disse Duncan. — Salvar Cinderela. Isso parece uma coisa fantástica para se fazer.

— Não vai não — disse Gustavo de supetão.

— Vou sim — insistiu Duncan.

— Tem certeza? — perguntou Liam. — Na verdade, não estávamos pensando em convidar você...

— Absoluta — declarou Duncan com um sorriso largo. — Isso estava predestinado a acontecer. Vou com vocês.

— Era só o que faltava — resmungou Gustavo. — Mais um de capa? E com uma capinha bem sem-vergonha!

— Achei elegante — disse Frederico.

— Obrigado — agradeceu Duncan. — Eu queria algo que pudesse realçar meus ombros para entradas dramáticas, mas que ao mesmo tempo não enroscasse nas portas.

— Tudo bem — disse Liam. — Mais uma espada pode ser útil. Você sabe manejar uma espada?

— Ha! — Duncan riu.

Liam contraiu as sobrancelhas e perguntou esperançoso:

— Esse “Ha” significa “Que bobagem a sua pergunta; todos sabem que sou o melhor espadachim deste reino”?

— Não, esse “Ha” significa “Nunca segurei uma espada” — respondeu Duncan. — Mas posso tocar flauta quando quiserem. Leroy!

Os outros três encararam Duncan perplexos.

— Quem é Leroy? — perguntou Frederico.

— Ah! — exclamou Duncan. — Tem um coelho, logo ali, entre aquelas árvores. Acho que ele tem cara de Leroy.

Um silêncio constrangedor se seguiu.

— Acho melhor irmos andando — disse Liam ao estender a mão para Duncan. — Suba. Você pode cavalgar comigo.

— Um momento, por favor — pediu Duncan. — Branca de Neve pode ficar preocupada comigo, já que desapareci alguns dias atrás. Preciso enviar uma mensagem para ela.

— Boa sorte! — zombou Gustavo. — Você nem sabe onde está, lembra?

— É verdade. Não faço a menor ideia de como voltar para casa — respondeu Duncan. Em seguida, abriu uma bolsinha que trazia presa ao cinto e vasculhou dentro dela. — Preciso apenas de uma... ah, achei. — Sacou uma pena, um pedaço de papel e um tinteiro.

— Você sempre carrega tudo isso? — perguntou Frederico impressionado.

— Nem sempre — respondeu Duncan. — Mas coloquei tinta e pena na minha bolsa alguns dias atrás, quando estava fazendo um inventário dos nossos esquilos, e por sorte ainda estão aqui.

Duncan apoiou o papel sobre a anca do cavalo de Liam e escreveu um bilhete:

Querida Branca,

Você estava certa! Conheci outros príncipes no bosque.

Estou indo com eles salvar Cinderela. Até a volta.

Adeusinho, D.

— Como vai fazer para que isso chegue até ela? — perguntou Liam.

— Não faço a menor ideia — respondeu Duncan. Ele enrolou o papel e o amarrou firme com um raminho. Em seguida, jogou o bilhete no chão e encolheu os ombros. — Como disse, tenho sorte mágica. Estou certo de que esse bilhete vai acabar nas mãos de Branca de Neve.

— Me digam novamente por que estamos deixando esse sujeito nos acompanhar — disse Gustavo.

De repente, um melro saltou de um galho de uma árvore próxima, apanhou o papel enrolado com as garrinhas e saiu voando. Duncan sorriu. Segundo depois, Liam disse:

— Isso não significa que o bilhete será entregue para Branca de Neve, onde quer que ela esteja.

— Não — disse Duncan, ainda sorrindo. — Mas você tem de admitir que foi bem legal. Podemos ir? — Ele subiu na traseira do cavalo de Liam. Primeiro se sentou de costas, então Liam o ajudou a se virar de frente.

— Última chance de cair fora — disse Liam, com uma pontinha de esperança. — E ninguém vai ficar magoado com você.

— Para onde mais eu iria? — indagou Duncan. — Eu estava perdido no bosque.

— Isso é verdade — disse Liam. E assim o quarteto partiu.

— Pelo menos por uma coisa estou feliz de ter você aqui, Duncan — amenizou Frederico. — Gostei daquele truque que fez com o melro.

— Bah! Ele não é mágico — disse Gustavo para Frederico. — Tudo que ele fez foi dar ao passarinho mais uma palhinha para o ninho. E daí? Até *você* é um príncipe melhor do que ele.

Frederico arregalou os olhos.

— Gustavo, isso foi um elogio?

— Pelo menos você não usa capa.

— E então, Duncan — indagou Liam, mudando de assunto. — Você e Branca de Neve se casaram?

— Sim. Estamos muito apaixonados — respondeu Duncan, sem querer que os amigos soubessem que ele e Branca de Neve já haviam tido suas briguinhas.

— Então você acredita naquele mito sobre o sono encantado? — perguntou Liam. — Que só pode ser quebrado por um beijo de amor verdadeiro?

— Claro que não — caçoou Duncan. — Branca de Neve era uma estranha para mim quando a beijei pela primeira vez. Acho que o beijo de qualquer outro teria funcionado.

— Obrigado — disse Liam triunfante. — Venho repetindo a mesma coisa há um tempão, mas ninguém acredita. Você faria o favor de dizer isso para os tontos do meu reino?

— Claro — concordou Duncan. — Mas você vai ter de me dizer quem são os tontos. Eu não vou gostar nada de dizer isso para as pessoas erradas. Ei, quem quer me ouvir assoviando o alfabeto ao contrário?

Os príncipes seguiram jogando conversa fora, enquanto Duncan observava até onde estava agradando. Ele nunca fora muito bom em perceber se alguém estava se divertindo ou se cansando dele. Mas estava certo de que tinha visto Frederico e Liam sorrindo algumas vezes. Ainda teria de trabalhar um pouco mais com Gustavo.

À medida que seguiam, Duncan nem se preocupou com o fato de que eles estavam indo enfrentar uma bruxa malvada e seu guarda-costas gigante. Ele tinha certeza de que, seja lá o que acontecesse, tudo daria certo. Afinal, ele acreditava que era mágico. O que não era.

Tinha, na verdade, um talento quase sobrenatural para distrair as pessoas. Enquanto ele tagarelava sobre as mil e uma utilidades de um dedal e sobre seu formato favorito de macarrão, nenhum dos príncipes viu o cartaz de DESAPARECIDO preso ao tronco de uma árvore, à beira da estrada. O cartaz exibia o desenho de um homem usando um gorro molenga com uma pena espetada e segurando um bandolim.



← 7 →

O PRÍNCIPE ENCANTADO NÃO FAZ A MENOR IDEIA DO QUE ESTÁ ACONTECENDO

Enquanto os quatro príncipes seguiam rumo à missão de salvamento, a donzela que planejavam salvar já salvara a si mesma havia muito tempo. Eis como tudo aconteceu: Após o desmoronamento da torre da bruxa, Ella cruzou Sturmhagen dentro do bolso da camisa de Reese, o gigante. Preocupada com a própria segurança e com a de Frederico — o que ele estava fazendo lá? —, ela sabia que precisava bolar um plano para fugir o mais rápido possível. Ao longo da viagem instável (e pinicante), pouco a pouco ela foi soltando um fio no fundo do imenso bolso, agradecendo, ao menos dessa vez, à madrastra por tê-la forçado a fazer todo o serviço de costura da família. Enquanto trabalhava arduamente para desfazer o ponto, ela ouviu Zaubera, a bruxa, repreendendo seu imenso capanga:

— Seu imbecil desastrado — gritava Zaubera, que vinha acomodada na palma da mão do gigante. — Seu palerma desajeitado. Seu idiota descoordenado. — E assim seguiu soltando todo o vocabulário que sabia.

Na maior parte do tempo, o gigante permanecia calado, aceitando os abusos. Mas vez ou outra murmurava algo, surpreendentemente educado:

— Não estou gostando do tom que está usando para falar comigo.

Ao que Zaubera respondia:

— Pensa que estou preocupada? Seu ignorante mal-acabado.

Ella não foi rápida o suficiente para abrir um buraco no bolso do gigante do tamanho de um humano antes de chegarem à casa de Zaubera (como têm passadas longas, os gigantes podem se locomover com muita rapidez de um lugar para outro). Mas percebeu a frustração de Reese por causa dos maus-tratos da patroa rude e pensou num jeito de tirar vantagem disso.

Quando o gigante a puxou do bolso, Ella deu uma olhadinha no novo ambiente. Eles estavam nas montanhas, diante de uma imensa fortaleza, toda construída com pedras pretas. Gárgulas de granito imensas e grotescas projetavam-se de todas as bordas e calhas, e as paredes cobriam-se com lúgubres trepadeiras arroxeadas. No entanto, a estrutura que mais se destacava era a torre de vigia, que devia medir em torno de sessenta metros de altura. Coberta por um telhado vermelho-escarlata, a torre parecia uma imensa lança perfurando o céu.

Zaubera estalou os dedos e as enormes portas duplas de madeira da fortaleza se abriram. A bruxa empurrou Ella para dentro e a fez subir dez andares de escada (apenas metade do caminho até a torre mais alta). Lá, Ella foi trancafiada dentro de um quartinho apertado, que contava apenas com uma caminha de madeira rústica e um cobertor surrado.

Momentos depois, pela única janela da cela, Ella viu a bruxa deixando a fortaleza, seguida por uma nuvem espessa. Dentro da nuvem havia uma confusão de pessoas amontoadas umas em cima das outras. Não dava para saber ao certo quem eram nem mesmo quantas havia lá dentro; tudo que deu para distinguir foi um emaranhado de pernas e braços, muito tecido brilhante e vários chapéus grandes e molengas.



— Fique de olhos abertos, Reese — ordenou Zaubera. — Aqueles dois

cabeças-ocas vão acabar aparecendo para outra tentativa de resgate. Conheço bem o tipo deles. O magrelo desejará sair correndo em busca de ajuda, mas o grandão com pinta de herói vai colocá-lo em nossas mãos. Não creio que nos darão muito trabalho, mas, só por precaução, achei melhor separar a rapaziada do larár aqui e colocar cada um em uma cela separada. Pelo menos até o dia do *grand finale*.

— Parece sensato, senhora — respondeu Reese.

— Não preciso lembrá-lo de que está guardando a prisioneira mais importante, Reese — alertou Zaubera. — Vou trazer um ajudante para você.

— Ah, não é necessário, senhora — disse Reese.

Zaubera contraiu os olhos.

— Você tem medo de mim, Reese?

O imenso pomo de adão do gigante subiu e desceu.

— Tenho — respondeu ele.

— Resposta correta, Reese — disse a bruxa.

Em seguida, ela fechou os dedos e lançou uma bola de fogo contra a canela machucada do gigante. O grito de dor de Reese ecoou por quilômetros floresta afora.

— Não faça nenhuma bobagem — falou ela enquanto Reese se abaixava para massagear a perna queimada. Então Zaubera se foi.

Ella olhou para o gigante. Uma lágrima enorme escorria do cantinho de seu olho.

Zaubera saiu seguida por sua bolha de prisioneiros com trajes espalhafatosos. Assim que a bruxa desapareceu, Ella se debruçou na janela e falou com o gigante, na altura dos olhos dele:

— Por que permite que ela trate você dessa maneira?

Reese recuou surpreso, fazendo a terra estremecer. Ella segurou firme no peitoril da janela.

— Sinto muito por isso — disse o gigante depois que o tremor parou. — Os prisioneiros não costumam falar comigo. Especialmente os famosos.

— Famosos? Ah, por favor, pense em mim como se eu fosse apenas mais uma simples refém do seu variado jardim — disse Ella ao perceber que seu carrasco era do tipo que se impressionava com celebridades. — Mas você não respondeu à minha pergunta. A bruxa o trata muito mal. Por que você simplesmente... sabe... não a esmaga?

— Eu seria incapaz disso — respondeu Reese. — Seria extremamente indelicado. Não foi assim que minha mãe me educou. Ela sempre me disse que não se pode bater em uma dama.

— Mas raptar uma donzela pode?

— Minha mãe nunca disse nada sobre rapto. Mas não encostei um dedo em você, não é mesmo?

— Isso não. Até agora você tem agido como um perfeito cavalheiro.

— Obrigado. Minha mãe ficaria orgulhosa de ouvir isso.

— Diga uma coisa, senhor — iniciou Ella.

— Ah, por favor — interrompeu o gigante. — Pode me chamar de Reese.

— Obrigada. Diga uma coisa, Reese. A sua mãe parece ser uma mulher muito bem-educada. O que ela iria pensar da bruxa para quem você está trabalhando?

— É uma pergunta muito interessante. — Reese coçou a cabeça e imensas escamas brancas de caspa saíram flutuando como se fossem flocos de neve. — Acho que minha mãe não iria gostar muito dela. Principalmente dos nomes pelos quais ela me chama. Mamãe não gosta desse tipo de palavreado.

— Como você foi se envolver com uma pessoa grosseira como a sua chefe? — perguntou Ella.

— Minha mãe vivia dizendo que eu precisava arrumar um emprego, por isso, quando vi o anúncio, resolvi aceitar.

— Bruxas colocam anúncios para contratar capangas?

Reese assentiu.

— Basta saber onde procurar.

— Fascinante — disse Ella. — Mas que tipo de trabalho você presta para a bruxa?

Reese pareceu assustado.

— Bem, tudo faz parte de um grande plano secreto. Desculpe, mas acho melhor guardar segredo. Pelo menos até verificar com a bruxa se posso ou não contar para alguém.

— Acho que não tem problema você me contar, Reese — disse Ella, tentando soar o mais inocente possível. — Afinal sou sua prisioneira. Estou presa aqui e não vou a lugar algum.

— Acho que tem razão, senhorita — observou o gigante. — Para quem você poderia contar? Acho que não vai ter nenhum problema se eu revelar apenas alguns detalhes.

Ella sorriu.

— É o seguinte: a bruxa raptou aquela turma de cantores, os bardos — contou Reese.

Penalve! Ella tentou disfarçar a emoção.

— Ela capturou cinco deles — continuou Reese. — Por isso precisou de alguém para ficar de olho neles enquanto cuida dos preparativos para o *grand finale*. Ela chama a coisa toda de superplano do mal.

— Então ela contratou você para ajudar — adivinhou Ella.

— No começo, não. Seu primeiro ajudante foi um ogro chamado Grimsby, mas ela o reduziu a uma pilha de bacon fatiado depois que ele deixou um dos prisioneiros escapar. A bruxa levou dias para conseguir trazer o cantorzinho de volta.

— Entendi. Foi aí que ela contratou você.

— Não. Depois de Grimsby ela contratou uma dupla de lobisomens. Mas eles acabaram se distraindo com uns esquilos. E... viraram bacon.

— Então veio você?

Reese concordou com um aceno de cabeça.



Fig. 19
Capangas dispensados

- Onde ela vai colocar os bardos agora? — perguntou Ella.
- Acho que nas outras torres — disse Reese com um encolher de ombros.
- Ela tem várias espalhadas por aí.
- Então você não sabe exatamente onde ficam as torres?
- Creio que não, senhorita. Provavelmente a bruxa vai contratar mais guardas para cuidar daqueles sujeitos. Eu tenho de ficar aqui, cuidando de você.
- Falando nisso, você está fazendo um ótimo trabalho — disse Ella com uma mesura.
- Obrigado, senhorita. — O gigante cruzou os braços e sorriu para Ella, expondo uma falha de dente (não é nada fácil para os gigantes encontrar uma

escova de dente grande o suficiente para uma boa higiene bucal).

— Mas afinal, Reese, o que é esse *grand finale* de que tanto tenho ouvido falar?

— Ah, sim. O *Grand Finale* da Destruição — respondeu Reese. — O nome é um tanto pretensioso, mas a bruxa afirma que vai ser um massacre *eletrizante*. Palavras dela e não minhas.

Ella franziu o cenho ao ouvir a palavra “massacre”. *A bruxa vai matar os bardos, pensou. Sem bardos, os menestrelis não terão material novo. Sobre o que irão cantar? Como as pessoas vão ouvir histórias novas? Como vão ficar sabendo das novidades?*

Era uma ideia praticamente impensável.

O gigante prosseguiu:

— A coisa toda precisa de muito preparo. Ela me mostrou um esquema de como tudo deve acontecer, mas não entendi direito. Tinha raios luminosos, cabeças voando e muito mais. Em uma parte do desenho, parecia que a bruxa estava lançando ursos de dentro de canhões contra as pessoas. Pessoalmente, achei um tanto exagerado. “Por que não joga pedras?”, perguntei. Mas a velha respondeu que não penso grande o suficiente. “Onde está o seu senso de dramaticidade?”, ela disse.

— Isso foi muito esclarecedor, Reese.

— Obrigado, senhorita. Faço o que posso para ajudar.

Tirando o detalhe sobre matar os bardos, o papo tinha sido muito agradável. Na verdade, tinha sido tão envolvente e cordial que até lembrou suas conversas com Frederico. E a lembrança de Frederico despertou outra ideia — uma que poderia ajudá-la a fugir.

— Mas, Reese, creio que você poderia ser ainda mais útil do que já é.

— O que posso fazer pela senhorita? Afinal é minha prisioneira, e farei o que estiver ao meu alcance pelo seu conforto.

— Já entrou nesta torre, Reese?

— Não. Nunca vi como a fortaleza é por dentro. Consigo enfiar a cabeça naquelas portas duplas, lá embaixo, mas fico com os ombros entalados. E, considerando o que aconteceu com aquela outra torre, acho melhor não correr o risco.

— Por acaso faz ideia do quanto é úmido e embolorado aqui dentro?

— Está desse jeito? — perguntou o gigante, um pouco encabulado. — Que péssima hospitalidade. Garanto que tudo será limpo depois que a bruxa voltar.

— Obrigada, mas não sei se vai dar para esperar. Sou muito alérgica a mofo, sabe? — sua voz soou fraca e débil, assim como a de Frederico sempre que ele cortava o dedo com papel. — É difícil ficar aqui; estou começando a sentir tontura. Tenho medo de cair e me machucar.

— Ah, não queremos que isso aconteça — disse Reese. — Talvez seja melhor se sentar e esperar passar o mal-estar.

— Acontece que não tem móveis aqui. Se eu me sentar, ficarei ainda mais perto do chão úmido e embolorado. Não, preciso tentar ficar em pé. Mesmo que corra o risco de desmaiar — Ella simulou uma vozinha fraca e trêmula. — Mas não quero cair e me machucar, porque depois pode parecer que a culpa foi sua por ter me deixado trancada aqui. E você é um cavalheiro, nunca faria mal a uma dama. Ai, não estou conseguindo respirar.

— O que posso fazer pela senhorita? — perguntou Reese, apreensivo com a situação.

— Tenho certeza de que um pouco de ar fresco iria ajudar. Por favor, me deixe sair, só um pouquinho.

— Não posso, senhorita. A bruxa disse...

— A bruxa? A mesma mulher que chamou você daqueles nomes horríveis? Então o que ela diz é mais importante do que a sua honra?

— Sinto muito, senhorita. Mas não posso.

— Veja bem, Reese, não estou pedindo para me soltar. Simplesmente preciso de um pouco de ar puro. Você pode me colocar de volta dentro do seu bolso.

— Ah! — exclamou Reese, surpreso com a sugestão. — Acho que será mais cômodo para a senhorita. Bom, suponho que seja a coisa certa a fazer. — Estendeu a palma da mão aberta até a janela. — Pode pular.

Ella saltou da janela direto para a mão do gigante, que a colocou no mesmo bolso onde horas antes ela tinha começado a abrir um buraco para escapar.

— Muito bem, senhorita — disse Reese. — Espero que isso ajude.

— Já me sinto muito melhor, obrigada — respondeu Ella enquanto recomeçava o trabalho de soltar o fio.

— Não acredito que a bruxa colocou a senhorita em uma cela tão desconfortável — comentou Reese. — Eu disse para ela lançar um feitiço desumidificador lá.

Ella forçou um longo e barulhento bocejo enquanto trabalhava.

— Ah, todo aquele bolor me deixou muito fraca. Acho melhor tirar uma soneca.

— Boa ideia, senhorita — concordou Reese. — Descanse. Não vou incomodar você.

O gigante se sentou recostado contra a torre e se pôs a cantarolar baixinho. Vinte minutos depois, Ella tinha conseguido abrir um buraco no bolso de Reese grande o suficiente para passar um ser humano. Rapidamente ela saiu pela abertura, desceu quietinha pelo barrigão redondo do gigante e saiu correndo rumo ao bosque, feliz com a fuga, mas um pouco chateada com a ideia de que a bruxa provavelmente transformaria Reese em uma pilha de bacon torrado assim que percebesse que sua prisioneira mais importante tinha desaparecido.

Reese também ficou com medo de virar uma pilha de bacon torrado quando espiou dentro do bolso e descobriu que estava vazio — e foi por isso que quebrou a ponta de um pinheiro, entalhou algo parecido com o formato de um corpo feminino, prendeu algumas palhas para fingir de cabelo, amarrou um lençol ao redor como se fosse um vestido e o colocou dentro da cela de Ella, na esperança de que Zaubera não notasse a diferença.

Enquanto isso, Ella corria pela densa floresta de um reino desconhecido e povoado por monstros. Nem pensou nos possíveis perigos. Afinal, havia cinco torres que precisavam ser encontradas. E cinco pessoas a serem salvas. Seu coração batia disparado, não de medo, mas de emoção.



← 8 →

O PRÍNCIPE ENCANTADO TEM MEDO DO ESCURO

Nem mesmo a radiante disposição de Duncan foi suficiente para suportar a épica tempestade que desabou sobre o centro de Sylvaria. Enquanto pesadas torrentes de chuva despencavam, os quatro príncipes cavalgavam pela floresta sobre os cavalos exaustos. A cada segundo, um novo trovão estourava, estremecendo a terra, e ventos selvagens passavam arrancando galhos de árvores pelo caminho dos viajantes. Na escuridão súbita e penetrante, o bosque antes feliz assumiu um tom bem mais ameaçador.

— Olhem adiante! — gritou Liam, que seguia na frente. — Uma casa, logo depois daquelas árvores!

Os cavalos derraparam na lama ao pararem diante de uma pequena cabana. Era o tipo de lugar onde se esperava encontrar uma vovozinha com vestido de algodão, mexendo um caldeirão de mingau ou qualquer outro tipo de comida pastosa. Frederico apontou para um pequeno estábulo atrás da casinha, para onde os príncipes levaram os animais. Os homens entraram no lugarzinho coberto de feno, mas mal conseguiam ver uns aos outros. Logo, porém, se seguiu um farfalhar de movimentos e um feixe de luz brilhou.

— Vejam o que achei — anunciou Duncan orgulhosamente, segurando uma lamparina.

— Que sorte, hein? — Frederico sorriu.

— Qual é o seu truque, Minicapa? — rosnou Gustavo para Duncan, num tom de acusação. — Por que não está molhado?

Enquanto os outros três pingavam, encharcados, Duncan estava, exceto pelas pernas, impressionantemente seco.

— O vento soprou a capa de Liam sobre a minha cabeça — respondeu Duncan, num tom de desculpa.

Gustavo resmungou algo impublicável sobre capas e terminou com:

— Duncan, traga a lamparina. Vamos entrar na cabana.

A porta da cabana foi aberta e os príncipes entraram. A luz fraca da lamparina revelou que a casa de apenas um cômodo estava completamente vazia — não havia nada além do piso de madeira e algumas moscas mortas aqui e ali.

— Tem espaço suficiente para dar cambalhotas — comentou Duncan.

— Nenhuma cama — adicionou Frederico de mau humor. — Já era uma boa noite de sono.

— Também não tem lareira — disse Liam. — Vai demorar um tempão para nossas roupas ficarem secas.

— Seus molengas — resmungou Gustavo.

— Não vai ser o lugar mais confortável para passar a noite, mas é melhor do que ficar na tempestade — afirmou Liam.

Com um som metálico e um baque, Gustavo se estatelou no chão. Liam torceu a capa antes de fazer o mesmo.

— Boa noite, companheiros! — disse Duncan, e soprou a chama da lamparina, deixando tudo na completa escuridão.

Frederico se encolheu em posição fetal e disse:

— Não vai ser a primeira noite desconfortável que vou passar desde que caí na estrada com você, Gustavo.

— É mesmo. Dormimos em lugares bem piores — respondeu Gustavo. — Mas você nunca me ouviu reclamar, ouviu?

— Você reclamou quando limpei a mancha de groselha do seu rosto — disse Frederico.

— Aquilo foi uma invasão do meu espaço — retorquiu Gustavo.

— Sinto muito, mas tinha uma gosma de groselha grudada na sua bochecha. Por acaso devia ter deixado lá? — indagou Frederico. — Aconteceu exatamente a mesma coisa em um episódio de *Sir Bertram, o Pomposo, e o duque desgrenhado*, quando o duque estava com espinafre entre os dentes e...

— Adoro sir Bertram! — disse Duncan num arroubo de entusiasmo. — Você leu aquela aventura em que ele precisava encontrar os babadores de lagostas desaparecidos antes que todos os convidados chegassem ao segundo prato?

— *O mistério da molheira mística* — confirmou Frederico empolgado. — É uma das minhas favoritas.

Frederico e Duncan continuaram tagarelando animadíssimos sobre sir Bertram. Nenhum dos dois nunca tinha conhecido ninguém que compartilhasse do mesmo entusiasmo pelo dândi aventureiro.

— Esta noite promete ser longa — resmungou Gustavo.

— Pensei que você não fosse reclamar — disse Liam.

— Cale a boca, barão da Capa — respondeu Gustavo. — Ou faça você dormir entre aqueles dois bobalhões.

O cansaço acabou vencendo e os quatro príncipes caíram no sono.



Liam estava no meio de um sonho no qual os súditos de Eríntia ofereciam uma festa de “Nós o queremos de volta” — mulheres atiravam flores para ele, dançarinos encenavam a batalha contra a fada malvada, seus pais incentivavam a multidão a dar gritos de vivas, e Rosa Silvestre não estava presente — quando foi despertado por uma luz intensa.

— Sobre a chama, Duncan, estamos tentando dormir — resmungou com os olhos entreabertos.

— Não sei quem é Duncan — respondeu o homem grande e de voz grossa que segurava a lanterna. — Mas, se ele também estiver invadindo a minha casa, vou dar uma surra nele igual a que vou dar em você.

Um homem alto e magro, com nariz adunco e bigodinho, ergueu outra lanterna.

— Veja só, Horácio — disse o menorzinho de voz anasalada. — Temos visitas.

Os outros príncipes começaram a se mexer.

— Não se aproximem — alertou Liam ao se levantar. — Não queremos ferir ninguém. Se nos deixarem explicar...

— Vamos detonar — berrou Gustavo, pulando para cima do musculoso Horácio.

— Gustavo, não! — gritou Liam. — *Nós* somos os invasores. Precisamos ouvir o que eles têm a dizer. — Mas Gustavo já estava esmurrando Horácio.

— Será que pode dar uma ajudinha, Neville? — pediu o pesado Horácio ao seu companheiro, enquanto se esquivava dos socos enfurecidos de Gustavo.



Fig. 20
Horácio e Neville

Neville, o homem com nariz de águia, falou sobre o ombro do amigo:

— Rapazes! Venham aqui!

De repente, oito homens, todos com roupas escuras de ladrões, invadiram a cabana.

— Bandidos — sibilou Liam ao mesmo tempo em que sacava a espada.

— Peguem eles — ordenou Neville, recuando para dar caminho para a corja de bandoleiros fazer o trabalho sujo.

Frederico, para quem acordar era sempre um desafio, mal conseguiu abrir os olhos para dizer:

— Só mais cinco minutinhos, Reginaldo — antes que dois passassem uma corda ao redor dele.

Duncan ficou em pé com um salto e começou a tremer de entusiasmo.

— Minha nossa! É uma briga?

Enquanto isso, com a espada em punho, Liam enfrentava quatro bandidos de uma vez. O primeiro tentou acertá-lo com um porrete de madeira. Liam se protegeu com a espada ao mesmo tempo em que empurrava o segundo contra a parede com um chute. O terceiro mergulhou para segurar o príncipe pelas pernas, mas Liam pulou bem a tempo de escapar. Enquanto aterrissava com suas botas sobre as costas do sujeito que estava no chão, Liam acertou a cabeça do homem do porrete com o cabo da espada, jogando-o no chão também. O quarto, com medo de se aproximar, atirou um punhal contra Liam. Mas o príncipe agitou a espada e rebateu o punhal de volta para o homem que a tinha jogado. O cabo da arma acertou em cheio a testa do bandido, que foi a nocaute.

Ofegante, Liam olhou ao redor. Frederico estava encolhido no chão com as mãos e os pés amarrados. Duncan aparentemente estava dentro de um saco enorme. Mas onde estava...

Gustavo veio voando pelo ar, lançado como um dardo pelo imenso Horácio. O enorme corpo de Gustavo protegido por uma armadura trombou contra Liam, derrubando-o. Num emaranhado de braços e pernas, os dois príncipes ergueram os olhos para constatar que estavam cercados de bandidos por todos os lados.

— Podemos acabar com eles — disse Gustavo pouco antes de Horácio bater a cabeça de um príncipe contra a do outro e tudo cair na mais profunda escuridão.



O PRÍNCIPE ENCANTADO É UM HOMEM PROCURADO

Não que Lila odiasse ser uma princesa; apenas não gostava mesmo do tipo de princesa que seus pais queriam que ela fosse. O rei Gareth e a rainha Gertrude passaram anos tentando transformar a filha numa verdadeira dama, no tipo de moça que um dia poderiam casar com um príncipe muito rico em troca de alguns sacos recheados de ouro e pedras preciosas. (Aqueles dois tinham a mente um pouco estreita.) Mas Lila nunca se interessou muito por bailes ou banquetes, broches ou valsas. Sempre que não aparecia para uma aula de boas maneiras, ela podia ser encontrada deitada no alto das estantes da biblioteca real, onde subia em busca de sossego para ler um livro sobre a anatomia dos dragões ou histórias de fugas fantásticas. Um dia foi apanhada abrindo a janela da sala de estudos e descendo pela treliça para fugir da prova de como vestir o corpete. A desobediência de Lila enfurecia seus pais e, quando chegaram ao limite com as travessuras da filha — depois de a menina ter fugido do salão de dança para passear à beira do riacho (e ao mesmo tempo estragar o vestido de festa) —, eles a colocaram oficialmente de castigo até o dia em que ela se casasse.



Fig. 21
Lila

Somente com a intervenção do irmão, Liam, Lila conseguiu escapar da enrascada. Ele falou com os pais em nome da irmã, lembrando-os de que Lila ainda era muito jovem, dizendo que era preciso dar a ela um pouco mais de tempo para explorar seus múltiplos interesses. Lila era diferente das outras princesas; era uma menina que gostava de livros de alquimia, de dissecar gafanhotos e projetar armadilhas elaboradas.

— Não seria mais interessante ver que tipo de pessoa Lila vai ser quando crescer — indagou Liam — em vez de forçá-la a ser quem não é de verdade?

Isso foi muito antes da desastrosa declaração de que o casamento de Liam estava cancelado, quando seus pais ainda levavam em consideração tudo que ele dizia. O casal real não desistiu por completo das aulas de Lila, mas suspendeu o castigo e até permitiu que ela escolhesse alguns passatempos, como estudar química, montar relógios e construir uma casa na árvore.

Mas, com o passar dos dias, Gareth e Gertrude acabaram se esquecendo de Lila. Depois de terem decidido não mais se irritar com a filha, a princesa ficou

às soltas. O rei e a rainha, assim como quase todos em Eríntia, passavam a maior parte do tempo com as atenções voltadas para Liam.

Lila estava pensando no irmão — e em quanto ela devia a ele — ao se aproximar das portas da sala do trono de Rosa Silvestre, em Avondell. Os súditos de Eríntia ainda não tinham se acalmado. Na verdade, os boatos sobre o modo cruel com que Liam supostamente tinha terminado o noivado cruzara a fronteira, e agora o povo de Eríntia odiava Liam ainda mais. Capas estavam sendo queimadas em protesto. E Lila acreditava que a única pessoa capaz de dar um jeito naquilo era Rosa Silvestre. Por isso, viajou até Avondell em busca de socorro.

Lila cavalgara sozinha. Ela tinha certeza de que seus pais não concordariam com nenhum plano para ajudar Liam a escapar do casamento forçado, então disse à mãe que se recolheria em seu quarto para fazer uma experiência: comparar as vísceras intestinais de vários répteis.

— Não me esperem para o jantar, pois terei comida suficiente no quarto! Nem para o café da manhã!

E assim agiu para manter os pais fora do caminho, ao menos por alguns dias.

— A senhorita poderia informar a que veio? — perguntou um dos guardas de cara amarrada.

— Sim, claro. Vim falar com Rosa Silvestre — disse Lila ao endireitar a gola do vestido amarelo-canário e afastar dos olhos uma mecha solta.

— Com a *princesa* Rosa Silvestre? — corrigiu o guarda.

— Ah, sim, desculpe. Com a princesa Rosa Silvestre — repetiu Lila.

O guarda não moveu um músculo sequer. Assim como não disse mais nada. Apenas ficou olhando para ela, aguardando.

— A mais nobre... e notória princesa Rosa Silvestre? — tentou Lila. — Sua Alteza, a princesa Rosa Silvestre? Do grande e poderoso reino de Avondell. Também conhecida como Bela Adormecida. E que ouvi dizer que tem lindos cabelos? — O guarda continuou olhando, como se ainda esperasse por algo

mais. Lila suspirou. Estava começando a achar que tinha fracassado antes mesmo de conseguir colocar os olhos em Rosa. — Sinto muito, não sei mais o que quer que eu diga.

O segundo guarda apontou para Lila. Ela apontou para si mesma em resposta e ergueu as sobrancelhas, indagando. O guarda assentiu. Lila encolheu os ombros e balançou a cabeça, sem fazer a menor ideia do que o homem estava querendo dizer.

— Anuncie-se — sussurrou ele.

— Ah — exclamou a menina, endireitando-se. — Sou Lila, princesa de Eríntia e primeira colocada na feira de ciências do condado. E irmã do príncipe Liam de Eríntia. — O primeiro guarda torceu o nariz ao ouvir o nome de Liam. — Com quem não sou nem um pingo parecida — apressou-se em completar. — Somos irmãos, só isso. Esta visita não tem nada a ver com ele. Trata-se apenas de, hum... uma princesa consultando outra... sobre... tiaras. Eu gostaria de ouvir a opinião da princesa Rosa sobre uma tiara.

O segundo guarda riu.

— Vou anunciá-la — disse.

Em seguida, entrou na sala do trono e fechou a porta. O primeiro guarda ainda parecia que estava com a boca cheia de pimenta e não tinha onde cuspir. Lila tentou não estabelecer contato visual com ele.

Um segundo depois, o guarda camarada reapareceu e disse:

— A princesa vai recebê-la.

Ele segurou a porta aberta para Lila e fez um sinal para que ela entrasse. Assim que pisou no tapete vermelho da sala do trono, forrada de mármore até o teto e repleta de obras de arte, rapidamente Lila desdobrou as mangas do vestido. Mas, ao ver o quanto estavam amassadas, ela torceu o nariz. *Estão muito amassadas para uma verdadeira princesa*, pensou. *Preciso fazer tudo direitinho. Por Liam.*

Pensou em dobrar as mangas novamente, mas já era tarde demais: lá estava Rosa Silvestre, na outra ponta do longo tapete vermelho, com um ousado

vestido violeta todo salpicado de brilho, sentada sobre um trono cravejado de pedras preciosas e estofado de veludo. Rosa parecia calma, serena e contemplativa (com ares de nobreza), observando Lila se aproximar.

Lila tinha razão quanto ao cabelo dela, pensou Lila. É mesmo muito volumoso.

Quando Lila estava a uns seis metros do trono, o guarda sussurrou de canto de boca:

— Pare onde está.

— Obrigada — sussurrou Lila em resposta. Em seguida deu uma olhada para o guarda como se perguntasse silenciosamente: “Posso falar?”

O guarda assentiu. Então retomou seu posto e fechou a porta.

Lila olhou para Rosa, fez uma mesura, ajeitou a mecha solta e começou:

— Ó, nobre e estimada princesa Rosa Silvestre, venho em busca da ajuda que somente Vossa Alteza tem o poder de conceder.

Saiu legal, pensou a menina, animada.

— Minha doce criança — iniciou Rosa —, minha querida cunhadinha. Tenha certeza de que seu pedido será ouvido com a devida atenção. — De repente, Rosa começou a rir. Estava mais para uma gargalhada, na verdade. E um tanto escandalosa. — Coisa nenhuma! Devida atenção coisa nenhuma! — berrou.

Lila recuou um passo.

— Você veio em busca de ajuda? Da *minha* ajuda? — escarneceu Rosa, ficando em pé e se aproximando lentamente de Lila. — Você? A irmã do homem que me traiu e me humilhou? Por que acha que eu ajudaria você em alguma coisa?

— Mas você nem ouviu o que tenho a dizer — Lila tentou argumentar.

— Por acaso vai pedir que eu me case com seu irmão, que amavelmente você trouxe até aqui e que está acorrentado no corredor? Pois, se for qualquer outra coisa, a resposta é NÁÁÁÁÁÁÁOOOOO!

A força do “não” quase soprou Lila para longe.

— Ele não veio, não é mesmo? — perguntou Rosa, só para se certificar.

— Não — respondeu Lila, tentando recuperar a postura. — Foi assim que agiu com meu irmão? Pois, se foi, estou começando a entender por que ele não quis se casar com você.

— Seu irmão é um covarde — disse Rosa, sacudindo casualmente os cachos. — Ele não é forte o suficiente para lidar com a pura e verdadeira Rosa Silvestre. E, para dizer a verdade, é exatamente isso o que espero de um marido. Mas Liam ainda será meu esposo.

— Bom, é por isso que estou aqui — disse Lila. — Se ainda quiser se casar com meu irmão, então terá de falar para todo mundo que aqueles boatos sobre ele não são verdadeiros.

— E por que eu faria isso? — indagou Rosa, com uma risada. — Se fui eu mesma quem espalhou os boatos?

— Você é uma pessoa horrenda. Meu irmão era um herói, e você acabou com a reputação dele.

— Liam mereceu. Além do mais, ele estava muito perto de ficar mais famoso do que eu. Agora não preciso mais me preocupar com isso. Seu irmão é mesmo um tolo. Veja do que ele abriu mão. — Rosa apontou para o elaborado vitral da janela. — Lindo, não acha? Imagine quantas criancinhas tiveram de trabalhar para criar algo tão lindo. Ah, e... hummm, olhe para isto. — Ela avançou e ergueu a tampa de prata que cobria um prato sobre uma mesinha ao lado do trono, exibindo o que parecia ser um ovo em miniatura, frito de um só lado. — Beija-flor ameaçado de extinção em Sylvaria — anunciou orgulhosa. Cutucou então a gema mole com a ponta da unha longa e esmaltada e provou o sabor. — Ah, é verdade. É simplesmente o ovo mais cremoso que já provei. Pena que só restam dez deles no mundo.

— Vir até aqui foi um erro — murmurou Lila. Rosa obviamente não estava aberta a negociações. — Pode deixar que sei onde fica a saída. — E seguiu rumo à porta.

— Volte aqui, sua pirralha — ordenou Rosa. — Você não vai dar as costas para mim do mesmo modo que o imprestável do seu irmão. — Ela saiu correndo atrás de Lila, mas a princesinha já estava longe.

— Obrigada, rapazes — disse Lila ao passar correndo pelos guardas emudecidos.

— Onde ela está? — berrou Rosa quando chegou à porta e não viu nenhum sinal da menina. Os dois guardas começaram a gaguejar, sem saber o que responder. — Esqueçam — disse ela. — Preciso tomar uma atitude, ou esse casamento não vai acontecer. Chamem Rúfio, o Soturno.



Dez minutos mais tarde, depois de escapar de vários guardas armados do lado de fora do palácio, se esconder atrás de uma fileira de arbustos cortados em formato de bichinhos e escalar o pescoço comprido de uma cerca viva em formato de girafa, Lila se agachou no parapeito de uma das janelas da sala do trono de Rosa. Então espiou pelo batente da janela aberta e viu Rosa Silvestre falando com um homem carrancudo que vestia uma capa escura com capuz: Rúfio, o Soturno, conhecido como o melhor caçador de recompensas de todo o reino. Não havia ninguém melhor para rastrear e capturar um fugitivo. Mas Rúfio não era a pessoa mais sociável do mundo. Quando entrou para o negócio das perseguições, ele queria ser chamado de Rúfio, o Sombrio, ou Rúfio, o Sanguinário, pois os dois nomes pareciam mais intimidadores. Mas Rúfio era um tipo depressivo. E sua fama de triste e ranzinza fez com que as pessoas o apelidassem de Rúfio, o Soturno.

— ... obviamente, ele nunca voltará de livre e espontânea vontade — dizia Rosa.

— Eu vou trazê-lo de volta — assegurou o homem, num tom de voz baixo e melancólico.

— Claro que vai, gênio. — Rosa parecia irritada. — É para isso que estou pagando você.

— Não precisa ser sarcástica — reclamou Rúfio.

— Se não quiser pegar o trabalho, tenho certeza de que existe uma centena de caçadores de recompensas dispostos. — Rosa jogou uma cereja para dentro da boca, mastigou-a e cuspiu o caroço na direção do homem. O carocinho acertou o peito dele. E ele ficou observando a bolinha rolar pelo chão.



Fig. 22
Rúfio, o Soturno

— Isso foi totalmente desnecessário — reclamou com uma fungada. — Já disse que farei o trabalho.

— Pare de choramingar e vá logo caçar o príncipe.

— Estou indo — sussurrou o caçador de recompensas. Em seguida, respirou fundo, soltou o ar lentamente e saiu da sala cabisbaixo.

Rosa se voltou para um guarda que estava logo atrás dela.

— Aquele é mesmo Rúfio, o Soturno? — perguntou. — Tem certeza de que trouxeram o homem certo?

O guarda balançou a cabeça positivamente.

— Que sujeito resmungão! — comentou Rosa.

Do lado de fora da sala, Lila desceu do parapeito da janela, correu para frente do castelo e, atrás de uma coluna, ficou observando Rúfio, o Soturno, montar em seu cavalo cinza-escuro e ir embora.

Só tem um jeito de avisar Liam, concluiu Lila. Vou ter de seguir o encapuzado assustador.



← 10 →

O PRÍNCIPE ENCANTADO IRRITA O REI

Na manhã seguinte, depois de terem sido capturados pelo bandido mais temido de Sylvaria, os quatro príncipes acordaram dentro de uma cela empoeirada e abafada. Não havia camas nem colchões, apenas o chão frio de pedra encardido de prisioneiros anteriores. A espada de Liam, o machado de Gustavo e a flauta de Duncan tinham desaparecido.

Liam, como sempre, despertou primeiro. Foi com desânimo que viu seus companheiros dormindo, apagados. O desempenho deles na briga da noite anterior não inspirou muito confiança. *Mas fomos apanhados de surpresa; estávamos quase dormindo*, ponderou ele. *Todo mundo tem uma noite ruim de vez em quando. Tenho certeza de que foi isso que aconteceu.*

— Acordem, pessoal — disse Liam. — Fomos capturados.

— Minha nossa! — resmungou Frederico. — Onde fui me meter?

— Eu estava pensando a mesma coisa — murmurou Liam.

— Sou obrigado a admitir que estou um pouco desapontado — disse Duncan enquanto esticava os braços e as pernas enrijecidos. — Aquela foi a minha primeira briga, e acabou tão rápido.

— Podemos brigar agora mesmo, se quiser — disse Gustavo, ficando em pé e encarando Duncan.

— Guardem isso para os bandidos — interferiu Liam, levantando-se para olhar através da minúscula janela da cela. — A primeira coisa que precisamos

fazer é descobrir onde estamos.

— O que tem para ser descoberto? Estamos numa prisão — Frederico suspirou. Então, quando assimilou suas palavras, ele engoliu em seco. — Minha nossa! Estou numa prisão. Prisão! E pensei que aquela estalagem que cheirava a cebola era ruim.

— Isso mesmo, estamos presos, mas onde *fica* esta prisão? — indagou Liam. — Vejamos, estamos uns três andares acima do chão. Vejo uma densa floresta de pinheiros adiante e o topo de algumas montanhas além daquelas árvores ao norte. Um dos picos é bem diferente, meio torto e com a ponta bem fina. E acho que aquilo pode ser o pináculo de uma torre ao sul daquela montanha, mas é difícil afirmar com certeza.

— Que diferença faz saber em que reino nos encontramos, se estamos presos atrás destas barras de ferro? — perguntou Frederico, desesperado. Ele começava a acreditar que nunca mais veria Ella novamente. Nem o querido Reginaldo. Ou seu pai, que aparentemente estava certo sobre tudo que dissera. *Sobrevivi ao ataque de uma bruxa e um gigante, pensou. Por que não desisti enquanto estava vencendo? Eu devia ter mandado Liam salvar a Ella. Estou no lugar errado. Meu lugar é em casa, no palácio. Em uma banheira de espuma.*

Frederico foi arrancado do seu ataque de autopiedade quando Gustavo o empurrou para o lado, na ânsia de se aproximar da janela.

— Isso é fantástico! — anunciou Gustavo.

— Acho que temos definições diferentes de “fantástico” — disse Frederico.

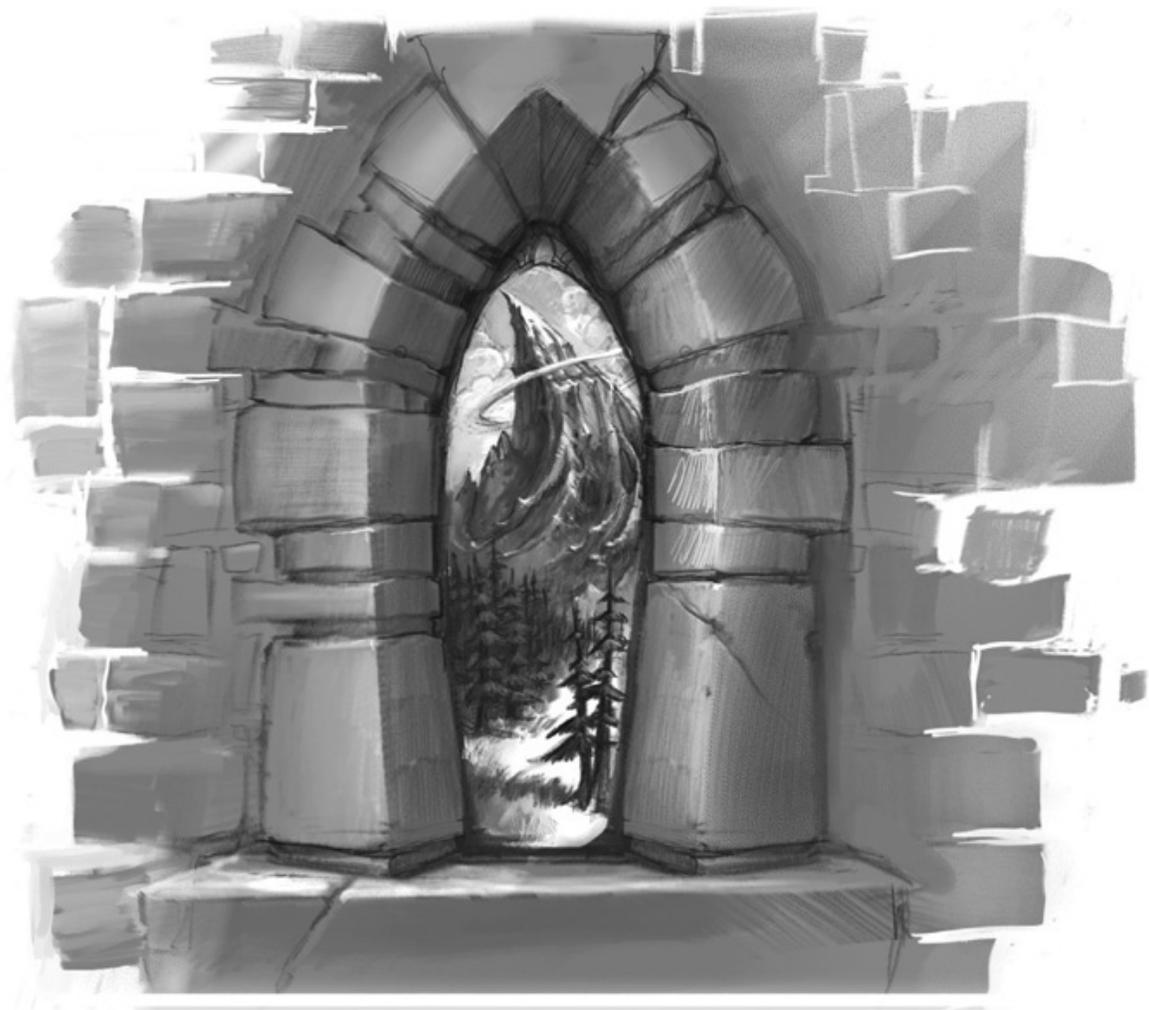


Fig. 23
Monte Morcegasa

— Aquela montanha torta lá adiante é o monte Morcegasa! — revelou Gustavo. — Estamos em Sturmhagen!

— Tem certeza? — perguntou Liam.

— Já vi aquele pico milhões de vezes. Não tem como não vê-lo — respondeu Gustavo. — *Definitivamente* estamos em Sturmhagen.

Liam respirou aliviado. Talvez não tivesse falhado tanto assim ao escolher seus companheiros.

— Então aqueles bandidos fizeram o favor de nos trazer exatamente para onde queríamos ir.

— De nada! — exclamou Duncan.

— Mas você não fez nada — Gustavo olhou feio para Duncan.

— Só quis dizer que foi um golpe de sorte — disse Duncan. — Não importa como chegamos até aqui, e sim que aqui estamos. E isso é bom, não é? Sempre quis visitar Sturmhagen. Ei, Gustavo, vocês não costumam comemorar o festival da abobrinha nesta época do ano? Sou um grande fã de abobrinhas.

— Duncan, estamos na prisão — disse Frederico friamente. — Não vamos ver nada além desta cela. Que por sinal está cheia de aranhas. Vocês viram as aranhas?

— Vi, sim: Carmen, Zippy e dr. T — disse Duncan.

Gustavo olhou novamente pela janela, na direção do monte Morcegasa. Algo grande estava se movendo ao redor da base da montanha, afastando e agitando as árvores. Alguma coisa sobressaía acima dos galhos mais altos — seria aquilo... uma cabeça? A pergunta de Gustavo foi respondida quando um gigante se levantou e coçou a cabeça enorme.

— Ei, Homem da Capa. Venha ver isso — disse Gustavo.

Mas, antes que Liam tivesse a chance de se aproximar de Gustavo na janela, um barulho de passos se aproximando pelo corredor chamou a atenção dos príncipes. Neville e Horácio pararam e olharam convencidos para eles através das barras de ferro. Olhar com ares de convencimento era algo que a dupla sabia fazer bem. Os dois até conquistaram o prêmio de Melhor Olhar Convencido quando se formaram na escola de bandidos.

— Então, qual desses aí você disse que reconheceu, Horácio? — perguntou Neville ao companheiro grandalhão.

— Aquele de cabelo comprido que está espiando pela janela — disse Horácio, apontando com o queixo anguloso para Gustavo. — Ele é membro da família real daqui de Sturmhagen, tenho certeza. Faz pouco tempo que o vi, enquanto estava vigiando o castelo para aquele nosso grande você-sabe-o-quê.

— Veja só, pegamos um príncipe — disse Neville com uma gargalhada. — O chefe vai gostar disso, Horácio, meu velho. Pelo visto, seremos promovidos

dentro da organização. — Em seguida, ele se dirigiu a Gustavo: — Não sei o que estava fazendo na nossa medonha Sylvaria, Vossa Alteza, mas muito obrigado. Imagina o resgate que vamos pedir em troca? Um príncipe de verdade?

— Resgate? — Gustavo gritou de volta. — Tudo que vão conseguir é o exército de Sturmhagen batendo na porta de vocês. E o de Eríntia. E o de Sylvaria e Harmonia.

Liam balançou a cabeça, resmungando:

— O que você acabou de dizer?

— Sylvaria? Harmonia? Espera aí. O que mais não estou sabendo? — perguntou Neville. Ele podia jurar que o prisioneiro acabara de deixar algo escapar.

— Nada! — interveio Frederico. — Ele é muito ruim de geografia, só isso. Nem sabe direito de que reino veio.

— Eles estão em quatro — refletiu Horácio. — Talvez cada um pertença a um reino.

— E os reis desses lugares não iriam enviar seus exércitos para salvar qualquer um — disse Neville.

— Meu pai com certeza não iria — entregou Duncan. — Sylvaria nem tem exército.

Horácio riu.

— Neville, acho que pegamos quatro príncipes.

— Você está tirando conclusões precipitadas — disse Liam, desesperado.

— Não gaste saliva à toa, *Vossa Alteza* — zombou Neville. — Seu companheiro já entregou tudo. Vamos, Horácio, contar ao chefe que pegamos quatro príncipes.

— Quem é o chefe de vocês? — perguntou Liam.

— Nosso chefe? Ah, aposto que já ouviu falar dele. Seu nome é Deeb Rauber. — Horácio e Neville já estavam indo embora. — Mas provavelmente você o conheça como...

— O rei Bandido — completou Liam, com um gemido. — Fomos capturados pelo rei Bandido. Isso não é nada bom.

Os quatro ficaram boquiabertos. Todo mundo conhecia o rei Bandido, cujo exército de ladrões e assassinos aterrorizava todos os reinos de costa a costa. Ele e seus homens eram capazes de roubar um museu com a mesma rapidez que podiam surrupiar o último pedaço de pão de uma família de mendigos. Mas, apesar de seus capangas serem maus e vis, Deeb Rauber conseguia ser ainda pior que todos eles juntos. Aos seis anos, o pequeno Deeb trancou os pais dentro de um armário, encheu os bolsos com todo o ouro da família e fugiu de casa para ser um ladrão profissional.

Dois anos depois, quando estava com apenas oito anos, Deeb Rauber roubou as joias da coroa de Valerium, dando um chute na barriga do rei, que tinha cento e três anos, e depois ainda roubou a coroa da cabeça do velho monarca que rolava de dor. O menino ficou tão famoso com a abominável façanha que muitos marmanjos — alguns dos piores criminosos do reino — o adotaram como líder e viraram seus seguidores. Mais recentemente, Deeb Rauber conduziu seu exército de ladrões para uma farra criminosa por sete reinos. Nenhum roubo era muito grande ou muito pequeno: um dia ele roubou os sinos gigantes das torres de cinco catedrais distintas e, em seguida, arrancou uma boneca de pano das mãos de uma criancinha chorando. Quando Deeb Rauber passava por uma vila, os moradores eram deixados sem nem uma moeda sequer. Foi por causa dessas e de outras maldades que ele acabou ganhando o título de rei Bandido. E o nome era capaz de causar calafrios em qualquer um que o escutasse. Com os príncipes não foi diferente.

Minutos depois, apareceu um grupo de guardas armados. Eles tiraram os príncipes da cela, acorrentaram todos eles unidos pela cintura e os levaram até a presença do rei Bandido. À medida que os príncipes se arrastavam, parecendo uma enorme lagarta de oito pernas, por um belo tapete de lã bordado à mão, que provavelmente valia uma fortuna, eles foram passando por toneladas de

bens roubados: tapeçarias gigantes cobrindo as paredes, quadros com molduras douradas e bustos de mármore que pareciam vivos de tão perfeitos.

Em outro dia qualquer, Frederico teria ficado encantado diante de tais obras de arte. Mas, naquele dia, ele nem as notou. Como era o último da fila, ele ultrapassou Gustavo para sussurrar ao ouvido de Liam:

— Você vai nos salvar, não vai, Liam?

— Ei. Por acaso estou invisível? — interpelou Gustavo.

Duncan, que estava na frente da fila, respondeu por Liam:

— Ah, o Liam vai nos salvar, sim. E vai ser *incrível*.

— Não vai ser nada *incrível*, Duncan — interrompeu Frederico, achando o otimismo do companheiro um tanto exagerado naquele momento. — Olhe ao redor. Não tem nada de *incrível*.

— Nossa! Não precisa ficar bravo — disse Duncan. — Somos amigos. Quero dizer, tivemos um grande dia ontem. Lembra quando aquela coruja fez seu cavalo disparar? Foi divertido. Não quero criticar ninguém, mas, desde que fomos capturados por aqueles bandidos malvados, você não para de reclamar.

— Você não pensa antes de falar? — Gustavo se irritou com Duncan. — Por que veio conosco, afinal?

— Porque achei que ia ser divertido — respondeu Duncan, mas no mesmo instante se arrependeu da resposta. — Bom, acho que posso ajudar. Tenho uns truques guardados na manga.

— Você não tem músculos mesmo. Deve ter muito espaço sobrando aí — disse Gustavo.

— Gustavo, você não está ajudando — repreendeu Frederico.

— Não aja como se fosse meu pai, namoradinho da Cinderela — retrucou Gustavo.

Liam calou a todos.

— Escutem, estamos numa situação pra lá de séria para perder tempo com picuinhas — disse, severo. — Façam tudo o que eu disser e vou nos tirar daqui.

Uma pesada porta de madeira se abriu ao final do corredor, permitindo que os príncipes e os guardas adentrassem em um imenso salão, abarrotado de uma parede a outra de moedas de ouro, joias e outras preciosidades. A sala era, talvez, o maior esconderijo de coisas roubadas da história. Os príncipes ficaram de olhos arregalados — não apenas pela visão de todas aquelas montanhas de riquezas, mas também pelos milhares de capangas mal-encarados e armados que estavam em meio a tudo aquilo.

No centro da sala, havia um trono dourado forrado com pele, e sentado nele estava Deeb Rauber, o rei Bandido, esparramado sobre o assento enorme, com uma perna sobre o braço do trono. Exceto pela imensa coroa que pendia torta no topo de sua cabeça, o rei Bandido se vestia sem muito luxo: uma camisa cinza velhinha, um colete preto e calça azul-marinho. Os cabelos castanhos e sujos escapavam bagunçados por debaixo da coroa. O olho direito encarou os príncipes (o esquerdo estava coberto por um tapa-olho vermelho). Mas, de longe, o que mais intrigava sobre o rei Bandido era sua idade. Deeb Rauber tinha apenas dez anos.



Fig. 24
O rei Bandido

— Você não passa de uma criança! — Gustavo deixou escapar.

— Isso é surpreendente — disse Duncan. — Digo, ouvi uma história sobre as proezas do rei Bandido quando criança, mas pensei que era, sabe, muito velha. Quer dizer, a história. E você também.

— Você não passa de uma criança! — repetiu Gustavo.

— Inacreditável — murmurou Liam.

O rei Bandido contraiu ainda mais o olho.

— Pelo jeito, nossos hóspedes não entendem a diferença entre ser jovem e ser criança — disse com toda frieza. — A idade não passa de um número. Não importa quantos anos você já viveu, são seus feitos que lhe dão o devido respeito. Portanto! — O garoto mostrou a língua e cuspiu uma amora gosmenta contra os prisioneiros, para o divertimento de seus homens.

— Meus amigos só estão impressionados! — gritou Frederico, num impulso de diplomacia, antes que seus companheiros dissessem algo de que pudessem se arrepender. — Ouvimos falar sobre as suas muitas façanhas, mas achamos que tinham acontecido há muitos anos. A sua pouca idade é um testemunho do seu talento.

— Falou como um verdadeiro príncipe — disse o rei Bandido. — Sim, sei quem você é. Todos vocês. — Voltou-se para Neville e Horácio, que estavam em pé ao lado do trono. — Vocês dois estavam certos. Quatro príncipes. Vão ficar muito satisfeitos com a recompensa.

— Acho que estão nos confundindo com outro grupo de homens, senhor — disse Liam. — Somos apenas viajantes que...

— Você — interrompeu o rei Bandido — é o príncipe Liam, de Eríntia. Sei disso porque o roubei. Roubei todos vocês. Liam, lembra a estimada espada do seu pai, aquela coberta de pedras, que estava há mais de vinte gerações na família real de Eríntia, aquela que desapareceu no ano passado? Eu a roubei.

Foi como se Liam tivesse acabado de levar um soco.

— Príncipe Duncan, de Sylvaria — continuou o rei Bandido. — Lembra como o corredor ao lado da biblioteca real era forrado com os quadros mais valiosos, pintados pelos melhores artistas do reino? Eles estão todos pendurados no meu quarto agora.

— Deve ser um quarto imenso — comentou Duncan.

— É sim — prosseguiu Deeb Rauber. — E, príncipe Frederico, meu amigo bom de lábia de Harmonia, aposto que sentiu falta da sua coleção de colheres do mundo todo.

— Seu animal — sussurrou Frederico.

— E, Gustavo — continuou Rauber. — Gustavo, Gustavo, Gustavo. Nem notou que estou sentado no trono da *sua mãe*?

Gustavo cerrou os punhos e avançou para cima dele, mas foi detido pelos guardas — sem mencionar as correntes que o prendiam aos outros príncipes.

— Muito bem — foi a vez de Liam. — Então você sabe quem somos. O que quer de nós?



Fig. 25
Colheres

O rei Bandido estendeu os braços e revirou os olhos.

— Minha nossa, como vocês são lentos! Dinheiro! Quero que cada uma das famílias, muito, muito, muito ricas, pague o regaste. Tenho certeza de que vão pagar direitinho, para garantir que seus preciosos filhos voltem em segurança. Ou acham que conseguirão me convencer de que seus pais não querem vocês de volta?

— E quanto aos *seus* pais? — perguntou Frederico. — Como acha que eles se sentem em relação à vida que você escolheu? O que seus pais diriam agora?

— Eu sei o que eles diriam — caçoou o rei Bandido. — Eles diriam: “Socorro! Nos solte! Estamos trancados neste armário há anos!”

Todos os valentões ao redor caíram na risada.

Frederico apertou os lábios e meneou a cabeça, sem dizer uma palavra sequer.

— Mas falando sério — disse Rauber, enxugando as lágrimas de riso dos olhos. — O que estavam pensando que eu ia fazer com vocês? Sou o rei Bandido. Tenho uma reputação a zelar. E colocar quatro príncipes, de reinos distintos, em uma cela foi um golpe e tanto, não concordam? Mal posso esperar para ouvir a próxima música que vão fazer sobre mim.

— Aqueles bardos nojentos... — murmurou Liam consigo mesmo. Em seguida voltou os olhos para Rauber. — Por que nós quatro sabemos quem é você? Como todo mundo sabe o seu nome e o nosso não? Por que os bardos lhe dão tanta atenção?

— Porque sou *mau*, Liam — respondeu Rauber, como se aquela fosse a resposta mais óbvia do mundo. — Medo e pavor: isso vende. Se quiser ser respeitado de verdade, troque de lado.

— Você me causa nojo, Rauber — Liam cuspiu.

— Me chame de Vossa Alteza — ordenou o rei Bandido. — Sou o rei dentro destas paredes. Na verdade, pelo que ouvi falar, tenho mais súditos leais do que você. O povo de Eríntia não está muito feliz com você, está?

— Como fica sabendo de tudo isso? — perguntou Liam, surpreso.

— Tenho espiões em toda parte, Liam — respondeu Rauber. — Sou muito bem informado.

Liam teve uma ideia, então limpou a garganta para falar:

— Muito bem, *Vossa Alteza*, por que não mostra que é digno de todos esses seguidores? Enfrente-me em um duelo. Somente você e eu. Se eu vencer, nós quatro estamos livres; se você vencer, pedimos aos nossos reinos para enviar a quantia que exigir.

— Você está brincando? — perguntou Rauber. Então fez um barulho de pum com a boca e fingiu estar abanando o mau cheiro. — Por que eu aceitaria isso? Você é duas vezes maior do que eu; acabaria comigo em dois segundos. Sou malvado, não tonto. Guardas, levem os príncipes de volta para a cela. Ah, e cortem os pés deles para que não tentem fugir.

Mais uma vez Liam ficou sem palavras.

— Espere, e quanto a mim? — interpelou Duncan. — Sou muitos centímetros mais baixo do que Liam, o único exercício que pratico é correr das abelhas e nunca usei uma espada antes na vida. E se duelar contra mim?

— Você ficou louco? — sussurraram em coro Liam e Frederico.

— Não se preocupem — murmurou Duncan. — Coisas assim costumam funcionar a meu favor.

— Quer saber de uma coisa? — disse o rei Bandido. — Por que não? Pode ser divertido. Eu topo.

Todos os seus seguidores deram vivas e gritaram.

— Excelente — disse Duncan. — E vai nos libertar se eu vencer?

— Claro que não — respondeu Rauber. — Vocês são meus prisioneiros, e isso não vai mudar até que eu receba uma montanha de dinheiro da família de vocês. Mas vou lutar mesmo assim. Só de brincadeira. Não matarei você, é claro; quero receber um resgate pela sua cabeça. Mas acho que os meninos aqui vão gostar de ver você perder uma ou duas partes do corpo. — O rei Bandido começou a pular animado no trono. — Ah, e sabe de uma coisa? Ei, Liam, usarei a espada do seu pai para fazer picadinho do seu amigo.

Duncan engoliu em seco, sentindo uma estranha sensação no estômago. Seria dúvida? *Não, não*, pensou consigo mesmo. *Minha sorte mágica vai me ajudar.* (Só que ele não tinha nenhuma sorte mágica.) *Além do mais, vale a pena correr o risco. Será uma ótima maneira de impressionar meus novos amigos.*

— Por sinal, esse tapa-olho é bem legal — comentou ele com o rei.

— Obrigado — disse Rauber, tirando o tapa-olho e piscando para Duncan com o olho esquerdo. — Não tenho problema em nenhum dos olhos; só uso isso para impressionar. Muito bem, guardas, levem os prisioneiros e preparem o príncipe Duncan para o duelo.

— Na cobertura, como sempre? — perguntou Horácio ao chefe.

— Isso mesmo — respondeu Rauber. — Ei, tive uma ideia. Neville, por que você não pergunta para a velha se ela pode nos emprestar um daqueles músicos? Eu gostaria que esse momento fosse imortalizado em uma canção.

— Isso foi uma brincadeira, não foi, senhor? — perguntou Neville, engolindo em seco. — O senhor não quer mesmo que eu, sabe... que eu fale com ela. Não cara a cara ou coisa parecida. Quer?

Rauber ficou em silêncio por um segundo, durante o qual a testa de Neville pingou de suor.

— Não, a casa dela é muito longe daqui — disse Rauber finalmente. — Não quero esperar tanto. Ei, Duncan. Você tinha uma flauta quando foi trazido para cá, então deve ter algum talento musical. Componha uma música sobre sua própria mutilação. Mas faça algo simples, algo de que os idiotas dos meus capangas consigam se lembrar.

Duncan ficou intrigado.

— Mas nunca compus uma música antes.

Ele sorriu e começou a cantarolar enquanto era arrastado para fora da sala do trono, ainda acorrentado aos outros príncipes.

— Que estranho! — sussurrou Liam aos outros enquanto eles eram levados. — Quem é a velha da qual Rauber estava falando?

— A mãe dele? — chutou Gustavo. — Não importa. Precisamos encontrar um jeito de cair fora daqui.

— Não, a mãe dele está trancada no... — Liam ia dizendo.

— A mãe dele não é problema nosso — interferiu Frederico. — Vamos ficar coxos. Vocês sabem o que isso significa? Sem pés. Sou um dançarino, gente. *Um dançarino.*

Eles estão certos, pensou Liam. Não temos tempo para analisar cada uma das palavras do rei Bandido. Temos coisas mais importantes no momento para pensar. Como impedir a morte de Duncan.



O PRÍNCIPE ENCANTADO MERGULHA DE CABEÇA

A cobertura do castelo do rei Bandido fora construída como um ponto estratégico de onde os malfeitores podiam jogar óleo fervente sobre qualquer um que tentasse invadir a fortaleza, mas servia também como um bom lugar para duelos e, ocasionalmente, banhos de sol. Foi lá no alto, acompanhado da torcida de seus leais seguidores, que Deeb Rauber se preparou para fazer picadinho do príncipe Duncan.

Os guardas conduziram os quatro príncipes, ainda acorrentados uns aos outros, de uma das torres de vigia até a cobertura de pedra. O exército de bandidos vaiou e assoviou até o rei erguer a mão em sinal de silêncio. Então, ele dançou no centro do pátio, agitando de um lado para outro a mais fabulosa espada já vista por todos os presentes. Do cabo até a ponta, a lâmina era cravejada de diamantes, esmeraldas, rubis e safiras. A arma brilhava e refletia como um céu iluminado de fogos de artifício. Era a legendária espada de Eríntia. Liam cerrou os dentes ao vê-la e jurou em silêncio que, um dia, recuperaria a espada de sua família. *Mas minha prioridade, agora, é garantir que aquele tolo do Duncan não se mate, pensou. É preciso fazer uma coisa de cada vez, não é? Ser um herói, às vezes, pode ser muito frustrante.*

A cabeça de Duncan estava atordoada com a adrenalina enquanto ele observava o rei Bandido se pavoneando de um lado para outro, exibindo-se para seus seguidores. Duncan sabia que o garoto de dez anos em breve pararia

de brincar e começaria a atacá-lo com aquela espada bela e mortal, e ele se perguntava como exatamente sua sorte mágica iria salvá-lo. Um dos guardas soltou as correntes de Duncan, separando-o dos outros príncipes, e o empurrou para a parte aberta e ensolarada do pátio a fim de que enfrentasse o rei Bandido.

— Como está indo a música? — perguntou Rauber.

— Estou pensando em começar mais ou menos assim — respondeu Duncan, cantando: — O rei Bandido levou o príncipe Duncan para o teto. Ele planejava fazer picadinho dele, é papo reto!

— Está péssima — disse Rauber.



Fig. 26
A espada de Eríntia

— Desculpe. Sou principiante — explicou Duncan. — Talvez fique melhor se eu trabalhar depois do duelo. Assim, saberei como ele termina.

— Ah, mas todos nós sabemos como isso vai terminar — disse Rauber com um sorriso. Em seguida, jogou a espada de Eríntia de uma mão para outra. — Está pronto para se ferir?

— Mudaria alguma coisa se eu dissesse não? — indagou Duncan.

— Não — respondeu Rauber com um sorriso maldoso, balançando a cabeça e rindo enquanto cortava o ar em ziguezague.

— Não vou ganhar uma espada também? — perguntou Duncan. — Quer dizer, você disse que isso ia ser um duelo e não uma carnificina.

— Ah, sim, claro — respondeu o rei Bandido. — Ninguém poderá dizer que o rei Bandido não é justo. Horácio, empreste sua arma para o príncipe.

Horácio avançou, saindo do meio da multidão e arrastando uma enorme espada de dois gumes. A lâmina devia medir em torno de um metro e oitenta de comprimento e pesava mais que Duncan.

Duncan deixou escapar uma risada nervosa.

— Acho que uma menorzinha já servia. — Sua sorte estava demorando a dar as caras. Duncan tinha imaginado que, àquela altura, a mágica já teria resolvido a situação, e esperava que ela não tivesse tirado férias ou algo assim.

Os próximos segundos pareceram correr em câmera lenta. Horácio lançou a enorme espada na direção de Duncan. A risada zombeteira da centena de malfeitores ecoou nos ouvidos de Duncan enquanto a lâmina voava até ele. O príncipe se esticou e — para sua surpresa — agarrou o cabo da espada com as duas mãos. Entretanto, Duncan não era um homem extremamente forte, e para ele foi como se tivesse sido atingido por uma bala de canhão. Sem conseguir conter o ímpeto da arma pesada, ele cambaleou desgovernado para trás — e tombou na beirada do telhado.

Nesse momento, Liam entrou em ação e mergulhou para salvar o companheiro que caía, segurando-o pelos tornozelos. Mas Duncan continuou caindo, levando Liam com ele. Gustavo e Frederico, ainda acorrentados a Liam, gritavam enquanto eram arrastados e saíam voando por cima do muro do castelo com os outros dois.

Todos os bandidos pararam de rir.

— Meus príncipes! — gritou o rei Bandido. Então, voltou-se para Horácio e Neville: — Seus imbecis, vocês me fizeram perder meus resgates reais! Esqueçam as recompensas. Vocês receberão a pior punição que já apliquei!

— Mas não fizemos nada! — protestou Neville enquanto Horácio tentava esconder, sem sucesso, o corpanzil atrás do companheiro magricela.

Enquanto isso, vários metros abaixo, os quatro príncipes se debatiam violentamente à medida que balançavam no ar. A ponta afiada da espada de Horácio tinha ficado presa — encaixada entre duas pedras da parede do castelo — e Duncan se segurava com todas as forças no cabo. Abaixo, pendiam Liam (ainda grudado aos tornozelos de Duncan), Gustavo e Frederico — todos acorrentados pela cintura.

— Não estou aguentando mais segurar — disse Duncan com os dentes cerrados. — Eu não estava exagerando sobre a minha falta de exercícios.

— Solte — disse Liam.

— O quê? — gritou Frederico para ele. — Soltar? Você está louco?

— Olhe para baixo, Frederico — pediu Liam.

Frederico olhou. Seus pés estavam a poucos centímetros do chão.

— Ah.

Duncan soltou e os quatro caíram no terreno pantanoso e encharcado. Aterrissaram formando uma pilha, um em cima do outro. Duncan, excetuando os dedos doloridos, saiu completamente ileso. Desceu muito orgulhoso de si mesmo da pilha de príncipes e disse:

— Aquilo é que foi sorte.

— Não quero nem ouvir a tal palavra que começa com S, dr. Ilusão — avisou Gustavo. Então, puxou Frederico da lama grossa e grudenta. — Você está bem? — perguntou.

— Sobrevivi — respondeu Frederico. — Obrigado por perguntar.

— Ei, só queria ter certeza de que você não vai me atrasar — disse Gustavo.

— Rápido, vamos cair fora daqui antes que um deles resolva olhar por cima do muro para ver se não morremos — disse Liam.

— Onde será que aqueles malditos colocaram nossos cavalos? — resmungou Gustavo, olhando ao redor.

— Não temos tempo. Precisamos correr — falou Liam. — Além do mais, não daria para cavalgar acorrentados.

Os quatro começaram a descer a colina, distanciando-se do castelo do rei Bandido, o mais rápido que os pés permitiam.

— Então... para onde... estamos indo? — ofegou Duncan.

Gustavo, que estava acorrentado entre Liam e Frederico, fez com que os outros tropeçassem ao resolver disparar na frente do grupo.

— Me sigam — gritou ele.

— Não se ofenda, Gustavo — iniciou Frederico —, mas você já fez com que nos perdêssemos antes. Por acaso sabe para onde estamos indo?

Gustavo deu um sorriso afetado.

— Sei muito bem para onde estamos indo, capitão Trancinhas. Para o monte Morcegasa.

— Posso saber por quê? — inquiriu Liam.

— Porque vi nosso amigo, o gigante, lá.



← 12 →

O PRÍNCIPE ENCANTADO ABRÇA UMA ÁRVORE

— O que vamos fazer agora?

— Hum? — resmungou Gustavo, enquanto ele e Liam corriam pelo bosque, arrastando Frederico. Duncan, que estava livre das correntes, se arrastava sozinho, metros atrás.

— O que vamos fazer agora? — tentou de novo Frederico, totalmente sem fôlego, parecendo um gato asmático preso dentro de uma sanfona.

— Espere um minuto, Gustavo — disse Liam, parando o trio de repente. — Já estamos longe o bastante do castelo de Rauber. E acho que nossos companheiros estão precisando de um descanso.

— Eu estou bem — retrucou Duncan alegremente enquanto corria para alcançar os amigos. — A lama grudou um pouco nas minhas botas de feltro, e faz um barulhinho engraçado quando piso. Isso me lembra dos passeios pelo pântano que Branca de Neve e eu costumávamos fazer de vez em quando. O pântano não é o tipo de lugar para você passar muito tempo, e o cheiro não ajuda muito, mas, quando se deseja examinar musgos...

— Corta essa, Garoto Natureba — interrompeu Gustavo. — O Ofegante Maravilha aqui está tentando dizer alguma coisa.

Frederico tinha caído de cara sobre uma pilha de folhas secas. Ele ergueu a cabeça e cuspiu uma pinha.

— O que faremos agora? — suspirou.

— Primeiro de tudo, vamos nos livrar destas correntes — disse Liam.

— O que estamos esperando? — perguntou Gustavo. Em seguida, pegou uma pedra enorme e a arremessou contra a corrente que pendia entre ele e Liam. Mas a pedra não conseguiu romper os elos de metal, apenas impulsionou a corrente para o chão, fazendo com que Gustavo e Liam colidissem violentamente um contra o outro.

Frederico balançou a cabeça.

— Mas o que é isso? Até eu sei que não é assim que se faz — disse. — É preciso apoiar a corrente em cima de uma pedra enquanto bate com outra. Foi exatamente isso que sir Bertram fez com a corrente de um relógio de bolso em *O segredo da sinistra caixa de rapé*. Duncan, me ajude a encontrar mais pedras.

De quatro, Frederico se virou e afastou os galhos de um arbusto próximo. Não viu nenhuma pedra, mas seis olhos o encarando atrás de uma moita.

— Um monstro! — gritou Frederico. Então, com mais velocidade do que ele mesmo imaginava ter, ficou em pé e saiu correndo. Liam e Gustavo foram arrastados com ele. Os três príncipes não tiveram outra opção senão sair correndo como se fossem um só pela floresta lamacenta.

— Por que estamos correndo? — berrou Gustavo, saltando por cima de um galho caído no caminho. — Vamos voltar e enfrentar o monstro!

— Onde está Duncan? — gritou Liam enquanto desviava de um galho atrás do outro. — Ele não está conosco!

Mas o medo é um combustível poderoso, e o tanque de Frederico estava cheio. Ele nem deu ouvido aos outros.

Quando o trio estava passando entre um par de pinheiros, Gustavo e Liam seguraram cada um em um dos troncos e pararam abruptamente. A parada súbita freou Frederico, fazendo-o cair de costas com um estrondo.

— O monstro já foi embora? Onde está Duncan? — gritou. Em seguida, percebeu que os outros o encaravam e só então se deu conta de que havia deixado para trás um dos amigos. — Nossa, estou tão envergonhado.

Ele ficou em pé com dificuldade, e os três voltaram correndo em busca de Duncan. Mas, quando chegaram ao ponto onde Frederico tinha surtado, não havia nenhum sinal do príncipe de Sylvaria.

— O monstro o pegou — disse Gustavo.

— Que tipo de criatura era? — perguntou Liam.

— Não sei — respondeu Frederico. — Vi apenas os olhos. Seis deles.

Liam se voltou enfurecido para Frederico.

— Como pôde deixar Duncan para trás? Sei que é novo nisso, mas nunca dê as costas para um aliado em perigo.

— Eu sei — murmurou Frederico. — Você imagina como estou me sentindo mal por isso?

— Dá um tempo, herói — Gustavo alertou Liam. — Está na cara que o sujeito está se sentindo péssimo por isso.

— Por favor, não seja tão duro com Frederico — disse Duncan, saindo detrás de algumas árvores, seguido por um trio de anões emburrados. — Esses caras podem ser bem assustadores às vezes.

Frederico caiu de cara na lama novamente.

— Duncan, você está bem! — gritou Liam.

— Sinto muito se causei uma discussão — disse Duncan. — Quando vocês saíram correndo, comecei a segui-los, mas olhei novamente e vi esses carinhas saindo de trás dos arbustos, por isso tive de voltar para dizer oi. Meus caros príncipes, permitam que eu lhes apresente meus amigos: Flik, Frak e Frank.

— Já nos conhecemos — disse Frank, o maior dos três anões. Claro que “maior” é um termo relativo em se tratando de anões. Ele não passava da cintura de Duncan. — E não somos exatamente *amigos* do Príncipe Encantado aqui. Somos amigos da esposa dele.

Liam olhou curioso para os três anões barbudos — cada um trazia nas costas uma mochila pesada e, na cabeça, um chamativo gorro com tapan-orelhas.

— Vocês são os anões que me trataram mal em Sylvaria — disse ele.

— *Anãos* — corrigiu Frank.

— Isso mesmo — disse Gustavo. — O Almofadinha e eu também encontramos os três resmungões por lá.

— Estou tão envergonhado — murmurou Frederico para ninguém em particular, ao perceber que na verdade não tinha visto nenhum monstro entre os arbustos. — Seis olhos, três anões.

— *Anãos* — corrigiu Frank.

— Como vieram parar aqui em Sturmhagen? — perguntou Liam.

— Vocês pareciam um bando de esquisitos com todas aquelas perguntas estranhas sobre Príncipe Encantado — disse Frank, encarando os quatro. — Ficamos desconfiados, por isso resolvemos segui-los. E então vimos Duncan, o Destemido, envolvido com vocês.

— Duncan, o Destemido? — Gustavo riu. — Você está sendo sarcástico, certo?

— Sim — disse Frank, emburrado. — Continuando, não somos particularmente fãs de Duncan, mas gostamos muito da Branca de Neve, e ela parece gostar dele por algum motivo. Quando foram levados por aqueles bandidos, resolvemos continuar na cola de vocês para garantir que o príncipezinho não se mataria ou algo do tipo.

— Vocês viram quando os bandidos nos capturaram? — perguntou Duncan, incrédulo. — Por que não nos ajudaram?

— Por acaso tenho cara de ser sua mãe? — ralhou Frank.

— Vamos deixar para lá o que fizeram ou deixaram de fazer — disse Liam. — Vocês podem nos ajudar agora? Precisamos nos livrar destas correntes.

— *Anãos* são especialistas na arte de forjar metal — disse Frank, mostrando o primeiro esboço de um sorriso. — Correntes não são problemas para nós.

Flik, Frak e Frank formaram um círculo e cada um vasculhou dentro da mochila do anão da frente, de onde tiraram martelos e formões, que jogaram na direção dos príncipes. Em seguida, os três começaram a martelar as

correntes com a velocidade de uma britadeira. Segundos depois, os pesados elos de metal caíram na lama com um estrondo surdo.

— Já vi mais rápido — murmurou Gustavo.

— Me ensina, Frank! Me ensina! — Duncan ria, entusiasmado.

— Quantas vezes terei de dizer não, Duncan? — disse Frank muito sério.

— Só porque não sou um anão?

— Exatamente por isso.

Frederico, assim que se viu livre, lançou os braços ao redor de Flik e Frak, num abraço agradecido. Os dois anões, escandalizados, trataram de empurrá-lo rapidinho.

— Você está imundo, cara — disse Flik. — Mostre um pouco de respeito.

— Por acaso ouviram o suficiente das nossas conversas para compreenderem o que estamos planejando fazer? — perguntou Liam para Frank. — Estão cientes de que estamos em uma missão para salvar Cinderela?

— Sim, captamos a essência.

— Vão se juntar a nós? — indagou Liam. Em seguida, ele se inclinou e continuou num sussurro: — Vocês viram com o que estou tendo de lidar. Preciso do máximo de ajuda possível.

— Não brinca. Os meninos e eu já discutimos isso — disse Frank. — E resolvemos que vocês são muito ruinzinhos para continuarmos apenas observando de longe. Por isso, sim, vamos junto. De qualquer maneira, precisamos ficar de olho no Duncan, o Desafiador da Morte.

Duncan avançou.

— Não, não, não — protestou. — Eu os proíbo. Vocês não vão nos acompanhar.

— Você não pode estar falando sério — rompeu Frederico. — Eles estão dispostos a ajudar e está recusando a ajuda? Você perdeu completamente a...

Liam ergueu a mão, interrompendo Frederico.

— Acho que o que Frederico está tentando perguntar é: Por que você está dispensando os anões?

— Tenho uma missão muito mais importante para esse trio honrado e valente — disse Duncan. Então, agachou-se ao lado dos anões e se dirigiu a eles: — Tem algo que preciso que vocês façam, meus amigos.

— Fique em pé, Duncan — zangou Frank. — Sabe como detestamos quando você se agacha para falar com a gente. Isso é um insulto.

Duncan se levantou.

— Desculpa, desculpa. Então, vocês três são os únicos que conheço capazes de chegar até minha casa em Sylvaria.

— Sim — disse Frank. — *Anãos* são ótimos navegadores.

— Isso mesmo. E, se estivessem dispostos a me ensinar um pouco dessas habilidades, talvez eu parasse de me perder tanto — afirmou Duncan.

— Você não é um anão.

— É... Enfim, usem esse talento de navegadores para voltar para casa — disse Duncan. — E digam a Branca de Neve que estou bem. Ela deve estar muito preocupada comigo.

— Tem certeza de que quer que eles façam isso? — perguntou Liam. — Sinceramente, acho que eles seriam muito mais úteis nos acompanhando.

— Também não gosto dessa ideia — disse Frank. — Não sei se posso confiar que esses “príncipes” vão cuidar de você — ele fez gesto de aspas ao pronunciar a palavra *príncipes*.

— Frank — começou Duncan, exibindo sua expressão mais séria e contida, que mesmo assim não era muito convincente —, sou o príncipe da sua terra. E isso não foi um pedido. Foi uma ordem. Vocês retornarão a Sylvaria e informarão Branca de Neve sobre meu paradeiro. E entreguem a ela este graveto que encontrei. Ele parece um pônei, estão vendo?

— Certo — resmungou Frank ao pegar o graveto. — Não aguento mais ficar por aqui mesmo. Não suporto ver você fingindo ter capacidade de liderança. Vamos cair fora daqui, rapazes.

— Esperem — disse Liam. — Se precisam mesmo ir — voltou os olhos para Duncan —, posso pedir um favor primeiro?



Fig. 27
Duncan e Frank

— O que é? — perguntou Frank sem paciência.

— Será que vocês não teriam alguma arma dentro das mochilas? Não podemos lutar contra uma bruxa e um gigante de mãos vazias e ainda esperar vencer.

Frank revirou os olhos.

— Vocês são inacreditáveis. Sim, podem ficar com as nossas espadas. Elas vão servir direitinho: *anões* são especialistas na confecção de armas.

Enquanto Liam agradecia, os anões pegaram quatro espadas de dentro das mochilas e entregaram uma para cada um dos príncipes.

— Elas são minúsculas! — exclamou Gustavo.

As espadas eram proporcionais ao tamanho dos anões; cada uma devia medir no máximo trinta centímetros.

— Ei, amigo — rosnou Flik. — Você tem alguma coisa contra *anões*?

— Até hoje não — retorquiu Gustavo.

— As espadas são ótimas — disse Frederico, recostando-se em uma árvore.

— Tenham uma boa viagem de volta para casa. Apesar de eu não acreditar que vocês estão indo mesmo para casa.

— Isso mesmo, obrigado — adicionou Liam.

— Tomem cuidado para não morrer muito rápido — disse Frank.

Logo em seguida, os anões desapareceram floresta adentro.

— Sério, como vamos lutar com estas coisinhas? — Gustavo ergueu a espada minúscula.

— Não tenho do que reclamar. Esse tamanho é bem melhor para mim do que a última que tentei usar — disse Duncan.



Fig. 28
Espada anã

— Vejam, estas espadas podem ser pequenas, mas são firmes e afiadas — ponderou Liam. — Acho que ainda ficaremos agradecidos por ter conseguido essas armas. Os anões são famosos pelo talento que têm de forjar metal.

— Sim, pelo jeito os anões são famosos por tudo — murmurou Gustavo, balançando a cabeça.

— Bom, acho que é melhor seguirmos adiante — propôs Liam, guardando a espada miniatura dentro da bainha muito maior, pendurada ao seu cinto.

— Sinto muito, mais ainda não me conformei com o fato de termos mandado os anões embora — disse Frederico, ainda um pouco aborrecido. — Onde você estava com a cabeça, Duncan? Não imagina como será perigoso

enfrentar Zaubera, imagina? Você devia estar apavorado. Mas age como se estivesse indo comprar calças novas ou algo assim.

— Sei que é perigoso! Foi por isso mesmo que mandei os anões embora, para protegê-los — Duncan mentiu.

— E quanto a nós? — indagou Frederico, chocado. — Tudo bem para você se um de nós morrer?

— Bom, colocando assim, parece terrível — respondeu Duncan.

— E você nem imagina por que não tem muitos amigos — disse Frederico rispidamente.

A observação alterou os ânimos.

— Mas foi você quem saiu correndo quando pensou que os anões iam me engolir! — exclamou Duncan.

— Não pensei que os anões fossem engolir você — retorquiu Frederico. — Pensei que os anões fossem um monstro que ia *me* engolir!

— Chega! — gritou Liam. — Se ficarmos brigando desse jeito, nunca vamos conseguir salvar Cinderela.

— Ah, por que você tinha de apartar a briga? — perguntou Gustavo com um sorriso malicioso. — Eu estava adorando.

Frederico e Duncan baixaram os olhos, envergonhados.

— Duncan — disse Liam —, por que você não foi embora com os anões?

— Porque vocês voltaram — respondeu ele. — Nunca, em minha vida toda, ninguém que correu de mim voltou.

Liam se virou para Frederico.

— Você ainda está bravo com ele?

Frederico negou com um aceno de cabeça e respondeu com a voz embargada:

— Não.

— Ótimo — disse Liam. — Agora, vamos embora.

Frederico levantou a mão.

— Frederico, por acaso deseja perguntar alguma coisa? — indagou Liam.

Frederico bufou e assentiu.

— Não sei usar uma espada.

— Ah, tudo bem — disse Duncan. — Eu também não sei.

— Vamos lá, time — falou Gustavo, imitando um grito de torcida.

— Vejam bem, rapazes, no momento não temos tempo para aulas de esgrima — retrucou Liam. — Apenas segurem a arma pelo cabo e balancem-na contra os caras do mal. Se tudo correr de acordo com meu plano, vocês ficarão encarregados da distração. Acho que nem precisarão lutar.

Frederico ergueu a mão novamente.

— Você não precisa ficar erguendo a mão, Frederico — Liam suspirou.

— Desculpe — disse Frederico, apesar de continuar com a mão erguida. — Só queria perguntar qual é o seu plano.

— Não se preocupe com isso agora — respondeu Liam. Para ser honesto, ele não pretendia incluir os outros no seu plano. Estava acostumado a trabalhar sozinho. Pensava em passar pelo gigante, escalar o muro da prisão, libertar a garota e duelar contra a bruxa, caso fosse necessário. Os outros só teriam de ficar escondidos nos arbustos e distrair o gigante, imitando passarinhos. Mas algo dizia a Liam que aqueles caras, especialmente Gustavo, não ficariam satisfeitos com um papel tão pequeno na missão, por isso ele disparou qualquer coisa. — Quando chegarmos ao esconderijo de Zaubera, façam apenas o que eu disser.

Duncan ergueu a mão.

— O que foi, Duncan? O quê? — Liam bufou.

— Onde posso guardar a espada enquanto não a estiver usando?

— No seu cinto — respondeu Liam.

— Mas e se eu furar a minha perna?

Isso vai ser um desastre, pensou Liam.

Ele tinha razão.



O PRÍNCIPE ENCANTADO É TOTALMENTE DISPENSÁVEL

Lila respirou aliviada quando Rúfio, o Soturno, parou para um lanchinho. Ela estava morrendo de fome. Vinha seguindo o caçador de recompensas há dias, e o homem mal parava para descansar. Vez ou outra, Rúfio dava uma paradinha para investigar alguns rastros ou interrogar algum camponês assustado, mas nunca por tempo suficiente para que Lila pudesse arrumar algo para comer. Sorte sua que Rúfio não era muito cuidadoso na hora de se alimentar; ela apanhava avidamente cada casquinha de pão ou metade de maçã que ele deixava para trás. Mas, desde que saíram do castelo de Rosa Silvestre, ela vinha se alimentando apenas de migalhas.

Lila desceu do cavalo e ficou observando de longe, enquanto o caçador de recompensas abria o fardo de comida. Ela fechou os olhos e imaginou que ele estivesse abrindo um bolo de chocolate. Imaginou, então, que ele comia um pedacinho e, depois de achá-lo muito saboroso, deixava o resto sobre um toco de árvore. Com um garfo. Hummm, cobertura de chocolate.

— Por que está me seguindo?

Lila arregalou os olhos assim que ouviu a voz triste e arrastada de Rúfio, o Soturno. O caçador de recompensas estava parado na frente dela. Como tinha conseguido chegar tão perto sem fazer nenhum ruído? Lila respirou fundo e disparou na direção de seu cavalo.

— Por que está correndo? — protestou Rúfio. Ele pegou uma pedrinha e a jogou. Antes que a menina conseguisse subir no cavalo, a pedra acertou o traseiro do animal, que saiu disparado.

— Meu cavalo! — exclamou Lila com uma mistura de medo e raiva. Então se virou e viu Rúfio avançando em sua direção. Com o capuz na cabeça, mal dava para enxergar o rosto do caçador. Tudo que ela conseguia ver eram os lábios franzidos e o beicinho amuado.

— *Você* está aborrecida? — murmurou Rúfio. — Por acaso pensa que era assim que eu pretendia aproveitar a minha parada para um lanchinho?

Lila correu. Disparou pela estrada de terra o mais rápido que conseguia, grata por não estar usando os sapatinhos de cristal de salto alto que sua mãe tinha escolhido para ela. Não havia nenhum barulho às suas costas, e por uma feliz fração de segundo ela imaginou que tinha conseguido despistar Rúfio. Mas então ouviu o som ligeiro dos cascos de um cavalo. Ele estava vindo atrás dela. Não havia como escapar agora.



Fig. 29
Lila em ação

Lila parou e subiu na árvore mais próxima. Rúfio puxou as rédeas e parou bem embaixo dela.

— Sério? — O homem encapuzado suspirou. — Por que está dificultando tanto as coisas?

Ele esticou o corpo, tentando pegar a perna de Lila, que no mesmo instante pulou para a árvore vizinha. Rúfio soltou outro suspiro e sentou-se de volta na sela.

— Crianças — reclamou. Empurrou o cavalo alguns metros estrada acima até ficar embaixo de Lila novamente. Ela pulou para outra árvore.

— Isso não é engraçado — Rúfio se queixou. Então trotou mais alguns metros e mais uma vez tentou pegar Lila, que pulou para mais uma árvore.

Equilibrando-se precariamente no galho estreito de um pinheiro, Lila ficou observando Rúfio enfiar a mão em uma bolsinha presa à cintura. A menina engoliu em seco e quase perdeu o equilíbrio quando o viu sacando um punhal reluzente. *Essa não*, pensou ela. Fugir de pais irritantes e tutores distraídos não tinha preparado Lila para despistar um caçador de recompensas profissional.

Ela voltou os olhos para a árvore mais próxima, mas esta não parecia perto o suficiente para ser alcançada com um pulo. Rúfio mirou e arremessou o punhal. Paralisada de medo, Lila viu a lâmina vindo em sua direção. *Ele calculou errado; o punhal não vai me acertar*, pensou consigo mesma. Então, prendeu o fôlego e rezou para estar certa.

E estava. Mas, na verdade, ela não era o alvo do punhal. A arma de Rúfio tinha afundado profundamente no fino galho abaixo dela, e o golpe foi forte o suficiente para parti-lo ao meio.

Lila sentiu o galho desaparecer debaixo de seus pés e caiu com ele. Para completar, acabou aterrissando bem nos braços de Rúfio, o Soturno.

— Não gosto de crianças — disse o caçador de recompensas.

— Não estou surpresa — devolveu Lila. Ela estendeu o braço e puxou o capuz para cima dos olhos de Rúfio. Foi uma leve distração, mas o suficiente para a menina escorregar para o chão e sair correndo novamente.

— Uuurr! — resmungou Rúfio, disparando com seu cavalo atrás dela.

Lila contornou uma curva da estrada, correndo ofegante. *Não estou aguentando mais*, pensou. De repente, um par de mãos a apanhou, e uma lhe tampava a boca, impedindo-a de gritar. O estranho que tinha agarrado Lila a puxou rapidamente para o abrigo escuro e úmido de uma árvore oca.

— Shhh... Sou do bem — sussurrou ao ouvido dela uma voz feminina.

Lila e a estranha ficaram quietinhas, ouvindo Rúfio andar em círculos e sair a toda velocidade pela estrada. Segundos depois, o caçador de recompensas já estava longe, provavelmente se perguntando como Lila tinha conseguido desaparecer.

A estranha pegou Lila pela mão e a levou de volta para a claridade. Só então Lila pôde ver a pessoa que tinha salvado sua vida. A jovem devia ter quase a mesma idade de Liam. Seus cabelos estavam presos para trás, e ela usava um vestido azul esfarrapado. O sorriso era gentil e com certa vivacidade selvagem, igual à que Lila sentira quando conquistou o primeiro lugar na feira de ciências do condado.

— Pelo jeito você estava precisando de ajuda — disse sua salvadora.

— Nem me diga — concordou Lila, ainda um pouco desconfiada da animada estranha. — Obrigada.

— Meu nome é Ella.

— O meu é Lila. Prazer em conhecê-la.

— Esses dois últimos dias têm sido os mais malucos da minha vida — confessou Ella. — Está com fome?

— Morrendo — respondeu Lila, e então ponderou se tinha sido uma boa ideia responder com tanta honestidade.

— Sente-se aqui, recupere o fôlego — disse Ella. De dentro de um pequeno saco, ela tirou uns nacos de pão e queijo, que estendeu para Lila.

— Obrigada. — Lila apanhou a comida, que não tinha nenhum sinal do odor amendoado de veneno. Claro que também existiam venenos sem cheiro. Mas ela estava morrendo de fome. Lila deu uma mordida no queijo. Era muito mais saboroso que o melhor bolo de chocolate que ela já tinha comido. Deu outra mordida, dessa vez bem maior. Ella ofereceu-lhe um cantil de água para ajudar o alimento a descer.

— Mais uma vez, obrigada — agradeceu Lila.

— De nada — disse Ella. — Ganhei a comida e a água como recompensa. Cruzei com um sujeitinho do tamanho da minha mão.

— Um gnomo? — perguntou Lila.

— Pode ser.

— Tinha um gorro pontudo?

Ella concordou com um aceno de cabeça.

— Era um gnomo — Lila confirmou satisfeita. Então arrancou outro naco do delicioso pão com os dentes.

— Certo, então era um gnomo — continuou Ella. — E ele estava levando uma surra de duas criaturas roxas com nariz enorme e asas de morcego...

— Diabretes — disse Lila.

— Vou acreditar na sua palavra — afirmou Ella.

Lila sorriu.

— Você não costuma sair muito, não é mesmo?



Fig. 30
Gnomo

— Não, até recentemente — confirmou Ella. — Mas, continuando, percebi que o sujeitinho, o gnomo, estava precisando de ajuda, por isso chutei

aquelas duas coisas roxas para o rio. O gnomo me deu esta refeição em agradecimento.

— Uau, você deu cabo de um par de diabretes sem nem saber o que eram — disse Lila, impressionada. — Os diabretes são venenosos, sabia?



Fig. 31
Diabrete

— Eu não sabia disso — respondeu Ella, sentindo um calafrio. — Mas é bom não esquecer para o futuro. Quer mais pão?

— Não, obrigada. Não quero acabar com a sua comida. Estou satisfeita. Mesmo.

Lila e Ella se entreolharam com um misto de curiosidade e admiração.

— Qual era a daquele homem assustador de capuz? — perguntou Ella. — Por que ele estava correndo atrás de uma criança?

— Aquele é Rúfio, o Soturno. O famoso caçador de recompensas — respondeu Lila. — Na verdade, ele está atrás do meu irmão. Estou tentando chegar na frente de Rúfio para avisá-lo.

— Isso me parece importante — disse Ella. — Mas minha missão também é muito importante. E, acredite ou não, eu ia perguntar se você não poderia me ajudar. Preciso de alguém para avisar... bem, não sei ao certo... um rei, um exército? Um socorro... apenas. Tem uma bruxa que mora em um lugar chamado monte Morcegasa. Ela me raptou e eu consegui fugir, mas bardos de cinco reinos ainda estão em seu poder. Ela pretende matá-los diante de uma plateia.

— Uau, você não estava exagerando. Isso é grande mesmo. E Tirésio Melodia deve estar lá. — Lila removeu a mecha que pendia sobre seus olhos enquanto ponderava o pedido de Ella. Será que seria capaz de recusar um pedido como esse? Não havia nenhuma dúvida quanto à escolha que Liam teria feito. — Sabe, não mencionei, mas meu pai é o rei de Eríntia. Creio que não será difícil convencê-lo a enviar um exército para salvar o nosso bardo. Embora certamente eu seja colocada de castigo. Se bem que nem sei se eles já se deram conta da minha ausência.

— Então quer dizer que você fará isso? — perguntou Ella, esperançosa. — Sei que agindo assim você não vai conseguir alcançar o caçador de recompensas, mas em compensação estaria salvando cinco vidas. Sem falar que eles são a única fonte de divertimento para milhares de pessoas, que do contrário morreriam de tédio. Eu poderia ir, mas estou tentando encontrar as torres onde a bruxa escondeu os bardos. E, para dizer a verdade, não sei ao certo onde estou.

— Você disse torres? — perguntou Lila, entusiasmada. — Quando estava seguindo Rúfio, passamos por uma torre estranha, alguns quilômetros atrás. Era somente ela no meio de uma campina. Sem nada ao redor.

— Lila — disse Ella, pousando as mãos sobre os ombros da jovem. — Você poderia me levar até essa torre?

— Pegue seu queijo e vamos embora.



O PRÍNCIPE ENCANTADO CAI DURO

— Uau! Que enorme! — exclamou Duncan.

Rapidamente Liam tapou a boca de Duncan e fez psiu. Eles estavam a poucos metros da fortaleza de Zaubera e sua torre colossal que chegava até as nuvens.

— Desculpe — sussurrou Duncan. — Mas a torre é *realmente* alta.

Os quatro príncipes tinham encontrado um esconderijo entre as rochas que emergiam na base do monte Morcegasa, de onde poderiam monitorar em segurança a imensa fortaleza de pedra e o campo ao redor.

— Aquela é a construção mais alta de Sturmhagen? Só pode ser, não é? — perguntou Duncan, ainda admirado.

— Tecnicamente, não estamos mais em Sturmhagen — respondeu Gustavo. — Assim que cruzamos para este lado do monte Morcegasa, passamos para o deserto Orfanado. Aqui é terra de ninguém, uma zona morta. Nenhum reino deseja a posse.

— Engraçado — comentou Duncan. — Nunca esperei que um lugar como este, com o nome de deserto Orfanado, pudesse ter uma vegetação tão viçosa.

— Aquilo é uma arquibancada? — perguntou Frederico ao avistar o que parecia um anfiteatro montado sobre um gramado de frente para a fortaleza.

— Não esperava encontrar uma arquibancada no esconderijo de uma bruxa — comentou Duncan.

— Isso é mesmo muito estranho — disse Liam. — O que será que ela está tramando?

— Pelo menos sabemos como entrar — afirmou Frederico, apontando para a gigantesca porta dupla.

— Dá para passar uma manada de elefantes por aquelas portas — disse Duncan. — Por que será que elas são tão imensas? Será que é para o gigante?

— Não — respondeu Liam. — Estou certo de que a bruxa o faz dormir do lado de fora. — Apontou para o lado esquerdo da fortaleza, onde Reese tirava um cochilo, no chão.

Frederico engoliu em seco.

— É ele! — exclamou com um gritinho.

— Sim, percebi — disse Liam.

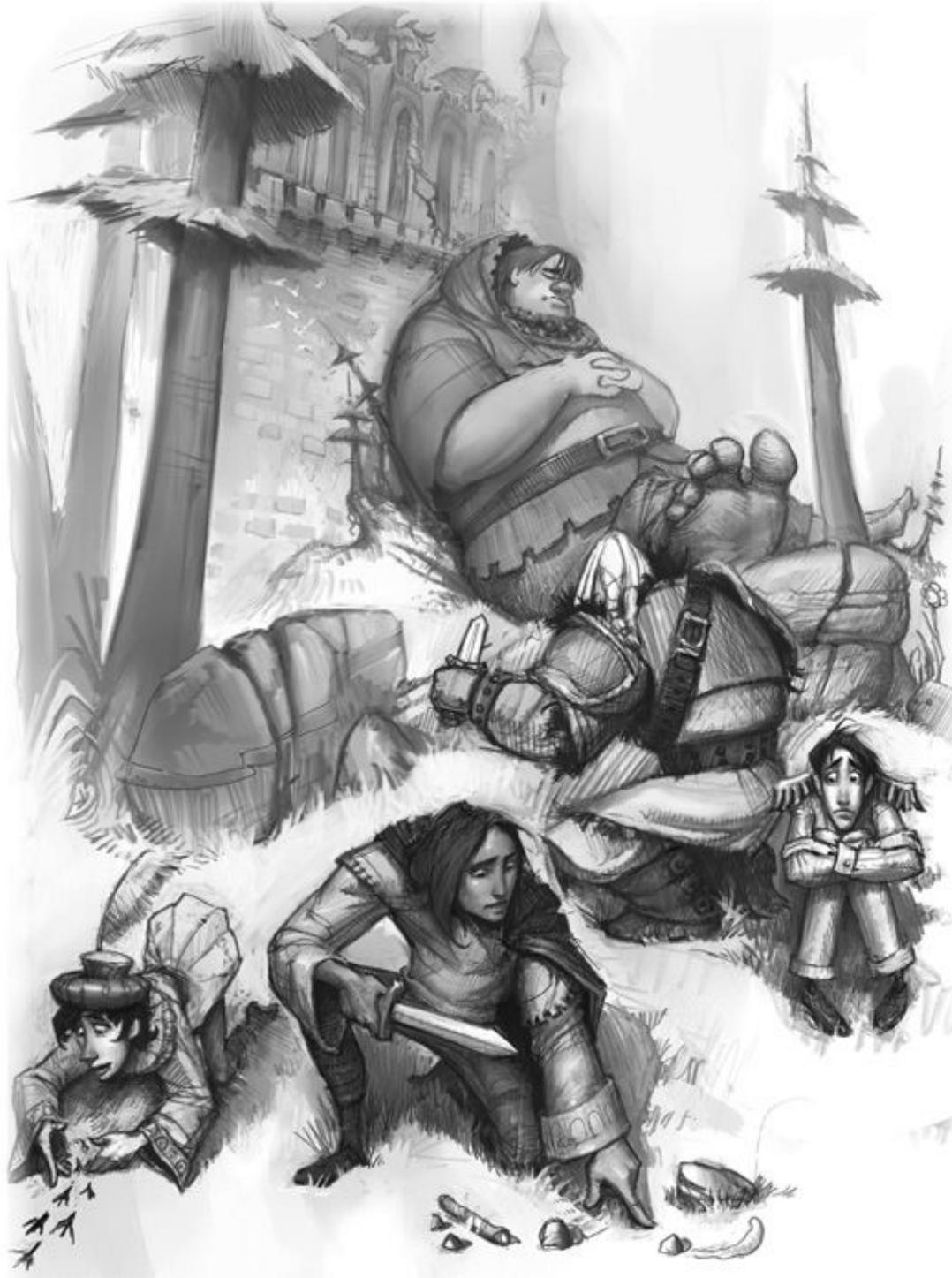
— Nossa, ele também é imenso — falou Duncan, admirado. — Quer dizer, sei que são chamados de *gigantes*, mas sempre pensei: De que tamanho eles *realmente* podem ser?

— Vamos ficar juntos, Duncan — alertou Liam. — Agora, escutem todos. Está na hora de colocar meu plano em ação. É bom mesmo que o gigante esteja dormindo, isso vai facilitar as coisas. Vou entrar na fortaleza. Vocês três distraiam o gigante caso ele...

Mas, antes que pudesse terminar, Gustavo correu para o descampado com a espada em punho, gritando:

— Acorde, gigante! Viemos salvar a mocinha!

— Isso só pode ser brincadeira — resmungou Liam.



Reese abriu os olhos bem na hora em que Gustavo ia atingi-lo com um golpe. A palma da mão enorme acertou o príncipe, que saiu voando por cima da arquibancada para aterrissar com um estrondo nas árvores ao fundo.

— Minha nossa! — exclamou Frederico. — Ele já morreu.

— Não, veja! — gritou Duncan, apontando. Gustavo saiu da floresta, gritando e correndo na direção do gigante novamente. Reese ficou em pé, meio cambaleante, olhando admirado para o agressor.

— Espere aí; você é o mesmo humano estúpido que furou meu pé um dia desses? — vociferou ele.

— Isso mesmo! — gritou Gustavo. — E agora voltei para furar o resto do seu corpo.

— Ele precisa aprimorar o discurso de guerra — sussurrou Duncan para Frederico.

O gigante acertou um chute no peito de Gustavo que o fez cair de costas novamente, mas não antes de o príncipe furar com a ponta da espada o dedão do enorme pé. Gustavo ficou sentado na grama, esperando o gigante sair rolando de dor. Coisa que não aconteceu.

Reese baixou os olhos para o dedão furado e chacoalhou o pé.

— Por que me furou com um palito de dente?

Gustavo se voltou para as pedras que ocultavam seus companheiros e reclamou, enfurecido:

— Eu falei que essas espadas eram muito pequenas!

Reese estava perplexo, tentando entender por que o homenzinho gritava com um monte de pedras. E ficou ainda mais confuso ao ver Gustavo olhando para a espada minúscula e gritando para ela:

— Odeio você! — para em seguida retomar o ataque.

Liam sabia que precisava tomar uma atitude, e rápido.

— Certo, acho que preciso de um plano B.

— Mas você nem terminou de explicar o plano A — disse Frederico, nervoso.

— Vocês vão ajudar o Gustavo — ordenou Liam. — Enquanto isso, eu entro na fortaleza e vou atrás da Cinderela. Mantenham o gigante ocupado até que eu saia com ela.

Frederico e Duncan estavam abrindo a boca para protestar, mas Liam já tinha ido embora antes que os dois tivessem tempo de dizer uma palavra sequer. Ao ouvir um estrondo, a dupla virou bem na hora em que Gustavo estava caindo de costas no chão pela terceira (ou seria a quarta?) vez.

— O que vamos fazer? — indagou Frederico.

— Acho que devemos distrair o gigante — disse Duncan.

— Claro — concordou Frederico. — Gustavo está em apuros, e não posso abandonar um dos meus companheiros outra vez.

— Esse é o espírito! Vá na frente — Duncan o encorajou. Segundos depois, adicionou: — Você não está se mexendo.

— Não estou, não é mesmo? — Frederico choramingou. — Estou com medo. Não consigo. O gigante vai me achatar. Eu não quero ficar achatado. Você não entende? Não fui feito para isso.

— Tudo bem. Eu entendo. De verdade — disse Duncan gravemente. — Eu vou. Mostrarei para esses caras que mereço a amizade deles. Esqueça a última parte, não era para eu ter dito em voz alta.

E com isso Duncan saiu marchando.

Reese segurava Gustavo pelas pernas e batia seu corpo no chão como se estivesse sacudindo um tapete, quando ouviu Duncan chamando:

— Iuhuu! Gigante! Olhe aqui!

Reese olhou para Duncan, que, parado com as mãos nos quadris, tentava parecer majestoso e ameaçador (mas, na verdade, ele estava mais para ridículo).

— Isso mesmo, gigante, aqui embaixo — insistiu Duncan. — Acho que terei de pedir que o senhor coloque meu amigo no chão. Está vendo, eu *também* tenho uma espadinha. Quer dizer, nem é tão pequena. Não quis dizer *espadinha*, apenas *espada*. Eu também tenho uma espada. Feita de aço de anão. Ouvi dizer que é o melhor. Portanto, prepare-se para a derrota! — Duncan sacou a espada, mas, ao fazê-lo, conseguiu cortar seu cinto, que caiu no chão. A túnica então ficou solta, parecendo um camisolão. — Que droga!

O gigante riu e Gustavo aproveitou o momento de distração para morder o polegar de Reese. Com um grito de dor, ele soltou Gustavo.

— Agora! — berrou Gustavo ao cair no chão. — Pegue-o, agora!

— Mas como? — perguntou Duncan, olhando para a espada em sua mão. Sem saber o que fazer, ele lançou a arma contra o gigante. A espada girou umas duas vezes antes de cair suavemente no chão, alguns metros à frente.

— Essa foi a coisa mais patética que já vi — disse Gustavo.

Duncan avançou para pegar a espada, mas acabou tropeçando no cinto, bateu a cabeça em uma pedra e caiu desacordado.

— Falei cedo demais — comentou Gustavo. — *Essa* foi a coisa mais patética que já vi.

— Duncan! — chamou Frederico, saindo para o campo aberto.

— Mais um? — exclamou Reese.

— O que você está fazendo aqui, Trancinhas? — disse Gustavo. — Volte para o esconderijo atrás das pedras!

O gigante avançou um passo na direção de Frederico, curvando-se para pegar o príncipe. Gustavo tentou impedir. Mas, como atacar Reese com sua espada era inútil, ele fez um longo corte na curva do pé do gigante. *Isso* Reese sentiu.

— Ai! — gritou o gigante. — Preciso arrumar um par de sapatos! — Ele pulou em um pé só, pisou em falso e caiu, igualzinho da outra vez. Só que dessa vez o gigante não derrubou a torre ao lado.

Dessa vez, ele caiu bem em cima de Frederico.



O PRÍNCIPE ENCANTADO PRECISA DE SUPERVISÃO CONSTANTE

Em Sylvaria, Branca de Neve aproveitava o momento de paz e sossego.

No vasto quintal da casa de campo, ela chutou o sapatinho de laço para o alto, afrouxou as fitas do corpete e soltou a saia rodada enquanto se largava sobre a relva fofa e macia. Deitada de costas no chão, observava as nuvens e os galhos das árvores, rindo satisfeita. Era assim que tinha passado a maior parte da infância.

Sorriu ao observar um bando de gansos sobrevoando o céu, então virou a cabeça para ver um coelho fofinho que se aproximou para cheirar os cabelos dela. Ninguém arrumou um nome estranho para o coelho.

— Olá, pequeno — sussurrou Branca de Neve quando os longos bigodes do coelhinho fizeram cócegas na sua bochecha. Ela respirou fundo e soltou um longo suspiro.

Branca de Neve se virou de frente e apoiou o queixo sobre as mãos para observar um passarinho, pousado sobre o banco de madeira que ficava recostado contra o muro do jardim.

— Olá, passarinho Quinta-Feira — saudou ela. — Como sempre, pontual.

Então, cantarolou uma canção enquanto arrancava gramíneas para depois trançá-las, formando um quadradinho. Era bem provável que o quadradinho acabasse virando um descanso para panelas (ela tinha feito *milhares* deles), mas

nunca saberemos ao certo, pois Branca de Neve parou quando se deu conta de algo terrível.

— Passarinho Quinta-Feira? — Ela engoliu em seco, abandonou o trançado e se levantou nervosa. — Espere, você não é o passarinho Quinta-Feira, é? Acabei de ver o Domingo brincando no chafariz logo depois que Duncan saiu.

Mas aquele definitivamente era o passarinho Quinta-Feira. Ela se certificou ao olhar mais de perto o pequenino, e acabou levando uma bicada em troca. Branca de Neve se afastou esfregando o nariz e começando a ficar assustada. O passarinho Quinta-Feira nunca tinha errado o dia.

Tentou pensar. Quantas vezes mesmo ela tinha observado o sol se pôr desde que Duncan partira? O primeiro foi quando pensou consigo mesma como era agradável observar a lua se erguendo sem o fundo musical de uma flauta. O outro foi quando viu um gatinho voando, que na verdade devia ser um morcego. E teve aquele dia que ventou. E o outro que não tinha acontecido nada, o que era bom.

Fig. 32
Passarinhos da semana



Segunda-Feira



Terça-Feira



Quarta-Feira



Quinta-Feira



Sexta-Feira



Sábado



Domingo

— Minha nossa! — exclamou ela. — Faz cinco dias que Duncan foi embora!

Começou a andar de um lado para o outro, agitada, batendo as mãos. Ela pensou que ele só saíra para dar um passeio. Mas passeios não deveriam durar cinco dias. Como ela nem percebeu que havia passado tanto tempo?

Na verdade, Branca de Neve era mesmo um pouco distraída. Moça simples, ela apreciava prazeres simples e passara a maior parte da vida sozinha e feliz, admirando as plantinhas e se divertindo com os animaizinhos. Sem a energia incessante de Duncan para distrair sua atenção, Branca de Neve retomou facilmente a vida sossegada e solitária e acabou se esquecendo do marido.

Agora ela estava preocupada. Apesar de amar Duncan, duvidava das habilidades dele, assim como todo mundo. Já estava imaginando todos os tipos de coisas terríveis e horrendas que podiam ter acontecido com ele, sozinho e por conta própria. Ele podia ter subido no telhado de uma casa e ficado preso lá, sem saber como descer. Podia ter tentado contar os dentes de um lobo

dormindo. Com Duncan, as possibilidades de acontecer uma tragédia eram infinitas.

Branca de Neve ergueu o punho cerrado.

— Onde está você, passarinho Segunda-Feira? Por que não me avisou quando passou o primeiro dia?

Então, Branca de Neve ouviu passos se aproximando. Seu coração disparou e ela saiu correndo rumo ao portão do jardim.

— Duncan!

— Não, somos nós — anunciou Frank, o anão, enquanto ele, Flik e Frak adentravam o jardim. Branca de Neve desanimou ao ver que eram eles. — Obrigado pelas boas-vindas — disse Frank.

— Desculpem, não era minha intenção ser rude — ela afirmou tristinha. — Sabem que adoro ver vocês. Mas eu estava esperando que fosse Duncan. Ele desapareceu há cinco dias.

— Minha nossa, tudo isso? — indagou Flik, irritado. — Não é de admirar que eu esteja tão cansado.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Branca de Neve. — Por acaso sabia que ele está desaparecido?

— Não se preocupe — disse Frank. — Ficamos de olho nele. E, se tivéssemos achado que aqueles bandidos iam mesmo matá-lo, teríamos feito algo para impedir.

— Bandidos? — Branca de Neve ficou chocada. — Que bandidos?

— Não sei — respondeu Frank, encolhendo os ombros. — Uns bandidos. Mas eles já se foram. E não o mataram. Então, qual é o problema?

— Onde o Duncan está? — interpelou Branca de Neve, começando a ficar irritada.

— O príncipe idiota não quis voltar — respondeu Frank bruscamente.

— Ei! — exclamou Branca de Neve. — Sabe que não gosto que o chamem de príncipe idiota.

— Desculpe — disse Frank. — O idiota não quis voltar.

Branca de Neve se inclinou e pressionou a testa contra a de Frank.

— Basta de insultos — avisou num tom de voz sereno e ameaçador que mexeu com o anão, normalmente imperturbável.

— C-certo — murmurou ele. Gotas de suor escorriam pela sua testa e se acumulavam na ponta do seu nariz de batata. Flik e Frak se afastaram sutilmente.

— Onde o Duncan está? — grunhiu Branca de Neve.

— Em Sturmhagen. Ele está com um bando de sujeitos que chamam a si mesmos de Príncipe Encantado — esclareceu Frank. — Eles pretendem salvar Cinderela da torre de uma bruxa ou algo assim.

— O Príncipe Encantado salvando Cinderela da torre de uma bruxa? — repetiu Branca de Neve, recuando um pouquinho. — Por acaso estão participando de alguma peça de teatro? Acho que eles estão misturando as histórias.

— Não, é de verdade. Com a Cinderela de verdade, uma bruxa de verdade.

— Duncan vai acabar morto — disse Branca de Neve. — Não posso acreditar que vocês três o deixaram lá.

— Ele ordenou que viéssemos embora — explicou Frank. — Achou que era mais importante avisar você sobre o paradeiro dele. E pediu para lhe dar este graveto. — Entregou a Branca de Neve o estranho graveto que Duncan tinha lhe confiado. — Ele disse que parece um pônei.

Branca de Neve ficou perplexa.

— Não posso acreditar que deram ouvidos a ele. O homem não tem juízo!

— Mas...

— Ouçam, amo Duncan profundamente, mas ele precisa de supervisão constante — afirmou Branca de Neve. — Onde ele estava com a cabeça? Invadir uma torre? Enfrentar uma bruxa? E este graveto *obviamente* parece um *gato*.

— Hum, odeio dizer isso — murmurou Frank. — Mas acho que eles disseram algo sobre um gigante também.

Branca de Neve inalava e soltava o ar ofegante, a pele e as bochechas, normalmente muito alvas, estavam rosadas de uma maneira que os anões nunca tinham visto. Ela ergueu os ombros, encarou friamente os anões e limpou a garganta. Em seguida, calçou os sapatos.

— Senhores, aprontem a minha carroça — disse com autoridade. — Vocês vão me levar até Duncan.

Em outros tempos, a meiga e tranquila Branca de Neve nunca teria se mostrado tão autoritária. Mas havia algo em conviver com Duncan que despertara a fúria dentro dela.



O PRÍNCIPE ENCANTADO ENCONTRA UM GALHO DE ÁRVORE

Para garantir que fosse levada a sério como vilã, Zaubera tomou nota de todos os adereços e cenários que apareciam nas histórias de bruxa mais famosas que ela já tinha ouvido — teias de aranha, vassouras, vidros com animais secos —, enchendo então sua central de operações com o máximo de coisas do tipo que conseguiu encontrar. A fortaleza estava tão apinhada de bugigangas que costumam fazer parte dos cenários de bruxas que Liam teve de tomar cuidado para não tropeçar numa abóbora ou numa cesta cheia de maçãs envenenadas enquanto procurava pelos largos corredores de pedra.

Tochas presas às paredes lançavam sombras dançantes para todos os lados à medida que Liam bravamente subia andar por andar, verificando uma cela vazia atrás da outra. Até que finalmente, no décimo andar, ao espiar pela pequena janela com grades na porta de madeira de uma das celas, ele avistou uma figura recostada na parede.

Liam arrombou a cela, batendo com o ombro, e adentrou num rompante.

— Sou Liam, de Eríntia. Estou aqui para salvá-la — anunciou triunfante. Então acrescentou com menos entusiasmo: — Mas você não é a Cinderela. Você é um galho de árvore enrolado em um lençol.

Mas como?, ele se perguntou, andando de um lado para o outro na pequena cela. Não havia nenhum sinal de luta, nada quebrado, nenhum sinal de um

túnel de fuga e a porta estava trancada. A única saída possível que Cinderela poderia ter usado era a janela. *Atitude ousada*, pensou Liam, impressionado que a garota tivesse conseguido escapar sozinha, apesar de ficar um pouco desapontado por não haver ninguém para ser resgatado.

Ele se aproximou da janela para ver qual era a distância até o chão, assumindo que Ella havia escalado, pulado ou, de alguma maneira, planado durante a fuga. Lá do alto, ele conseguiu ver Duncan cortando o próprio cinto.



Fig. 33
Não é Ella

— Droga! Esqueça a garota; preciso salvar *aqueles caras*.

Liam desceu as escadas de volta. Ou pelo menos tentou. O interior da fortaleza de Zaubera era muito mais confuso do que se podia imaginar, e minutos depois ele estava começando a duvidar se tinha pegado o caminho certo. Todos os cômodos pareciam iguais.

— Muito bem, esta é a sala onde tinha o caldeirão — falou consigo mesmo.
— Então aquela escada ali deve sair direto na sala onde havia o esqueleto pendurado na parede.

Desceu os degraus correndo.

— Essa não! — exclamou confuso. — Esta também tem um caldeirão. De quantos caldeirões uma bruxa precisa?

Continuou avançando pelos corredores, pelas salas e escadas, até fazer uma curva e entrar em um quarto coberto de mapas, do teto ao chão. Havia mapas emoldurados pendurados nas paredes, mapas enrolados saindo de barris, mapas abertos sobre cavaletes e um mapa imenso preso ao teto por ganchos.

— Definitivamente não passei por aqui antes — disse Liam. Então se virou para bater em retirada, mas parou quando um mapa em especial chamou sua atenção. Ele estava desenrolado sobre uma mesa enorme, com um pequeno pote de tinta vermelha aberto e uma pena úmida caída ao lado, como se tivesse acabado de ser usada. No centro do mapa, estava a gigantesca fortaleza de Zaubera, bem aos pés do monte Morcegasas. Ao sul, o desenho de uma torre estava riscado com um X.

— Aquela deve ser a torre que o gigante derrubou — concluiu Liam. — Mas e todas essas outras, o que significam? — Havia várias torres marcadas no mapa, cada uma em um ponto distinto das florestas e montanhas próximas. Embaixo de cada uma havia a palavra *prisioneiro*.

— Ah, isso é excelente. Há *mais* prisioneiros — murmurou Liam, tomado por uma deliciosa sensação. — Nem tudo está perdido.

Ele enrolou o mapa, enfiou-o embaixo do braço e deixou a sala correndo para retomar a busca pela saída. No fim do corredor, avistou uma escada que

lhe parecia familiar e disparou rumo ao piso que estava certo ser o térreo.

Arrá!, pensou. *Aquele lustre foi a primeira coisa que vi quando entrei.* A enorme armação de ferro suspensa no centro da sala devia ter umas setenta ou oitenta velas acesas, e mesmo assim não era capaz de iluminar totalmente o imenso salão. Liam cruzou o ambiente correndo, rumo à saída. Na pressa, acabou trombando com estantes cheias de bonecos de vodu e corvos mortos. Passou por armários lotados de bolas de cristal e por um dragão empalhado em tamanho natural. *Humm*, pensou, *como não percebi isso antes?*

Foi então que o dragão vermelho — que na verdade não estava recheado de palha, e sim da carne que tinha comido no almoço — avançou soltando vapor e abriu a bocarra para Liam, que no mesmo instante se esquivou e de modo instintivo sacou a espada. Infelizmente, nesse momento ele deixou cair o mapa.

Enquanto o pergaminho caía da mão de Liam, o dragão o acertou no ar com uma de suas imensas garras, e o mapa se desenrolou e planou como se fosse uma pipa. Liam deu um salto para tentar pegar o mapa voador, mas o dragão bateu com a cauda no chão, criando uma rajada de vento que fez o papel sair flutuando pela sala cavernosa, passando por cima de mesas repletas de canecas com um líquido verde cintilante, ao lado de um móbile de patas de macaco mumificadas, até enfim cair num canto tão escuro e distante que praticamente ficava em outro reino.

— Ah, dá um tempo — berrou Liam, batendo o pé no chão de raiva. — O que esse dragão está fazendo aqui? Ninguém tinha dito nada sobre um dragão!

O dragão soltou outra baforada de fogo, e Liam se agachou atrás de alguns caixotes etiquetados com OLHOS DE SALAMANDRA. O dragão lançou a cabeça para frente e mordeu os caixotes, triturando-os e espalhando uma avalanche de olhinhos pelo chão. A fera deu outra dentada. Liam girou para se esquivar das mandíbulas mortais e acabou acertando a cabeça do dragão com sua espada anã. No entanto, o monstro foi mais rápido que o esperado e abocanhou a espada.

— Ei, devolva isso! — gritou Liam, tentando puxar a arma de volta. Mas o dragão tomou a espada da mão do príncipe e a cuspiu para o outro canto da enorme sala. Desarmado, Liam tentou correr para recuperar a arma. Foi aí que escorregou no mar de olhos de salamandra, saiu deslizando e acabou parando bem embaixo da barriga do dragão.

— Eu podia ter feito tudo isso sozinho! — gritou frustrado. — Mas não, Gustavo tinha de sair correndo como um lunático!

De onde estava, Liam chutou com os dois pés a barriga do dragão.

— E Frederico tem medo até da própria sombra!

O dragão olhou para baixo, tentando ver o que o atingira.

— E Duncan está cortando suas próprias roupas!

Liam tateou o chão e engatinhou para trás, para sair debaixo do dragão.

— E, para completar, alguém resolveu colocar um DRAGÃO aqui!

Ele não estava em seu melhor momento. As frustrações dos últimos dias o vinham consumindo lentamente e enegrecendo seu humor. Em um dia normal, se tivesse se deparado com um dragão cuspidor de fogo, Liam teria enfrentado a fera usando alguma estratégia brilhante. Teria encurralado o dragão em algum canto, ou encontrado um modo inteligente de fazer o imenso lustre cair em cima do monstro. Mas naquele dia? Ele resolveu chutar a cauda da fera e gritar:

— Toma essa, seu dragão idiota!

O dragão, como você já deve desconfiar, não ficou nada impressionado. Apenas rosnou, girou para encarar Liam e soltar uma lufada quente. O príncipe saltou para o lado, mas não rápido o suficiente para livrar a longa capa do fogo.

— Péssima jogada! Péssima jogada! — gritava Liam enquanto corria em círculos, tentando desesperadamente se livrar da capa em chamas. Desamarrá-la provou ser um desafio muito grande, então ele se jogou no chão e rolou para apagar as chamas, escapando por pouco de outra mordida do dragão.



Fig. 34
O dragão vermelho

Nada como ser engolido por chamas para sair de um estado de torpor e encarar o desafio. Depois que conseguiu apagar o fogo da capa e ainda se esquivar de mais uma investida do dragão, Liam avançou diretamente para cima da fera, pulando sobre a cabeça dele. Enquanto o dragão tossia surpreso, soltando uma nuvem de fumaça preta, Liam se virou e montou no grosso pescoço do monstro. Segurando firme, ele falou ao ouvido do dragão:

— Muito bem, dragão, agora eu estou no comando. Vamos pegar aquele mapa.

Segurando nos chifres do monstro como se fossem um guidão, Liam bateu com os calcanhares no pescoço do animal e tentou guiar a fera imensa para o canto onde o mapa havia caído. Porém ele superestimou suas habilidades de cavalgar um dragão. Este saiu em alta velocidade rumo às imensas portas de saída — indo para o local onde estavam os outros príncipes. E, honestamente, aqueles caras não precisavam de mais problemas do que já tinham.



O PRÍNCIPE ENCANTADO AINDA NÃO FAZ A MENOR IDEIA DO QUE ESTÁ ACONTECENDO

— Muito bem, chegamos — sussurrou Lila.

Rumando para a torre, Lila e Ella empurravam galhos que mais pareciam chicotes, abrindo caminho em meio a um espinheiro. Igualzinha à outra em que Ella (e Rapunzel) ficara presa, essa torre tinha uma estrutura de pedra branca e cinza que se estendia por quase trinta metros. E, outra vez, não havia portas — apenas uma janelinha no alto. Ella se aproximou na ponta dos pés.

Parou ao ouvir vozes vindas detrás da torre. Eram vozes estridentes, balbuciadas, meio melosas. Se Ella tivesse andado mais pelo mundo, reconheceria de imediato as vozes de duendes. Todos os duendes falam como se estivessem com a boca cheia de gelatina. É um som horrível, e não tem nada pior que ouvir um coral de duendes. Mas, como eu disse, Ella não sabia que estava ouvindo uma conversa de duendes e, ao escutar os desagradáveis grunhidos melosos, imaginou que alguém estivesse se afogando.

— Alguém está precisando de ajuda! — gritou. — Não se preocupem, estou indo!

— Espere — disse Lila. — São...

Tarde demais; Ella já corria para a parte de trás da torre. Mas parou de repente, quando notou que: (a) não tinha ninguém na água, e (b) havia três criaturinhas verdes apontando lanças de madeira em sua direção.

— Minha nossa! — exclamou Ella. — O que vocês são?

— O que nós *somos*? — gorgolejou um dos duendes. — Faz ideia de como isso é ofensivo?

— Claro que sei o que vocês *são* — mentiu Ella ao se dar conta de que tinha ofendido um grupo de criaturas com lanças muito afiadas. — Eu me confundi. Eu ia dizer “O que vocês *estão fazendo aqui*?” Foi muito rude de sua parte me interromper.

— Foi você quem parou de falar — disse o duende. — Pensei que já tivesse dito tudo.

— Isso não é desculpa — argumentou Ella com altivez. Tinha resolvido agir como se fosse uma habitante local e esperava que as criaturas acreditassem. — Mas você ainda não respondeu à minha pergunta.

— Estamos tomando conta da torre — explicou o duende. — Quem é você, afinal?

— Ela é Rúfio, o Soturno — disse Lila, parando ao lado de Ella. — A infame caçadora de recompensas. Até sua roupa surrada combina com o nome.

— Rúfio, o Soturno? — questionou o líder dos duendes. — Pensei que ele fosse um homem.

— Por quê? — interpelou Ella, contraindo os olhos. — Por acaso acha que uma mulher não pode ser a melhor caçadora de recompensas do mundo?

Os dois duendes menorzinhos balançaram a cabeça.

— Então quem é a pequena humana? — perguntou o chefe dos duendes.

— Ah, ela... bem... ela me capturou — respondeu Lila.

— Isso mesmo, trabalho para a bruxa — completou Ella. — Estou trazendo a nova prisioneira para a torre.

— Prisioneira? — perguntou desconfiado o líder dos duendes. — Mas ela nem está amarrada ou qualquer coisa assim. E veio correndo quase dez metros atrás de você.

— Ela não precisa me amarrar — justificou Lila rapidamente. — Morro de medo dela. Se vissem do que esta moça é capaz, também não tentariam fugir.

Os outros dois duendes, mais atrás, arregalaram os olhos assustados. Ao saltarem das órbitas, eles fizeram um barulho horrendo. O líder, no entanto, ainda estava desconfiado. Ele encarou Ella.

— Se trabalha para a bruxa — perguntou o duende, num ritmo lento e ponderado —, então pode nos dizer qual é o nome dela?

Lila lançou um olhar ansioso para Ella, que respirou fundo, pois não fazia a menor ideia de qual era o nome da bruxa. Mas podia apostar que aquelas criaturinhas esquisitas também não sabiam.

— E *vocês* sabem o nome dela? — perguntou.

Os três duendes, cujo encontro com a chefe só tinha durado cinco minutos antes de ela gritar e mandá-los embora para guardar a torre, se reuniram e discutiram entre eles. O som resultante parecia o de uma raposa cheirando um caldeirão cheio de cozido. Depois de minutos — e de várias ocorrências em que um duende esbofeteava o outro repentinamente —, eles abriram a roda e encararam Ella.

— Hum, vamos de... Wendy — anunciou o primeiro duende.

— Excelente — disse Ella, sem fazer a menor ideia se eles estavam certos ou não. — Ela vai ficar muito contente quando souber que vocês acertaram.

Os três duendes respiraram aliviados.

— Mas ela não vai ficar nada contente quando souber que encontrei os três no lado errado da torre — continuou Ella com um tom sinistro, imitando sua madrastra. Os duendes deram um sobressalto. — Vocês deviam guardar a torre. Por que não estão no lado da janela?

— É que o prisioneiro... — iniciou o primeiro duende.

— Você quer dizer o *bardo* — corrigiu Ella, esperando que o duende confirmasse o que ela já desconfiava.

— Isso mesmo, o bardo — ele confirmou. — Ele escreveu aquela música famosa. Sabe aquela? — Fez sinal para os outros dois, e o trio começou a cantar: — “Ouçam todos a história que vou contar, meus queridos, sobre uma garota que precisava de vestidos...”

Foi o som mais horrível que Ella e Lila já haviam escutado.

— Parem! Parem! — gritou Ella. — Conheço a música. Só terminem de me contar por que não estão de olho nele.

— O bardo ficava jogando umas coisas esquisitas em nós — confessou, culpado, o primeiro duende, desviando os olhos de Ella.

— Não sei como ele conseguia, mas as coisas vinham com toda velocidade e acertavam com força — acrescentou o segundo duende. — Ele deve ter um estilingue ou algo parecido. — A criatura entregou a Ella um pedacinho de marfim esculpido em forma de orelha.

Ella, que já tinha participado de vários saraus na companhia de Frederico, reconheceu de imediato a tarraxa de afinação de bandolim.

— Não queríamos mais continuar nos ferindo, então mudamos para este lado — finalizou o primeiro duende.

— Quanta irresponsabilidade! — exclamou Ella. — Como sabem que o prisioneiro não fugiu enquanto estavam aqui atrás?

Lila balançou a cabeça como se estivesse triste, apontou para Ella com uma mão e com a outra gesticulou como se seu pescoço estivesse sendo cortado. Um dos duendes menorzinhos tombou para trás e teve de ser amparado pelos outros.

— Vamos ter de verificar — disse Ella. — Como subimos na torre?

Ansiosos, os duendes tiraram de trás de uma árvore uma escada muito alta, que arrastaram até a frente da torre, gemendo por causa do peso, e a ergueram até que a ponta recostasse contra o parapeito da única janela. O primeiro duende começou a subir, mas Ella pousou a mão na cabeça dele para impedi-lo. Ela estremeceu um pouco quando a palma tocou a pele que mais parecia um tapete encharcado, mas mesmo assim se manteve firme.

— Aonde pensa que vai? — ralhou com ele. — Eu vou primeiro.

— Sim, senhor... senhorita Rúfio... senhor — disse o duende, e desceu no mesmo instante, abrindo espaço para Ella subir a alta escada.

— Devemos ficar de olho na sua... hum... prisioneira? — perguntou um dos duendes, encostando a ponta da lança afiada contra o peito de Lila.

Ella parou. Não queria deixar Lila sozinha com aquelas criaturas. Mas Lila fez um gesto com a cabeça, indicando que estava tudo certo.

— *Estou bem* — a mocinha falou para ela sem emitir nenhum som.

— Sim, fiquem de olho nela — respondeu Ella. — Mas não toquem num fio de cabelo dela, se tiverem amor à vida.

Lila sorriu.

Ella retomou a subida. Quando estava quase chegando ao topo, viu um homem de chapéu pontudo surgindo na janela. Ele segurava um bandolim como se fosse um arco, puxando a primeira corda e pronto para lançar outra tarraxa. *Penaleve!*

Assim que o bardo viu quem estava subindo a escada, tratou logo de abaixar a arma improvisada.

— Lady Ella? — indagou ele, pensando que estivesse tendo uma alucinação.

Ella levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio, e fez sinal para que ele se afastasse da janela. Lá embaixo, os duendes cercavam Lila, apontando suas lanças.

Ella entrou pela janela da pequena cela da torre.

— Não diga nada — sussurrou para o bardo, tentando não se distrair com o brilho prateado das calças dele. — Podemos enganar os duendes e tirar você daqui.

— O que a senhorita está planejando? — sussurrou o músico. — Só me resta uma corda.

— Me dê o seu bandolim e se afaste — ela disse. O bardo entregou-lhe o instrumento e Ella gritou para os duendes: — Oh-oh, Wendy não vai ficar nada feliz com isso. É melhor vocês subirem aqui, e rápido.

Apavorados, os três duendes saíram correndo.

— Não tentem fugir — alertou Lila. — Não vai adiantar nada. Ninguém consegue escapar de Rúfio, o Soturno. Ela encontrará vocês em minutos.

— Mas... — iniciou o primeiro duende.

— A única alternativa é subir e consertar a confusão que fizeram — disse Lila.

Confusos, os duendes entregaram as lanças para ela.

— Segure — disse um deles.

Em seguida, subiram apressados até o topo da escada. À medida que cada um entrava pela janela, Ella acertava a cabeça da vítima com o bandolim.

— Isso vai dar um jeito neles — disse, olhando para os três duendes amontoados no chão da cela. Ela e o bardo trataram de sair rapidinho, praticamente escorregando escada abaixo. Em seguida, removeram a escada e a jogaram no chão, para garantir que os duendes ficassem presos por algum tempo.

— Ah, mais uma linda dama — falou o bardo.

— Lila. Sua fã. Prazer em conhecê-lo — ela apertou a mão do bardo. — Que droga. Acho que eu deveria ter feito uma mesura, não é?

— Esqueça — disse o ex-prisioneiro, curvando-se exageradamente. — Penaleve, o Melífluo, sempre será grato, caras donzelas. Mas sou obrigado a admitir que estou um tanto surpreso com sua presença aqui, lady Ella.

— Eu também fui prisioneira da bruxa — disse Ella.

— Ah, então a senhorita sabe que a diabólica mulher também está com meus companheiros bardos em seu poder? — perguntou Penaleve, afofando a manga bufante da túnica dourada. — É preciso socorrer os outros. Por mais divertido que seja ver meus concorrentes perecendo naquela fortaleza espalhafatosamente decorada, em especial Lero Lira e suas rimas sem graça. Vocês acreditam que o homem rimou “Rumpelstiltskin” com “tinta nanquim”? Nem sei como passou pela aprovação do Conselho de Rimas dos Bardos. Mas estou fugindo do assunto. Como estava dizendo, nem mesmo aqueles ínfimos fazedores de música merecem ficar à mercê daquela feiticeira horrenda. Quando ela nos levou para a fortaleza, eu não fazia ideia dos planos apavorantes que a vil mulher tinha reservado para nós. Para ser sincero, fiquei

aliviado quando ela me trouxe para esta torre e me deixou aqui com aqueles duendes.

— É isso que eles são? — perguntou Ella. — Duendes?

— Não ligue — disse Lila, dando tapinhas nas costas da nova amiga. — Ela não sabe muito sobre o mundo.

— Penaleve, por acaso você sabe onde estão os outros? — perguntou Ella. — Onde foram colocados os outros bardos?

— Não, fui o primeiro a ser levado de lá — respondeu ele. — Mas meus amigos trovadores foram colocados em torres parecidas com esta aqui. Acho que existe um mapa que aponta a localização de cada uma. Ouvi os duendes falando sobre isso quando chegaram para montar guarda. Eles reclamavam que a bruxa não tinha deixado que levassem o mapa e que estavam em dúvida se esta era a torre certa.

— Ótimo — disse Lila. — O mapa deve estar na fortaleza do monte Morcegas. Vou pedir ao meu pai que envie o exército para lá.

— Sim, faça isso — concordou Ella. — Mas mesmo assim ainda preciso voltar para a fortaleza da bruxa.

— Sozinha? — exclamou Lila. — Por quê?

— Porque aquela bruxa é imprevisível — respondeu a moça. — Ela pode tentar matar os bardos antes que a ajuda chegue. Preciso agir imediatamente.

O que Ella não contou a Lila era que, na verdade, não tinha a menor intenção de ficar parada de braços cruzados enquanto um pelotão de homens armados com espadas tomava a fortaleza para salvar o dia. Ela queria estar no centro da ação.

— Boa sorte, então — disse Lila. — Quem sabe um dia nos encontremos novamente.

— Garanto que sim. — Ella tirou um grampo do cabelo e prendeu a irritante mecha solta de Lila. — Desculpe — disse —, mas isso estava me dando nos nervos.

— Tudo bem — Lila respondeu.

Ella se voltou para Penaleve.

— Tome seu bandolim de volta — e entregou o instrumento estراçalhado, com o corpo completamente separado do braço, seguro por uma corda apenas. — Peço desculpas por isso — adicionou. — Espero que tenha um reserva.

— Na verdade, tenho trinta e cinco — disse Penaleve com um sorriso muito branco. — Mais uma vez, obrigado por me salvar. Vou escrever uma música sobre você.

— *Outra* música? — Lila deixou escapar enquanto Ella corria para a floresta.



O PRÍNCIPE ENCANTADO É FERIDO E CHAMUSCADO

Do lado de fora da fortaleza de Zaubera, Gustavo batia sem piedade no gigante caído.

— Saia de cima dele! — gritava o príncipe enquanto batia, socava e furava o gigante com a espada.

Gemendo, Reese virou para o lado, revelando o pobre Frederico, esmagado de cara no chão. Gustavo o ergueu da lama.

— Você está vivo? — perguntou ao companheiro largado.

— Acho que não — respondeu Frederico debilmente.

Gustavo o arrastou para perto do ainda inconsciente Duncan.

— Fique aqui, ao lado do sr. Minicapa — disse. — Vou acabar de uma vez por todas com aquela pedra gigante no sapato.

Reese estava sentado no chão, esfregando seus vários ferimentos. Ao ver Gustavo se aproximando, ele soltou um gemido e resmungou:

— O salário não compensa o trabalho.

De repente, as portas da fortaleza se abriram e o dragão saiu voando com Liam montado sobre o longo pescoço. Liam arregalou os olhos ao ver que Gustavo avançava na direção do dragão.

— Gustavo, cuidado! — gritou.

Mas Gustavo só teve tempo de olhar na direção de onde vinha a voz de Liam e dizer:

— Vamos detonar!

Isso antes de ser engolido por uma bola de fogo cuspidada pelo dragão. A armadura protegeu-lhe a maior parte do corpo, apesar de os paramentos de pele terem se desintegrado na hora e os longos cabelos loiros de Gustavo serem reduzidos a zero. Ele largou a espada e se jogou no chão, batendo na cabeça para apagar o fogo.

Aliviado ao ver que Gustavo ainda estava vivo (apesar de levemente chamuscado), Liam começou a puxar os chifres do dragão, tentando virá-lo na direção do gigante. Em vez de seguir o comando, a fera o surpreendeu abrindo o par de asas largas e voando para o alto.

— Para onde você pensa que vai? — gritou Liam enquanto o dragão voava em círculos acima da fortaleza. Tentando manter o controle, ele empurrou os chifres para o lado, a fim de direcionar a cabeça do dragão para baixo. — Desça! Desça!

A estratégia pareceu funcionar. A uma velocidade incrível, o dragão mergulhou na direção do gigante. O vento batia violentamente contra Liam, ameaçando arrancá-lo de seu posto no pescoço do dragão, mas ele segurou firme. Quando viu a fera vindo em sua direção, Reese cobriu o rosto com as mãos.



Enquanto isso tudo acontecia, Zaubera planejava e tramava no seu observatório, no topo da torre mais alta de sua fortaleza, onde gostava de se recolher para pensar. Seu superplano do mal estava indo às mil maravilhas. Ela tinha conseguido capturar Cinderela, a isca perfeita para atrair heróis. Tinha escondido os bardos em locais diferentes, seguros de qualquer tentativa de regaste antes do *grand finale*. E já tinha até tomado o cuidado de contratar mais seguranças para o grande dia.



Três semanas antes...

Cercado de capangas atentos, Deeb Rauber, sentado em seu trono roubado, encarava friamente a velha, seca e de olhos fundos, que entrara no seu quartel de comando sem ser convidada.

— Deixe-me ver se entendi direito — disse Rauber. — A senhora quer que eu, o famigerado rei Bandido, e todo o meu exército trabalhem como seguranças para um show que pretende dar?

— Não é um *show*; é um massacre — esbravejou Zaubera. — Vou eliminar pessoas.

— E como pretende fazer isso? — perguntou Rauber. — Matando todas elas de susto com seu arrepiante olhar de vovozinha?

— Não — disse Zaubera. — Estou pensando em algo assim. — Ela fechou os dedos e lançou um arco de luz azul mágica e intensa, que colidiu diretamente contra o peito de Neville. O bandido magricela soltou um grito agudo e caiu de cara no chão, se contorcendo.

— Fantástico — comentou Rauber, coçando a barba imaginária. — Mas, se consegue fazer *isso*, por que precisa de nós?

— Como já disse, estou esperando um público grande — explicou Zaubera. — Seria útil se você e seus homens pudessem, digamos, manter todos sentados. Não quero que ninguém vá embora antes do *grand finale*.

— Bem, isso tudo parece muito divertido — disse Rauber, enfiando a mão em uma tigela cheia de gominhas ao lado do trono e jogando uma na boca. — Mas o que eu ganho com isso?

— Que tal um reino? — ofereceu Zaubera. O rei Bandido se inclinou para frente, atento, com um fio de baba escorrendo pelo canto da boca.

— Depois que meu plano for concluído, os cinco maiores reinos da terra estarão totalmente sem defesa. Você poderá escolher qualquer um deles.

Rauber quase deu um pulo, mas tentou demonstrar frieza e profissionalismo.

— Creio que o acordo será bom para ambas as partes — disse ele. — Pode contar conosco, minha senhora.



A única coisa que faltava para Zaubera era descobrir qual seria a melhor maneira de informar o mundo sobre o rapto dos bardos. Independentemente do meio escolhido, tinha de ser algo que de fato chamasse a atenção das pessoas. Tinha de ser espetacular.

Zaubera se sentou à mesa, no centro do imenso observatório redondo. Os pilares de pedra escura que circulavam a sala e subiam do chão até o teto faziam com que ela se sentisse ainda mais malvada. A bruxa tirou do caminho o candelabro decorado com crânios humanos e a gaiola de tarântulas e desenrolou um pergaminho amarelado. Então, mergulhou a pena de abutre no tinteiro e se pôs a confabular.

- *Grudar avisos em morcegos com raiva?*
- *Soltar javalis com mensagem raspada no pelo* *Requer muito tempo*
- *Aprender telepatia*
- *Esculpir na lateral de uma montanha* *Talvez*
- *Ensinar papagaios a falar* *"Cinderela deve morrer!"*



Fig. 35
Centro de comando de Zaubera

Ao ouvir um tumulto do lado de fora, Zaubera correu até a janela. Um punhado de homens armados atacava a fortaleza.

— Aqueles idiotas demoraram para chegar — comentou. — Qual a dificuldade em rastrear alguém que deixa pegadas de quase dez metros de

comprimento? — Ela desceu a escada o mais rápido que suas pernas finas conseguiam.

Zaubera surgiu pela porta da frente da fortaleza bem na hora em que o dragão voava ao redor de Reese.

— Parado! — berrou ela.

O dragão parou de repente. Mas Liam não. O impacto foi tão violento que ele soltou os chifres da fera, saiu voando do pescoço do dragão, aterrissou de cabeça e só parou quando trombou contra o barrigão do gigante. Com um *opa!*, Reese dobrou o corpo e Liam caiu no chão, atordoado e ferido.

— Mexa-se, seu grande imbecil — disparou Zaubera contra o gigante. — Acho que vou ter de despedi-lo, Reese. Você não está dando certo. Arrumei um dragão para ajudar e mesmo assim você ainda não consegue dar conta de um bando de humanos ridículos.

— Pelo menos eles não salvaram a garota — disse Reese, na esperança de que a bruxa ainda não tivesse descoberto que a única prisioneira da fortaleza era um pedaço de pau.

— É verdade — concordou Zaubera. — Mas esses fracassados estavam levando a melhor, Reese. Você é maior do que os quatro juntos.

— Eu me sairei melhor da próxima vez, senhora — disse Reese, abaixando a cabeça.

— E *you* — disse a bruxa, virando-se para o dragão — deixou que um humano *montasse* em você?

A criatura lambeu as garras, fingindo não ouvir.

— Afff, deixa pra lá — retorquiu Zaubera. — Reese, quer ver uma força do mal entrando em ação? Preste atenção. Vou lhe mostrar o que é ser malvado. Mantenha aquele animal estúpido fora do meu caminho.

O gigante chamou o dragão para perto dele, que, por sua vez, se largou sentado e começou a lambe as asas.

— Muito bem — anunciou Zaubera, olhando na direção dos quatro príncipes. — Mais dois se juntaram à dupla. Quem são vocês? Como ousam

imaginar que são capazes de derrotar a todo-poderosa Zaubera?

Liam ficou em pé, trêmulo.

— Somos os homens que vão acabar com você.

— Errado — disse Zaubera. Então ela ergueu os braços e o esfarrapado vestido vermelho-acinzentado tremulou ao redor de seu corpo com a força de um vento súbito que começou a soprar. Um raio de energia azul-cintilante saiu das mãos da bruxa e explodiu em Liam, que caiu encolhido. — Algum de vocês tem uma resposta melhor?

Frederico chacoalhou Duncan, tentando acordá-lo.

— Eca! Um homem-lama! — gritou Duncan ao abrir os olhos. — Espere. Frederico, é você. Desculpe. Mas você está imundo.

— Preste atenção, Duncan — instruiu Frederico seriamente. — Tem uma bruxa aqui. E um dragão.

— E um gigante também?

— Sim. E a bruxa acabou de explodir Liam com um tipo de raio mágico.

Duncan se sentou e olhou ao redor.

— Isso não me parece nada bom — disse calmamente.

— Você precisa fazer alguma coisa, Duncan. Use a sua sorte.

— Mas eu não *uso* a minha sorte — respondeu Duncan em tom de desculpa. — Ela apenas acontece. Sinto muito.

— Estou esperaannndo — cantarolou Zaubera. — Quem *são* vocês?

— Nós somos os homens que vão acabar com você — dessa vez respondeu Gustavo, que finalmente tinha conseguido ficar em pé.

— Ahh, você só repetiu o que o outro disse — zombou a bruxa. — Belo efeito dramático. Mas ainda não é a resposta certa. Quero nomes, pessoal.

Gustavo começou a avançar para cima de Zaubera. Poucos passos depois, uma rajada de luz intensa o deteve no meio do caminho. A bruxa se divertia enquanto o observava se contorcer no chão diante de todos.

— Sei que sou tremendamente assustadora, mas chega dessas caras de espanto — prosseguiu Zaubera. — É melhor que alguém me responda logo.

Ou vou continuar fritando o amigo careca de vocês até alguém dizer quem são.
— Continuou atingindo Gustavo com rajadas de energia mágica, uma depois da outra.

Duncan tomou a frente.

— Somos príncipes! — falou sem pensar. — O príncipe de Sylvonia. Quer dizer, de Harmaria. Não, ele é de lá. Quero dizer que somos todos príncipes. A música fala sobre Príncipe Encantado, mas esse não é o nosso nome verdadeiro. Quer dizer, todos nós temos um nome verdadeiro. Era isso que a senhora queria ouvir? Sabemos qual é o seu nome. Alguma coisa com Z. Por acaso sabe que sou mágico?

Duncan continuou tagarelando, mas Zaubera parou de ouvir logo após o “Príncipe Encantado”. Então, um daqueles idiotas era o Príncipe Encantado? Perfeito. O Príncipe Encantado seria uma ótima adição ao seu *grand finale*. Mas qual deles era o príncipe?

Liam, enquanto isso, se aproveitou do momento de distração que Duncan providenciara para rastejar até a espada caída de Gustavo. Ele pegou a arma e começou a movimentá-la até que a lâmina capturasse um raio de sol que refletisse diretamente nos olhos do dragão.

Exatamente como esperado, a imensa criatura despertou com o brilho ardente que incidiu em seus olhos. O dragão rugiu, se debateu e acabou acertando o distraído Reese.

Com um olhar de soslaio, Zaubera viu a imensa figura de Reese caindo em sua direção.

— Seu imbecil! — gritou ela e rapidamente criou uma bolha mágica azul ao redor de seu corpo, bem a tempo de se proteger. Aproveitando a situação, Liam pegou Gustavo pelo braço, puxando-o com dificuldade para debaixo das árvores.

— O que está acontecendo? Estamos fugindo ou voltando para lutar mais?
— perguntou Gustavo. — Não estou enxergando nada.

— Gustavo, você está cego de novo? — perguntou Liam.

— Não como da outra vez — respondeu Gustavo. — Só não consigo... Arrr! Só vejo luzes coloridas.

— Siga para a direção que eu empurrar você — disse Liam. — Estamos indo para a floresta. Agora a bruxa está... ocupada.

De volta aos pés da fortaleza, os três vilões estavam envoltos em caos. A bruxa, ainda protegida pela bolha mágica, gritava para o gigante sair de cima dela, mas este não conseguia, graças ao dragão, que estava em cima do peito dele, rosnando.

Enquanto Liam levava Gustavo para um lugar seguro, Duncan e Frederico saíram correndo.

— O que está acontecendo? — Frederico ofegava. — E Ella?

— Apenas corra, Frederico — disse Liam. — Ella se foi!

— Morreu? — Frederico arfou.

— Não — esclareceu Liam. — Ela se foi. Quer dizer, não está na fortaleza. Fugiu.

A cabeça de Frederico girava. Ella estava livre, os príncipes tinham sobrevivido (mais ou menos) e a aventura tinha chegado ao fim. Ele deveria estar se sentindo aliviado, isso sim. Mas na verdade só sentia tristeza. Tudo que acontecera serviu para provar uma coisa: ele *não* era um herói.



O PRÍNCIPE ENCANTADO PRECISA DE UM BANHO

— Venha, Vossa Jovem Alteza. O castelo de Sturmhagen fica a apenas alguns dias daqui — disse Penaleve para Lila aos pés da torre que agora abrigava um trio de duendes muito tristes. — O venerável rei Olaf e a rainha Berthilda sem dúvida vão providenciar um fabuloso batalhão para resgatar meus companheiros bardos.

— Não sei não — ponderou Lila. — Quer dizer, eu posso ser uma princesa, mas não sou muito boa quando o assunto é lidar com outros membros da realeza. Acho que devíamos voltar e contar para o meu pai e a minha mãe.

— Hã-hã — negou Penaleve. — Falaremos juntos. Não se preocupe.

— É, talvez — disse Lila.

— Então está tudo acertado — afirmou Penaleve enquanto ajeitava a pena presa ao seu chapéu. — E, depois que cumprirmos com nosso dever cívico de informar as autoridades sobre a bruxa, então poderemos pedir que providenciem roupas à sua altura, Vossa Alteza. Vamos arrumar um vestido novo, com mangas passadinhas. E sapatos também. Já experimentou aqueles novos sapatinhos de cristal que todas as nobres estão usando? Ouvi dizer que são simplesmente lindos. Estou certo de que podemos conseguir alguém para enrolar seus cabelos, se pedirmos para a pessoa certa. Não se preocupe, Alteza, com a minha ajuda, num piscar de olhos a senhorita ficará parecendo uma

verdadeira princesa novamente. Agora partamos. Alteza? Alteza? Para onde foi?
Alteza?





Em algum lugar na mesma floresta, os quatro príncipes abriam caminho pela mata fechada até se depararem com uma estradinha de terra, a quilômetros de distância da fortaleza de Zaubera, onde pararam para recuperar o fôlego e verificar como estavam todos.

— Gustavo, me deixe dar uma olhada em você — disse Liam.

— Vá em frente — disse Gustavo. — Já que *seus* olhos estão funcionando.

— Acredito que vai se recuperar — disse Liam, ignorando a ironia de Gustavo e examinando-o mesmo assim. — Apesar das faíscas e do fogo, acho que provavelmente tenha sido apenas a luz muito intensa que atingiu você. Uma vez aconteceu algo parecido comigo, quando eu estava lutando contra uma criatura zenoquiana. Sua visão vai voltar ao normal.

— Como estou? — perguntou Gustavo.

— Careca — respondeu Duncan. — Veja o lado bom, você não está tão ruim quanto o Frederico.

— Que se danem todos — esbravejou Gustavo, apontando para a careca chamuscada. — Seus fracassados patéticos. Fizeram com que eu perdesse meu maior atrativo.

— Espere aí — disse Duncan. — Eu tentei ajudar...

— Demorou muito! — irrompeu Gustavo. — Aquela atuação ridícula que você chama de “ajuda” foi *tarde demais*. E de que adiantou?

— Não é correto jogar a culpa nos outros, Gustavo — disse Liam seriamente. — Foi você quem começou toda aquela confusão quando saiu correndo, ignorando meu plano.

— Você disse “Distraia o gigante”, e foi o que eu fiz! — retorquiu Gustavo.

— O plano incluía mais do que isso! — argumentou Liam.

— Você fritou a minha cabeça! Essa era a outra parte do plano?

— Eu não esperava que você entrasse no meu caminho — contra-argumentou Liam. — Fiz o que pude. Até parece que outra pessoa iria fazer o trabalho. — Ele encarou Duncan e Frederico.

— Por acaso está falando de nós? — perguntou Duncan, realmente em dúvida.

— Não sei por que está olhando para mim — disse Frederico. — Você sabia que eu não era um herói. Não tinha nada que fazer lá.

— Você tem razão — reclamou Liam. — Meu maior erro tático foi não ter feito tudo sozinho. Onde eu estava com a cabeça quando pensei que poderia contar com um covarde, um palhaço e um sujeito cujo único feito foi ter levado uma surra da própria bruxa que precisamos deter?

Com isso, Gustavo avançou para cima de Liam, atracando-se com o príncipe e derrubando-o no chão. Os dois saíram rolando, ambos disputando quem levaria a melhor.

— Pelo jeito você está enxergando muito bem — disse Liam em meio à luta.

— Minha visão ainda está embaçada — berrou Gustavo, esmagando Liam contra o tronco de uma árvore.

— Fico feliz que esteja melhorando — resmungou Liam ao mesmo tempo em que acertava os pés contra o peito de Gustavo e o empurrava para longe.

— Tem sorte por eu não estar enxergando direito — falou Gustavo com rispidez. — Senão já teria esmagado você. — Ele avançou e tentou puxar Liam pela capa, mas não encontrou nada e sua mão se fechou no vazio.

— Oh-oh! O que aconteceu com a sua querida capa, senhor Boa-Pinta? — Gustavo riu.

— O dragão queimou. Assim como o seu cabelo.

— Haha! Você perdeu a capa. Isso já me basta. — Gustavo se afastou rindo e sentou-se sobre um toco de árvore.

Liam se recostou contra um pinheiro, ofegando e encarando Gustavo. Um longo e desconfortável silêncio se seguiu.

— Do meu ponto de vista, o dia foi muito bom — disse Duncan finalmente, atraindo olhares estranhos de todos. — Tive a oportunidade de ver meu primeiro gigante, meu primeiro dragão e minha primeira bruxa, tudo de uma vez só!

— E a bruxa que envenenou a Branca de Neve? — perguntou Frederico.

Duncan balançou a cabeça.

— Nunca a vi.

Liam respirou fundo e falou:

— Muito bem, pessoal, vamos seguir por esta estrada e ver se encontramos uma cidade próxima. Quem sabe damos uma paradinha para comer algo e fazer uns curativos.

— E trocar de roupas, talvez? — indagou Frederico. — Uma muda de roupas cairia bem.

— De que direção viemos? — perguntou Gustavo.

— Acho que de leste.

— Então deve ter uma cidade daqui a uns oito quilômetros, seguindo por esta estrada, no sentido norte — disse Gustavo. — O lugar se chama Flargstagg. Sempre quis conhecer.

— Por quê? — perguntou Frederico.

— Porque meus irmãos sempre me disseram para ficar longe de Flargstagg — respondeu Gustavo.

— Flargstagg — repetiu Duncan. — Parece legal! Vamos nessa. — E saiu andando rumo ao sul.

Gustavo se apoiou em Frederico.

— Ainda não estou enxergando bem — disse. — Por favor, diga que ele não está saltitando.



Lila seguiu determinada pela estrada lamacenta a caminho de Eríntia. Ela permanecia no caminho e andava atenta a qualquer movimentação entre as árvores. Apesar de estar segura sobre o que fazer caso se deparasse com algum animal selvagem perigoso, pois tinha lido cinco vezes *Feras nativas de Sturmhagen*, toda vez que via um rato passando correndo ou uma vaca mugindo ela se encolhia assustada. Algumas vezes acabou se deparando com uma bifurcação na estrada e, apesar de ter certeza de qual caminho seguir, era

difícil espantar o medo de se perder. Até chegou a pensar se tinha sido mesmo uma boa ideia se livrar de Penaleve.

Um uivo longo ecoou entre as árvores.

Um lobo, pensou Lila. O que o livro dizia mesmo sobre lobos? Ah, sim. Tome um banho de molho de tomate para disfarçar seu cheiro e despistar o lobo. Eca. Isso não é nada útil.

Então ela se lembrou de outra dica do livro *Feras nativas de Sturmhagen: Quando nada funcionar, corra.*

E foi o que fez. Correu o mais rápido que suas pernas aguentavam, com os olhos sempre voltados para o chão para ter certeza de que não pisaria em falso ou tropeçaria em uma pedra ou raiz de árvore. Só viu Rúfio, o Soturno, quando trombou contra o cavalo dele.

— Droga! — exclamou Lila entre os dentes, enquanto o caçador de recompensas a erguia para cima de seu cavalo e rapidamente enrolava uma corda ao seu redor.

— Finalmente! — o caçador de recompensas suspirou. — Sabe quanto tempo perdi à sua procura? Que falta de consideração. — Seus olhos pareciam turvos.

— Por acaso está quase chorando? — perguntou Lila.

— É difícil ser o melhor em alguma coisa — choramingou Rúfio. — As pessoas esperam muito de você. É muita pressão. Só estou feliz por finalmente tê-la encontrado. Agora posso retomar meu trabalho.

— Você podia ter simplesmente continuado a procurar pelo meu irmão — disse Lila. — Não precisava ter vindo atrás de mim.

— Mas eu vim — disse Rúfio. — Sabia que você ia cruzar de novo o meu caminho. Notei que gosta de cruzar o caminho dos outros.

O caçador de recompensas seguiu com Lila amarrada sobre as costas do cavalo.

— Além do mais, nunca se sabe que tipo de seres horrendos pode sair de trás dessas árvores — disse ele.



Uma hora depois...

— O que você está fazendo? — perguntou Lila.

Rúfio estava agachado, examinando algumas pegadas.

— Por que não para de me fazer perguntas? — resmungou ele, sem nem ao menos erguer os olhos.

— Só quero saber o que está fazendo — disse Lila. — Parece interessante.

Rúfio suspirou.

— Quatro pessoas passaram por aqui. Três estavam acorrentadas juntas.

— Como sabe?

— Pelo ângulo das pegadas. Além disso, algumas estão mais profundas nos dedos do que nos calcanhares. Os que estavam atrás na corrente foram arrastados pelo que seguia na frente. Também tem marcas de joelhos e mãos. Um deles caiu, várias vezes.

— Posso ver?

— Não. Eu a amarrei por um bom motivo. — Rúfio montou novamente no cavalo e se acomodou à frente de Lila. Em seguida, esporeou o animal e seguiu trotando pela estrada floresta adentro.

— Por que estamos seguindo essas pegadas? — perguntou Lila.

— Não *estamos* seguindo nada — respondeu Rúfio. — *Eu* estou. E estou seguindo porque seu irmão faz parte do grupo que deixou essas pegadas.

— Sabe tudo isso só de olhar para elas? — perguntou Lila, muito impressionada.

Rúfio balançou a cabeça.

— Tem um esconderijo de bandidos perto daqui. Seu irmão esteve lá, mas escapou. Com outros três homens.

— Fascinante! — exclamou Lila. — Para onde acha que ele está indo agora?

— Essas pegadas vêm diretamente do castelo do bandido. Eles estão seguindo para o deserto Orfanado. Monte Morcegasa. Agora pare de fazer

perguntas. Minha garganta está começando a doer de tanto falar.

Lila ergueu a cabeça, surpresa com a conclusão a que acabara de chegar.

— Rúfio — chamou em tom urgente. — Você precisa voltar.

— Por que está me chamando pelo meu primeiro nome? — resmungou o caçador de recompensas. — Por acaso não faz ideia...

— Rúfio, escute, você nunca vai conseguir levar meu irmão de volta para Rosa Silvestre, porque em breve ele estará morto. O Liam enfrentará uma bruxa que com certeza vai matá-lo.

Rúfio permaneceu em silêncio, cabisbaixo.

— Só pode ser isso — disse Lila. — Por que mais ele estaria indo para o monte Morcegasá? Ele deve ter ficado sabendo sobre o rapto dos bardos e está indo lá para tentar salvá-los. É exatamente isso que o Liam faria. Mas, se a bruxa é tão perigosa quanto Ella disse, o Liam não faz a menor ideia do que está prestes a enfrentar.

— Eu devia saber sobre o que você está falando? — murmurou Rúfio.

Lila contou ao caçador de recompensas toda a história que tinha ouvido de Ella.

— Você precisa voltar agora mesmo para Avondell, Rúfio. Você sabe disso — insistiu Lila. — Rosa Silvestre quer se casar com o Liam. Ela não vai ficar nada feliz se ele morrer. Só assim você poderá evitar a fúria dela e quem sabe ainda receber seu pagamento. — Lila odiava a ideia de avisar Rosa Silvestre sobre o paradeiro do irmão, mas vê-lo preso nas garras dela parecia bem melhor do que vê-lo tostado como um pedaço de carvão.

— Não tenho um minuto de paz — disse Rúfio, soltando um longo e lento suspiro. Lila viu uma lágrima descendo entre as rugas do rosto desgastado pelo tempo do caçador de recompensas.

Ele deu meia-volta com o cavalo.

— Sorte sua que conheço um atalho.



O exausto quarteto de príncipes parou na rua principal de Flargstagg, sem saber ao certo que rumo tomar. Aconchegantes casinhas cobertas de palha e seus jardins floridos se enfileiravam ao longo das ruazinhas estreitas da cidade. Crianças brincavam de pega-pega; casais abraçadinhos admiravam o céu azul sentados em bancos de madeira.

— Este lugar é encantador! — exclamou Duncan.

— É mesmo — concordou Frederico. — Até que gostei daqui.

Gustavo começou a rir.

— O que é tão engraçado? — perguntou Frederico.

— Estou conseguindo enxergar melhor — disse Gustavo. — Vocês estão *acabados*.

Quando passavam por uma das pitorescas casinhas, surgiu um morador — um homem curvado pelo tempo, carregando um balde cheio de restos de alimento. Vários gatos saíram de trás de arbustos próximos e começaram a miar ao redor dele.

— Calma, meus amiguinhos bigodudos. — O velho riu. — Tem o suficiente para todo mundo. — Ele parou assim que viu os príncipes. — Minha nossa, o que aconteceu com vocês, meus jovens?

Liam assumiu a liderança do grupo.

— Olá, gentil senhor — disse. — Viemos de uma viagem longa e difícil. Estamos à procura de um lugar onde possamos tomar um banho e descansar um pouco. O senhor poderia nos ajudar?

— Claro, claro — disse o homem. — Podem usar minha casa, se quiserem. Vou pedir a minha esposa para preparar um chá quentinho para vocês.

— Obrigado — agradeceu Liam.

— Não será incômodo algum — disse o homem. — O povo de Flargstagg tem orgulho de receber gentilmente qualquer estranho que apareça em nossa cidade, seja um mendigo ou um príncipe.

— Sorte a nossa, hein? — disse Duncan entusiasmado. — Pois somos príncipes.

Liam foi tomado por uma onda de pânico. A última coisa que precisava era que o povo daquela cidade soubesse quem eles eram de verdade. Sorte que o velhinho riu, pensando que o comentário de Duncan não passasse de uma brincadeira (os príncipes pareciam ter acabado de sair de um cano de esgoto). Mas Duncan não parou por aí.

— Não, sério, somos príncipes de verdade. E somos famosos também — insistiu. Pousou então a mão sobre o ombro de Liam. — Este aqui é o príncipe Liam, de Eríntia. Mas talvez o senhor o conheça como Príncipe Encantado.

— Encantado, é? — disse o velhinho, e torceu os lábios em sinal de reprovação. — Então você é o Príncipe Encantado de Eríntia? Ouvi falar sobre as coisas feias que fez. Você é o patife que deu o fora na pobre Bela Adormecida.

— Fora? O quê? Não, o Príncipe Encantado é o herói daquela história. O herói! — disse Liam, surpreso e confuso. — Ele não tem nada a ver com aquele sujeito de Eríntia.

— Bela tentativa, príncipe, mas um patife como você não pode se esconder atrás de um nome falso — ralhou o velhinho enrugado. — Sabemos quem é de verdade.

— O que o senhor quer dizer com *sabemos*? — perguntou Liam. Parecia que seu estômago ia virar do avesso.

— Todo mundo — respondeu o senhor. — Os menestrelis podem até não ter lançado canções novas ultimamente, mas isso não quer dizer que ficaram calados. Ficamos sabendo das últimas novidades sobre você, novidades que vieram diretamente da encantadora Bela Adormecida, a princesa Rosa Silvestre, de Avondell. Francamente, não sei como ainda consegue ter a consciência tranquila depois de arremessar sementes de abóbora na cara de uma menina tão delicada. E em seguida ainda pintou um bigode na mãe dela?

(Como os boatos que Rosa Silvestre havia espalhado sobre Liam não rimavam com nada, e por isso não serviam para compor uma música, as pessoas não conseguiam lembrar exatamente como tudo tinha acontecido.

Cada menestrel contava sua versão dos fatos. E, quando os ouvintes resolviam recontar a história para amigos e vizinhos, os detalhes mudavam ainda mais. Sempre para pior.)

— Você *fez* isso? — perguntou Duncan, horrorizado.

— Claro que não! — protestou Liam. — Bigode na mãe dela? Do que está falando? Escute, senhor, tudo isso não passa de mentiras. Terminei tudo com aquela garota porque ela foi malvada.

— Vou lhe mostrar como se dá um belo fora — ralhou o velhinho, e despejou o balde com restos de alimentos sobre a cabeça de Liam. Os outros príncipes ficaram boquiabertos. — Agora suma da minha frente — berrou. — E leve junto seus comparsas encardidos.

Gustavo avançou.

— Comparsas? — interpelou. — Sou o *seu* príncipe, homem tolo. Sou Gustavo, de Sturmhagen. E o senhor deve me tratar com o respeito que mereço dos meus súditos.

— Ah, é mesmo? E que respeito *você* merece? — escarneceu o velhinho, levando as mãos à boca para chamar os vizinhos: — Ei, pessoal! Vejam só quem está aqui! É o nosso príncipezinho Gustavo, que nem sabe como salvar uma donzela! E adivinhem só quem está com ele? Aquele bruto de Eríntia que afogou a Bela Adormecida em um barril de picles!

— Barril de picles? O senhor está louco? — gritou Liam. Uma multidão começou a se formar ao redor dos príncipes.

— Ei, ele está certo! É aquele inútil do Gustavo! Por que ele não se parece ao menos um pouco com seus dezesseis irmãos?

— Eu gostaria de dar um belo soco no Príncipe Encantado pelo que ele fez com a Bela Adormecida!

— Haha! Dá só uma olhada na capinha daquele sujeito!

— Ei, pessoal! Eles são amigos de um homem-lama!

Liam olhou para os outros príncipes.

— Vamos cair fora?

Os quatro saíram abrindo caminho entre a multidão e correram o mais rápido que conseguiram cidade adentro.

— Bom, eu sempre quis que as pessoas soubessem que eu era o Príncipe Encantado da história — bufou Liam enquanto corriam.

Os príncipes contornaram esquinas, passaram por trás de casas e correram por vielas estreitas até terem certeza de que tinham conseguido despistar a multidão.

— Não era dia claro um minuto atrás? — perguntou Frederico.

Os príncipes olharam ao redor e perceberam que estavam em uma parte da cidade que não lembrava em nada a curiosa e colorida Flargstagg que tinham acabado de ver. As construções, naquele lado da vila, eram escuras, e as janelas estavam lacradas com pranchas de madeira. Pelas ruas de pedra escorria uma água de esgoto suja e esverdeada. Ratos corriam pelas sarjetas. Até mesmo a luz do sol tinha desaparecido.

— Não posso nem descansar em paz sem que algo dê errado — murmurou Liam.

— Olhem lá — Duncan apontou na direção de uma taberna horrenda no final de uma rua sem saída. Os príncipes se aproximaram.



Fig. 36
Perdigueiro Rombado

— Hum... Perdigueiro Rombado — Duncan leu. — Não me parece um bom nome para um estabelecimento que serve comida. O que é um perdigueiro, afinal? Algum tipo de porco? Ou de cachorro?

— De todo jeito, o nome não é nada bom — disse Frederico, espiando pela janela suja. — E não estou gostando nada da cara dos frequentadores. Eles parecem ser meio grosseirões.

— Para onde mais nos resta ir? — perguntou Liam, abrindo a porta e entrando na Perdigueiro Rombado. O que você sabia que ele iria fazer. Uma

vez que leu o prólogo.



O PRÍNCIPE ENCANTADO ENTRA EM UM BAR

Em uma mesinha de canto nos fundos do pegajoso e fedorento salão da Perdigueiro Rombudo, os quatro príncipes mordiscavam calados os espetinhos de cascavel que tinham conseguido comprar com algumas moedas que Duncan encontrara dentro de sua bota.

— Nunca tinha comido cobra... e pelo jeito não estava perdendo nada — comentou Frederico, torcendo o nariz, com nojo.

— Era isso ou um prato chamado “picadinho de criatura” — disse Liam. — Pelo menos com este, sabemos que *tipo* de animal estamos comendo.

— Não acho que seja mesmo cascavel — observou Duncan, rolando um pedaço da carne acinzentada dentro da boca. — Para mim tem gosto de víbora.

— Se não for comer o seu... — disse Gustavo, de olho na carne intocada de Frederico.

Emburrado, Frederico empurrou o prato para Gustavo. Como fora acabar em um lugar como *aquela*? Pedacos de animais empalhados decoravam as paredes: cabeças e chifres de alce, orelhas de coelho, traseiros de urso, garras de crocodilo. Logo abaixo da cadeira de Frederico, o piso de madeira estava manchado com o que ele esperava ser vinho tinto. Malfeitores mal-encarados cuspiam e falavam palavrões nas mesas próximas. O garçom já tinha sido roubado três vezes desde que eles tinham começado a comer.



Fig. 37
Peças decorativas

— Acho que vou parar por aqui — disse Frederico. — Estou surpreso por ter sobrevivido a tanto. Já que Ella está bem, não vejo por que continuar desafiando a sorte. Vou voltar para Harmonia.

— Espere, Frederico, você não pode nos abandonar agora — disse Liam.

— O que mais nos resta a fazer? — perguntou Gustavo.

— Como pode perguntar uma coisa dessa? — disse Liam, irritado. — Conte sobre o mapa que vi na fortaleza de Zaubera. Aquela bruxa tem pelo menos mais cinco prisioneiros em seu poder.

— Talvez — disse Frederico. — Você nem tem certeza.

— Estou cansado de seguir as ordens dos outros — retrucou Gustavo. — Trabalho melhor sozinho. Se eu morrer, quero que seja por conta da minha própria burrice, não pela dos outros.

— Você também devia voltar para casa, Duncan — disse Frederico. — Tenho certeza de que está com saudades da sua Branca de Neve, não está?

— Estou, mas... — as palavras de Duncan assumiram um tom tristonho. O grupo de amigos estava se desfazendo diante de seus olhos.

— Pessoal! — interveio Liam. — Por acaso não ouviram quando mencionei os outros prisioneiros?

— Por que acha que eles estão precisando da nossa ajuda? — perguntou Frederico. — Ella conseguiu fugir sozinha, e talvez esses outros prisioneiros também consigam. Quem sabe até já conseguiram.

— Pff! — Gustavo bufou, irritado. — O namoradinho da Cinderela tem razão. Pelo jeito, as donzelas não precisam mais ser salvas.

— Vocês estão entendendo tudo errado! — explodiu Liam. As mãos dele tremiam enquanto cuspiava as palavras sem parar para respirar. — Vamos salvar aquelas pessoas porque somos heróis, e é isso que os heróis fazem.

— *Você* é um herói, Liam — disse Frederico. — Nós não somos como você.

— São sim! — retorquiu Liam. — *Todos* vocês são. Todos nós somos Príncipes Encantados. Não tínhamos nem cara nem nome. Então nos encontramos, e agora...

— E agora o quê? — Frederico o interrompeu. — Formamos algum tipo de supertime indestrutível? Por acaso não notou quantas vezes fracassamos desde que nos juntamos?

— Ele tem razão — disse Gustavo. — Não trabalhamos bem juntos.

— Está certo! Farei tudo sozinho! — gritou Liam, levando-se e espalmando as mãos sobre a mesa. — Podem voltar para casa! Vou percorrer milhares de quilômetros de floresta a pé e lutar contra todos os tipos de trolls e gigantes e dragões para salvar aquelas pessoas *sozinho*. De mãos vazias. E provavelmente vou morrer pelo caminho. Porque essa é uma missão suicida para alguém tentar sozinho. Mas tudo bem! Não tem problema! Já que vocês estão com medo. Ou cansados. Ou são orgulhosos demais, ou querem tocar suas flautas, ou sei lá o que mais. Por mim tudo bem. Tudo bem, tudo bem!

— Ahhh — zombou uma voz áspera atrás dos príncipes. — Pelo jeito, alguém está dando um piti. — Um pirata enorme e barbudo tinha se aproximado da mesa, acompanhado por dois ladrões com cicatrizes no rosto, cada um girando um punhal entre os dedos calejados.

— Vocês são malfeitores? — perguntou Duncan com os olhos arregalados.

— Vocês não costumam vir muito aqui — disse o pirata. — Só queremos dar as boas-vindas.

— É isso aí — confirmou um bárbaro com a barriga de fora juntando-se ao grupo. Sua mão subia e descia ao longo de um porrete de madeira ensebado. — E não pudemos deixar de ouvir o chorão aí querendo que todos sintam pena dele.

Um grandalhão meio ogro, trajando uma roupa de pele esfarrapada, se juntou aos outros. Ele balançava uma bola de ferro com pontas presa a uma corrente.

— Por isso pensamos em ajudar e dar motivos de verdade para as pessoas sentirem pena dele.

— Ah, e pegar o dinheiro de vocês também — completou o pirata. — É melhor entregarem tudo agora, antes de a surra começar.

Os príncipes notaram que todos os bandidos presentes tinham se levantado e agora rodeavam a mesa deles, encarando-os ameaçadoramente e exibindo todos os tipos de armas. Pronto para encarar a luta de sua vida, Liam pousou a mão sobre a espada anã presa ao cinto.

— Essa espada é *minha*, lembra? — disse Gustavo, de olho na arma de Liam.

— E você vai pedir de volta justo agora? — respondeu Liam.

O pirata limpou a garganta.

— Árrámm... O dinheiro, por favor. Estamos esperando.

— Vamos detonar! — grunhiu Gustavo. Avançou contra o sujeito mais próximo, que agitava um punhal, e o derrubou no chão. Sete fortões vieram para cima dele.

No minuto seguinte, tudo virou uma loucura.

Em um lugar como a Perdigueiro Rombudo, com seus frequentadores de pavio curto e inescrupulosos, as brigas eram constantes. Bastava alguém espirrar uma gota de bebida sobre o mapa do tesouro de um pirata para que, num piscar de olhos, todo mundo saísse trocando socos. Por isso, quando Gustavo deu o primeiro passo a fim de *atacar* um dos frequentadores da Perdigueiro, não demorou mais do que um segundo para que toda a taberna se transformasse em um verdadeiro hospício. Os príncipes se viram no centro de uma clássica briga de bar (a *primeira* briga de bar de Duncan, como ele mesmo tratou de informar a todos).

Liam se levantou e chutou a cadeira na direção do meio ogro, enquanto agitava a espada para impedir os ataques de porrete do bárbaro. Os criminosos subiam uns por cima dos outros para tentar acertar um soco em um dos príncipes. Canecas e garrafas saíram voando, vidros se espatifaram por todos os lados. Cadeiras foram estraçalhadas nas costas das pessoas. A cabeça de um alce empalhado foi arrancada da parede e devorada.

Duncan tentou distrair todos ali.

— Alguém quer um pouco de picadinho de criatura? Estou coberto disso!
— ofereceu sem sucesso enquanto era içado e passado de um bandido para outro por cima da multidão.

Frederico pousou a mão no cabo da espada anã, mas parou antes de sacar a arma. *Não, pensou. Não sei usar a força. Preciso lidar com essa situação de outra maneira.*

Ele viu Liam sendo erguido em uma chave de braço dada pelo bárbaro suado.

— Liam, precisamos contar para eles quem somos — disse sem pensar.

— O quê? Não! — respondeu Liam com o braço do bárbaro ao redor do pescoço. — Péssima ideia! Lembra do que acabou de acontec...

Frederico ignorou Liam, subiu em cima de uma mesa e gritou:

— PAREM TODOS!

Surpreendentemente, todos pararam. Em alguns casos, no meio de um soco.

— Por acaso vocês sabem quem estão atacando? — perguntou Frederico.

— Não, conte para nós — o pirata barbudo respondeu, rindo. — De quem são os traseiros que estamos chutando?

Frederico apontou para Liam.

— Este jovem é o Príncipe Encantado de Eríntia — disse ele. Um murmurinho de reconhecimento se espalhou entre o grupo. — É isso mesmo — continuou Frederico. — Ele é o cara que deu um fora na Bela Adormecida.

Liam fechou os olhos, sem poder acreditar que Frederico conseguiria piorar ainda mais a situação, que já não era das melhores.

— Ei, ouvi falar sobre esse cara. Ele cuspiu no leite da princesa — gritou um dos briguentos.

Todos caíram na risada.

— Isso mesmo — manifestou-se outro. — Ele também jogou ovo podre nos poodles premiados da família real. E limpou os pés sujos na bandeira de Avondell!

— Alguém me contou que ele jogou pimenta no aquário da Bela Adormecida — gritou mais um.

— Ahh! Que maldade! — berrou alguém.

— Ouvi dizer que o cara desenhou um bigode no retrato da rainha! — disse o pirata barbudo.

— Não — corrigiu Frederico. — Na verdade, ele desenhou na própria rainha!

— Essa foi boa! — gritou alguém.

Nesse momento, todos já tinham desistido da briga. O bárbaro até havia soltado Liam.

— Você fez mesmo tudo isso? — perguntou o pirata.

Liam teve de admitir que o plano de Frederico era muito engenhoso.

— Se não pudermos acreditar no que dizem, em que mais poderemos acreditar? — admitiu ele, meio sem jeito.

— Ah, o Liam está sendo modesto — afirmou Frederico. — Vocês sabiam que, depois de ter rasgado a bandeira de Avondell e limpado os pés nela, ele pendurou a calçola da Bela Adormecida no mastro?

Mais risadas ecoaram pela taberna.

— Isso mesmo — continuou Frederico. — Meu amigo Liam aqui pode até não ser um frequentador assíduo deste estabelecimento, mas, acreditem, ele se sente em casa em lugares como este. E não é o único. — Frederico buscou por Duncan e o localizou deitado sobre o balcão do bar com um funil na boca (e um fortão sorridente prestes a despejar um vidro em cuja etiqueta estava escrito TENTÁCULOS EM CONSERVA).

— Aquele outro, lá no fundo — anunciou Frederico —, é Duncan, o Destemido.

— Nunca ouvir falar — gritou alguém.

— Ainda não. Mas irá — afirmou Frederico. — Duncan enfrentou recentemente Deeb Rauber, o rei Bandido, em um duelo. E ganhou.

O fortão recuou.

— Você está inventando isso — rosou o meio ogro.

— Não está não — disse um dos ladrões. — Acho que é verdade mesmo. Meu primo trabalha para o rei Bandido e me contou que Rauber marcou um duelo com um de seus prisioneiros, mas deu tudo errado e o sujeito fugiu. — O ladrão apontou para Duncan. — Era você mesmo?

Duncan cuspiu o funil, ficou em pé sobre o balcão e fez uma reverência.

— Claro que sim! — exclamou, contente. — Saí sem nenhum arranhão!

— Ah, é? — desafiou o bárbaro grandalhão. — E esse galo na sua testa?

— Ah, isto? — disse Duncan, tocando o galo. — Não foi o rei Bandido quem fez; foi em uma luta contra o gigante e o dragão.

Um murmurinho se espalhou pelo salão.

— Tudo isso é verdade — disse Frederico. — E gostaria de apresentar a vocês o próximo membro do nosso grupo formidável... Gustavo, onde está você?

Gustavo surgiu debaixo de uma pilha de bucaneiros fortões. Com a armadura queimada e amassada, os músculos inflados e pulsantes e a careca chamuscada, ele estava absolutamente assustador.

— O quê? — ele rosnou.

— Este é o príncipe Gustavo, membro da família real daqui de Sturmhagen — anunciou Frederico.

— Espere aí — disse um assassino. — Ele é o sujeito da Rapunzel, não é? Ele não fez *nada*!

— Não fez? — indagou Frederico. — Ele foi jogado de uma torre de quase trinta metros de altura, feriu os olhos e ainda saiu são e salvo. Se isso não é um feito impressionante, então não sei mais o que é.

Alguns fortões murmuravam enquanto consideravam a questão.

— Quando conheci Gustavo — prosseguiu Frederico —, ele tinha acabado de ser jogado por cima de uma cerca por um troll, e mesmo assim ainda teve disposição para me insultar logo que botou os olhos em mim. Já vi esse sujeito levar uma surra de bandidos, ser arrastado do alto de um castelo, ser jogado de um lado para outro por um gigante enfurecido e ser frito pela magia de uma bruxa malvada. E ainda foi atingido pela labareda de um dragão. Ei, ele está apanhando de vocês há mais de cinco minutos. E olhem para ele! Está esperando por mais. Ninguém consegue deter Gustavo! Acreditem, é melhor não se meter com ele.

Todos se afastaram silenciosamente de Gustavo, abrindo espaço. Ele sorriu para Frederico.

— Talvez seus amigos não sejam tão ruins assim — disse o pirata barbudo. — Mas e você? Quem é *você*?

— Eu? — indagou Frederico. Tinha sido fácil distorcer as histórias de seus amigos de modo que pudesse impressionar aquele bando de arruaceiros, mas

como conseguiria fazer isso consigo mesmo? Qual era o seu grande feito? O que ele poderia usar para impressionar aquela taberna cheia de criminosos desalmados? Frederico foi apanhado de surpresa. Sorriu para os vilões, tentando ganhar tempo para pensar. Alguns sorriam em resposta, apesar de tudo.

De repente, ele soube exatamente o que dizer:

— Sou o Príncipe Encantado. As pessoas gostam de mim.



O PRÍNCIPE ENCANTADO FORMA UMA GANGUE

— Frederico, você foi *brilhante* — disse Liam.

Os quatro príncipes estavam novamente sentados sozinhos à mesa de canto da Perdigueiro Rombudo. Assim que o pessoal da taberna percebeu que estava entre celebridades, todos gritaram e bateram palmas durante alguns minutos — o bárbaro grandalhão até pediu a Frederico para dar um autógrafo na sua barriga —, em seguida todos concordaram respeitosamente em deixar o famoso quarteto em paz. O garçom, um homem de queixo duplo, barba por fazer e que atendia pelo nome de Bonifácio K. Ripsnard, até forneceu aos príncipes alguns panos e uma bacia com água e sabão para que pudessem se limpar.

— É, bom trabalho, Harmonia — concordou Gustavo.

— Obrigado — agradeceu Frederico com modéstia infantilizada.

— Eu não gostava quando os anões me chamavam de Duncan, o Destemido — disse Duncan. — Mas gostei quando você falou. Sou diferente.

— Porque fui sincero — afirmou Frederico. — Você se ofereceu para duelar contra o rei Bandido, enfrentou um gigante vinte vezes a sua altura; *claro* que é destemido.

Ripsnard, o garçom, se aproximou da mesa e pousou quatro canecas enormes. Cada uma delas cheia de um líquido castanho-amarelado, grosso e espumoso.

— Cortesia da casa — disse o garçom.

— Obrigado, senhor — agradeceu Frederico enquanto o homem já se afastava.

— Eu é que não vou beber isso — falou Liam assim que o homem estava distante o suficiente.

Duncan cheirou a bebida e sentiu um calafrio.

— Eca! O que é isto?

— Não faço ideia — disse Frederico sorrindo enquanto observava as bolhas subindo para a superfície da bebida. — Tem alguma coisa nadando dentro do meu copo.

Gustavo pegou uma caneca pela alça enorme e virou tudo de um só gole. Em seguida, colocou a caneca vazia sobre a mesa e limpou a boca na manga da túnica.

— Estava horrível — disse, torcendo o nariz.

Os outros três riram, e até mesmo Gustavo acabou rindo de si mesmo.

— Conte para nós, Liam — pediu Frederico. — Qual é o novo plano?

— Espere, espere! Não me diga — interveio Duncan. — Podemos tentar adivinhar primeiro? Acho que envolve macacos voadores.

— Infelizmente, Duncan, eu não acredito que existam, então vamos ter de nos virar sem eles — disse Liam. — Mas estou pensando em um novo plano, isso se realmente estiverem dispostos a ouvi-lo. O plano inclui os quatro, por isso preciso saber: vocês estão comigo?

— Eu estou — respondeu Frederico. — Agora que sei que sirvo para alguma coisa.

— Desde o começo, eu nunca quis desistir — disse Duncan sorridente.

— Gustavo? — indagou Liam.

Gustavo encolheu os ombros.

— Sei quando estou sobrando.

— Você não está sobrando. — Frederico riu. — Dez minutos atrás enfrentou um grupo de quase trinta homens.

— Sim, sim, sim — disse Gustavo, dispensando os elogios. — Ainda estou aqui, não estou?

— Sabem de uma coisa? Frederico tem razão — disse Liam. — Você não sabe quando parar, Gustavo. Mas é seu jeito. Eu devia ter levado isso em consideração. Meu maior erro foi não reconhecer os pontos fortes de cada membro deste grupo. Foi preciso que Frederico me ajudasse a perceber.

— Gustavo, você aguenta firme o tranco. Precisamos usar isso. Frederico, você sabe como lidar com as palavras. É o diplomata do nosso grupo. E Duncan, bom, você é capaz de fazer qualquer loucura. E digo isso no bom sentido. Você não tem medo de arriscar.

— Não me ofendi — disse Duncan.

— Então como podemos usar esses, hum... talentos? — perguntou Frederico.

— Certo, primeiro escutem tudo que tenho a dizer antes de começarem a reclamar — iniciou Liam. Os outros se aproximaram. — A primeira coisa que precisamos fazer é voltar para a torre de Zaubera e pegar aquele mapa. A menos que surja algo novo, teremos três obstáculos pela frente: o gigante, o dragão e a bruxa. Frederico, o gigante é seu.

— O gigante? — questionou Frederico. Nunca se sentira tão incluído em todo a sua vida, mas a ideia de encarar o gigante sozinho lhe pareceu ao mesmo tempo assustadora e insensata.

— Isso mesmo — disse Liam. — Você precisa mantê-lo distraído. Não quero que lute com ele. Quero que fale com ele. Brinque com as palavras, faça com que ele escute você. Apenas garanta que o grandalhão não veja o que estamos fazendo.

— Então devo me aproximar do gigante, o mesmo gigante que quase me esmagou, e puxar papo com ele? — perguntou Frederico incrédulo. — Não acha que ele vai desconfiar de algo?

— Pode ser — disse Liam. — Mas precisamos fazer com que ele acredite. Por isso quero que você se deixe capturar.

Frederico engoliu em seco.

— Não gosto disso — opinou Gustavo.

— Frederico é plenamente capaz de lidar com a situação — disse Liam. — Confio nele.

— Se alguma coisa acontecer com Frederico, vou estourar a sua cabeça como se fosse um tomate — ameaçou Gustavo.

— Não tem problema, Gustavo — explicou Frederico, pousando a mão sobre o ombro do amigo para acalmá-lo. — Quero tentar. Além do mais, estou certo de que você terá um papel importante nesse plano para se preocupar.

— Isso mesmo, Gustavo, quero que cuide do dragão — instruiu Liam.

— Agora sim. — Gustavo ficou atento.

— O objetivo é distraí-lo — continuou Liam. — Basicamente, é a mesma ideia pensada para Frederico e o gigante. O dragão é um animal; se ele vir algo que deseja, irá à caça. Faça com que ele corra atrás de você e então simplesmente se mantenha em movimento. Se ele o derrubar, levante-se e corra. Mas não deixe que ele desista ou detenha você. Mantenha o dragão ocupado.

E, por favor, não morra, pensou Liam. Ele sabia que Gustavo estava com a parte mais arriscada do plano. No entanto, o amigo era o único preparado para o trabalho.

— Não sei não — disse Gustavo desconfiado. — Costumo correr para cima das coisas, não delas.

— É sempre bom testar coisas novas — disse Liam.

— Tudo bem — murmurou Gustavo. Então, após uma pausa, acrescentou: — Posso matar o dragão?

— Por favor, não — disse Liam, rindo. A hipótese de Gustavo derrotar o dragão não estava em seus planos. — Vamos precisar dele para a outra parte do plano.

— Se insiste — retrucou Gustavo, irritado.

— Enquanto vocês dois mantêm o gigante e o dragão ocupados — prosseguiu Liam —, Duncan e eu entraremos na fortaleza da bruxa para pegar o mapa. Da última vez que entrei lá, tive uma grande surpresa: o dragão. E, caso haja outra surpresa esperando por mim dessa vez, conto com você, Duncan. Você será o meu curinga.

— Curinga, entendi — disse Duncan. — Igual no Oito Maluco. Posso ser um ouro, posso ser uma espada. O que você precisar que eu seja, serei. Isso é *tão* a minha cara.

— Depois que pegarmos o mapa, voltamos para ajudar o Gustavo — explicou Liam. — Juntos, acredito que vamos conseguir guiar o dragão e fazer com que ele ataque o gigante, como na última vez.

— Mas como faremos isso? — perguntou Duncan. — Com gravetos?

— Pode ser — concordou Liam, surpreso e feliz por ouvir uma sugestão lógica. — Então, enquanto o gigante estiver lidando com o dragão, pegamos Frederico e saímos correndo. Depois usamos o mapa para localizar os prisioneiros e libertá-los. Estão todos prontos?

Os outros três assentiram com a cabeça e murmuraram em acordo.

— Isso não foi muito bom — disse Liam. — Eu esperava um pouco mais de animação dos meus companheiros. Sou um herói e sei que conseguirei.

Ele se levantou, apontou para Duncan e fez uma pose dramática para a pergunta:

— Duncan, o que você é?

— Humano! — gritou Duncan, trêmulo de entusiasmo.

— Seja mais específico — disse Liam, ainda com dramaticidade.

— Sou um humano com um metro e cinquenta e dois de altura!

— Eu diria que é um herói — Liam soprou a dica.

— Herói! — Duncan berrou. — Eu sou um herói!

Liam se virou.

— Frederico, o que você é?

— Sou um herói — respondeu Frederico, estufando o peito orgulhosamente. — Talvez um tipo diferente de herói, mas mesmo assim...

Liam se virou mais uma vez.

— Gustavo, o que você é?

— Quanto sentimentalismo. Não vou participar disso — respondeu Gustavo, cruzando os braços.

— Você é um herói, Gustavo — afirmou Liam. — Todos nós somos. E talvez eu nem acreditasse completamente nisso quando disse uma hora atrás, mas agora acredito. Podemos até ser heróis anônimos, mas espere. Isso vai mudar. Por isso, vamos nessa. Somos um time. — Ele estendeu a mão até o centro da mesa, esperando que os outros fizessem o mesmo e pousassem as mãos por cima da dele.

Duncan ficou em pé com um pulo e deu um tapa forte na mão estendida de Liam.

— Está muito devagar! — gritou ele, brincalhão.

Frederico e Gustavo riram.

— Certo, somos um time — disse Gustavo.

— Muito bem — falou Liam. — Agora precisamos nos equipar. O rei Bandido pegou tudo que tínhamos de valor. Não sei o que podemos usar para negociar.

Frederico enfiou a mão no fundo de um bolso interno de seu paletó e tirou um anel de diamante.

— Os bandidos não viram isto. Eu planejava dar para Ella quando a encontrasse, para reconquistá-la — confessou. — Mas acho que vai ser mais útil para nós, aqui e agora.

— Obrigado, Frederico — disse Liam, apertando o ombro do amigo em agradecimento. — Vamos falar com Ripsnard.

Os quatro príncipes trocaram o anel de Frederico por suprimentos. Ripsnard encheu os braços deles de roupas limpas e estendeu-lhes uma mochila cheia de carne de rato com cara de rançosa.

— Isso não precisa parecer saboroso para nós — Liam lembrou o grupo.
— Só para o dragão. Também necessitamos de algumas armas novas — disse ele ao garçom.

— Não posso ajudar com isso, príncipe — respondeu Ripsnard em tom de desculpa. — Não permito a entrada de armas neste estabelecimento.



Fig. 38
Carne de rato

— Mas todos aqui estão armados. Como pode dizer... — protestou Liam.
— Esqueça. — Pelo menos eles ainda tinham duas espadas anãs.

— Espero que tenham gostado da limonada — acrescentou o garçom quando Liam já se afastava.

— Aquilo era limonada? — indagou ele.

Liam se juntou aos outros na despensa, nos fundos da taberna, onde trocaram as roupas surradas pelas novas. O quarteto atraiu olhares curiosos assim que pisou de volta no salão principal.

— Hehehe! — Ripsnard riu. — Ainda não acredito que vocês são os príncipes famosos. Agora é que não estão mesmo com cara de Príncipes Encantados, não acham?

Os quatro príncipes, vestidos de preto, pareciam mais com um bando de ladrões.

— Tudo bem — disse Liam. — Vamos cuidar de um assunto nada nobre.

Os fregueses durões da taberna mediram os príncipes da cabeça aos pés.

— Não se preocupem — falou o pirata barbudo. — Do jeito que estão vestidos agora, acho que ninguém vai querer cruzar o caminho de vocês.

— Acho que estamos assustadores mesmo — sussurrou Frederico, entusiasmado, para Gustavo.

— *Eu* estou assustador — disse Gustavo.

— Até breve — despediu-se Ripsnard, acenando. — Você e a sua Liga dos Príncipes sempre serão bem-vindos à Perdigueiro Rombudo.

— Liga dos Príncipes — repetiu Frederico. — Gostei do nome.

— Que tal Liga dos Príncipes Encantados? — propôs Duncan.

— Não — disseram Liam e Gustavo em coro.

— Liga dos Príncipes — disse Liam. — Somente Liga dos Príncipes.

— Parece mais que estamos indo jogar boliche — reclamou Gustavo.



Os quatro príncipes deixaram a Perdigueiro Rombudo, mas, assim que pisaram no beco cheio de lixo, quase foram atropelados por um estranho mal-encarado, todo vestido de preto, que estava entrando na taberna.

— Cheguei atrasado? — perguntou o estranho, olhando para as roupas dos homens com quem ele tinha acabado de trombar. — Cansaram de me esperar?

— Como? — perguntou Frederico.

— O encontro era na taberna, certo? — indagou o homem. — Vocês são os outros mensageiros da bruxa, não são?

Duncan avançou um passo, fez uma pose e se pôs a anunciar:

— Somos a Liga dos...

Liam o afastou com uma cotovelada.

— Mensageiros — completou Liam. — Liga dos... Mensageiros Malvados. Isso mesmo.

— Não sabia que faziam parte de uma liga — comentou o estranho. — Sou autônomo. Se soubesse, não teria deixado vocês esperando. — Ele enfiou a mão dentro de uma bolsa que trazia pendurada ao ombro e tirou cinco pergaminhos enrolados. — Aqui estão as mensagens.

O mensageiro entregou um rolo a cada um dos príncipes.

— Esta vai para Sylvaria. Esta outra para Harmonia. Hum, Avondell para você. E... e você fica com a de Eríntia. Eu mesmo entrego a do castelo de Sturmhagen.

Os príncipes deram uma passada de olhos pelos pergaminhos, visualizando apenas os pontos principais das mensagens: “Seu bardo está comigo... monte Morcegasa... pôr do sol no dia do solstício de verão... um massacre nunca visto... Sua abominável Zaubera”.

— Eu devia ter ficado com a de Sylvaria — disse Duncan para Frederico. — Quer trocar?

Gustavo deu um empurrão em Duncan para que ele calasse a boca.

— Levaremos as mensagens para os respectivos destinos — afirmou Liam. — Gustavo, o que acha de dar uma gorjeta para o nosso amigo?

Gustavo acertou um soco poderoso no queixo do mensageiro da bruxa. O homem caiu inconsciente no mesmo instante. Então, o príncipe pegou o quinto pergaminho das mãos do sujeito e jogou o corpo molenga dentro de um barril próximo. Em seguida, atirou-o pela janela aberta de uma casa abandonada do outro lado da rua.

— Pessoal? — disse Frederico, com uma expressão de pavor no rosto. — Vocês entenderam o que estas mensagens significam, certo?

— Sim — respondeu Gustavo. — Significam mudança de plano. Eu vou para casa. De jeito nenhum salvarei esses sujeitos que arruinaram a minha vida.

— Gustavo — ralhou Frederico. — Nenhum de nós gostou do tratamento que recebeu dos bardos, mas eles são pessoas inocentes!

— Não sei nada sobre a parte dos inocentes — resmungou Gustavo.

— Mas não vamos abandoná-los — disse Frederico. — Liam, por favor, me ajude.

Liam estava calado, perdido em pensamentos. Nunca tinha hesitado diante de uma vida em perigo, assim como nunca tinha sido requisitado para salvar os bardos. E não eram bardos quaisquer: um deles era Tirésio Melodia, o homem que ignorara os atos heroicos de Liam por anos e ainda havia lhe roubado a fama merecida ao transformá-lo em um Príncipe Encantado genérico. *Isso só pode ser uma provação*, pensou Liam. *Não consigo pensar em nenhuma pessoa de quem eu goste menos do que Tirésio.*

— Liam? — Frederico tentou novamente.

— Considerando as informações destas mensagens, não vejo outra opção senão mudar nosso plano — disse Liam.

— Você *quer* deixar os pássaros cantantes com a bruxa? — perguntou Gustavo, incrédulo. — Sinceramente, eu não esperava por essa.

— Não — respondeu Liam. — Precisamos libertar os prisioneiros, independentemente de quem sejam. Mas hoje é véspera do solstício de verão; a bruxa pretende matá-los amanhã. Mesmo que peguemos o mapa, como planejado, não vamos conseguir alcançar todas as torres antes do meio-dia.

— Você está certo — disse Frederico. — O que faremos então?

— Vamos pedir ajuda — respondeu Liam. — E o lugar mais próximo para conseguir isso é o castelo de Sturmhagen. Depois que pegarmos o mapa, nós o levaremos até os irmãos de Gustavo. Seremos vinte, então; poderemos nos dividir e, se tudo der certo, alcançar todas as torres de uma só vez.

— Você quer que eu peça ajuda aos meus *irmãos*? — interpelou Gustavo.
— A única opção pior seria pedir ajuda para Rapunzel.

— Precisamos de mais braços fortes — disse Liam. — É a nossa única chance.

— Nossa única chance de salvar a vida de pessoas que desprezamos — apontou Gustavo.

— Gustavo, sei que pensa que seus irmãos recebem mais atenção do que você — disse Frederico. — Mas veja por este lado: eles simplesmente tiveram mais tempo para construir a fama que conquistaram. Imagino que a maioria seja muito mais velha do que você.

— Só um ou dois anos! — exclamou Gustavo.

— Os dezesseis? — perguntou Liam. — Como é possível?

— Minha mãe deu à luz dois grupos de óctuplos e depois a mim — respondeu Gustavo com rispidez.

— Nossa! — exclamou Liam.

— Gustavo, precisamos que embarque nessa — afirmou Frederico. — Por favor.

— Veja bem — disse Liam —, às vezes, ser um herói não significa ficar com toda a glória. Significa fazer o que é preciso ser feito.

— Compreendo, mas só faço com uma condição — argumentou Gustavo.
— Ajudo a salvar aqueles fazedores de modinhas, mas só se formos apenas nós quatro.

— Combinado. Se é assim que tem de ser — disse Liam.

— Ei, pessoal — Duncan entrou na conversa. — Acho que descobri quem a bruxa prendeu naquelas torres: os bardos!

— Bela descoberta, Duncan — disse Liam. — Agora vamos, antes que os verdadeiros mensageiros apareçam. Somos a única esperança de salvação para aqueles bardos.



— Isso mesmo, Altezas — disse Penaleve, curvando-se diante do rei Olaf e da rainha Berthilda, na sala do trono forrada de peles do castelo de Sturmhagen. — A bruxa vai acabar com Lero Lira de um modo covarde. Assim como também vai dar cabo de mais três companheiros meus de profissão.

— Não podemos permitir isso, não é mesmo? — disse o robusto rei, coçando a barba grisalha. Lançou um olhar na direção dos dezesseis belos jovens fortemente armados dispostos lado a lado em uma longa fila organizada. — Henrique, verifique se seus irmãos estão devidamente equipados, depois sigam para o monte Morcegasa.

— Estamos prontos para partir — disse Henrique, o mais velho dos príncipes. — Todos nós, menos Gustavo. Imagino que ele deva estar brincando sozinho por aí.

— Não faz mal — disse o rei Olaf. — Dezesseis serão o suficiente. Podem partir.

Com Henrique à frente, todos os irmãos se viraram e saíram marchando da sala com precisão militar.



Enquanto isso, em outro palácio real:

— Ainda não acredito que voltou sem o meu príncipe! — berrou Rosa Silvestre. Então, pegou uma pequena tigela dourada cheia de figo desidratado que estava sobre uma mesinha ao lado do trono e atirou-a longe. A tigelinha bateu contra o vitral da janela, causando uma chuva de cacos coloridos no piso de mármore. — Tudo que tinha de fazer era um simples trabalho! Unzinho! Trazer o meu príncipe Liam. Mas, em vez disso, aparece com a pirralha da irmãzinha dele.

Rúfio, o Soturno, soltou um murmúrio e baixou os olhos.

— Já expliquei por quê — resmungou.

— Rosa, controle-se — disse Lila. — Acredite, a última coisa que eu gostaria de ver é meu irmão em seus braços. Mas, se não enviar seu exército para o monte Morcegasa imediatamente, Liam vai acabar morrendo. Entende o que isso significa? Nada de casamento.

Rosa torceu o nariz para Lila.

— Sei disso, sua pulguinha irritante. Só estou tendo um chique, que é meu direito real de princesa. — Voltou-se para o guarda mais próximo. — Quero todo o exército de Avondell pronto em dez minutos. E a minha carruagem também.

— A sua carruagem? — perguntou Lila.

— Acha que vou correr o risco de deixar Rúfio, o Chorão, falhar novamente? — respondeu Rosa, erguendo uma sobrancelha. — Vou junto para garantir pessoalmente que Liam volte para casa. E você também vai.

Dez minutos depois, cinco mil homens armados seguiam organizados sob a bandeira de Avondell (na qual, por sinal, Liam nunca tinha limpado os pés), passando por dentro de florestas e seguindo pelos atalhos secretos de Rúfio a caminho do deserto Orfanado. E, à frente da força militar, uma ridícula carruagem dourada; dentro dela Lila transpirava, sentada entre Rosa Silvestre e Rúfio, o Soturno.

Rúfio havia algemado Lila. Rosa Silvestre então arrancou a chave da mão do caçador de recompensas e jogou-a pela janela. Rúfio ficou só olhando, sem entender nada.

— Não confio nesta pirralha — disse Rosa.

— Esta vai ser uma longa viagem — falou Lila entre suspiros.



Em outra estrada, em outro reino, Henrique de Sturmhagen e seus quinze irmãos igualmente fortes marchavam alegremente, girando machados de batalha, flexionando os músculos e cantando hinos de guerra.



Em mais uma estrada, outro exército também avançava — um exército de homens vestidos de preto, alguns montados em cavalos, outros a pé. Eles traziam carroças cheias de lanças, porretes e espadas, panelas e sacos de dormir. Deeb Rauber, o rei Bandido, empoleirado sobre o teto de uma das carroças de munição, divertia-se atirando nozes com um estilingue nas costas de seus seguidores.



Não muito distante, uma carroça menor chacoalhava floresta afora. Flik, Frak e Frank vinham calados o tempo todo. Com a mesma cara de sempre. Dentro do veículo, Branca de Neve trançava seu sétimo descanso para panelas do dia, tentando desesperadamente não pensar em Duncan.



Em outra parte da floresta, distante de todas as estradas, Ella corria o mais rápido que podia para tentar escapar de um lobo faminto. Contornou um arbusto e deslizou por dentro de um tronco oco para evitar as poderosas garras do animal. A fera ainda tentou seguir atrás dela, mas acabou com a cabeça entalada. Ella riu, saiu pela outra ponta e seguiu correndo.



Em mais outra estrada, um homem de barba verde mancava sobre uma perna de pau feita de pirulito de hortelã, com uma ave-do-paraíso de plumagem

avermelhada empoleirada no ombro. Mas ele não faz parte desta história, portanto não lhe dê atenção.



Ignorando todas as estradas, Zaubera se embrenhava pela floresta, disparando raios contra esquilos e coelhinhos que cruzavam seu caminho. Logo atrás, flutuava uma enorme bolha verde, ocupada por quatro bardos apavorados. Eles tinham testemunhado a ira da bruxa ao descobrir que os duendes deixaram Penaleve escapar. Nenhum dos quatro bardos achava que teria coragem de comer bacon novamente.

A bruxa seguia para o monte Morcegasa — assim como todos os outros. Era véspera do solstício de verão.



O PRÍNCIPE ENCANTADO É UM ESPIÃO

Os príncipes marchavam com alto astral pela floresta. Duncan divertia os outros cantando sua música preferida dos acampamentos dos anões:

— Chamas e pássaros não se misturam. — E finalizava com um floreio: — Por isso não se aproxime da fogueiiiiira!

Liam e Frederico aplaudiram.

— Obrigado, Duncan — agradeceu Liam. — Até que gostei dessa.

— Que bom; a marcha para o confronto mortal está sendo bem mais divertida desta vez — disse Frederico. — Mas realmente gostaria que tivéssemos recuperado nossos cavalos.

— Eu também — concordou Duncan.

— Mas você não perdeu um cavalo — lembrou Gustavo.

— Não *nesta* viagem — disse Duncan. — Mas perdi um cavalo há alguns meses. O nome dele era Papavia. Um dia, segui com ele até o riacho para procurar pedras preciosas. Enquanto eu estava dando um nome a uma truta, ele se foi. Acho que o deixei envergonhado.

— Meu cavalo participou de todas as minhas maiores aventuras — disse Liam. — Se ele não estivesse comigo durante a luta contra a fada malvada, não sei se eu teria saído vivo. Gravem minhas palavras: se puder voltar ao castelo de Rauber para pegar o Trovão, eu o farei. — Foi interrompido por uma risadinha irônica. — O que foi, Gustavo?

— O nome é um pouco exagerado, não acha? — comentou Gustavo. — Trovão?

— É um poderoso cavalo de guerra. O que tem de errado em dar um nome poderoso a ele? — respondeu Liam.

— Cavalo de guerra? Sei! — zombou Gustavo. — O *meu* era um verdadeiro cavalo de guerra. Você viu o tamanho das patas dele?

— Posso saber qual era o nome tão perfeito do seu cavalo? — perguntou Liam provocativo.

Gustavo resmungou algo.

— O que você falou? — perguntou Frederico com uma risadinha.

— Dezesete — murmurou Gustavo, dessa vez um pouco mais alto.

— Dezesete o quê? — perguntou Duncan.

— *Dezesete* — repetiu Gustavo. — Esse era o nome do cavalo. Não dei um nome a ele. Cada criança na minha família ganha um cavalo quando atinge a idade. E os cavalos recebem o nome de acordo com a ordem de nascimento. Por isso o meu se chama Dezesete.

— O nome da minha égua era Genoveva — disse Frederico. — Não que eu tenha alguma história com ela. Só a conheci no dia em que parti para essa jornada. Mas, considerando o modo como tolerou bem a minha inexperiência em montar, sou obrigado a dizer que acabei me afeiçoando a ela. Espero revê-la um dia.

— Não é Genoveva que está ali? — perguntou Duncan, apontando para uma égua parda que pastava atrás de umas árvores, logo adiante.

Os quatro príncipes pararam na hora. De fato, a sela do cavalo estampava o brasão de Harmonia. Os quatro se aproximaram devagar.

— É a Genoveva mesmo — confirmou Frederico num sussurro surpreso.

— Dezesete! — exclamou Gustavo quando chegou perto do seu cavalo. Ao se dar conta de que estava com um sorriso largo estampado, ele tratou de cuspir no chão antes que alguém percebesse.

— Nossos cavalos estão aqui — disse Liam.

— Bom, menos o meu — acrescentou Duncan, um pouco desapontado. Se os cavalos dos outros tinham voltado, ele esperava que a sua sorte mágica trouxesse Papavia também.

Os cavalos dos três príncipes (além de mais uma dúzia de outros) estavam presos a uma fileira de árvores que formavam um curral improvisado.

— São muitos cavalos. O que será que estão fazendo aqui? — perguntou Frederico. — Vocês acham que o rei Bandido vendeu nossos cavalos para um comerciante ou algo assim?

— Não, acho que Rauber e seus homens estão usando nossos cavalos — disse Liam. — Olhem adiante. Mas não façam barulho.

Liam empurrou seus amigos para fora da trilha e apontou em direção à barraca de lona montada além das árvores.

— Você acha que tem alguns bandidos lá? — perguntou Duncan.

Os quatro agacharam até o chão e avançaram furtivamente. À medida que foram se aproximando, constataram que aquela não era a única barraca montada naquele campo próximo. Havia uma verdadeira *cidade* de barracas diante deles; tantas que era impossível contar. No centro do campo lotado, tremulava uma bandeira estampada com um rei velho e barbudo, levando um chute de uma bota gigante: a bandeira do rei Bandido.

— Acho que todos os bandidos estão lá — respondeu Liam.

Eles ficaram observando quando homens truculentos — vários dos quais reconheceram da estada no castelo do rei Bandido — saíram das barracas, conversando e trocando socos. Assim que o sol começou a se pôr, alguns bandidos acenderam fogueiras e aqueceram caldeirões sujos de fuligem, cheios de cozido.

— Eles estão ocupados preparando o jantar — disse Gustavo. — Vamos pegar nossos cavalos de volta antes que percebam.

— Não — retrucou Liam. — Vamos deixar os cavalos quietos, por enquanto. Essa é a nossa oportunidade de descobrir o que esses bandidos estão

tramando. Com estas roupas escuras, estamos prontos para espionar. Vamos tentar escutar alguma coisa.

— Vejam! — exclamou Frederico. — Horácio e Neville!

— Quem?

— Os dois sujeitos que nos capturaram naquela cabana em Sylvaria — explicou Frederico. — O grandão que jogou a espada gigante para o Duncan e o menorzinho de bigode espetado.

— Ah, claro — disse Duncan. — Lá estão eles.

Horácio e Neville conversavam animadamente, enquanto caminhavam perto do acampamento, somente a alguns metros de distância.

— Hum. Achei que a essa altura Rauber já tinha dado um chute nos dois — falou Gustavo.

— Vamos — sussurrou Liam. Então, ele se agachou e rastejou até ficar a poucos metros atrás de Horácio e Neville. Seguido pelos outros, que vieram segurando a respiração.

— *Comovamossaber* o que ele quer de nós agora? — pronunciou Neville ofegante, com sua voz anasalada.

— Espero que ele nos deixe assumir nosso antigo posto — disse Horácio. — Já cansei de ficar limpando sujeira de cavalos.

— Acho pouco provável, não acha? — indagou Neville. — Ele vem nos torturando há dias. Minha cabeça ainda está dolorida dos cascudos. Para ser sincero, fico feliz por ainda estar vivo. Continuarei recolhendo de bom grado você sabe o quê, se for para continuar com a cabeça presa ao pescoço.

— Sabe, nunca vi o garoto *matar* ninguém — disse Horácio. — Você notou que estamos trabalhando para uma criança, não notou?

Neville parou de repente. Liam fez o mesmo, e os outros príncipes, que vinham atrás, trombaram uns nos outros, amontoando-se atrás dele. Os quatro cambalearam, mas seguraram uns nos ombros dos outros e conseguiram se equilibrar.

— Não diga isso! — vociferou Neville, num sussurro áspero. — Quer morrer ou algo assim? Estamos pertinho da barraca dele. E se ele ouve você dizendo que ele é uma... uma... *você sabe*.

— Uma criança — repetiu Horácio.

— Argh! Cale a boca, cale a boca, cale a boca! — Neville tirou o gorro de lã e começou a bater com ele em Horácio, que se esquivou, divertindo-se com o medo do amigo.

— Vamos ver o que o diabinho quer — disse Horácio, e então começou a cantar: — Cachinhos e caracóis, disso são feitos os *menininhos*.

Neville levou as mãos à cabeça desesperado.

Os dois bandidos viraram e entraram em uma barraca enorme. Os príncipes se aproximaram e encostaram a orelha contra a lona encardida para escutar.

— O senhor queria falar conosco? — eles ouviram Horácio dizendo. Por mais que Horácio gostasse de brincar sobre o rei Bandido, para alívio de Neville, ele sempre demonstrava o maior respeito na presença da criança diabólica, pois não tinha a menor vontade de se tornar alvo da fúria de Deeb Rauber. Ele conhecia um guarda que cometera o erro de roubar um biscoito de Rauber e por isso passou uma semana inteira de tortura, servindo de alvo para campeonato de bolinhas de papel mastigado.

— Vocês sabem que gosto dos dois, certo? — perguntou Rauber com seu tom de voz estridente.

— Sim, claro — disse Neville.

— Fazemos o que podemos — adicionou Horácio.

— Ainda não perdoei vocês por aquele fiasco de outro dia, no telhado — afirmou Rauber. — Mas preciso de homens de confiança ao meu lado, e, dentro desse exército de fracassados, infelizmente vocês são os melhores que tenho.

— Fico feliz em ouvir isso, senhor — disse Neville.

Horácio deu uma cotovelada no amigo e cochichou:

— Não foi um elogio.

— Por isso, é com muito desgosto — continuou Rauber com um tom exageradamente formal — que eu os nomeio sir Horácio e sir Neville, meus primeiros-cavaleiros.

— É uma honra, senhor — respondeu Horácio.

— E, como meus cavaleiros — disse Rauber —, vocês serão os responsáveis pelos serviços diários do novo castelo. Tenho certeza de que será um castelo bem maior que o antigo, por isso imagino que haverá muito mais para ser limpo. Vocês também cuidarão do funcionamento da cozinha, para que todos, especialmente eu, estejam alimentados e felizes.

— Não se ofenda, senhor — Neville introduziu com todo cuidado —, mas, como seus cavaleiros, não devíamos fazer algo um pouco mais, sei lá, emocionante?

— Posso mandar organizar o campeonato de bolinhas de papel, sir Neville?

— Não, senhor.

— Como eu estava dizendo — prosseguiu Rauber —, vocês também receberão os visitantes. Tenho certeza de que pessoas importantes de reinos distantes virão bater à nossa porta, assim que eu tiver conquistado meu próprio reino. Por isso, vocês vão convidá-las para um banquete e... sei lá... negociações diplomáticas ou algo assim. Então roubamos tudo deles.

Enquanto Rauber ria, os príncipes se entreolharam incrédulos.

— Devo dizer, senhor — começou Horácio —, que o acordo que fez foi genial.

— Eu sei! — respondeu Rauber alegremente. — Vamos montar guarda por algumas horas apenas e em troca ganhamos um reino inteiro. Vou dizer uma coisa: quando eu for rei, vai ser muito divertido mandar em um monte de súditos inocentes em vez de apenas num bando de paspalhos.

— A bruxa disse que o senhor poderia escolher qualquer um dos cinco reinos — disse Neville. — Já decidiu qual vai pegar?

— Sim. Acho que este reino mesmo me agrada — respondeu Rauber. — Vou ficar com Sturmhagen.

— Agora chega — sibilou Gustavo com os dentes cerrados. — Vamos acabar com eles, agora mesmo.

— Não, Gustavo — alertou Liam, segurando-o pelo braço para que ele não se levantasse. — Estamos em quatro, e eles, bom, eu diria que estão em torno de duzentos, muito mais do que vimos no castelo. Isso significa um obstáculo enorme para nossos planos. Precisamos mudar as estratégias. Não conseguiremos nem pegar o mapa se tivermos de passar pelo exército de Rauber. Precisamos partir e correr para o castelo de Sturmhagen *primeiro*, para conseguir reforços.

— Não! Devíamos acabar com eles agora mesmo — reclamou Gustavo.

— Gustavo, pense — disse Liam. — Como vamos dar conta de um exército inteiro se somos quatro apenas? Já com a ajuda de seus irmãos e dos guardas do seu pai...

— Estamos perdendo tempo discutindo. Poderíamos invadir esta barraca e dar conta daquele pirralho — reclamou Gustavo.

Frederico e Duncan fizeram sinal, pedindo silêncio.

— Precipitar as coisas não ajudou muito em outras ocasiões, ajudou, Gustavo? — indagou Liam.

— Então dê uma ideia melhor, senhor Cérebro — desafiou Gustavo.

Frederico e Duncan tentaram pedir que os dois falassem mais baixo, novamente.

— Acabei de dar uma ideia melhor: buscar a sua família — insistiu Liam.

— Isso não faz sentido! — argumentou Gustavo. — Temos a oportunidade de pegar Rauber agora mesmo. Sem o pequeno encenqueiro, o exército dele vai se desfazer.

— É muito arriscado! — respondeu Liam. — Não quero ter a consciência pesada por causa da morte de um príncipe!

— Pessoal — alertou Frederico. — Vocês estão falando um pouco alto.

— FIQUE FORA DISSO! — Liam e Gustavo gritaram em coro.

— O que foi isso? — eles ouviram o rei Bandido dizendo dentro da barraca.

— Sujou — murmurou Liam.

Rauber saiu da barraca, acompanhado de Horácio e Neville.

— Caramba! — Rauber caiu na risada. — Não acredito que vocês foram tontos o bastante para voltar! — E começou a dançar em círculos, vaiando debochado.

— Dispersar! — disse Liam, assim que o rei Bandido começou a correr na direção deles.

Liam agarrou o braço de Duncan e o empurrou em uma direção; Gustavo segurou Frederico pelo colarinho e saiu correndo em outra.

— Rapazes! — Horácio gritou alto, sua voz ecoando pela cidade de barracas. — Precisamos pegar alguns príncipes!

— Ai! Meus pés adormeceram — reclamou Frederico, pulando desengonçado. — Ai, ai, ai, ai! — Irritado, Gustavo ergueu Frederico do chão, jogou-o sobre o ombro e continuou correndo. Os bandidos vinham para cima enquanto ele corria, mas, cada vez que um chegava muito perto, Gustavo dava meia-volta e acertava a cara do sujeito com os pés de Frederico. — Ooh, isso está despertando meus pés — disse Frederico.

Neville disparou na frente de Gustavo, colocou-se no caminho do príncipe grandalhão e sacou um punhal tinindo de afiado.

— Por favor, não corra na direção do cara com a faca — implorou Frederico.

— Segure firme — disse Gustavo, avançando para cima do sorridente Neville. Gustavo arrancou uma das botas de Frederico e arremessou-a contra o bandido magrelo. O salto da bota bateu bem no meio dos olhos de Neville, derrubando-o para trás. Sem perder o ritmo, Gustavo esticou o braço livre, pegou a bota que estava ao lado do bandido gemendo e a enfiou de volta no pé de Frederico. Só para garantir, ainda pisou na mão de Neville. Mantendo

Frederico sobre o ombro, Gustavo continuou sua corrida desvairada para longe do acampamento e desapareceu entre as árvores.

Enquanto isso, Horácio disparava atrás de Liam e Duncan.

— Vocês devem mesmo ter ficado com saudades da gente — berrou o bandidão. — Estou emocionado com a visita.

— Está totalmente enganado! — gritou Duncan de volta para Horácio, enquanto ele e Liam pulavam uma série de cordas que prendiam as barracas a estacas fincadas no chão. — Não sentimos nenhum pouco de saudade de vocês! Nem é por isso que estamos aqui!

— Sarcasmo, Duncan. Sarcasmo — disse Liam enquanto desviava de um mergulho do bandido.

— Podem parar de correr; vocês não têm para onde fugir — falou Horácio.

Liam parou ao ver uma parede formada por bandidos, logo adiante. Ele olhou para a esquerda e para a direita e tudo que viu foi um impenetrável emaranhado de barracas, carroças e caixotes com munição. Eles estavam encurralados. Horácio começou a se aproximar lentamente, balançando, como quem não quer nada, um enorme porrete de madeira — uma arma que aparentava ser grande e dura o suficiente para rachar a cabeça de um humano até virar uma panqueca.

— Me atire contra ele — disse Duncan. — Vamos ver o que acontece.

— Isso é loucura — respondeu Liam, mas considerou a ideia. Geralmente, Liam via a crença de Duncan na sua “sorte mágica” apenas como mais uma de suas esquisitices, mas por várias vezes, como quando eles sobreviveram à queda do telhado do castelo de Rauber, ele ficara em dúvida. Duncan olhou para Liam, esperando. — Certo — Liam encolheu os ombros.

Então, ergueu Duncan e o atirou para cima de Horácio. O grandalhão pegou o príncipe de primeira com a mão livre e o segurou firme.

— Haha — Horácio riu. — Obrigado. Eu não esperava que fosse *tão* fácil.

Liam balançou a cabeça, decepcionado. Nem tentou se defender quando dez bandidos enormes o pegaram por trás e alguém arrancou sua espada, enquanto os outros o seguravam. Era inútil lutar, especialmente com Duncan nas mãos do inimigo.

Duncan pendia largado na mão de Horácio, com a mente a mil. Não tinha acontecido nada de especial. Horácio não tinha sofrido um ataque súbito no coração. O chão não tinha aberto um buraco e engolido os bandidos. Não, Duncan apenas tinha sido apanhado pelo inimigo. *Não resta mais nenhuma dívida*, pensou ele. *A sorte me abandonou.*



O PRÍNCIPE ENCANTADO SENTA NO LUGAR ERRADO

O sol estava se pondo quando Gustavo desacelerou e finalmente colocou Frederico no chão, sobre as próprias pernas. Eles estavam a vários quilômetros de distância do acampamento dos bandidos, cercados por uma densa vegetação rasteira e retorcida.

— Seus pés melhoraram? — perguntou Gustavo.

— Sim. Obrigado pela carona — respondeu Frederico. — Acha que eles ainda estão nos seguindo?

— Não — Gustavo balançou a cabeça. — Podemos recuperar o fôlego.

— Ah, Gustavo, antes que eu me esqueça... — disse Frederico. — Estive pensando: você perdeu a sua espada, mas eu ainda tenho a minha. Isso me parece errado. Quero que fique com a minha espada. Será melhor para nós dois.

Frederico esticou o braço para pegar a espada no cinto, mas percebeu, ao tatear no vazio, que ela não estava lá.

— Essa não. Ela...

— Não entre em pânico. Já estou com ela — disse Gustavo. — Pensei o mesmo, por isso peguei a espada, algumas horas atrás.

— Como pôde roubar a minha espada?

— Mas você acabou de dizer que eu podia ficar com ela!

— Eu ia dá-la a você. Não que você pudesse roubá-la de mim.

— Que diferença faz? Estou com a espada; estamos quites.

Frederico suspirou e saiu andando em meio à escuridão da noite que acabara de se impor, até encontrar uma árvore imensa para recostar.

— Está muito, muito escuro — comentou. — Gostaria que Duncan estivesse aqui agora. Provavelmente ele tiraria uma tocha incandescente do bolso ou algo assim.

— Sim, e uma cama, um travesseiro, e uma orquestra de flautas para tocar uma canção de ninar — caçou Gustavo. — Mas, falando sério, pare de encorajar o sujeitinho. Você não acredita mesmo que ele seja mágico, acredita?

— Não sei. Eu me tornei uma pessoa menos cética depois que vi uma carruagem se transformando em abóbora — confessou Frederico com toda sinceridade. — Você acha que Duncan e Liam também conseguiram fugir?

Gustavo encolheu os ombros.

— Ainda não podemos sair à procura deles. Devemos tentar descansar e começar a busca depois.

— Faz sentido. — Frederico olhou ao redor. Apenas um fio de luz do luar penetrava entre a copa das árvores. Por conta disso, era possível ver apenas o contorno delas. Ele deslizou até o chão, mas pulou com um gritinho logo em seguida. — Urtigas! Urtigas espinhosas por toda parte — resmungou.

Gustavo arrastou os pés para frente e para trás.

— Basta chutar para o lado.

— Não podemos ver se tem um lugar melhor para deitar? — Frederico espiou entre as sombras e viu um local que parecia coberto por uma grama fofa. — Gustavo — chamou ele. — Tem uma bela cama de musgo, logo ali.

Gustavo olhou bem na hora em que Frederico se acomodava entre os pelos verdes desgrenhados de um troll que dormia.

— Não! — gritou.

Mas já era tarde demais.

— O que sentou em Troll? — berrou o monstro, ficando em pé com um pulo. Frederico foi arremessado e caiu sentado sobre um monte de urtigas.

— Ai-ai-ai-ai-ai-ai-ai-ai-ai-ai! — gemia enquanto rolava para frente e para trás.

O troll se aproximou e ergueu o príncipe do chão.

— Solte o meu amigo, troll — ordenou Gustavo, sacando a espada.

— Huahua! Homem Cabeça Redonda tem uma espada de brinquedo! — A risada do troll era gutural, como se ele estivesse tentando cuspir uma bola de pelo entalada na garganta.

— Isto não é de brinquedo, troll — disse Gustavo. — É uma espada forjada por anões. E vou enterrá-la em você caso não coloque esse cara no chão, imediatamente.

— Mas Homem Chorão sentou em Troll — disse o monstro. — Homem Chorão agora prisioneiro.

O troll levou uma mão peluda, em formato de concha, à boca e soltou um grito que reverberou em meio às árvores:

— Troll tem prisioneiro!

As árvores ao redor de Gustavo começaram a balançar e estremecer. Segundos depois, surgia meia dúzia de trolls.

— Troll pegou *dois* prisioneiros! — apontou satisfeito um deles.

Gustavo fechou os dedos ao redor do cabo da espada. Apesar de estar em desvantagem e de mal conseguir enxergar os inimigos no escuro, ele, como sempre, sentia-se preparado para a luta.

— Não faça isso, Gustavo — implorou Frederico, do alto dos braços do troll. — Não faça nada de que possamos nos arrepender.

Pela primeira vez, Gustavo recuou. Guardou a espada no cinto e ergueu as mãos vazias. Os trolls avançaram, ergueram Gustavo do chão e saíram marchando pela escuridão entoando:

— PRI-SIO-NEI-ROS! PRI-SIO-NEI-ROS!

Gustavo olhou preocupado para Frederico, que balançava sobre o ombro do troll que seguia na frente.

— Cama de musgo. Sei!



Quando o sol raiou, no dia seguinte, Frederico e Gustavo acordaram dentro de uma cadeia de madeira, no centro de uma aldeia de trolls. Pelos menos *parecia* ser uma aldeia de trolls. Aquilo que os trolls chamavam de “aldeia”, muitos humanos classificariam apenas como “um grande amontoado de pedaços de pau”.

Os trolls não eram bons construtores. A maioria de suas “casas” nem se parecia com uma construção; na verdade, não passavam de três galhos mal escorados. Uma casa troll melhorzinha contava com uma “porta”, que era mais um galho recostado contra os outros, mas que precisava ser removido quando alguém desejava entrar.

A cadeia onde os príncipes se encontravam fora construída nos mesmos padrões. As “barras” eram gravetos compridos e finos que até mesmo Frederico conseguiria quebrar ao meio com a maior facilidade. Não que precisasse disso, pois os gravetos ficavam tão distantes uns dos outros que dava para passar facilmente entre eles. E não tinha nada prendendo uns aos outros. Cordas, cimento — nada. Frederico concluiu que bastaria um sopro mais forte para que toda a estrutura viesse abaixo.



Fig. 39
"Casa" do troll

— Será que eles realmente acham que não podemos fugir daqui? — perguntou Frederico.

Enormes trolls verdes andavam de um lado para o outro, como se os dois príncipes estivessem fortemente presos.

— Estou farto disso — disse Gustavo. — Vamos embora. — Saiu andando entre as barras e seguiu pela aldeia, com Frederico no rastro. Mas os dois tinham dado apenas alguns passos quando o troll da noite anterior veio correndo atrás deles.

— Aonde vão? Homem Cabeça Redonda e Homem Chorão são prisioneiros — disse o troll. — De volta para a cadeia.

— Por que iríamos? — indagou Gustavo, contraindo os olhos.

— O que meu amigo está querendo dizer — interveio Frederico — é por que não tentamos conversar sobre isso.

— Você não conseguirá negociar com os trolls, senhor Fala Mansa — disse Gustavo. — Eles não são muito espertos.

— De volta para cadeia, agora! — ordenou o troll.

— Não! — Gustavo gritou na cara dele. — Agora saia do caminho, troll, ou terá de enfrentar a ponta da minha espada.

— Veja bem, sr. Troll — insistiu Frederico. — Por que exatamente o senhor deseja nos manter presos aqui?

— Homem Chorão sentou em Troll — respondeu o monstro, cruzando os braços.

— Sinto muito por isso — disse Frederico. — Foi sem querer. Estava muito escuro e eu não conseguia enxergar direito. Certamente, o senhor pode perdoar um equívoco como esse. Quero dizer, não é contra a lei sentar em alguém.

— Para Troll é — disse o troll, sem preâmbulos.

— Sentar-se em um troll é *ilegal*, de acordo com as leis dos trolls? — perguntou Gustavo.

— É.

— Qual é a punição para isso? — perguntou Frederico.

— Troll não sabe — disse a criatura, coçando o queixo. — Trolls tomam muito cuidado para não sentar em outro troll. Ninguém fez isso antes.

— Então, por que não dizer que uma noite na cadeia é o suficiente e resolvemos tudo? — sugeriu Frederico.

— Não. É muito importante para trolls seguir as leis dos trolls — respondeu a criatura. — Agora, de volta para cadeia, enquanto Troll descobre qual é castigo por sentar em troll.

— Você é mais burro do que parece, troll — disse Gustavo —, se pensa que vamos ficar esperando pacientemente até decidir nos comer.

O troll ergueu os braços frustrado.

— Por que humanos sempre esquecem que trolls são herbívoros?! — disse aos berros. O monstro abaixou a cabeça peluda com um chifre apenas e urrou enfurecido na cara dos príncipes. — Trolls são vegetarianos! Última vez que Troll viu, Homem Cabeça Redonda era feito de carne! Ah, Troll está *cansado* de mente fechada dos humanos!

Gustavo e Frederico ficaram surpresos com a resposta. Assim como ficaram paralisados enquanto o forte bafo de cebola do monstro umedecia o rosto deles.

— Argh, Troll fica tão irritado! — continuou a criatura. — Homem Cabeça Redonda é igualzinho Homem Bravo que pensa que Troll come filho de Mulher da Pá! Troll só queria beterrabas!

Gustavo arregalou os olhos.

— Só faltava essa! — murmurou, voltando-se para Frederico. — Acho que é o mesmo troll que enfrentei na plantação de beterrabas, no dia que nos conhecemos.

— O quê? — Frederico e o troll disseram em coro.

— Este é o mesmo troll da plantação de beterrabas? — perguntou Frederico.

— Tenho certeza que sim — respondeu Gustavo.

— Troll brigou com *Homem Bravo* na plantação de beterraba — disse o troll. — Não Homem Cabeça Redonda.

— Hum, sr. Troll — tentou Frederico. — Acho que Homem Cabeça Redonda e Homem Bravo são a mesma pessoa.

— Mas Homem Bravo tinha cabelo comprido igual palha seca.

— Tinha — disse Frederico. — Mas seus longos cabelos foram embora. E só sobrou a cabeça redonda.

O troll examinou atentamente o rosto de Gustavo.

— Oh-oh! — exclamou ele. — Troll acha Homem Chorão certo. Troll não reconhece Homem Bravo sem cabelo. Humanos são iguais para Troll.

— Ah, quem está sendo mente fechada agora? — revidou Gustavo satisfeito.

— Então Troll pegou Homem Bravo, hein? — retrucou o troll. — Isso muda tudo. Troll odeia Homem Bravo. Talvez Troll vire carnívoro por um dia.

— Espere — Frederico se apressou. — Só porque ele bateu em você em uma briga, não significa que precise se vingar. Sempre podemos...

O troll soltou uma das suas risadas que mais parecia com um vômito.

— Huahua! Homem Bravo não bateu Troll. Troll bateu Homem Bravo.

— Não, não — contestou Gustavo, tentando manter as aparências diante de Frederico. — Eu bati em você.

— Homem Bravo não bateu Troll. *Mulher da Pá* bateu Troll.

Gustavo girou o dedo próximo à cabeça.

— Maluco — murmurou.

— Sabe de uma coisa? Não importa quem bateu em quem — disse Frederico. — Sr. Troll, entenda que meu amigo aqui só brigou porque achou que o senhor estivesse roubando a plantação daquela família.

— Trolls precisam roubar comida. Que outro jeito trolls vão comer? — A voz corajosa do troll estremeceu ligeiramente. — Troll disse, trolls são vegetarianos. Mas trolls vivem na floresta. Terra da floresta não é boa para plantar. Trolls morrem de fome se não roubam vegetais dos humanos.

— Então vocês precisam de terras produtivas — disse Frederico, compreendendo a situação. — Por que o senhor e o seu povo não se mudam da floresta?

— Toda vez que trolls tentam mudar da floresta, humanos brigam com trolls e mandam trolls de volta. Humanos ambiciosos querem terras só para eles.

— Mas isso não está certo — contestou Frederico gravemente, entendendo o dilema dos trolls. Os moradores de Sturmhagen os viam como monstros, o

que tecnicamente eram mesmo, por isso todas as tentativas dos trolls de se mudar da floresta para terras férteis eram encaradas como invasão. Essa era a chance de Frederico acertar um tratado de paz.

— Sorte sua que está diante de alguém que pode ajudar — continuou ele. — Sr. Troll, o senhor sabe quem é na verdade o Homem Bravo?

— Homem Bravo é Homem Bravo — respondeu o troll. — Diz coisas ruins sobre trolls e impede Troll de pegar comida.

Gustavo franziu a testa e lançou um olhar desconfiado para Frederico.

— Não — contestou Frederico. — Este jovem é o príncipe de Sturmhagen. A família dele governa este reino. Ele pode arrumar um pedaço de terra para os trolls.

Gustavo bateu de ombro em Frederico.

— Não tenho autoridade para...

Frederico respondeu com um chute em Gustavo.

— Homem Bravo pode mesmo fazer isso? — perguntou o troll, com uma ponta de esperança na voz.

— Sim, ele pode — afirmou Frederico. — E irá.

O troll ergueu os braços e chamou seus companheiros monstros.

— Trolls, venham! Homem Bravo é *príncipe* Homem Bravo! Homem Bravo deu terras para trolls plantar vegetais!

Em torno de setenta trolls, quase toda a aldeia, avançavam, parecendo um vagalhão de couves verdinhas, e, por uma fração de segundo, Frederico pensou que a ideia de aquelas criaturas comerem vegetais beirava o canibalismo.

O povo troll festejava e dava vivas. Vez ou outra, gritos de “Viva Homem Bravo!” e “Viva vegetal!” se erguiam entre a multidão.

— Fico feliz de ver que todos gostaram — disse Frederico. — O verdadeiro nome dele, por sinal, é príncipe Gustavo de Sturmhagen. E o meu é Frederico.

— Troll chamar vocês de Homem Bravo e Homem Chorão — estabeleceu o líder dos trolls para simplificar. — É costume troll: colocar nome em

humanos de acordo com a primeira coisa que notam sobre o humano.

— Justo — disse Frederico. — Mas adoraríamos saber o seu nome, sr. Troll.

O troll franziu a testa peluda.

— Homem Bravo e Homem Chorão já sabem nome de Troll. Chamam Troll de Troll o tempo todo.

— Desculpe, mas estou confuso — disse Frederico.

— Nome de Troll é Troll — explicou o monstro, arreganhando os dentes em um sorriso. — Todos trolls chamam Troll. — E apontou para vários trolls entre a multidão. — Aquele é Troll. E aquele outro é Troll. E este é Troll... Todos Troll.

— Todos os trolls se chamam Troll? — perguntou Gustavo, surpreso. — Mas deve ser impossível saber quem é quem.

— Sim — concordou Troll com um suspiro. — Não é fácil.

— Portanto, Troll... — iniciou Frederico.

— Diga sr. Troll — interferiu o troll. — Troll gostou.

— Muito bem... sr. Troll — continuou Frederico. — Quais são seus planos para nós agora? Ainda vai nos manter presos na sua cadeia? Ou vai permitir que o príncipe Homem Bravo volte para o seu castelo e arrume uma terra para você e seu povo?

— Homem Bravo vai! — declarou em alto e bom tom o sr. Troll, e gritos de viva se ergueram entre os outros trolls. Sr. Troll voltou-se, então, para Frederico com um semblante sério. — Mas Homem Chorão fica. Homem Chorão quebrou lei troll. Homem Chorão precisa pagar.

— Veja bem, sr. Troll — interveio Frederico. — Gustavo precisa que eu vá junto. Se eu ficar preso aqui, vocês não ganharão as terras.

— Ouh! Ouh! Troll achou isto! — um grito se destacou em meio à multidão. Um troll atarracado, com três chifres, avançou. Ele trazia uma pilha enorme de folhas presas apenas por um graveto pontudo. — Troll encontrou livro das leis troll!

Frederico e Gustavo se entreolharam preocupados. Frederico se preparou para ouvir que provavelmente teria de passar os próximos cem anos em uma prisão troll, ou coisa pior.

O troll atarracado folheou o “livro”, soltando várias folhas ao fazê-lo, até encontrar a página desejada. A criatura apontou para um monte de rabiscos, supostamente palavras, e leu:

— Castigo para humano que senta em troll... troll senta em humano.

— Ótimo! — exclamou Gustavo. Então olhou para Frederico. — Deite no chão e acabe logo com isso.

— Homem Chorão ouviu Homem Bravo — disse sr. Troll. — Deita.

Frederico respirou fundo e deitou no chão. Mal tinha acabado de se posicionar quando o sr. Troll pulou em cima dele. Frederico deixou escapar um *uff!*, e o sr. Troll se levantou.

— Muito bem — disse o sr. Troll. — Homem Chorão pode ir agora.

— Até que não foi tão ruim — disse Frederico, limpando a poeira. — Depois de ter sido achatado por um gigante, um troll nem pareceu tão pesado.

Com o fim da diversão, os trolls dispersaram e voltaram para seja lá o que os trolls fazem — roubar vegetais, assustar humanos, empilhar pedra uma em cima da outra e chamar aquilo de mirante... coisas assim.

— Esperem, trolls! — saiu gritando Frederico, acenando com as mãos ao alto. As criaturas nem deram atenção, por isso ele acabou batendo os quadris na cadeia. Toda a estrutura desmoronou de uma só vez. O acontecimento teve o efeito desejado, pois quase todos os trolls viraram para olhar para Frederico e Gustavo, parados entre o amontoado de galhos e gravetos.

— Ei, Homem Chorão quebrar cadeia! Vai levar alguns *minutos* para reconstruir — reclamou sr. Troll. Considerou, então, o trabalho por um segundo e acenou com sua imensa mão peluda. — Eh. Troll conserta depois. Não precisa mais de cadeia, só se Homem Chorão sentar em troll outra vez.

— Não precisam se preocupar com a cadeia; tenho algo muito importante para contar para vocês — disse Frederico, dirigindo-se a todos. — Isso vai

afetar todos os trolls. Sim, até mesmo você, Troll. E você também, Troll.

Um troll chegou pertinho do companheiro que estava ao seu lado e comentou:

— Tratamento pessoal é bom.

— Como eu disse — prosseguiu Frederico —, meu amigo Gustavo é um dos governantes de Sturmhagen e pode ajudá-los a conseguir terras. Ele vai fazer isso porque gosta dos trolls. Sabe que os trolls são... pessoas de bem. — Vários trolls assentiram satisfeitos. Frederico olhou de canto de olho para Gustavo, para se certificar de que não seria interrompido, mas Gustavo estava parado de braços cruzados, aguardando curioso para ver o que Frederico tramava.

— Mas nem todos os humanos são bonzinhos como nós — disse Frederico. — Alguns não gostam de trolls. Tem um grupo de humanos na floresta, perto daqui, que *odeia* trolls.

Um murmurinho se ergueu entre a multidão.

— E aqueles humanos perversos, que são contra os trolls, estão planejando tomar o reino de Sturmhagen. Se o rei Bandido e seus homens fizerem isso, Homem Bravo não vai poder ajudar os trolls.

— Trolls não vão deixar isso acontecer — declarou sr. Troll, confiante. — Trolls vão deter Homem Bandido!

— Na verdade, ele está mais para um Menino Bandido — disse Gustavo.

— Menino, homem, não importa para trolls — afirmou o sr. Troll. — Homem Bravo é amigo de trolls agora. Se Menino Bandido quer fazer coisas ruins contra Homem Bravo, trolls vão fazer coisas ruins com Menino Bandido. — Um coro de trolls se ergueu ao redor. — Onde estão humanos malvados? — perguntou o sr. Troll. Sua cara, que já não era das melhores, tinha se transformado em uma máscara contorcida de pelos, dentes e olhos incandescentes. A imagem deixou Frederico todo arrepiado, e até mesmo Gustavo se encolheu um pouco diante da visão.

— Eles estão acampados no grande campo, a oeste daqui — contou Frederico.

— Vamos, trolls! — gritou sr. Troll. — Ataque de trolls!

Com uma mão, sr. Troll colocou Frederico sobre o ombro. Um troll grandalhão e corcunda pegou Gustavo e fez o mesmo. Enquanto seguiam de carona com os trolls, Gustavo deu uma olhada para Frederico e disse:

— A coisa poderia ter ficado feia para o nosso lado.

Frederico assentiu.

— Mas foi a melhor ideia que você já teve — disse Gustavo alegremente.

Com isso, o chão começou a tremer quando toda a aldeia de trolls saiu marchando rumo a oeste.



O PRÍNCIPE ENCANTADO ODEIA CRIANÇAS

— Ei, garoto! — provocou Liam.

Ele e Duncan estavam cada um amarrado ao tronco de uma árvore, ao lado do acampamento dos bandidos. Tinham passado a noite toda ali. E, durante a longa estada sem dormir (bem, pelo menos para Liam, pois Duncan, exausto pelas dúvidas sobre si mesmo, dormiu por horas a fio), Liam ficou pensando em um plano para fugir do rei Bandido. Pelo que percebera, Rauber tinha uma fraqueza: ficava ofendido quando diziam alguma coisa sobre a sua idade. Pela manhã, assim que viu o rei Bandido saindo, Liam começou:

— Garotinho, estou falando com você.

Rauber e seu pequeno séquito pararam. O rei Bandido cutucou Horácio, que estava à sua direita (Neville, depois de ter deixado os outros príncipes fugirem, tinha sido rebaixado a alvo de bolinhas de papel mastigado e estava ocupado, pendurado de cabeça para baixo no mastro da bandeira).

— Você ouviu aquilo, Horácio? — Rauber sorriu de um jeito malicioso. — O príncipe chamou você de criança. — Todos os bandidos riram.

— Isso é mesmo muito engraçado, garoto — disse Liam. — Mas saiba que estou falando de você, certo, baixinho?

— Quer que eu dê um soco nele? — Horácio perguntou para Rauber.

O rei Bandido negou com um aceno de cabeça.

— E eu que pensei que você fosse o mais esperto — disse ele a Liam. — Mas talvez seu companheiro roncador seja o verdadeiro cérebro da turma.

Duncan, que ressonava suavemente, despertou e abriu os olhos num estalo.

— Humm, o quê? — resmungou. — Já está na hora da aula de flauta?

— Acho que não — Rauber zombou.

— Não, Duncan, estamos no acampamento dos bandidos, lembra? — disse Liam.

— Ah, sim, claro — respondeu Duncan desanimado. — Tentei uma idiotice e estraguei tudo. Minha sorte se foi. Estou me lembrando de tudo agora. Então, Liam, você estava dizendo...

— Eu só estava tentando chamar a atenção daquele bebê ranhento ali que gosta de bancar o malvado — Liam provocou Rauber mais uma vez.

— O que significam todos esses insultos? — reclamou o rei Bandido. — O que está planejando?

— Ele está tentando irritar o senhor — alertou Horácio. — Tem certeza de que não quer que eu acerte um soco nele? Tenho um braço bem forte; acho até que consigo dar um soco na cara dos dois príncipes ao mesmo tempo.

— Vá em frente — lastimou Duncan. — Estou certo de que você vai me acertar em cheio, já que estou totalmente sem sorte.

— Não, Deeb, não estou tentando irritar você — disse Liam. — Estou só repetindo o que ouvi. Estou chamando você do mesmo jeito que o seu fortão Horácio chama.

Horácio ergueu as sobrancelhas.

— Muito bem, príncipe, vou cair na sua. Mas só porque estou curioso para ver onde isso vai dar — disse Rauber. — O que está querendo insinuar sobre Horácio?

— Ah, apenas que ele acha que você não passa de um pirralho fácil de enganar — disse Liam. — Precisa ver o modo como ele fala sobre você com os outros bandidos, dizendo quanto é ridículo eles trabalharem para uma criança... — Vários bandidos ofegaram.

— ... rindo de todos esses homens adultos que têm medo de um garotinho — prosseguiu Liam — e zombando sobre como seria fácil para ele esmagá-lo, se quisesse...

Horácio começou a entrar em pânico.

— Isso não é verdade, senhor. Ele está inventando tudo.

Rauber acertou um chute no tornozelo de Horácio.

— Sabe, eu *achei mesmo* que tinha ouvido a música sobre do que são feitos os menininhos do lado de fora da minha barraca na noite passada — berrou Rauber. — Pensei que estivesse imaginando coisas, porque ninguém seria *idiota* o bastante para cantar aquela música no meu acampamento. Seu traidor paspalhão! — Deu mais dois chutes em Horácio, e o homenzarrão se encolhia a cada golpe. Não que os chutes do rei Bandido tivessem doído tanto assim, mas Horácio sabia muito bem o que significava virar alvo da ira de Deeb Rauber.

— Não fui eu — afirmou Horácio. — Foi o Neville!

— Até parece! O Neville desmaia se eu jogar uma meleca na direção dele. *Ele* não tem coragem de cometer uma traição dessas — rebateu Rauber. — É *você* quem se acha melhor do que eu, *mais malvado* do que eu. Eu lhe mostrarei quem é malvado. Vou pendurá-lo de cabeça para baixo pelos cabelos da nuca!



Fig. 40
Deeb Rauber

Duncan ficou de orelhas em pé, fascinado pelo modo como Liam estava manipulando Rauber. *Ele é um mestre*, reconheceu Duncan. *É um estrategista, um executor, um cara de ação. Liam não precisa confiar na sorte. Liam cria a própria sorte.*

— Ei, garoto — gritou Liam, louquinho para colocar mais lenha na fogueira. — Tive uma ideia. Em vez de você mesmo dar uma surra no seu companheiro, por que não o deixa lutar comigo? Tenho certeza de que um pirralho briguento como você aprenderia muito assistindo à nossa briga.

— Ah, sim, que ótima ideia! — declarou Rauber, derramando sarcasmo. — Solto você e coloco uma arma na sua mão, e nada vai dar errado! Até parece que já não fugiu de mim antes, e com a mesma desculpa de um duelo! — Ele se aproximou de Liam, que estava amarrado, e o encarou. — NÃO SOU IDIOTA!

— O que foi? — disse Liam, como quem não quer nada. — Você é tão baixinho. Não consigo ouvir nada daqui de cima.

Furioso, Rauber se afastou da multidão, puxou um bandido qualquer pela manga e o arrastou até a árvore em que Liam estava amarrado. Então, empurrou o bandido de quatro no chão e subiu nas costas dele para ficar cara a cara com o príncipe.

— ESTÁ ME OUVINDO AGORA? — Rauber gritou na cara de Liam. — NÃO SOU IDIOTA!

Naquele momento, Liam impulsionou a parte de cima do corpo para frente e deu uma cabeçada no rei Bandido com o máximo de força que pôde. Rauber tombou para trás e caiu desmaiado de costas no chão.

Os bandidos ficaram surpresos.

— Agora é a sua chance, Horácio! — disse Liam, ignorando o zumbindo em seus ouvidos. — Pegue-o enquanto ele está no chão. Assuma o controle enquanto pode.

A cabeça de Horácio também estava girando, metaforicamente, é claro.

— Não entendo você, príncipe — comentou ele, cautelosamente. — Primeiro tenta me colocar em apuros, depois tenta me ajudar.

— Estive *ajudando* você o tempo todo — disse Liam. Ele sabia que precisava falar rápido e sair dali com Duncan antes que Rauber acordasse. — Vamos trabalhar juntos, Horácio. Estou do seu lado.

— Do meu lado? Sei. O heroico príncipe quer se juntar ao exército bandido? — perguntou Horácio desconfiado. — Até parece.

— Claro que ele não quer se juntar a vocês — entoou Duncan. — Ao longo dos últimos dias, acabei conhecendo esse cara o suficiente, e, acreditem, não existe nada mais importante para ele do que ser um herói.

— Ei, Horácio, não dê ouvidos a esse sujeito — disse Liam, rezando para que Duncan não estragasse seu plano. — Duncan, ou seja lá qual for o nome dele, mal me conhece.

— Não seja modesto, Liam. Você é o maior herói que existe — continuou Duncan, dando uma piscada para o amigo. — Ou pelo menos era. Agora todos o odeiam. Desde que ele deu um fora na Bela Adormecida.

— Ah, isso mesmo, foi você — disse Horácio com um sorriso confuso. — Talvez devesse mesmo se juntar a nós. Hehe.

— Mas ele fica chateado porque as pessoas não o tratam mais como um herói — disse Duncan, firme e esperando que sua sorte imaginária salvasse o dia. De agora em diante, ele estaria no comando de seu próprio destino. — Liam tem procurado um jeito de fazer com que todos o amem novamente. E que glória maior para qualquer herói do que capturar o famoso rei Bandido? Meu amigo, príncipe Liam, quer ser aquele que vai receber os louros por ter jogado Deeb Rauber na prisão. Entendeu? Por isso, temos uma proposta para lhe fazer.

— Ah, entendi — disse Horácio, balançando a cabeça. — Vocês querem que eu entregue o rei Bandido embrulhado para presente com um laço dourado e tudo. Mas o que podem me dar em troca melhor do que o belo resgate que posso pedir por vocês?

— Bom, em primeiro lugar, caso não tenha percebido, todos me odeiam — disse Liam. — Com certeza não vai conseguir muito pelo meu resgate. E, além do mais, você trocaria alguns sacos de dinheiro por um reino *inteiro*? Pois é isso que vou lhe dar em troca: Sturmhagen.

Horácio riu.

— A velha já vai nos dar Sturmhagen.

— A velha está acabada — disse Liam.

Horácio arregalou os olhos.

— Explique melhor.

— Olhe dentro do bolso direito da minha calça, o maior, na lateral — Liam instruiu.

Horácio parecia desconfiado.

— Você vai encontrar os pedidos de resgate da bruxa — explicou Liam. — Nós os interceptamos.

Horácio fez sinal para que um dos outros bandidos verificasse o bolso de Liam.

— É verdade — relatou o bandido, enrolando o pergaminho que tinha abacado de ler e enfiando-o de volta no bolso de Liam.

— Descobrimos sobre os planos da bruxa, invadimos a fortaleza dela e a matamos enquanto ela dormia — afirmou Liam. — Por que acha que estávamos escondidos na floresta, vestidos de preto?

Horácio ficou emudecido.

— Portanto, vocês não vão assumir Sturmhagen tão cedo — disse Liam. — Não sem a nossa ajuda. Mas posso oferecer-lhes outra porta de entrada.

— *Oque* você tem a oferecer? — disse Horácio, coçando a cabeça.

— Se eu aparecer no castelo de Sturmhagen com Rauber como meu prisioneiro, serei o maior herói para eles. Todos vão me idolatrar. E certamente enviarão todo o exército deles comigo se eu disser que tem uma grande ameaça em, digamos, Frostheim ou em algum outro lugar bem longe. Entenderam o que estou dizendo? Vou esvaziar o castelo. Tudo que você e seus homens terão de fazer é entrar valsando e dar um pontapé no casal real. E *voilà!* Você será o novo dono de Sturmhagen. Todo mundo sai ganhando: eu fico com a glória, você, com o reino. Trato feito?

Horácio coçou o queixo enorme e anguloso.

— Esse é um plano digno do homenzinho ali. Você é muito mais malvado do que dizem os boatos que correm por aí. Isso se estiver me dizendo a verdade. Por que eu deveria acreditar em você?

— Porque preciso de um inimigo, Horácio — disse Liam. — As pessoas têm memória curta. Não importa o tempo, elas acabarão esquecendo o

homem que capturou o rei Bandido. Para chamar atenção novamente, terei de realizar algum feito heroico. É por isso que quero você lá, mostrando a sua pior faceta. Não posso ser um herói se não tiver contra quem lutar. Depois que estiver sentado no trono de Sturmhagen, eu virei atrás de você? A resposta é sim. Basta perguntar a si mesmo se vai conseguir me derrotar quando eu aparecer.

Horácio girou o pesado porrete de madeira no ar, rindo de orelha a orelha.

— Desamarrem os dois, rapazes. E amarrem o *ex*-rei Bandido. E bem apertado.

Rapidamente, vários bandidos avançaram em direção às árvores e cortaram as cordas que prendiam Liam e Duncan. Finalmente, com os pés em terra firme, os príncipes esticaram os membros enrijecidos.

— Obrigado, Duncan — Liam sussurrou para o amigo. — Você falou exatamente o que ele precisava ouvir para acreditar que eu seria capaz de me tornar um traidor.

— Eu não fazia a menor ideia do que ele ia pensar — murmurou Duncan de volta, com olhos curiosos. — Eu estava prestes a desafiá-lo para outro duelo.

— Tenho certeza de que teria funcionado também — disse Liam, respirando aliviado. Talvez fosse mais seguro quando Duncan tentava salvar o dia *sem querer*.

— Liam... — iniciou Duncan timidamente — nós não vamos...

— Não, Duncan. Nós não vamos. Não se preocupe.

— Ufa! Eu já imaginava. É que essa história de mentira e sarcasmo, sabe? Existem tantas maneiras de dizer as coisas que preciso me acostumar.

— Gostei de fazer negócio com você, *Alteza* — disse Liam ao se aproximar de Horácio. — Então, vai nos deixar partir em paz?

— Sou um homem de palavra — respondeu Horácio, largando o porrete no chão para avançar e trocar um aperto de mão com Liam. — Nos vemos daqui a alguns meses? — adicionou com uma piscada.

Um estrondo abafado, parecido com um trovão, ecoou ao longe.

— Engraçado. Nem parece que vai chover — comentou Duncan, erguendo a mão para sentir se caíam gotas do céu.

O estrondo ecoou ainda mais alto e o chão começou a tremer. Liam, Duncan, Horácio e todos os outros bandidos pararam o que estavam fazendo para olhar na direção leste.

— O que está acontecendo? — perguntou Horácio.

De repente, uma onda esverdeada surgiu dentre as árvores.

— Parece uma enorme salada enfurecida — comentou Duncan admirado.

— Trolls. Muitos deles! — exclamou Liam.

— Veja! Dois estão carregando bonecos parecidos com Gustavo e Frederico — gritou Duncan.

— São Gustavo e Frederico — disse Liam. — Inacreditável.

— Traidor! — Horácio acusou Liam. — Você me enganou.

— Ah! *Ele* é o traidor? — indagou uma voz fina por trás de Horácio. — Veja só quem está falando! — Era Rauber, que tinha despertado enquanto vários bandidos discutiam quem iria amarrá-lo. Como todos estavam distraídos com a chegada dos trolls, ninguém nem percebeu quando Rauber se levantou e pegou o enorme porrete de Horácio.

— Mas, senhor...! — Isso foi tudo que Horácio conseguiu falar antes de Rauber balançar e acertar em cheio o porrete na cabeça dele. Com um estrondo surdo, o homem corpulento caiu aos pés do garoto de dez anos, que exibia um sorriso malandro. Rauber ainda mostrou a língua, só para tripudiar.

— Esse garoto é perigoso, Liam! — disse Duncan, horrorizado. — Acho que ele matou o Horácio!

Os trolls foram deixando um rastro de destruição por onde passavam, derrubando barracas e tombando carroças enormes. Os monstros viraram caldeirões de cozido, arrancaram mastros do chão e quebraram barris de cerveja, uivando enlouquecidos enquanto saciavam a sede de destruição. Segundos depois, já estavam confrontando os bandidos, arremessando-os para longe, sem piedade. O pobre Neville, que ainda estava amarrado ao mastro, foi

jogado para frente e para trás por dois trolls, em um jogo improvisado de espirobol humano.

— Esqueça o Rauber — disse Liam a Duncan. — Prepare-se para correr.

— Para onde? — perguntou Duncan (e Liam sentiu orgulho do amigo por ter feito aquela pergunta).

— Para os cavalos — apressou Liam assim que viu Rauber vindo para cima deles com o porrete erguido. — Vá. Agora!

Duncan disparou, enquanto Liam se virou para encarar Rauber. O rei Bandido estava prestes a acertá-lo, quando Liam ergueu uma perna e o acertou com um chute direto no peito. Rauber caiu de joelhos e se dobrou de dor.

— Ai! — berrava o garoto, apertando o peito. — Não acredito que chutou um garotinho! Quanta nobreza de sua parte. — E deixou escapar um gemido de dor.

Liam viu uma lágrima saindo do olho de Rauber e sentiu uma pontinha de culpa. Então estendeu a mão para o garoto.

— Consegue ficar em pé? — perguntou Liam.

— Claro que sim. E você? — zombou Rauber, acertando o porrete na lateral do joelho de Liam.

O golpe dolorido derrubou Liam, que caiu segurando a perna. Rauber ficou em pé com um pulo, rindo divertido. Ergueu o porrete para desferir mais um golpe, mas, antes que pudesse acertar, um grupo de trolls enfurecidos o impediu. Num piscar de olhos, o rei Bandido tinha desaparecido.

Um segundo depois, outra turba de trolls passou. Liam saiu do caminho e por pouco não foi pisoteado pelas passadas pesadas.

— Pare, Troll! — veio um grito do alto.

Um troll parou de repente, poucos centímetros antes de pisar em Liam, que olhou para cima e viu Gustavo montado nos ombros peludos da criatura.

— Troll não pode pisar em Homem Retorcido? — perguntou o troll.

— Isso mesmo, Troll — respondeu Gustavo. — Homem Retorcido é um dos nossos.

O troll se abaixou e ergueu Liam até o nível de Gustavo.

— Está se divertindo? — perguntou Liam.

— Normalmente, eu teria dado uma resposta irônica — disse Gustavo. — Mas, sabe, isso é realmente demais.

— Onde está Frederico? — perguntou Liam.

— Ele está com o sr. Troll em algum lugar.

— *Senhor* Troll?

— Você ouviu direito — disse Gustavo. Então se abaixou um pouco. — Ei, Troll, será que dá para arrumar uma carona para esse cara também?

O troll corcunda de Gustavo cutucou um outro de cinco chifres que ia passando.

— Troll — chamou pelo seu companheiro monstro. — Outro humano precisa de carona. Nome dele é Homem Retorcido.

— Obrigado — agradeceu Liam —, mas meu nome não é Homem Retorcido.

— Tarde demais — disse Gustavo com uma risada.

De cima dos ombros do troll, Liam pôde ver que o exército bandido estava quase dizimado. Criminosos apavorados eram girados no ar para todos os lados.

O sr. Troll se aproximou, trazendo um bandido desacordado em cada uma das mãos enormes, e Frederico empoleirado sobre o ombro com cara de apavorado.

— Homem Chorão, este é o outro humano bom que você falar? — perguntou o sr. Troll, apontando para Liam.

— Homem Chorão, é? — perguntou Liam, rindo.

O rosto pálido de Frederico saiu detrás da cabeça do sr. Troll para dar uma espiadinha.

— Sim, é um deles — confirmou. — Olá, Liam.

— Sabe, não consigo entender muito bem o que está acontecendo aqui, mas acho que estou gostando disso — disse Liam. — Mandei Duncan correr

até o local onde estavam os cavalos. Mas agora eles estão soltos por toda parte. Acho melhor irmos atrás dele. — Dúzias de cavalos de fato corriam desenfreados, causando ainda mais confusão no acampamento.

— Vamos, trolls — disse Gustavo.

— Por favor, tente não pular muito — implorou Frederico, e escondeu o rosto de volta atrás dos pelos do sr. Troll.

Os três trolls abriam caminho sobre o que tinha restado do acampamento dos bandidos, rumando para o curral improvisado onde antes os cavalos estavam amarrados. Para colaborar na luta contra os bandidos, Duncan tinha soltado todos os animais. Só depois lhe ocorreu que não devia ter soltado os cavalos dos príncipes também. Agora, para não perder de vista Trovão, Genoveva e Dezessete, ele tentava montar os três de uma só vez.

— Ah, que bom! — exclamou Duncan ao ver os amigos. — Estou tão feliz por ver vocês. Acho que não vou aguentar essa situação por muito mais tempo. — Ele estava esticado sobre o traseiro dos três cavalos, segurando um par de rédeas, com outro enrolado ao redor da cintura e o último enroscado nos pés.

— Não sei por quê, mas imaginei que o encontraríamos exatamente assim — disse Gustavo.

Os trolls colocaram os príncipes no chão com todo cuidado, e Frederico e Gustavo ajudaram Duncan a se desenroscar. Acabava ali o exército de Rauber. A maioria dos bandidos estava jogada no chão com ombros deslocados, tornozelos torcidos, pernas quebradas, ou coisa pior. Os mais sortudos tinham sido ignorados. Por todos os lados que se olhava, os trolls ainda se divertiam esmagando tudo. Tinham aberto caixotes de roupas e brincavam de cabo de guerra com todas as calças de couro que encontravam. Esmagando engradados de armas e rasgando as bandeiras do inimigo. Alguns tinham descoberto o estoque de comida do acampamento e saíram correndo, rindo, com os braços carregados de alho-poró roubado.

— Esse problema já foi resolvido — disse Liam.

— Sim, trolls vão prender bandidos quebrados, assim bandidos quebrados não incomodam mais Homem Chorão e seus amigos — anunciou alegremente o sr. Troll. — Depois trolls esperar por príncipe Homem Bravo para dar terras para trolls.

Liam olhou para Gustavo (que não teve dificuldade em adivinhar quem era o príncipe Homem Bravo).

— Mais tarde explico tudo — disse Gustavo.

— Só gostaria de saber o que aconteceu com Rauber — retrucou Liam. — Não o estou vendo em nenhum lugar.

— Ei, pessoal, vejam só o que mais eu peguei — chamou Duncan, trazendo quatro espadas novas. Numa bem-vinda mudança de rumo, as espadas eram do tamanho certo para as mãos dos príncipes. — Acho que os bandidos não vão mais precisar delas.

— E ainda conseguimos recuperar nossos cavalos — disse Frederico, acariciando Genoveva.

— E a carne de rato também — afirmou Duncan, erguendo uma mochila que pingava. — Se bem que não tenho certeza se isso é bom. O cheiro está pior do que antes.

— Então, cavalheiros — começou Liam. — Creio que temos alguns bardos para salvar.

Os homens montaram em seus cavalos.

— Não entendi por que não pegou um dos cavalos dos bandidos para você — disse Liam enquanto Duncan se acomodava na garupa de Trovão.

— Já foi difícil de segurar os três juntos. Acho que não teria conseguido montar no quarto.

Os príncipes acenaram para os trolls e saíram galopando rumo ao confronto final contra Zaubera. Juntos novamente, e depois de ter provado o gostinho da vitória, eles estavam mais otimistas do que nunca — o que provavelmente não estariam se soubessem que um deles não ia sair andando daquela batalha.

Ops, me desculpem. Eu devia ter avisado: “Cuidado com o estragaprazeres!”



O PRÍNCIPE ENCANTADO PRECISA MUITO DESCOBRIR O QUE ESTÁ ACONTECENDO

Enquanto os príncipes seguiam para o monte Morcegasa, Ella — que também rumava para a mesma direção — estava fazendo um bom tempo a pé. Correr pela floresta tinha ficado bem mais fácil depois que ela fizera uma reformazinha na saia do vestido, abrindo-lhe uma fenda até a metade e prendendo o tecido solto ao redor das pernas, criando assim uma bermuda improvisada.

Ela mal podia esperar para colocar as mãos no mapa da bruxa. Enquanto corria, já se via salvando um pobre prisioneiro atrás do outro e sendo tomada pela mesma onda de excitação, todas as vezes. Havia imaginado vários tipos de monstros estranhos que teria de enfrentar no caminho. Gigantes? Duendes? Duendes gigantes? (Sua experiência em matéria de monstros era muito limitada.)

Quando estava a poucos quilômetros do monte Morcegasa, Ella avistou uma silhueta cambaleando desengonçada entre os arbustos. O estranho era pequeno, e a princípio ela imaginou que se tratava de outro duende. Só por precaução, apanhou um galho enorme caído no chão. Mas, assim que a misteriosa figura surgiu mancando para a luz do dia, Ella percebeu que não se tratava de um duende, e sim de uma criança. E não era uma criança qualquer.

— Deeb? — indagou Ella surpresa. — Primo Deeb?

Isso mesmo, Deeb Rauber era primo de Ella — quer dizer, primo postiço. E ele ficou tão surpreso quanto a jovem. A última pessoa que Deeb esperava encontrar na floresta de Sturmhagen era a irritante filha postiça da chata da tia Esmeralda. E ela estava usando uma calça muito esquisita.

— Você não parece nada bem — disse Ella, para não dizer coisa pior. As roupas do garoto estavam esfarrapadas, ele tinha um olho roxo e mancava da perna direita, que sangrava gravemente.

A primeira coisa que passou pela cabeça de Rauber foi jogar uma pedra na prima, mas rapidamente lhe ocorreu uma ideia melhor. Estava mesmo muito machucado e precisando de ajuda. E, até onde se lembrava, Ella era uma moça ingênua e de bom coração — um alvo perfeito. *Está na hora de o rei Bandido jogar seu charme sinistro*, pensou Rauber.

— É você mesmo, não é, Deeb? — perguntou Ella gentilmente, avançando alguns passos para ver melhor. — Você era bem menor da última vez que nos vimos; nem sei se ainda se lembra de mim, mas...

— Claro que me lembro, prima Ella — disse Rauber com uma doçura fingida. — Nunca me esqueci. Você foi tão boa com a minha mãe e comigo quando visitamos a casa da tia Esmeralda.

Ella ficou surpresa, pois sempre teve certeza de que Deeb não gostava dela. A única lembrança que tinha do menino fora da vez em que o vira gargalhando depois de ter esvaziado o balde de cinzas que ela passara a manhã toda enchendo, de quatro, no chão. Mas a maldade acontecera há anos. Talvez o primo tivesse mudado.

— O que está fazendo sozinho na floresta? — perguntou Ella, enquanto ajudava Rauber a se sentar embaixo de uma árvore. — Como se feriu assim?

— Caí do cavalo — disse Rauber, com lágrimas nos olhos. — Foi tão assustador. Ah, prima Ella, por favor, me ajude.

— Deixe-me dar uma olhada — disse Ella. — Farei o possível. Não se preocupe, Deebie.

— Não me chame assim — disse Rauber, tentando se lembrar de parecer triste e não com raiva. — Por favor — completou.

— Não havia ninguém com você? — perguntou Ella. — Onde estão seus pais?

Rauber começou a rir, mas conteve-se e fingiu uma tosse. Ella abriu um pequeno fardo que trazia consigo. Dentro havia várias tiras do tecido que sobrara da saia, alguns restos de pão e queijo e um cantil com água. Ela entregou o cantil ao primo, que tomou alguns goles longos e gulosos.

— Eu estava sozinho — respondeu Rauber, limpando a boca na manga da camisa. — Sei que foi bobagem minha. Não se deve cavalgar desacompanhado.

— É verdade, especialmente na sua idade — disse Ella enquanto pegava o cantil de volta e virava-o para umedecer um pedaço de tecido, que foi usado para limpar o corte enorme que Rauber tinha na perna. Assim como vários outros cortes e arranhões espalhados pelo corpo. — Por acaso já tem idade para cavalgar sozinho?

Rauber torceu o nariz enfurecido e encarou Ella.

— Ai, doeu? — perguntou Ella. — Desculpe se arder um pouco, mas preciso limpar bem esses dodóis. Precisamos cuidar de você direitinho para que possa voltar a correr e brincar com os outros menininhos.

Rauber respirou fundo. Se aquela garota não parasse de tratá-lo como um bebê, ele ia acabar perdendo a paciência.

— Isso é queijo? — perguntou.

— Pode pegar um pedaço — respondeu Ella, enquanto enfaixava a perna do menino. Ela usou um galho quebrado como tala, prendendo-o na perna lesionada. Enquanto isso, Rauber pegou todo o queijo e o pão que restavam e socou para dentro da boca sem dó.

— Ei, prima — chamou Rauber. Quando Ella ergueu os olhos, o menino abriu a boca e mostrou a maçaroca de comida meio mastigada em cima da língua. — Ó!

Ella balançou a cabeça.

— Hum! Você fazia isso quando tinha seis anos. Achei que já estivesse um pouco mais maduro.

— Opa! — exclamou Rauber, respigando migalhas. — Qual é? Devo agir como um bebê engraçadinho, ou devo mostrar maturidade? Não dá para ser os dois.

— Olha a boca, Deebie — alertou Ella.

— Sua cabeça é dura, hein? — ameaçou Rauber. — Já mandei não me chamar assim! Quer dizer, *pedi*. Não me chame assim.

Ella o encarou, muito séria.

— Por favor — completou ele.

— Boas maneiras não são o seu forte, não é mesmo, Deeb?

— Não, senhora. Acho que não. Sinto muito por isso. Ainda tenho muito que aprender. — Lançou um sorriso, na esperança de disfarçar a ironia que mal conseguia conter.

— Tem mesmo. Você fala assim com a sua mãe?

Essa Rauber não conseguiu segurar.

— Não! — Soltou uma risada maliciosa. — Eu me comunico com a minha mãe por meio de bilhetes que enfio embaixo da porta do armário onde *a tranquei*. — Em seguida, caiu na gargalhada.

— Meninos são esquisitos. Não entendi a brincadeira — comentou Ella, enquanto Rauber continuava rindo.

Ele acenou com a mão, num gesto de desdém.

— O que uma criadinha como você sabe sobre o que é engraçado?

Ella parou de enfaixar o joelho arranhado do primo e ficou em pé.

— Acho que você já está bem — afirmou concisa, cruzando os braços e encarando Rauber de cima para baixo. — Continua o mesmo pestinha de sempre. Fique de pé e veja se consegue andar.

Rauber ficou em pé, testou a perna ferida e sorriu.

— Está melhor? — perguntou Ella, ainda irritada com o primo, mas satisfeita consigo mesma pelo bom trabalho.

— Ah, sim — respondeu Rauber, com um sorriso malandro estampado no rosto. — Estou novinho em folha. — E se inclinou na direção dela. — Isso porque você caiu no meu truque!

— O que disse? — indagou Ella, que estava começando a se cansar de toda aquela criancice sem sentido.

— Eu *enganei* você para que me ajudasse — continuou Rauber com um tom melodramático. — Você pensou que eu fosse seu querido e inocente priminho...

— Na verdade, pensei que você fosse um pestinha, mas continue.

— Você pensou que estava ajudando ninguém menos do que um primo em apuros, mas na verdade você estava ajudando o... REI BANDIDO!

Ella o encarou confusa.

— Eu sou o rei Bandido! — proclamou Rauber novamente.

— Que engraçadinho — comentou Ella. — Mas agora não estou com tempo para brincadeiras. Você precisa que o leve de volta para a casa dos seus pais ou não? Afinal, tenho coisas muito importantes a fazer.

Rauber avançou mancando, chegando o mais próximo possível.

— *Rei Bandido* — repetiu mais uma vez. — O flagelo dos sete reinos. O homem mais temido do mundo. Eu sou ele!

— Vou entender isso como um *não* — disse Ella, balançando a cabeça. — Pelo jeito, está querendo brincar de cavalheiro e ladrão, e por mim tudo bem. Você é uma criança. E crianças gostam de brincar. Mas preciso ir.

— Não estou brincando, prima — disse Rauber meio choramingando. — Estou falando *muito* sério.

Ella não conseguiu conter a risada.

— Como assim?! — resmungou Rauber. — Vai me dizer que não tem medo do rei Bandido?

— Deveria ter? Acho que nunca li essa história.

— Arr! Não é uma história! — Rauber desferiu um soco contra uma árvore. — É tudo pelo que eu trabalhei a minha vida inteira!

— Ah! — Ella riu. — A sua vida inteira? Quantos anos você tem? Nove?

— Dez! — exclamou Rauber, que estava praticamente tremendo de raiva. — E conquistei mais em dez anos do que você conseguirá em toda a sua vida. Como não sabe nada sobre o rei Bandido? Sou famoso! Infame!

— Veja bem, Deeb — disse Ella, pousando a mão sobre o ombro dele. — Você tem uma grande imaginação, mas há pessoas cuja vida corre perigo, e preciso ir ajudá-las agora mesmo. Vou acreditar que você sabe voltar para casa sozinho. Por favor, tome cuidado. E diga oi para a tia Prudey por mim.

Ella se abaixou para recolher suas coisas e só então descobriu que não sobrara nada para levar. Deixou escapar um longo suspiro de irritação e jogou o saco vazio em Rauber.

— Como ousa desrespeitar o rei Bandido?! — gritou Rauber.

— Adeusinho, Deeb — disse Ella, dando as costas para ele e indo embora. Rauber ainda tentou alcançá-la, mas logo se deu conta de que, com a tala de madeira amarrada à perna, não ia conseguir andar muito rápido. Ele ergueu os punhos cerrados e bateu o outro pé no chão.

— Você não vai escapar assim tão fácil! — gritou, com as bochechas ardendo de vermelhas. — Reis se curvam ao ouvir meu nome! Exércitos correm ao ver minha sombra! Sou o mestre da maldade! Mal-daaaaaaa-de! Você não pode me dar as costas assim!

Mas Ella continuou andando. E essa foi, sem sombra de dúvida, a maior derrota do rei Bandido.



O PRÍNCIPE ENCANTADO DESISTE

Em frente à fortaleza de Zaubera, Frederico cruzou o imenso gramado na ponta dos pés, passou pela arquibancada, por duas barraquinhas com placas nas quais se podia ler PEGUE AQUI SUA BIRITA e por várias faixas com o nome da bruxa. Claro, Frederico esperava ser capturado — tudo de acordo com o plano de Liam. Nunca tinha se imaginado no papel de isca humana. Mas lá estava ele, com o objetivo de distrair o gigante enquanto seus amigos roubavam o mapa. *Acho que realmente sou capaz de fazer qualquer coisa por Ella*, pensou. Então se deteve. *Não, não é apenas por Ella, é? Estou fazendo isso por Liam, Gustavo e Duncan também. Não quero decepcionar nenhum deles.*

O gigante Reese estava parado a alguns metros da torre, palitando os dentes com uma carriola (os dois cabos permitiam que ele palitasse dois dentes ao mesmo tempo). Frederico se aproximou, como quem não quer nada, vez ou outra olhando para cima a fim de verificar se o gigante tinha notado sua presença. Não deu sorte. Reese estava muito concentrado na batalha contra um naco enorme de carne preso entre dois molares.

Então, Frederico tossiu. Em seguida, tossiu mais alto. Reese nem ligou para o barulho. Frederico começou a assoviar. Reese continuou ignorando. Até que finalmente o gigante conseguiu remover o fiapo irritante do dente, mas, em vez de olhar para baixo e ver Frederico — que agora plantava bananeira —, ele simplesmente continuou analisando a grotesca massa disforme de carne,

olhando fixamente para ela, na ponta úmida do dedo gigantesco, pensando se a colocava ou não de volta na boca.

Lá embaixo, no chão, Frederico pulava e acenava com os braços. Tentou uma cambalhota. Até que finalmente resolveu recorrer a uma tática que já tinha funcionado antes.

— Stuuuuuurm-haaaaa-gennnnn! — berrou a plenos pulmões o grito de guerra de Gustavo, enquanto corria na direção do gigante, agitando descontroladamente sua espada nova.

Funcionou. Reese largou o naco de carne no chão.

— Não pode ser — murmurou surpreso ao se abaixar para pegar Frederico. — Não acredito que tenha voltado. — Frederico, por sua vez, estava feliz por não precisar cutucar o gigante com a espada para lhe chamar atenção. Tentar distrair alguém não é muito fácil depois de ter furado a pessoa em questão.

Reese deu uma olhada em Frederico.

— Espere aí. Você não é aquele que gosta de me cutucar.

— Não — disse Frederico. — Aquele é meu amigo, o Gustavo.

— Ele também veio? — o gigante franziu a testa e olhou ao redor.

— Não! — respondeu Frederico rapidinho. — Ele... ele foi comido pelos trolls. — Foi a primeira coisa que lhe ocorreu. Mas na mesma hora veio o arrependimento por ter dito aquilo.

— Pensei que os trolls fossem vegetarianos — comentou Reese desconfiado.

— Normalmente, sim — disse Frederico, com a cabeça a mil por hora. — Mas Gustavo perturbou tanto que eles abriram uma exceção e o comeram mesmo assim.

— Posso acreditar — disse Reese. Então, sentindo uma pontinha de arrependimento, o gigante adotou um tom mais amistoso. — Bom, não posso dizer que vou sentir falta do pestinha, mas reconheço que fiquei um pouco triste em saber, já que ele era seu amigo. Minhas condolências. Sinto muito pela sua perda.

Sentando sobre a palma áspera da mão do gigante, Frederico guardou a espada. Boas maneiras! Afinal, aquele era um gigante educado.

— Obrigado — disse ele. — Agradeço a gentileza. Não conheço muitas pessoas, de nenhum tamanho, que tratariam um prisioneiro com tanto respeito.

— Agradeço a sua gentileza também — retrucou Reese. Com a mão livre, coçou o queixo com a barba por fazer. — Mas o que está fazendo aqui? Com certeza sabia que não conseguiria passar por mim.

— Ah, claro. Eu esperava mesmo que tentasse me impedir. Você é enorme, obviamente muito poderoso, e da última vez que nos vimos você se mostrou um oponente determinado e incansável. Mas tive de voltar para honrar a memória do meu amigo. Ele queria muito uma coisa que fica dentro daquela fortaleza, e, agora que ele está sendo digerido dentro da barriga de um troll, em algum lugar, senti que preciso realizar seu último desejo. Fiquei com um pouco de medo do dragão; ele não mais está por aí, está?

— Ele está nos fundos — disse Reese. — Odeio aquela coisa.

— Eu também — concordou Frederico. — Não se pode confiar nos dragões, mas já em *você*... Eu tinha certeza absoluta de que, quando me capturasse, iria me tratar bem.

— Como tinha certeza de que eu não iria simplesmente esmagar você?

— Senti uma boa vibração. Quando topamos da última vez, você me pareceu ser uma pessoa nobre.

— Gosto que minha mãe sinta orgulho de mim.

— Foi o que imaginei. E até agora a minha primeira impressão de você continua firme. Você tem sido muito agradável. O que me faz pensar por que se associou com alguém tão perverso e terrível como aquela bruxa, a Zaubera.

O corpo do gigante chacoalhou todo quando ele começou a rir, e Frederico teve de segurar firme no enorme dedo mínimo para não cair.

— O que falei de tão engraçado? — perguntou.

— Posso ser educado, mas não sou bobo — respondeu Reese. — Não vou cair nesse truque duas vezes.

Frederico começou a entrar em pânico. Será que sua estratégia estava indo por água abaixo?

— Não se trata de um truque! Estou sendo sincero. E, hum, o que quis dizer com o mesmo truque duas vezes? Nem conversamos da última vez que estive aqui.

— Não foi você — disse Reese. — Foi a moça de cabelo castanho. Ela fez a mesma coisa: me elogiou, ficou falando sobre como a bruxa era malvada, conquistou minha confiança. E depois fugiu. Ah, sim, ela me enganou direitinho. Mas isso não vai funcionar outra vez.

— Você não está se referindo a Ella, está? — perguntou Frederico. Uma onda quente de felicidade tomou conta dele. Ella tinha escapado usando a mesma tática que ele estava tentando empregar. Talvez os dois tivessem algumas coisas em comum.

— Eu não devia ter lhe contado — murmurou Reese, olhando ao redor preocupado. — A bruxa não sabe que a garota fugiu.

— Ela não sabe? — Frederico ficou intrigado. Talvez as coisas não tivessem tomado um rumo tão ruim assim.

— Fiz uma linda bonequinha e a coloquei na torre — explicou Reese. — Honestamente, eu nem sabia que tinha tanto talento artístico. Mas isso não vem ao caso. Você não pode contar para a bruxa. Não quero virar um monte de bacon.

— Não entendi muito bem a última parte do que disse — iniciou Frederico —, mas pelo jeito está me pedindo um favor. — *Sim*, pensou ele, *isso vai funcionar direitinho.*



Momentos antes, escondidos atrás das pedras, aos pés do monte Morcegasa, Liam, Duncan e Gustavo observavam Frederico e o gigante.

— Stuuuuuurm-haaaaa-gennnnn! — eles ouviram quando Frederico gritou. Gustavo se voltou para os outros e sorriu.

— Ele aprendeu isso comigo.

— Gostei da dancinha que ele estava fazendo — comentou Duncan. — Não posso me esquecer de pedir para ele ensinar a coreografia.

— Psiu! Eles estão falando — ralhou Liam. — Prestem atenção.

— Fiquei com um pouco de medo do dragão; ele não está mais por aí, está?

— Ele está nos fundos.

— Muito bem, estou pronto para entrar no jogo — disse Gustavo. — É melhor que vocês dois consigam pegar aquele mapa. Não gosto de arriscar a vida à toa.

Liam bufou.

— Você sempre arrisca a sua vida à toa. É como um passatempo para você.

Gustavo ignorou a provocação, sacou a espada e saiu correndo na direção dos fundos da fortaleza.

Estava ansioso por isso. Nenhum de seus irmãos jamais havia enfrentado um dragão. Haroldo (o oitavo irmão) ficara famoso depois de ter espetado alguns duendes; Lars (o décimo segundo) foi homenageado com um banquete depois de capturar um lobisomem; e Henrique (o primeiro) e Osvaldo (o quinto) receberam uma montanha de prêmios depois que apanharam um simples monstro do pântano. Mas aquelas criaturas não eram nada se comparadas a um dragão. Não. Se Gustavo aguentasse encarar um dragão, o feito seria, sem sombra de dúvida, o mais importante já realizado por qualquer príncipe de Sturmhagen. Gustavo estava certo de que ia conseguir. Na verdade, não tinha nenhuma dúvida de que poderia matar o monstro e acabar com tudo. Mas um dragão morto não se encaixaria no plano. Eles iam precisar do dragão para assustar o gigante depois. E, pela primeira vez, Gustavo estava determinado a seguir o plano.

Aquele seria o seu momento de redenção — o momento em que poderia mostrar para todo mundo do que ele era capaz.

Só que o dragão estava dormindo.

— Fala sério. — Gustavo abaixou os braços e chutou uma pedra, frustrado. — Eu deveria lutar. Não cuidar de um bichinho dormindo.

Seus olhos se voltaram para o animal, que ressonava tranquilamente à sombra da enorme torre da fortaleza, e sentiu uma vontade imensa de acordá-lo. Um golpe apenas da sua espada resolveria o assunto.

Mas ele se conteve. Estava determinado a seguir o plano e fazer o que fosse melhor para o grupo. Recorrendo a todas as suas forças, ele sentou-se na grama e simplesmente ficou vigiando o dragão dormindo.

Este é o momento de redenção mais monótono de todos, pensou.



Momentos depois de Gustavo ter ido ao encontro do dragão, Liam e Duncan adentraram pelas imensas portas de madeira da fortaleza. O gigante estava rindo de algo que Frederico havia dito, e aquele pareceu o momento certo para entrarem sem ser notados.

Duncan começou a rir também, e Liam fez sinal de silêncio.

— Desculpe — sussurrou Duncan. — Frederico deve ter dito algo muito engraçado para fazer o gigante rir daquele jeito. Por isso eu estava tentando imaginar o que podia ter sido e... Ah! Foi ainda mais engraçado do que eu tinha pensado.

— Duncan, concentre-se.

Duncan assentiu em resposta, e Liam empurrou com força a enorme maçaneta, que estalou ao abrir. Então, eles entraram sorrateiramente.

Os príncipes estavam na cavernosa sala principal, onde Liam enfrentara o dragão pela primeira vez (e perdido o mapa). Duncan examinou a vasta

coleção de livros sobre runas antigas, os esqueletos de corujas e as peles de cobra, os baldes e vasos cheios de lama e cabeças encolhidas.

— Este lugar parece um museu de histórias de terror — comentou num sussurro admirado.

— O plano está funcionando direitinho — disse Liam, olhando vez ou outra para a porta da frente, querendo se certificar se não estava vindo ninguém. — Não gosto disso.

— Como assim? — perguntou Duncan. — O plano é seu; claro que vai funcionar.

— Fico feliz que pelo menos um de nós acredite nisso — sussurrou Liam. — Da última vez, eu também tinha um plano. Pelo menos, na minha cabeça eu tinha. E veja só no que deu.

— Ninguém é perfeito, Liam — disse Duncan, pousando a mão sobre o ombro do amigo. — Você é o melhor herói entre nós. Se tem alguém capaz de deter a bruxa e salvar aquelas pessoas, esse alguém é você. Considero um privilégio só estar ao seu lado.

Liam riu sem jeito. Depois de tudo que tinha acontecido, ele não compartilhava a mesma fé que Duncan depositava nele, mas apreciou mesmo assim.

— Você é um bom amigo, Duncan.

— É isso que venho tentando dizer para as pessoas, há anos!

— Muito bem — disse Liam. — Fique aqui e vigie a porta. Vou dar uma olhada naquele canto. — Cruzou o salão até o lugar onde tinha visto o mapa pela última vez e se agachou no canto escuro. Quase de imediato, viu o mapa caído sobre o piso de pedra.

— Isso não é bom sinal — murmurou. — Foi muito fácil.

Então pegou o mapa e o desenrolou ansiosamente.

— Vai acontecer alguma coisa errada a qualquer momento. Estou sentindo. Duncan — chamou ele. — Vamos cair fora daqui.

Mas, ao se virar e olhar para a porta, Duncan não estava mais lá.



Quando Liam disse “Vigie a porta”, Duncan não entendeu que ele se referira à porta *da frente*. Afinal, havia várias portas naquela sala. Por isso, Duncan pensou e chegou à conclusão de que as imensas portas duplas de saída provavelmente não necessitavam de muita atenção, uma vez que eram difíceis de passar despercebidas. Já as portas menores, mais distantes da principal, eram outra história.

Duncan se esgueirou ao longo da parede até chegar à primeira das portas. Abrindo-a lentamente, enfiou a cabeça primeiro, mas não viu nada além de um penico, que o fez cair na risada. Fechou a porta e seguiu para seguinte. Atrás dela, descobriu uma salinha cheia de vassouras. Chegou a pensar na possibilidade de montar em uma, mas achou melhor nem tentar. A terceira porta dava para um corredor longo, iluminado por tochas. Ele estava prestes a fechá-la quando ouviu o som de passos dobrando o corredor. Se fosse a bruxa, era preciso alertar Liam. Mas talvez não fosse ela...

Na ponta dos pés, ele seguiu pelo corredor, contornou o canto e ficou surpreso ao dar de cara com uma moça de cabelos castanhos, vestindo uma calça interessante. Ella também se surpreendeu. Cada um deu um pulo e assumiu uma pose de defesa — Ella exibindo uma postura das artes marciais, Duncan se equilibrando sobre uma perna com as mãos diante do rosto.

— Quem é você? — perguntaram os dois ao mesmo tempo.

— Opa, desculpa. Você primeiro. — Duncan era sempre muito educado, mesmo quando desconfiado.

— Você é um dos guardas dela? — perguntou Ella com os dentes cerrados, pronta para lutar.

— De quem?

— Da bruxa.

— Não. Você é?

— Claro que não. Se eu fosse um dos guardas, por que teria perguntado se você era um deles?

— Para me enganar, talvez.

— Bom, mas eu não sou.

— Nem eu.

— Você é um bandido, então? Está vestido como um.

— Ah, peguei estas roupas emprestadas da Perdigueiro Rombudo.

— Quem é Perdigueiro Rombudo?

— A Perdigueiro Rombudo não é uma pessoa, é um lugar.

— O que tem lá?

— Eles servem uma limonada horrível.

— Você está tentando me confundir.

— Não estou não. Gostei da sua calça.

— Pare de me distrair. Diga logo quem é.

— Duncan. Prazer em conhecê-la.

— O prazer é todo meu. O que está fazendo aqui?

— Vim pegar o mapa.

Ella engoliu em seco.

— Preciso desse mapa!

— Mas você não vai poder ficar com ele! — exclamou Duncan, na defensiva.

Com as duas mãos, Ella segurou Duncan pelo colarinho.

— Entregue o mapa!

— Não está comigo! — esgoelou-se Duncan. — Ele ainda está desaparecido.

Ella afrouxou o colarinho dele.

— Realmente preciso desse mapa. Arrisquei minha vida para voltar aqui, só para pegá-lo.

— Nós também.

— Você também? Espere. O que você quer dizer com *nós*?

— Eu, Liam, Gustavo e Frederico.

— Frederico? — Ella soltou o colarinho e recuou, surpresa ao ouvir o nome. Então começou a pensar se aquele incidente com Frederico na torre da Rapunzel não fora parte de algum tipo de alucinação criada pela bruxa. — Frederico de Harmonia? Ele está aqui?

— Você conhece o Frederico?

— Quase nos casamos.

— Seu nome é Ella? — Duncan gritou entusiasmado. — Pensei que você fosse um galho de árvore!

— Há?

— Ah, isso é fantástico! — exclamou Duncan. — Venha comigo! — E saiu puxando Ella pela mão, rumo à sala principal.

— Duncan! Que bom que apareceu — disse Liam assim que viu o amigo surgindo detrás da porta.

— Veja só quem eu encontrei — anunciou Duncan. — Ella!

— Ella? O quê? Ella está aqui?

Ella saiu detrás de Duncan e Liam ficou encantando. Os cabelos dela estavam desalinhados e o vestido amarrotado e sujo de lama, mas para Liam ela parecia radiante. Acima de tudo, o que mais o encantou foram os olhos dela. Ella tinha o mesmo olhar ousado que Liam vira em outro lugar apenas: no espelho.

— Uau — ele exclamou.

— Uau? — Ella ecoou, um pouco confusa.

— Ele quer dizer: “Uau, não acredito que encontramos você” — interpôs Duncan.

— Isso mesmo — disse Liam, fingindo inocência, apesar de ainda estar mirando Ella com olhos embasbacados. — Pensamos que tivesse fugido há dias.

— Pensaram certo. Mas voltei para pegar o mapa — explicou Ella. — Por favor, diga onde posso encontrá-lo.

— Eu o achei — Liam mostrou o pergaminho enrolado.

— Por acaso sabe o que há no mapa? — perguntou Ella. — A bruxa tem prisioneiros em cada uma dessas torres.

— Arrá! Era o que eu desconfiava! — exclamou Liam.

— Bom, não tinha muito para adivinhar — comentou Duncan. — Afinal, ela escreveu “prisioneiro”...

— Era o que eu desconfiava! — Liam repetiu, interrompendo Duncan. — Então, com você livre, ainda temos mais cinco pessoas para salvar.

— Quatro — corrigiu Ella. — Já salvei uma.

— Você? — Liam apoiou o cotovelo sobre um sarcófago e passou os dedos pelos cabelos, tentando aparentar uma elegância natural. — Você é uma mulher impressionante.

— Obrigada. Mas, continuando, todos os prisioneiros são bardos — disse Ella. — A bruxa está atacando o centro da indústria do entretenimento do nosso mundo. Ela planeja matar os bardos como parte de um imenso espetáculo de horror.

— Eu sei. E ela pretende fazer isso hoje — disse Liam. — Por essa razão insisti para voltarmos aqui e pegarmos o mapa. Os outros estavam prontos para desistir, mas falei...

— Os *outros*... Ah, minha nossa — disse Ella, ofegante. — Frederico está mesmo com vocês?

— Sim, Frederico também veio — disse Liam. Baixou o tom de voz então, um pouco envergonhado por estar flertando com a noiva de seu amigo. Mas ao mesmo tempo pensando: Como poderia evitar? Ella era simplesmente, bem, *uau*.

— Sim — Duncan se intrometeu, pois não estava gostando nada do que presenciava. Liam parecia encantado por Ella. — Na verdade, Frederico é o motivo de estarmos aqui. Foi ele quem nos encontrou e nos reuniu para vir atrás de você. A ideia foi todinha dele. — Lançou um olhar de repreensão para Liam, que encolheu os ombros em resposta.

— Quem são vocês, afinal? — perguntou Ella.

— Somos a Liga dos Príncipes Encantados — respondeu Duncan com todo o orgulho.

— Não, Liga dos *Príncipes* — interveio Liam. — Só Liga dos Príncipes.

— Tudo bem — concordou Duncan. — Mas todos nós somos Príncipes Encantados.

— Foi por isso que Frederico acabou se envolvendo com vocês? Por ter sido chamado de Príncipe Encantado naquela música sobre mim? — perguntou Ella.

— Exatamente! — Duncan sorriu. — E eu sou o da música da Branca de Neve.

Ella se voltou para Liam, que estava um pouco vermelho.

— E você? De qual história é? — e deu uma cotovelada em Liam.

— Da Bela Adormecida — ele admitiu depois de muito relutar. — Mas não acredite em tudo que falam de mim.

— Não tenho ouvido muito sobre ninguém ultimamente — disse Ella. — Ando um pouco ocupada.

— É mesmo? — indagou Liam. — Então você não sabe nada sobre mim? O príncipe Liam de Eríntia? Não ouviu falar nada?

— Não — respondeu Ella.

— Então, até onde você sabe, sou apenas um sujeito corajoso arriscando a própria vida para salvar a vida de outros.

— Ah, espere. Eríntia! Sim!

— Eu sabia — ele resmungou.

— Sua irmã está procurando você — disse Ella.

— Lila?

— Isso mesmo. É uma graça de menina.

— Como sabe...

Duncan bateu o pé e disse:

— Acho melhor sairmos para ver se está tudo bem com o FREDERICO.

— Você tem razão. Vamos — concordou Ella. A jovem ficou comovida por Frederico ter se dado ao trabalho de convencer os príncipes a irem atrás dela, e agora não queria que ele acabasse se envolvendo em algum tipo de apuro por sua causa. — Por falar nisso, onde ele está? Escondido atrás das árvores ou algo assim?

— Não, ele está lá fora, distraindo o gigante — respondeu Duncan.

— O gigante? — Ella arfou e deu um empurrão em Liam. — Você deixou Frederico com um gigante? Por acaso está tentando matá-lo?

— Ele é capaz de lidar com a situação — protestou Liam. — Confie em mim, ele mudou.

— Vocês são todos malucos — disse Ella aos gritos. — Frederico tem medo até da própria sombra! Precisamos ajudá-lo, agora mesmo! — Empurrou Liam para o lado e saiu correndo na direção da porta. Mas, assim que se afastou, ouviu o som de um chiado e um grito de dor atrás dela. Ao se virar, viu Liam caído no chão, com as mãos no peito, e Zaubera parada diante de uma das portas, com um sorriso malvado.

A bruxa ergueu a mão e desferiu outro raio de energia azul contra Liam.

— Estou feliz que tenham vindo fazer outra visitinha para a velha Zaubera — disse a bruxa. Os farrapos do seu vestido vermelho-acinzentado esvoaçavam com um vento artificial que soprava ao seu redor.

Ella estremeceu ao se dar conta de que a bruxa era ainda mais poderosa do que tinha imaginado. Percebeu também que, pelo jeito, o nome dela não era Wendy. Mas essa descoberta foi bem menos aterrorizante.

— Deixe-o em paz! — ordenou Ella, correndo para o lado de Liam. — Pode me levar. É a mim que você quer!

— Ah, não se preocupe. Você também não vai a lugar nenhum, minha estrelinha — escarneceu Zaubera, apontando um dedo para Ella e disparando um raio de luz que a fez desabar no chão, ao lado de Liam.

— Sua malvada desprezível — sibilou Liam, ainda caído.

— Você não pensou que eu fosse permitir que o Príncipe Encantado entrasse na minha fortaleza e roubasse a minha Cinderela, pensou? — disse Zaubera.

— Como ela sabe quem são vocês? — perguntou Duncan, perplexo.

Zaubera olhou para Liam.

— Arrá! — exclamou ela, mostrando os dentes esverdeados com um sorriso. — Então é *you*. Bem que imaginei que só podia ser. Os outros três são meio... você sabe.

Liam se arrastou e confiou o mapa nas mãos de Duncan.

— Lembre-se do plano, Duncan — falou às pressas. — Segure isso. Vá!

Sem dizer nada, Duncan saiu com o mapa. E correu, mas não para a saída, e sim na direção de uma parede próxima. Contra a qual acabou trombando e cambaleando alguns passos, mas deu meia-volta e correu para trás de uma enorme estante, repleta de varinhas mágicas, onde acabou esbarrando em uma mesa cheia de sapos em conserva, causando um estrondo seguido do som de coisas se quebrando.

— Não tem nenhuma saída por aí — avisou a bruxa.

Um segundo depois, Duncan surgiu novamente e saiu pela porta principal.

Zaubera esfregou as mãos uma na outra e lançou um sorriso malvado.

— Agora tenho Cinderela e o Príncipe Encantado!

— Ha! — exclamou Liam, que ainda estava no chão ao lado de Ella, muito dolorido e ferido para tentar fugir. — Meu amigo acabou de escapar com o seu mapa, *sua bruxa*. Seu plano perverso está acabado.

— É mesmo? — debochou Zaubera, divertindo-se. — Não percebeu que nem tentei detê-lo?

— Encare a verdade, *sua bruxa*: você perdeu — disse Liam. — Com aquele mapa, meus amigos vão libertar os bardos a tempo.

— Por acaso está se referindo a estes bardos? — perguntou Zaubera. Então estalou os dedos ossudos e quatro cipós roxos desceram do teto. Na ponta de cada um, envoltos por trepadeiras serpenteantes, pendiam os bardos raptados.

Lero Lira, Tirésio Melodia, Wallace Fitzwallace e Reinaldo, duque da Rima, todos amordaçados, olhando melancólicos para Liam e Ella.

— Sujou — murmurou Liam.



— É, sujou mesmo! — Zaubera riu. — Estou *por aqui* com as reclamações desses fazedores de música descuidados e difamadores. Eles acabaram com a minha reputação, mas finalmente vou me vingar.

— Você é maluca, *sua bruxa* — disse Ella. — Vai matar esses homens só porque eles contaram para o mundo como Rapunzel conseguiu fugir de você?

— Rapunzel nunca fugiu de mim! — berrou Zaubera. — Eu permiti que aquela arruaceira fugisse! Ninguém escapa de Zaubera!

— Hum — interrompeu Liam. — Na verdade, todos nós conseguimos, ao menos uma vez.

— NINGUÉM ESCAPA DE ZAUBERA! — gritou a bruxa ainda mais alto. — De qualquer maneira, não matarei os bardos. Preciso deles para testemunhar o meu massacre e depois saírem cantando para que o mundo o conheça. Não, os bardos formam a minha equipe de publicidade. Vou matar todos os outros. Com a ajuda de vocês dois, é claro.

Os cipós subiram, levando os bardos.

— Nunca ajudaremos você, *sua bruxa*! — respondeu Ella.

— Vocês dizem “bruxa” como se fosse um insulto — comentou Zaubera. — *Sou* uma bruxa. E digamos que vocês não estão em posição de aceitar ou negar qualquer coisa.

Zaubera estalou os dedos. Mais cipós arroxeados desceram serpenteando até o chão e começaram a envolver Liam e Ella.

— Vamos — disse Zaubera. — Levarei você e seu namorado para cima, agora.

— Ele não é meu namorado — disse Ella.

— Isso mesmo, não sou, hum... O que foi que você disse...? — resmungou Liam.

— Namorado, noivo... não importa — revidou Zaubera. — Vocês são Cinderela e o Príncipe Encantado. Isso é tudo que os heróis precisam saber.

Liam e Ella se entreolharam confusos; nenhum dos dois tinha entendido o que a bruxa quis dizer. Zaubera começou a subir a escada em espiral que conduzia à sua torre de vigia. Os cipós ergueram-se em seguida, arrastando os prisioneiros.

— Vocês deveriam se sentir privilegiados — disse a bruxa. — Este será o maior massacre da história, e vocês dois serão as principais vítimas.

— Você está se esquecendo de uma coisa, sua bruxa — disse Liam. — Dos meus amigos.

Zaubera caiu na gargalhada.

— Se seus companheiros forem atrapalhados como aquele sujeitinho que nem conseguia achar a saída, então não estou nem um pingão preocupada.



O PRÍNCIPE ENCANTADO RECEBE BOAS E MÁS NOTÍCIAS

Duncan saiu disparado sob a luz de fim de tarde e contornou a fortaleza em busca de Gustavo. Sempre de olhos fechados, na esperança de evitar que o gigante o visse assim que ele aparecesse.

— Finalmente! — disse Gustavo, levantando-se e guardando a espada. — Você não imagina como fiquei entediado.

— A bruxa pegou Liam e Ella! — anunciou Duncan.

— Minha nossa! — exclamou Gustavo. — Será que o bonitão não consegue fazer nada direito? Espere, você disse Ella?

— Mas, veja, peguei o mapa! — gritou Duncan.

— Que fantástico — disse Gustavo. — Mas como vamos derrotar o gigante se o dragão ainda está dormindo?

Duncan olhou por cima do ombro de Gustavo.

— Hum — disse. — O dragão não está dormindo.

O dragão, que tinha acabado de acordar, soltou um rugido e, com a cauda, acertou Gustavo pelas costas. A criatura se ergueu por cima deles, prestes a soltar uma poderosa rajada de fogo. *Se eu morrer assim, pensou Gustavo, nunca limparei meu nome.*

Mas, antes que fossem tostados, eles ouviram uma voz engraçada gritando alguma coisa em uma língua desconhecida. O dragão se afastou deles.

— *Banchuk!*

— *Grut!*

— *Tchaka!* — Outros comandos estranhos se seguiram, cada um em uma voz mais ranzinza que a outra. O dragão se apoiou sobre as quatro patas, se virou e saiu. Gustavo e Duncan se afastaram aos tropeços.

Recostando-se contra a parede da torre para recuperar o fôlego, os dois ficaram surpresos com a visão que tiveram. Os anões, Flik, Frak e Frank, cercavam o dragão, dando comandos em um idioma esquisito e fazendo gestos misteriosos com as mãos.

O dragão começou a se acalmar.

— Frank? — chamou Duncan.

O anão ergueu um dedo, pedindo silêncio, sem tirar os olhos do dragão.

— *Banchuk! Grut!* — O dragão abaixou a cabeça. Flik se aproximou e fez um afago no focinho dele. A fera fechou os olhos de réptil, e Gustavo, apesar de não ter certeza, teve a nítida impressão de que tinha ouvido um ronronar.

Frank avançou para cima dos príncipes.

— O que estão olhando? — perguntou. — *Anões* são especialistas na arte de domar dragões.

— Claro que são — disse Gustavo, desamarrando a sacola que tinha amarrado ao cinto e jogando-a no chão. — E eu que carreguei essa carne de rato fedorenta por nada.

— Me ensina! Me ensina! — disse Duncan, pulando.

— Não — respondeu Frank.

— Por favor, ensinem algumas dessas palavras — implorou Duncan. — Só uma ou duas. O que é *chup-chup*? — O dragão bateu com a cauda no chão.

— Não — repetiu Frank. — E pare de dizer comandos de dragão antes que acidentalmente o mande nos comer.

Duncan resmungou:

— O que estão fazendo aqui, afinal? Falei para irem se encontrar com Branca de Neve.

— Foi o que eles fizeram. — Branca de Neve desceu da carruagem e correu ao encontro de Duncan.

— Branca! — ele exclamou. Os dois se abraçaram.

— Isso, desconfie mesmo dos *anões* — resmungou Frank com raiva. — Não servimos para nada mesmo.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Duncan enquanto Branca de Neve o fazia dar um giro de verificação de trezentos e sessenta graus.

— Frank e os anões fizeram exatamente o que você pediu — explicou ela. — E, quando fiquei sabendo sobre essa missão maluca em que você acabou se enfiando, ordenei que eles me trouxessem diretamente até você. Se metade do que eles me contaram for verdade, você ficou totalmente louco. Por que está fantasiado de ninja?

— Pelo jeito não recebeu o recado do passarinho, recebeu? — perguntou Duncan.

— Está se referindo ao passarinho Segunda-Feira? Aquele safadinho não apareceu na semana passada — respondeu Branca de Neve.

— Isso não é do feitio dele! — observou Duncan. — Mas não, eu estava me referindo ao melro.

— Não apareceu nenhum melro — comentou Branca de Neve. — Duncan, estamos nos desviando do assunto. Ainda bem que os anões e eu aparecemos bem na hora. Alguns segundos depois e... não quero nem pensar.

— Nós teríamos dado conta do trabalho — interferiu Gustavo.

Branca de Neve voltou-se para ele e perguntou:

— Você é um dos, hum... outros príncipes?

Gustavo se aproximou e tomou a mão dela, sorrindo enquanto o fazia.

— Meu nome é Gustavo. Você é uma mulher de muita sorte.

Branca de Neve olhou para ele desconfiada — não era possível que aquele homem fosse mesmo um Príncipe Encantado. Em seguida, voltou-se para o marido novamente e disse:

— Continuando, estou tão feliz em ver que está bem. Onde você estava com a cabeça para fugir daquele jeito? E lutar contra bruxas e gigantes? Você fica sem fôlego só de correr atrás de esquilos.

— Tenho me divertido muito. Mas ainda estou surpreso por ter vindo atrás de mim — disse Duncan, então acrescentou com um tom mansinho: — Pensei que estivesse cansada de mim.

— Ah, Dunky — disse ela, acariciando os cabelos ondulados dele. — Às vezes você me enlouquece, mas ainda o amo. Eu disse que estava precisando de um tempo; não queria que você fosse embora.

Gustavo grunhiu.

— Prometa que não vai fazer nenhuma maluquice outra vez — pediu Branca de Neve. — Ah, a quem estou querendo enganar? Apenas não faça nenhuma loucura até o fim do dia. Que tal?

Duncan ficou calado.

— Duncan, vou levar você para casa agora — disse ela.

— Hum... mais tarde, tudo bem? — respondeu ele, percebendo a decepção no rosto de Branca de Neve. — É que arrumei esses amigos. É sério, eles são mesmo meus amigos, e alguns deles estão realmente em apuros. Liam está dentro desse lugar assustador; ele foi capturado pela bruxa malvada. E Cinderela também está lá! Você precisa conhecê-la; ela é muito simpática. E Frederico está com o gigante em algum lugar. E...

— Estou aqui! E estou bem — disse Frederico, correndo ao encontro deles.

— Você está bem mesmo? O que aconteceu? — perguntou Gustavo. — Onde está o gigante?

— Descobri que Reese, quer dizer, o gigante, fez aquele boneco que está na cela, na torre. Ele não queria que a bruxa descobrisse a fuga de Ella — explicou Frederico. — Ah, gente nova! Frederico, de Harmonia, ao seu dispor. E o seu nome?

— Branca de Neve — respondeu a própria.

— Que surpresa agradável.

— Essa não! Isso me lembra que... — disse Duncan.

— Minha nossa! Aquele é o dragão? — perguntou Frederico com um estalo.

Frank abriu caminho entre Duncan e Branca de Neve.

— Não se preocupe com ele — disse o anão com um sorriso satisfeito. — Aquele dragão é *nosso* agora.

— Ah, vocês também estão aqui? — comentou Frederico. — Sentiram saudades, hein?

— Sim, Frederico — disse Duncan. — E o mais importante...

— Agora não — interrompeu Frederico. — Preciso contar uma história para vocês. Então, o gigante morre de medo da bruxa. Ele teme que ela faça algo terrível caso descubra que Ella fugiu, alguma coisa envolvendo bacon. Não entendi direito essa parte. Mas, continuando, quando expliquei que Liam tinha encontrado o boneco e que ele estava na torre, naquele momento, provavelmente falando com a bruxa sobre...

— Frederico — Duncan interrompeu com urgência.

— Só um momento! Então convenci Reese de que ele deveria fugir e se esconder. Mas ele disse que a bruxa iria atrás dele, por isso falei para ele tentar enganá-la novamente com um boneco dele mesmo. Ele se mostrou um excelente escultor. Entáááoooo... — Frederico levou todos para frente da torre e apontou para uma *coisa* enorme sentada no gramado. — *Aquele* é o gigante.

Todos os galhos de um pinheiro enorme tinham sido removidos, menos dois que saíam dos lados, como se fossem os braços. Um rosto grosseiro fora esculpido no alto do tronco, com dois pontinhos no lugar dos olhos e um rasgo torto no lugar da boca. Os cabelos tinham sido feitos de pele de búfalo. E o pinheiro usava a camisa do gigante.

— Isso significa que o gigante está correndo por aí seminu? — perguntou Gustavo, encolhendo os ombros.

— Infelizmente sim.

— Frederico! — gritou Duncan. Em uma situação normal, a história teria prendido sua atenção, mas ele não podia esperar mais para contar as novidades.

— Ella está lá dentro!

— É mesmo? Ella está aqui?

— Ela foi capturada pela bruxa novamente — disse Duncan. — E Liam também.

— Onde eles estão? — perguntou Frederico.

— Pelas luzes malucas que estou vendo, eles devem estar lá em cima — disse Gustavo, apontando para o alto da torre de vigia.

— O que estamos esperando? — indagou Frederico. — Vamos logo.

— Estou logo atrás — disse Gustavo.

Os dois correram na direção da porta da fortaleza. Frederico olhou para trás e chamou:

— Duncan, você não vem?

Duncan desviou os olhos dos amigos para a esposa, que negava com um aceno de cabeça vigoroso. Aqueles príncipes eram seus primeiros amigos de verdade. Ele tinha imaginado os quatro velinhos, rindo das aventuras do passado. Esse tinha sido o sonho mais feliz que ele tivera em anos. Mas Branca de Neve era sua esposa. E a primeira pessoa que o tratara com respeito.

— Acho que não posso — disse Duncan com pesar.

— Tudo bem — afirmou Frederico. — Compreendo. De verdade. Você tem sido um ótimo amigo, Duncan.

Frederico e Gustavo entraram na torre, prontos para enfrentar o que viesse pela frente. Mas, se soubessem o título do próximo capítulo, talvez os dois tivessem escolhido ficar com Duncan.



O PRÍNCIPE ENCANTADO ESTÁ CONDENADO

— Esta é a segunda vez em duas semanas que sou amarrado a alguma coisa. Estou ficando cansado disso — reclamou Liam.

Galhos roxos de cipó encantado prendiam Liam e Ella às colunas de mármore da torre mais alta de Zaubera.

— Bom, esta é a terceira torre da bruxa que piso neste mês — comentou Ella em solidariedade, amarrada ao pilar ao lado do de Liam.

— Parem de falar, os dois — Zaubera deu uma bronca.

A bruxa estava sentada à sua escrivaninha, terminando de anotar os detalhes finais do plano que ela tinha batizado de “O *grand finale* de Cinderela e do Príncipe Encantado”.

— Qual é o problema, sua bruxa? Não consegue se concentrar? — perguntou Liam.

— Não se preocupe, belo rapaz. Sou capaz de me concentrar em mais de uma atividade ao mesmo tempo — respondeu Zaubera sem erguer os olhos. — Só para provar: enquanto conversamos, estou planejando seu fim e também usando minha força mental para manter vocês dois bem presos. Vamos, tentem se livrar dos meus cipós mágicos.

Liam e Ella tentaram inutilmente se desvencilhar das amarras.

— Precisamos fazer algo para distraí-la ou nunca sairemos daqui — sussurrou Liam para Ella.

— Tenho uma ótima audição também — cantarolou Zaubera.

— Por que não acaba logo conosco? — perguntou Ella.

— Quem iria se impressionar? — respondeu a bruxa. Com uma disposição que não combinava com sua idade, Zaubera pulou da cadeira e correu a fim de exibir para Liam e Ella o novo plano que tinha acabado de ficar pronto. — Estão vendo? Isto será lembrado para sempre.

Liam e Ella mal conseguiram decifrar o complicado esquema, mas o pouco que deu para entender foi o suficiente para deixá-los apavorados. Aparentemente, a bruxa planejava amarrá-los no alto da torre — e totalmente fora de alcance — para que todos que se aproximassem da fortaleza pudessem vê-los. De acordo com o plano, Zaubera esperava que uma imensa quantidade de pessoas comparecesse ao evento. Pessoas que estavam identificadas apenas como “heróis”. E, independentemente do lado que viessem, encontrariam um fim certo e terrível. Pedras deslizariam esmagando todos que estivessem vindo do leste; os que viessem do norte seriam arremessados de um lado para outro e acabariam virando picadinho pela fúria de um tornado; os do sul seriam engolidos por uma cortina de fogo; e os intrusos do oeste acabariam fritos por uma série incessante de raios.

— Não passamos de iscas — concluiu Liam, horrorizado.

— Isso mesmo, gênio — disse Zaubera. — Será espetacular. Só para esclarecer, vou matar vocês dois também. Mas no final.

— Por que está fazendo isso? — perguntou Ella.

— Porque odeio heróis — respondeu a bruxa. — Vocês se acham melhores do que todo mundo. Mas pensam que podem roubar o brilho dos outros? Finalmente vou receber a fama merecida. E farei isso destruindo o maior número possível de heróis detestáveis, o que será muito fácil. Eu conheço os heróis. Sempre que aparece um problema em algum lugar, vocês pensam que são os únicos capazes de salvar o dia. Não conseguem evitar. Quando veem uma chance de glória, correm rapidinho para ela. Assim que todos souberem que raptei o casal mais famoso do mundo, só terei de me sentar e esperar pela

chegada dos heróis. E, quando eles aparecerem, eu destruirei a todos. Pois eles vão me subestimar e superestimar a si mesmos. Ficarei sentada aqui e acabarei com cada um antes mesmo que eles consigam tocar nas paredes da minha fortaleza. E eles continuarão vindo.

Liam torceu e contorceu os dedos da mão direita até conseguir empurrar uma das mensagens para fora do bolso de sua calça.

— Só tem um problema, sua bruxa: ninguém sabe que você nos pegou — disse ele, triunfante. — Eu interceptei seus pedidos de resgate.

Os lábios finos de Zaubera se curvaram em um sorriso frio.

— Ah, as mensagens foram entregues para as pessoas certas — disse ela. — Elas foram escritas para que você mesmo as lesse.

Liam ficou sem palavras.

— Assim que descobri que você era o Príncipe Encantado, eu tive certeza de que o queria no meu *grand finale*. Sabe aquele mensageiro que você pensou que teve a sorte de encontrar? Então, ele o seguiu por quilômetros depois que você partiu daqui, e falei para ele garantir que as mensagens fossem parar exatamente em suas mãos. Imaginei que você fosse agir como um herói previsível e que voltaria correndo para cá. Obrigada por ter mostrado que eu estava certa. Agora tenho você como meu prisioneiro bônus superespecial. E seus três amigos, neste exato momento em que conversamos, devem estar se acabando lá fora. E, se não morrerem, ainda serão estúpidos o bastante para sair correndo em busca de ajuda. Estou errada?

Liam não disse nada, sua cabeça pendia para baixo. Como pudera se enganar daquele jeito? Tudo que fizera ao longo dos últimos dois dias fora exatamente de acordo com a vontade da bruxa. Ele era um fracasso.

— Além do mais — disse Zaubera —, você realmente pensou que eu fosse anunciar meu plano para o mundo com simples bilhetes escritos à mão? Veja isso. O espetáculo já vai começar.

A bruxa fez alguns gestos rápidos com as mãos e o teto cônico da torre de vigia se abriu, revelando o céu azul. Então, ela ergueu os braços e lançou uma

série de raios luminosos pela abertura. A exibição pareceu durar alguns minutos. Liam e Ella fecharam os olhos para se proteger da intensa luz ofuscante. Quando os estalos pararam, os dois abriram os olhos novamente e olharam para o alto. Havia uma mensagem escrita com fogo no céu: CINDERELA E O PRÍNCIPE ENCANTADO ESTÃO SOB O MEU PODER.

Graças à localização central do deserto Orfanado, as gigantescas letras de fogo poderiam ser vistas pelos cinco reinos vizinhos. Em Sturmhagen, Sylvaria, Avondell, Harmonia e Eríntia, as pessoas corriam apavoradas de um lado para o outro. Ninguém imaginava quem era o autor da mensagem, mas todos tinham certeza de que só podia ser obra de uma poderosa praticante de magia — e não havia motivos para duvidar do conteúdo. E, assim como Zaubera previra, heróis de todas as partes entraram em ação. Cavaleiros vestiram suas armaduras, arqueiros abasteceram suas aljavas e jogaram seus arcos sobre os ombros. Soldados prepararam suas lanças, guerreiros afiaram suas espadas, aventureiros se prepararam para a aventura. Em pouco tempo, todos seguiam para o monte Morcegasas.

— O plano dela vai funcionar — disse Liam, conformado.

— Por que está afirmando isso? — perguntou Ella, frustrada.

— Porque ela está certa — respondeu Liam. — Existe uma porção de pessoas por aí que se consideram heróis, e elas virão. Eu viria.

— Desperte esse seu herói, então — disse Ella. — Precisamos cair fora daqui para deter essa bruxa antes que alguém apareça.

— Você tem razão — disse Liam. — Creio que ainda nos restam algumas horas. Talvez até amanhã de manhã. Primeiro precisamos nos livrar desses cipós.

— Hahaha! — berrou Zaubera alegremente diante da imensa janela da torre de vigia, que dava para o lado oeste. — Os primeiros convidados já chegaram! E é um exército inteiro. Confesso que foi bem mais rápido do que eu imaginava.

— Impossível — murmurou Liam. Ele e Ella olharam na direção da janela.

Milhares de homens subiam a cavalo uma colina distante, vindo na direção da fortaleza. Eles estavam a uns vinte minutos de distância, no máximo.

— Mas como? — indagou Liam.

— Sinto muito, Liam — disse Ella. — Mas pedi para sua irmã buscar ajuda. Aquele deve ser o exército de Eríntia.

— Será que Lila está com eles? — perguntou Liam ofegante.

Ella tentou encolher os ombros, mas os cipós tinham lhe apertado tanto que impediam quase todos os seus movimentos. Zaubera andava de um lado para o outro, ensandecida, olhando através de cada janela.

Ela seguiu para a janela leste e, sem nem mesmo olhar direito, chamou:

— Reese, temos convidados adiantados! Prepare o cenário! — Mas a árvore com quem ela estava falando não fez nada, é claro.

Zaubera correu então para a janela norte e berrou:

— Bardos, assumam seus lugares!

Liam e Ella ouviram os protestos vindos do lado de fora, enquanto os cipós arrastavam os compositores para seus postos ao longo das muralhas da fortaleza.

A bruxa disparou para a janela sul e reclamou:

— Onde estão o rei Bandido e seu bando? Não vão aparecer, é? Eu ia mesmo matá-los no final.

Ela se voltou para o centro da sala e anunciou:

— Agora, as estrelas.

A bruxa girou as mãos. Liam e Ella lutavam inutilmente contra as amarras, enquanto os cipós encantados deslizavam ao redor dos dois, soltando-os das colunas de mármore e erguendo-os através da abertura do telhado. Zaubera verificou novamente o exército que se aproximava e percebeu que os soldados estavam sendo liderados por uma carruagem dourada.

— Excelente — ronronou a bruxa. — Vamos receber um nobre.

Lila!, pensou Liam.

— Você não precisa fazer isso — implorou ele. — Pode me matar se quiser, mas deixe em paz as pessoas que estão chegando.

— Quanto cavalheirismo! — zombou Zaubera. — Não suporta a ideia de ver outros sendo feridos, não é mesmo? É por isso que será tão divertido fazer você assistir à morte deles.

— Não — Liam ofegou, enquanto os cipós lhe apertavam ainda mais, deixando-o sem ar.

Nesse momento, ele ouviu o conhecido grito de ataque de Gustavo. O príncipe grandalhão e careca despontou no topo da escadaria e correu para cima de Zaubera com a espada em punho. Rapidamente a bruxa emanou uma bola de energia azul e disparou contra ele.

— Gustavo, isso tudo é uma armadilha! — alertou Liam. — Ela vai matar o exército que está chegando! Minha irmã está entre eles! Abaixese!

Gustavo se abaixou. A esfera azul passou voando sobre a cabeça do príncipe e abriu um buraco na parede norte da torre. Raios de sol invadiram a torre de vigia enquanto tijolos, entulhos e milhares de planos rejeitados se espalhavam pelo gramado lá embaixo.

Uma nuvem de poeira e fumaça tomava conta do ambiente quando Frederico apareceu no alto da escada.

— Frederico! — chamou Ella.

Ele havia imaginado aquele momento — ele correndo ao encontro de sua amada, de braços abertos, chamando seu nome —, mas, sem fôlego como estava, tudo que conseguiu fazer foi acenar na direção de onde vinha o chamado.

Gustavo avançou para cima da bruxa, desferindo-lhe golpes com sua espada. Zaubera desviou das estocadas, mas com dificuldade.

— Não é muito boa na luta corpo a corpo, minha senhora? — provocou Gustavo, movendo-se de um lado para outro.

— Ella, não posso acreditar que esteja mesmo aqui — disse Frederico, ao mesmo tempo em que tentava cortar os cipós encantados que a mantinham,

assim como a Liam, suspensa até metade da abertura do telhado.

— Minha espada não está conseguindo cortar esses cipós — disse ele.

— A bruxa está controlando tudo com a força da mente — explicou Ella.

— Frederico, precisamos quebrar a concentração dela — afirmou Liam.

— Ela está lutando com Gustavo. Isso não deveria ser suficiente?

— Ela é incrivelmente poderosa — enfatizou Liam. — Precisamos quebrar a concentração dela de verdade. E rápido. — Deu uma olhada na direção da imensa janela. O exército estava se aproximando. Mais dez minutos, no máximo.

— Gustavo vai conseguir — disse Frederico. — Veja, a bruxa está começando a dar sinais de fraqueza. Com certeza ela se cansará antes dele. Nada consegue deter aquele cara.

Frederico estava certo. Zaubera começava a perder o ritmo. Gustavo finalmente conseguiu acertá-la. A espada penetrou o vestido esfarrapado da bruxa e perfurou-lhe o braço esquerdo, derramando sangue.

Liam tentou se livrar das amarras novamente, mas ainda estavam apertadas.

— Cara, ela é durona — reclamou ele.

Gustavo abriu outro talho no ombro de Zaubera. A bruxa cambaleou para trás e se apoiou no peitoril da janela leste.

— Você já era, velhota! — berrou Gustavo, avançando contra ela. Mas, antes de conseguir acertá-la pela terceira vez, ele viu algo lá fora que o deteve. — Isso só pode ser brincadeira! — exclamou. — Meus irmãos?

Zaubera segurou e ergueu Gustavo com o braço direito, que estava ileso, e o lançou pelo vão livre da sala. O corpo forte do príncipe colidiu contra uma coluna de mármore, então Gustavo deslizou até o chão com um estrondo.

— Sinto saudades da minha armadura — disse ele com um gemido.

Zaubera se virou para olhar pela janela às suas costas. Os irmãos de Gustavo estavam contornando a base do monte Morcegasa. Dentro de seis ou sete minutos, eles chegariam à fortaleza.

— Vejam só! — exclamou a bruxa ao limpar um fio de sangue que lhe escorria pelo canto da boca. — Um bando de príncipes. Isso não tem preço.

Frederico golpeava enlouquecidamente os cipós, mas em vão.

— Sinto muito — disse ofegante. — Não posso fazer nada.

Zauberá umedeceu os lábios pálidos, estalando os dedos para formar uma imensa bola de luz de energia brilhante, três vezes maior que qualquer outro raio mágico lançado antes.

De repente, uma estranha melodia subiu pela escada e atraiu a atenção de todos.

— O curinga! — cantarolou Duncan ao entrar saltitante pela sala. A bola de energia de Zauberá se desfez enquanto ela olhava, boquiaberta, para o recém-chegado. — Veja isso, sua bruxa! Carne! — exclamou Duncan enquanto abria uma sacola úmida, de onde retirou a carne de rato estragada e atirou-a contra Zauberá. O naco de carne fedorenta acertou direto na testa dela — *chulap!* — e escorreu até o chão, deixando vestígios de gordura viscosa e fiapos esverdeados na cara surpresa da bruxa. O ataque foi tão inesperado e... estúpido que Zauberá ficou totalmente aturdida.

— Eca! — vociferou, tentando remover o sebo pegajoso dos olhos. Desesperada, às cegas, a bruxa saiu disparando bolas de fogo e raios de luz pela sala. Um deles esfaçalhou um par de espelhos mágicos. Outro torrou o gato preto (O quê? Você pensou que ela não tivesse um?). Um terceiro quase atingiu Gustavo, mas em vez disso causou apenas uma série de rachaduras no pilar onde ele se escondia.

O quarto raio estourou em Duncan. A força era tamanha que ele foi erguido do chão e arremessado de costas. Duncan, o Destemido, o príncipe de Sylvaria, saiu voando por um buraco aberto na parede do fundo da torre e sumiu de vista.

Todos olharam horrorizados para o espaço vazio antes ocupado por Duncan — incluindo Zauberá, que por causa da gordura nos olhos não conseguira ver direito o que tinha acontecido com ele. Foi durante esse

intervalo de tempo, quando o único barulho que imperava era o de tijolos e telhas caindo ao chão, que Liam fez uma descoberta crucial. Ele sentiu que as amarras ao redor do seu corpo tinham cedido.

— Os cipós — sussurrou. — Eles se soltaram! Duncan conseguiu! Ele finalmente quebrou a concentração dela!

Frederico se lançou com todas as forças e finalmente cortou as amarras que prendiam sua amada. Ella despencou do alto, e Frederico a ajudou a terminar de se desvencilhar dos cipós.

Ella tocou com a palma da mão o rosto de Frederico e sussurrou um “obrigada” antes de pegar a espada dele e sair correndo para libertar Liam.

Àquela altura, Zaubera já tinha conseguido se situar. Assim que viu Frederico e Ella libertando Liam, ela ergueu o braço na direção deles.

— Ei, boca de caçapa! Aqui! — gritou Gustavo.

Zaubera disparou um raio azul contra ele. O raio o atingiu no peito, fazendo-o se chocar contra um pilar rachado e esburacado. Quando Gustavo bateu no chão, a ponta do pilar, já fragilizada, se deslocou do teto, e a imensa coluna de pedra começou a desabar — em cima do atordoado e enfraquecido príncipe.

Assim que viu o gigantesco fragmento de arquitetura gótica prestes a esmagar seu amigo, Frederico saiu correndo pela sala. Quando o pilar estava a poucos centímetros do chão, encobrindo Gustavo com sua enorme sombra, Frederico mergulhou. Ele bateu com as mãos espalmadas na lateral do corpo do amigo e o empurrou para longe, no momento exato em que a coluna caiu.

Gustavo saiu rolando e se apoiou de quatro no chão.

— Obrigado! — agradeceu ofegante.

Mas, ao pegar a mão de Frederico para um aperto de agradecimento, sentiu que estava fria e sem reação. Só então percebeu que Ella gritava o nome dele. Ainda atordoado, Gustavo olhou para o amigo. A mão de Frederico, que ele ainda segurava apertado, projetava-se, inerte, do monte de pedaços de mármore. O corpo estava esmagado sob o que restara do pilar.

— Não — sussurrou Gustavo.

Ella se aproximou e rapidamente os dois empurraram os pedaços de pedra, abrindo espaço para Gustavo espiar embaixo da coluna caída. No espaço exíguo e escuro sob os entulhos, ele conseguiu ver o rosto gentil de Frederico, mas os olhos estavam fechados. Naquele momento, Gustavo finalmente soube o que era sentir medo de verdade.

— Vou tirar você daí — disse Gustavo baixinho. Apoiou o ombro contra o pilar e começou a empurrar.

No outro extremo da torre em ruínas, Liam se preparava para travar a sua batalha. Ele estava desarmado e a bruxa ainda era incrivelmente poderosa. Restava-lhe como única esperança conseguir lançá-la pelo mesmo buraco na parede por onde Duncan saíra voando. A essa altura, os tijolos estavam se soltando e aumentando ainda mais o tamanho da abertura. Bastaria empurrar a bruxa pelo buraco. Com um objetivo em mente, ele tentou um velho movimento de Gustavo: o ataque desembestado.

Liam abaixou a cabeça, soltou um grito e avançou para cima da bruxa. Com o ombro, atingiu o ventre de Zaubera e os dois caíram no chão, num emaranhado de membros e trapos ondulantes. Eles saíram rolando e só pararam perto da parede quebrada. Mas a bruxa conseguiu se levantar antes dele. Ela ficou parada ao lado de Liam e soltou uma risada.

— Seus tolos! — berrou. — Por que não desistem? Não percebem que nunca conseguirão...

Zaubera nem teve tempo de terminar o que estava dizendo. Ella avançou e acertou um soco surpreendentemente forte no queixo da bruxa, que perdeu o equilíbrio e tombou de costas, na direção do buraco na parede. Ela agitava aos braços freneticamente, tentando se sustentar, até que firmou um calcanhar na beiradinha e, em seguida, o outro.

Com o equilíbrio recuperado, a bruxa sorriu satisfeita.

— Não é possível — murmurou Liam.

— Vocês não estão me dando ouvidos — disse Zaubera enquanto erguia os braços novamente para invocar seus raios diabólicos de energia mágica. — Mas Zaubera não será ignorada.

De repente, um barulho de asas batendo tomou conta de tudo, e o céu, que podia ser visto pela abertura na parede atrás da bruxa, foi bloqueado pelo dragão se erguendo do lado de fora da torre. A enorme criatura vermelha batia as asas de couro enquanto pairava diante do buraco. Montado no pescoço do dragão, vinha Duncan.

— Ei, pessoal — chamou ele. — Vejam só o que os anões acabaram de me ensinar! *Kwanchuk!*

O dragão soprou uma labareda tão grande que Zaubera quase não conseguiu desviar. Ella e Liam se abaixaram para escapar das chamas. A bruxa soltou um grito ao perceber que seu vestido estava em chamas. Duncan também gritou:

— Essa não! Dei o comando errado! Hum... será *chik-chunk?*

O dragão avançou, enfiando a cabeça enorme pelo buraco na parede da torre. A fera abriu a boca e enrolou a língua de réptil ao redor do corpo de Zaubera. Aos gritos, a bruxa cravou as unhas na língua gigante, mas foi em vão.

— *Kolchak?* — Duncan continuava tentando.

— Heróis... — ralhou Zaubera enquanto era arrastada para dentro da boca do dragão e, então, engolida. Um soluço de fogo depois e a bruxa tinha desaparecido.

— Nossa, isso foi mais grotesco do que eu esperava — disse Duncan, sorrindo. — Mas derrotamos a bruxa. Acho que a vitória merece um viva. — Lançou um sorriso sem jeito para Liam e Ella.

Cada vez que o dragão batia as asas, mais vigas e telhas caíam.

— Duncan, saia daqui! — gritou Liam entre os estrondos. — Nós nos encontramos lá embaixo! A torre está desmoronando!

Duncan assentiu, virou o dragão e desceu.

Liam e Ella se desviavam como podiam da chuva de escombros enquanto corriam na direção de Gustavo. O príncipe enorme tinha contado com a força de todos os músculos do seu corpo para rolar o enorme pilar de cima de Frederico. Quando Liam e Ella se aproximaram, ele estava ajoelhado ao lado do corpo inerte do amigo. Liam foi tomado por um calafrio ao perceber a gravidade da situação.

— Deixe-me ajudar a carregá-lo — disse Liam. — Precisamos sair o mais rápido possível daqui.

Gustavo dispensou a ajuda com um aceno apenas.

— Eu aguento — afirmou, sem erguer os olhos. — Vá na frente.

Ele pegou Frederico com todo cuidado e desceu com dificuldade os vinte andares, logo atrás de Liam e Ella. Vários lances de escada abaixo, eles ouviram as paredes da torre de vigia desabando.

Assim que saíram da fortaleza, Duncan e Branca de Neve foram ao encontro deles.

— O dragão me apanhou no ar! — disse Duncan, animadíssimo. — Pensei que estivesse perdido, mas então... Ha! De repente eu estava montado em um lagarto enorme. Aí finalmente convenci o Frank a me ensinar... a língua... dos dragões...

A voz de Duncan falhou quando Gustavo deitou o corpo largado de Frederico em cima do gramado.

— Minha nossa — exclamou ele.

— Ele está vivo? — perguntou Ella.

Gustavo pousou a cabeça sobre o peito de Frederico.

— Está respirando, mas muito fraco. Não parece nada bem.

Ella escondeu o rosto entres as mãos e chorou. As pernas de Duncan fraquejaram e ele se apoiou em Branca de Neve para poder enxugar as lágrimas que desciam pelo seu rosto.

Liam se ajoelhou ao lado de Frederico.

— Ele está muito mal — anunciou sobriamente. — Não podemos salvá-lo.

Com determinação súbita, Gustavo ergueu Frederico em seus braços novamente.

— Mas eu conheço alguém que pode — disse. — Precisamos ser rápidos. Duncan, chame o seu dragão.



O PRÍNCIPE ENCANTADO FAZ EXATAMENTE O QUE DISSE QUE NUNCA FARIA

Em um belo e recluso vale no extremo sul de Sturmhagen, Rapunzel retornava para a sua velha casinha de madeira, depois de um longo e cansativo dia curando feridos e doentes. Ela sentia ter de manter em segredo sua localização, mas sabia que, se a notícia sobre seus dons especiais se espalhasse, todos os camponeses com lábios rachados de frio ou gnomos com um cortezinho qualquer viriam bater à sua porta em busca de uma cura rápida. Rapunzel preferia poupar seus dons para os realmente necessitados. Ela matinha um canal de comunicação entre os duendes e as fadas, que percorriam os campos em busca de doentes e feridos que estivessem precisando de ajuda. Quando acontecia um acidente de carroça, um ataque de lobo ou um surto de catapora, ela ficava sabendo imediatamente e aparecia para curar a todos.

Na manhã daquele dia, Rapunzel tinha ido até uma vila próxima, onde um caldeirão de cozido estragado causara uma bela dor de barriga. Depois disso, parou em um bosque para atender a uma família de elfos que fora acidentalmente inalada por um urso. Após um bom dia de trabalho, tudo que mais queria era entrar em casa e desfrutar uma noite tranquila, com um livro e um bom prato de sopa de nabo. Mas não era para ser assim. Quando viu um dragão enorme pousando no jardim, ela soube que teria de fazer hora extra.

Rapunzel limpou as mãos no avental e saiu para acender o par de lamparinas que ladeavam a porta de entrada da cabana.

Dois cavaleiros desceram do dragão. O primeiro caiu de cara no chão, mas tratou de se recompor em seguida. O segundo, um homem careca e muito grande, trazia nos braços um enorme fardo largado.

Os homens vestiam roupas pretas, assim como os ladrões e os assassinos. Mas, ao chegarem mais perto, Rapunzel percebeu que o fardo carregado pelo careca era na verdade uma terceira pessoa. O ferido provavelmente tinha se machucado durante algum assalto ou tentando fugir de alguma prisão. Ela ficou nervosa, pois não gostava de ajudar criminosos.

O careca veio em sua direção e colocou o companheiro a seus pés. O menorzinho ficou para trás, fora do caminho. Rapunzel baixou os olhos para o homem no chão e arfou. Ele parecia muito mal.

— Você pode curá-lo? — perguntou o grandalhão.

Rapunzel conhecia aquela voz.

— Gustavo? — Ela ficou surpresa. Com aquela roupa preta, a careca, além do fato de nunca mais esperar vê-lo, ela não reconheceu o homem que, poucos meses antes, todos esperavam que se tornasse seu marido.

— Você cortou o cabelo — disse Gustavo.

Os sedosos cabelos loiros de Rapunzel desciam até a cintura agora, e não estavam nem de perto do comprimento de outrora.

— Você também — ela respondeu, e sua voz saiu trêmula, quase musical, parecida com sinos de vento.

— Você pode... curar meu amigo? — ele repetiu.

Rapunzel arregalou os olhos ao ouvir a palavra “amigo”, pois nunca ouvira Gustavo usar aquela palavra para se referir a quem quer que fosse.

— O que aconteceu com ele? — perguntou, sempre olhando nos olhos de Gustavo. A frieza de sempre desapareceu quando ele pensou no amigo ferido.

— Ele salvou a minha vida — disse Gustavo. — Duas vezes, na verdade. Talvez mais. Nem sei. Sabe, Frederico é um banana, e às vezes tenho a

impressão de que meus olhos vão saltar das órbitas de tanto que eu os reviro, mas ele é um bom sujeito. Não merece morrer por minha causa.

Rapunzel ficou surpresa. Gustavo estava expondo seus sentimentos. Aquele era um milagre muito maior do que o que acontecera quando ela o curara da cegueira.

— Está tudo bem, Gustavo — disse, num tom calmo e angelical. — Desabafe. Não tenha medo de chorar.

Gustavo franziu a testa.

— Não vou chorar — respondeu. — Chore você. É você quem tem lágrimas mágicas.

Ele estendeu o braço e deu um puxão nos cabelos de Rapunzel.

— Ai! — exclamou ela, afastando-se. — Isso doeu.

— Desculpe — disse Gustavo. — Mas será que dá para chorar logo? Antes que ele morra.

Rapunzel se ajoelhou ao lado de Frederico.

— Você só pode ser um santo para arriscar a vida por um homem bruto e assustador como Gustavo — sussurrou. — Seu sacrifício é o mais nobre que já vi.

E com isso lágrimas rolaram de seus olhos.

Assim que as gotas salgadas lhe tocaram o corpo, Frederico pareceu vibrar e soltou um suspiro distante. Em seguida, seus olhos se abriram.

— Viva! — festejou Duncan.



Frederico se sentou.

— Gustavo? Onde estamos? O que aconteceu?

Gustavo fechou os olhos e respirou fundo.

— Obrigado — sussurrou para Rapunzel.

Foi o primeiro “obrigado” que ela ouvira dele.

— Duncan! — disse Frederico aos berros. — Duncan, você está vivo!

— Nunca morri! — respondeu o outro alegremente.

Duncan ajudou Frederico a se levantar e então lhe perguntou com um sorriso largo e ansioso:

— Como está se sentindo?

— Acho que estou bem — disse Frederico, testando as pernas e os braços.

— Na verdade, estou ótimo. Nunca me senti tão bem desde que deixei Harmonia.

— Obrigado, senhorita Rapunzel! — cantarolou Duncan, apanhando-a de surpresa com um abraço apertado de gratidão. — Obrigado, muito obrigado, obrigado mesmo! — Soltou-a então para abraçar Frederico.

— Rapunzel? — indagou Frederico confuso. — Você é Rapunzel?

— Sim — respondeu ela.

— Você acabou de, hum... fazer... uma mágica? — Frederico apontou para os próprios olhos. — Você me curou?

Ela assentiu e sorriu para ele. Havia uma ternura e algo extremamente bom em Frederico que a fizeram se sentir muito, muito bem por ter ajudado a salvar sua vida.

Frederico tomou a mão de Rapunzel entre as suas e a beijou carinhosamente. Não sabia se aquilo era a magia dela, ou se era simplesmente pelo que ele estava sentindo em relação à moça naquele momento, mas podia jurar que ela estava brilhando.

— Você é maravilhosa. Isso que você faz — disse. — Ajudar as pessoas como me ajudou. É admirável. Se precisar de qualquer coisa... se tiver algo que eu possa fazer...

Rapunzel corou.

— Tento fazer tudo sozinha — disse ela. — Mas, se precisar de uma mãozinha, já sei a quem pedir. Se um dia um duende bater à sua porta, não o mande embora. Pode ser um enviado meu.

— Um duende, certo — repetiu Frederico. — Eles são pequeninos e azulados? Com anteninhas?

— Eles preferem chamar de sensores, mas é isso mesmo — respondeu Rapunzel com um sorriso.

— Vou manter um quartinho de hóspedes arrumado. Apenas por precaução. — Só então Frederico percebeu que ainda estava segurando a mão de Rapunzel. — Minha noiva vai adorar saber que a conheci. O que me lembra: Onde está Ella? E Liam? O que aconteceu com a bruxa?

Duncan pousou o braço sobre o ombro de Frederico e disse:

— Venha comigo que vou lhe contar tudo.

— Um segundo. — Frederico voltou-se para Gustavo. — Obrigado, Gustavo. Sei o que significou para você me trazer aqui.

— Não significou nada de especial — disse Gustavo. — Somos um time, não é? Só fiz a minha parte.

— Obrigado mesmo assim — insistiu Frederico enquanto Duncan o puxava.

Frederico levou um susto ao ver o dragão soltando lufadas de fumaça enquanto dormia no gramado.

— Os anões fizeram o dragão ficar bonzinho? — perguntou.

— Sim, não se preocupe. Aprendi a montar nele! — Duncan sorriu radiante. — Na verdade, você também montou. Apesar de estar quase morto, por isso acho que nem vai se lembrar. E não se preocupe comigo nas rédeas; prometi para Frank que só vou para a esquerda, para a direita, para cima e para baixo.

— A propósito, você é bem-vindo — disse Rapunzel para Gustavo.

— Hum? Ah, sim, claro — resmungou Gustavo. — Mas preciso ir embora.

— Não quer que eu cure você também? Está mancando.

— Estou bem. Não preciso de sua ajuda — respondeu Gustavo. A resposta saiu mais amarga do que o esperado.

— Nunca vou entendê-lo, Gustavo.

— Como assim, entender?

— Frederico obviamente é um ser humano terno e gentil. Pude sentir isso assim que o vi. E vocês se gostam.

— Bah!

— Você ainda sente necessidade de ser um herói machão, sem emoção e rude, como se dependesse disso para conquistar o respeito de todos. Mas você tem um outro lado que não admite possuir. E, claro, é o lado *bom*.

— Sou *totalmente* bom — murmurou Gustavo. — Não preciso que você venha me dizer quem eu sou.

Rapunzel queria dizer que não havia nada de errado em deixar as pessoas saberem quando nos preocupamos com elas e que ele não precisava afastar os amigos ao sentir que eles tentavam se aproximar dele, mas resolveu deixar isso para lá. Afinal, não queria que Gustavo começasse uma de suas discussões infantis. Mas ela tinha razão: Gustavo tinha um lado bom que não queria admitir, especialmente aquele que, de alguma maneira, ainda gostava de Rapunzel.

Gustavo e Rapunzel permaneceram em silêncio por alguns segundos.

— Por que você cortou o cabelo? — ele finalmente perguntou.

— Eu só o mantinha comprido daquele jeito por exigência de Zaubera — respondeu Rapunzel. — O comprimento se tornou muito incômodo depois que me liberei do confinamento.

Gustavo fungou.

— Meu corte de cabelo não foi exatamente uma escolha. Lá está o meu cabeleireiro — e apontou por cima do ombro para o dragão. Duncan tinha acordado a criatura, e ele e Frederico já estavam montados.

— Preciso ir embora — anunciou Gustavo bruscamente.

— Gustavo, antes que se vá, preciso lhe fazer uma pergunta — disse Rapunzel. — Como conseguiu me encontrar?

— Há meses sei que você está aqui. Eu a segui quando partiu, só para garantir a sua segurança. Depois voltei para casa.

Ele se virou abruptamente e se juntou aos amigos, montados no dragão. Rapunzel balançava a cabeça enquanto os via alçar voo.

— Como eu disse, nunca vou entender você.



O PRÍNCIPE ENCANTADO QUASE SALVA O DIA

— Vocês acham que ele vai sobreviver? — perguntou Ella, parada ao lado de Liam e Branca de Neve, em frente à fortaleza de Zaubera, observando Gustavo e Duncan alçando voo montados no dragão e levando Frederico desfalecido.

— Só podemos esperar que sim — disse Liam, erguendo a mão para proteger os olhos dos raios do sol poente. — Nem acredito que estou dizendo isso, mas acho que Gustavo sabe o que é o melhor a ser feito neste momento.

Ao redor deles, o gramado viçoso e verde secou de repente, tornando-se amarelo e quebradiço. O ventou soprou nuvens de pó aos pés deles. Ella voltou um olhar consternado para Liam.

— A bruxa morreu — concluiu ele.

— Com licença! Senhor? Senhorita? — A voz veio acima deles. Liam e Ella olharam para o alto e viram Lero Lira preso a uma teia de cipós arroxeados. — Será que daria para nos ajudar a descer?

— Os bardos! — exclamou Liam. Lero Lira e mais três compositores estavam pendurados ao longo das muralhas da fortaleza. — Só um momento, senhores!

— Vejam! Lá está Wallace Fitzwallace — disse Branca de Neve, e acenou alegremente para o bardo pendurado. — Cante algo para nós, Fitzzy!

Liam correu até os anões, que aguardavam por perto.

— Flik, Frak, Frank! — chamou. — Será que poderiam trazer a carroça de vocês até aqui e me dar uma mãozinha?

— Você não está pensando que esse é nosso verdadeiro nome, está? — resmungou Frank. — Somente Duncan nos chama assim.

— Desculpe, eu não sabia. Qual o verdadeiro nome de vocês então?

— Não importa — disse Frank. — Vamos pegar a carroça.

Com a carroça posicionada embaixo de Lero Lira, Liam e Ella subiram nela.

— Se eu a erguer um pouquinho, acho que vai conseguir alcançá-lo — disse Liam.

Mas Ella olhava fixamente para o exército que se aproximava, e ainda mais para a carruagem dourada que vinha à frente e que, naquele exato momento, avançava pelo gramado diante da fortaleza de Zaubera.

— A bandeira de Eríntia não tem uma estrela dourada no meio? — perguntou Ella.

— Tem, por quê? — perguntou Liam.

— Então de quem é aquela bandeira tremulando no alto daquela carruagem?

Liam se virou para olhar. Sua boca secou ao ver a bandeira de Avondell.

— Rosa Silvestre — exclamou ele.



Dentro da carruagem dourada, Rosa Silvestre, Lila e Rúfio, o Soturno, assistiam à imensa torre desmoronando sobre a fortaleza de pedra bem diante de seus olhos. Os três ficaram de queixo caído quando viram o dragão sobrevoando o céu violáceo.

— O que será que está acontecendo lá? — indagou Rosa Silvestre finalmente.

— Espero que não seja tarde demais — disse Lila.

— Nem diga isso! — esbravejou Rosa. — Será que meu noivo foi esmagado ou comido? Será? Diga alguma coisa, caçador de recompensas.

Após um suspiro profundo, o soturno caçador ergueu a luneta até o olho direito e olhou pela lente.

— Humm. Hummm. Ahh...

— O que isso significa? — berrou Rosa. — Diga alguma coisa!

— É, Rúfio. Use suas palavras — pediu Lila.

— Está chacoalhando muito — reclamou Rúfio.

Rosa soltou um grunhido irritado, então enfiou a cabeça para fora da janela e berrou para o general do seu exército:

— Parem! Parem todos, imediatamente!

A carruagem parou na hora, e junto todos os cinco mil homens montados em seus cavalos.

— Estamos à espera de suas ordens, Alteza — gritou o comandante do exército.

Rosa se acomodou de volta no assento.

— E agora?

— Seu príncipe ainda está vivo — sussurrou Rúfio. Afastou então a luneta e olhou irritado para a princesa.

— Deixe-me ver — disse Rosa. — Saia do caminho, menina. — Empurrou Lila para trás, derrubando-a do assento. Então pegou a luneta da mão do caçador e se pôs a examinar a cena adiante.

Obrigada, pensou Lila, esparramada no chão atrás de Rosa e Rúfio. *Finalmente uma chance de me livrar destas algemas*. Ela puxou dos cabelos o grampo que Ella tinha lhe dado e com isso soltou uma mecha rebelde, mas tudo bem, agora ela tinha uma ferramenta útil. Enquanto isso, Rosa e Rúfio discutiam:

— Onde ele está? Você disse que o viu.

— E vi. Ele estava abraçado a uma moça vestida com uma calçola azul esquisita.

— Moça? Que moça? Quem é ela?

— Como vou saber quem é ela?

Lila enfiou o grampo no buraco da fechadura das algemas, girou e as argolas se soltaram.

Enquanto isso, Rúfio e Rosa ainda discutiam:

— Se a senhorita pudesse me devolver a minha luneta, eu poderia dar outra olhada.

— Acha que não sei usar uma luneta idiota?

Lila pegou grandes mechas dos cabelos cacheados da princesa de Avondell e as amarrou em nós a uma das argolas das algemas. Quando Rúfio esticou o braço para pegar a luneta de volta, Lila se levantou e fechou a outra argola no pulso do caçador.

— Eiii! — ele exclamou.

— O que... — Rosa começou a gritar, mas Lila já estava pulando por cima dos dois.

Rúfio e Rosa ainda tentaram deter a garota, mas, graças às algemas, os dois se enroscaram em um emaranhado humano. Ao cair em cima de Rosa, Rúfio puxou a cabeleira da princesa para frente do rosto dela, como se fosse uma máscara. Quando tentou gritar, Rosa acabou entupindo a boca com um tufo de cabelo.

— Adeusinho, pessoal! — Lila se despediu, pulou pela janela da carruagem e saiu correndo.

Rúfio ainda tentou ficar em pé para sair atrás dela, mas, assim que se mexeu, puxou Rosa Silvestre pelos cabelos. A princesa soltou um grito e um gemido.

— Estou algemado ao seu cabelo — disse Rúfio, mal acreditando na situação. Pela primeira vez em anos, a boca de Rúfio, o Soturno, se curvou, esboçando algo parecido com um sorriso.

Ele avançou mais um pouquinho na direção da porta, mas parou assim que Rosa soltou outro grito abafado e o puxou pelo capuz para trás.

— *Dooennnunn!* — resmungou Rosa, com a boca entupida de cabelo.
Traduzindo: “Doeu!”

Rúfio tentou soltar o emaranhado de cabelos preso à argola da algema.

— Está muito difícil. Seu cabelo é muito grosso e volumoso — comentou, e então puxou uma faca.

— *Noo. Coote. Muoo. Caabloo.* — (“Não. Corte. Meu. Cabelo.”)

Rúfio ergueu a mão e resmungou:

— Quer que eu faça o quê? — Virou-se então para a janela e disse em um tom baixo e monótono: — Guarda. Preciso de uma ajudinha aqui.

Era assim que Rúfio pedia ajuda.

— *Fooêêê nooo saabbi neeem griiitaarr?* — (“Você não sabe nem gritar?”)

— Guarda — chamou Rúfio novamente. Dessa vez um pouco mais alto, mas ainda num tom que seria aceitável até mesmo em uma biblioteca.

Do lado de fora da carruagem, um soldado viu Lila fugindo.

— General, devemos deter a garota? — perguntou.

— Por acaso já viu como a princesa fica quando está brava? — disse o general. — Não vamos fazer nada antes que ela ordene.



— Eles pararam — falou Ella, referindo-se ao exército de Avondell.

— Não faço a menor ideia do que está acontecendo lá — comentou Liam.

— Mas agora é a nossa chance de libertar os bardos. — Ele se abaixou e cruzou os dedos para que Ella pudesse usar sua mão como apoio.

— Espere, veja! — gritou Ella.

Os dois correram até a beirada da carroça para observar a garota que vinha correndo pelo campo na direção deles.

— Lila! — gritaram em coro.

A menina se aproximou da carroça, subiu e lançou os braços ao redor de Liam.

— Nem acredito que está aqui — disse ele.

— Eu também — retrucou Lila. Soltou então o irmão e voltou-se para Ella. — Que legal que você também conseguiu! Mas vamos logo. Temos apenas uns três segundos para cair fora daqui. — Puxou Liam e Ella pelas mãos e tentou fazer com que eles descessem da carroça.

— Espere! — disse Liam. — Primeiro precisamos ajudar os bardos.

— Obrigado — agradeceu Lero Lira lá do alto.

— Você não está entendendo — insistiu Lila. — Assim que Rosa Silvestre conseguir se soltar, todo aquele exército virá atrás de você.

— Se soltar? — perguntou Ella. — O que você fez com ela?

— Conto mais tarde. Vamos, logo! — Lila desceu com um pulo.

— Mas os bardos! — protestou Liam.

— Tenho certeza de que aqueles caras robustos conseguirão dar conta do recado — disse Lila, apontando para os irmãos de Gustavo, que tinham acabado de chegar marchando.

— Os príncipes de Sturmhagen chegaram — anunciou Henrique. — Digam quem está precisando de ajuda.



Fig. 41
Os príncipes de Sturmhagen

Liam olhou para a carruagem dourada de Rosa. O veículo balançava e chacoalhava tanto que até parecia que estava acontecendo uma briga lá dentro. Alguns dos soldados, desconfiados, se aproximavam da carruagem.

— Certo, vamos cair fora daqui — disse Liam. — Esses homens vão ajudar vocês! — gritou para os bardos enquanto pulava para o chão, com Ella logo atrás.

— Olá, princesa Branca de Neve, desculpe por me apresentar assim — disse Liam. — Mas será que você e os anões poderiam nos dar uma carona?

— Claro — respondeu Branca de Neve. — Podem subir.

Frank bufou, mesmo assim saiu a toda velocidade.

Henrique olhou para cima.

— Ah! Mestre Lero! Seus heróis chegaram.



O PRÍNCIPE ENCANTADO CONSEGUE EXATAMENTE O QUE QUERIA

Duncan, Gustavo e Frederico voaram montados no dragão até o castelo de Sturmhagen, onde tinham combinado de se encontrar com Liam e Ella (Branca de Neve e os anões deram uma carona para Lila de volta para casa depois de a princesinha ter explicado que precisaria fingir que estivera o tempo todo em seu quarto). Após um reencontro emocionante (quando Gustavo ficou tão tomado pela emoção que até deu um tapinha nas costas de Frederico), o grupo se apresentou ao rei Olaf e à rainha Berthilda, de Sturmhagen, cobertos de pele dos pés à cabeça. Os príncipes contaram toda a história ao casal: como derrotaram o exército do rei Bandido, como enganaram o gigante, como domaram o dragão e até como foi o fim da bruxa. O casal real, que não era nada fácil de impressionar, ouviu tudo atentamente e começou a olhar para o filho mais novo com certa admiração. Só pareceram incomodados com uma coisa, quando Frederico lhes disse:

— Os senhores terão de abrir mão de algumas terras para os trolls.

Penaleve, o Melífluo, estava por perto para ouvir toda a história dos príncipes. E, assim que viu Ella, ele tocou na aba de seu chapéu para cumprimentá-la e no mesmo instante começou a anotar os detalhes da história, a qual ele estava certo de que iria se tornar o maior sucesso já visto.

— E agora, pai, vamos voltar à fortaleza para acompanhar os bardos de volta para casa em segurança — disse Gustavo assim que terminaram de contar tudo.

— Vocês não vão fazer isso — decretou o rei Olaf. — Estão em péssimo estado. Gustavo, seu coro cabeludo foi queimado e você está mancando da perna esquerda. Príncipe Liam também está mancando. Aquela jovem até parece que passou por um moedor de trigo. E, obviamente, tem algo errado com aquele menorzinho — apontou para Duncan.

— Senhores e senhorita — a rainha Berthilda apontou para Ella —, vocês precisam descansar para se recuperar. Prestaram um imenso serviço a Sturmhagen e ao mundo. Permitam que cuidemos de vocês em troca.

— Mas os bardos... — começou Gustavo.

— Tenho certeza de que seus irmãos estão cuidando deles — insistiu Olaf.

— Mas fizemos *tudo* até agora — disse Gustavo. — *Nós*. Por isso, nós é que deveríamos...

Rei Olaf ergueu a mão num gesto imponente.

— Gustavo — disse ele —, estou orgulhoso de você. Agora descanse.

Pela primeira vez na vida, Gustavo enrubesceu.



Depois disso, o tapete vermelho (bem, na verdade era um tapete de pele — tudo era feito de pele em Sturmhagen) foi estendido para os príncipes encantados e suas companheiras. Os ferimentos foram tratados, a sede e a fome saciadas, o desalinho alinhado. Todos receberam trocas bem-vindas de roupas limpas. Frederico até se conteve para não reclamar do enfeite cafona de pele no paletó que lhe deram.

Demorou pouco mais de uma semana para que a nova música de Penaleve, *Cinderela e a Liga dos Príncipes*, estourasse nas paradas de sucesso. As pessoas enlouqueceram com a história dos quatro príncipes que tinham sido recrutados

pela líder deles, a Cinderela, para salvar o mundo de uma bruxa muito poderosa. Penaleve era um típico bardo; sempre acabava entendendo algo errado. Mas, ei, ele acertou o nome dos quatro príncipes. Apesar de ter se esquecido de mencionar o nome de Zaubera, garantindo para sempre que a bruxa jamais iria alcançar a fama com que tanto sonhara.

Dias depois, foi promovido um grande desfile nos arredores do castelo de Sturmhagen. Arranjos de flores imensos enfeitavam cada canto por onde o desfile iria passar, e uma banda até ergueu as trombetas numa saudação à vitória. Quase todos os súditos de Sturmhagen — e milhares de admiradores de reinos vizinhos — compareceram para a celebração. Todos viram a faixa em que estava escrito: UM VIVA PARA CINDERELA E SUA LIGA DOS PRÍNCIPES!

— Isso significa que ainda somos menos importantes que a garota — disse Gustavo. — Sem ofensa.

— Sem problemas — disse Ella. — Sinto muito por isso, rapazes. Eu não fazia ideia. Nem sonhava em ficar famosa.

— Tudo bem — afirmou Liam. — Essas pessoas estão aqui hoje para celebrar a todos nós.

— E agora finalmente sabem nosso nome — disse Frederico. — Gustavo, acredito que você tenha se tornado oficialmente o maior herói da sua família.

Isso arrancou um sorriso do homenzarrão.

Os homenageados desfilaram em uma carruagem aberta puxada por cavalos garbosos. Ella e as princesas acenavam para o público embevecido. Frederico ficou feliz quando avistou Reginaldo em meio à multidão.

— Reginaldo, estou tão feliz em vê-lo aqui — o príncipe chamou por ele.

O criado se afastou da multidão para emparelhar com a carruagem.

— Eu não perderia isso por nada deste mundo — respondeu Reginaldo, curvando-se orgulhosamente em uma reverência.

— Suponho que papai não tenha vindo junto — falou Frederico, com uma pontinha de esperança.

— Não — disse Reginaldo, acompanhando a carruagem. — Ele pediu para lhe dizer que lhe perdoa e mal pode esperar para tê-lo em casa novamente. Mas não confie muito nele. Ele também me pediu para entregar um bilhete aos irmãos Flimsham; quer o tigre deles emprestado outra vez.

— Obrigado pelo aviso — disse Frederico, enquanto o desfile prosseguia e Reginaldo ficava para trás.

Eles dobraram uma esquina movimentada e deram de cara com mais e mais fãs comemorando efusivamente. Imensas tapeçarias com imagens dos príncipes eram desenroladas do alto das janelas do castelo à medida que eles passavam.

— Acho que voltar para casa depois disso não será tão divertido quanto eu esperava — comentou Frederico.

— Pelo menos você tem uma casa para onde voltar — disse Liam. — Pelo que Lila disse, se eu pisar em Eríntia, serei forçado a me casar com Rosa Silvestre. — Ele deixou escapar um longo suspiro. — O que vou fazer?

— Por que não vem comigo e fica em Harmonia até que as coisas se acalmem no seu reino? — convidou Frederico. — Será bom poder contar com um aliado para enfrentar meu pai.

— Obrigado, Frederico — respondeu Liam, agradecido. — Acho que vou aceitar seu convite.

Ella se inclinou para frente e falou:

— Sabe de uma coisa, Frederico? Talvez eu tenha me precipitado ao partir. Acho que também voltarei para o palácio. Isso se você ainda me quiser de volta.

Depois de tudo que tinham passado, Frederico tinha dúvidas se ainda havia uma chance de ficarem juntos. E ele sabia que teria de se esforçar ainda mais para se destacar ao lado de Liam, mas, pela primeira vez na vida, sentiu-se à altura do desafio.

— Dois dos meus melhores amigos morando comigo? Não consigo imaginar nada que me deixaria mais feliz — disse Frederico. — Ah, mas

preciso dar um aviso aos dois: se um duende aparecer, não o mande embora. Pode ser uma mensagem para mim.

— Ei! Alguém na multidão está carregando uma faixa escrita DUNCAN, O DESTEMIDO! — gritou Duncan. — Ah, é o Frank — completou, um pouco menos entusiasmado. — Vocês acham que ele quis dizer isso no bom sentido?

— É difícil ter certeza em se tratando daqueles anões — respondeu Liam. — Mas nós acreditamos nisso, certo?

Gustavo revirou os olhos.

O desfile terminou em frente à enorme plataforma de pedra onde havia uma estátua em tamanho real de Cinderela e dos quatro príncipes em poses heroicas. A escultura fora feita às pressas, no dia anterior. A carruagem parou, os heróis desceram e subiram os degraus da plataforma para ver mais de perto a obra de arte.

— Ei, a minha estátua é mais alta do que eu — disse Duncan. — Gostei disso.

— Maldição! — esbravejou Gustavo. — Eles não podiam ter feito a minha com cabelo? Já está começando a crescer, sabia?

— Do que será que esta estátua é feita? — questionou Liam ao cutucar sua versão e ouvir um barulho de coisa oca.

— Acho que de papel machê — respondeu Frederico. — Considerando o tempo que levou para ficar pronta, suponho que foi o melhor que conseguiram fazer.

— Vamos torcer para que não chova — disse Liam.



Fig. 42
Estátua em homenagem

Ella desceu discretamente os degraus da plataforma para dar aos rapazes o merecido momento de glória. Os príncipes encararam a enorme multidão. As pessoas acenavam, gritavam e os chamavam pelo nome — o *verdadeiro* nome. Não “Príncipe Encantado”, como costumavam ouvir.

Em diferentes momentos da vida, cada um dos quatro príncipes tinha sonhado com um instante como aquele. Mas foi algo mais que a multidão de

fãs que tornou a ocasião tão maravilhosa, e Duncan expressou o sentimento com exatidão:

— Estou com esses caras! — gritou, com os braços erguidos.

Algumas pessoas começaram a rir. Os príncipes acharam que elas estavam caçoando de Duncan.

— Isso mesmo, o flautista amalucado é meu amigo — Gustavo saiu em defesa. — E daí?

Mais pessoas começaram a rir e apontar.

Liam e Frederico se entreolharam, confusos.

Os príncipes se viraram a tempo de ver dois ladrões vestidos de preto carregando a estátua e colocando-a em uma carroça, parada atrás da plataforma — carroça que por sinal já estava lotada de arranjos de flores, faixas escritas LIGA DOS PRÍNCIPES, dúzias de trombetas e quatro tapeçarias enormes com o rosto dos príncipes. No comando das rédeas, estava ninguém menos que Deeb Rauber.

— Isso mesmo, príncipes — gritou o garoto com um sorriso malandro. — Acabei de roubá-los! Na verdade, roubei o desfile inteirinho. Enquanto vocês comemoravam, seus fracassados, eu vinha logo atrás, pegando tudo! — Soltou uma gargalhada e sacudiu o traseiro para eles enquanto seus comparsas montavam nos cavalos. Em seguida, Rauber e seus bandidos dispararam, levando tudo.

— Eu sabia que devia ter dado uma boa surra nele — resmungou Gustavo.

Ella subiu de volta na plataforma para se juntar aos homens.

— O que meu primo estava fazendo aqui?

— Seu *o quê?* — gaguejou Frederico.

— Vou contar para a sua mãe, Deeb! — gritou ela, enquanto a carroça de Rauber desaparecia estrada afora.

— O que estamos esperando? — disse Liam. — Não podemos deixar Rauber escapar. — Estava prestes a sair correndo atrás dos ladrões quando ouviu as pessoas rindo e caçoando lá embaixo.

— Haha! Um garotinho acabou de roubar a estátua deles!

— Pensei que eles tivessem detido o rei Bandido!

— Esses são os nossos heróis? Que piada!

Não demorou muito e toda a multidão ria deles. O pior de tudo é que Penaleve, o Melífluo, estava ali, anotando freneticamente ideias para uma nova música.

— Ah, não! — lamentou Liam assim que viu Penaleve. — Só faltava essa! Você não vai escrever uma música sobre isso, vai?

— Vai começar tudo de novo — murmurou Gustavo.

— A estátua nem tinha ficado muito boa mesmo — disse Frederico.

— Devíamos pedir para o gigante fazer uma nova — sugeriu Duncan, mas os outros mal ouviram o que ele dissera de tanto que o povo ria.

Naquele momento, os dezesseis irmãos de Gustavo se aproximaram da plataforma. Por uma fração de segundo, Gustavo pensou que eles estivessem ali para defendê-lo. Mas ele estava errado, é claro.

— Calem-se todos — gritou Henrique. — Trouxemos algo muito especial para todos vocês.

Lero Lira, Tirésio Melodia, Wallace Fitzwallace e Reinaldo, o duque da Rima, subiram orgulhosos na plataforma, que acabou ficando um pouco apertada. Lero tomou a frente e se dirigiu ao povo:

— Senhoras e senhores — falou o bardo. — Há pouco mais de uma semana, meus amigos compositores e eu passamos pela pior experiência de nossa vida, ao sermos raptados por uma bruxa malvada. Mas fomos salvos, graças a este grupo de heróis fortes e valentes. E, para provar nossa gratidão, meus amigos bardos e eu escrevemos uma música. Vamos apresentá-la a vocês agora. Senhoras e senhores: *Os dezesseis príncipes heroicos de Sturmhagen!*

— Dezesseis? — resmungou Gustavo, enquanto os quatro bardos começavam a cantar. — DEZESSEIS?

Gustavo estava a ponto de atacar os bardos e estraçalhar os bandolins com os dentes quando foi impedido por Liam e Frederico.

— E agora? — indagou Frederico.

— Rauber já deve estar longe — lamentou Liam.

— E viramos motivo de chacota outra vez — resmungou Gustavo.

— É um desastre — disse Liam. — Para onde vamos?

— Para algum lugar onde as pessoas gostem de nós? — sugeriu Duncan com um sorriso desconfiado.

Os olhos de Frederico brilharam.

— Você está certo — concordou ele. — Sei exatamente para onde devemos ir.



◀ EPÍLOGO ▶

O PRÍNCIPE ENCANTADO VAI PARA UM LUGAR ONDE TODOS SABEM SEU NOME

Liam, Frederico, Gustavo e Duncan cruzaram a soleira da porta da Perdigueiro Rombudo e foram recebidos com uma salva de palmas (os aplausos ficaram ainda mais fortes quando Ella entrou também).

— Estávamos esperando vocês — disse Ripsnard, o garçom, todo alegre.

— Por acaso já ouviram a nova música que fizeram sobre nós? — perguntou Liam.

— Se ouvimos? A casa vive cheia por causa dela — respondeu Ripsnard e apontou para uma placa pintada à mão, encaixada entre um escudo amassado e a cabeça de um abominável homem das neves pendurados sobre o bar. Lia-se: PERDIGUEIRO ROMBUDO — AQUI NASCEU A LIGA DOS PRÍNCIPES. — Para ser honesto, devemos isso a vocês, rapazes.

— Isso mesmo. Na semana passada, recebi dezenas de novos recrutas querendo fazer parte da minha tripulação — concordou o pirata barbado. — Quando os paspalhos aparecem para dar uma olhada na mesa em que a Liga dos Príncipes foi fundada, lá no canto, olho para eles com um sorriso e digo: “É, esse dente foi arrancado pelo príncipe Gustavo, o Poderoso”.

Gustavo sorriu.

— Era isso que queríamos, não era? — indagou Frederico, enquanto os frequentadores do bar os rodeavam, querendo um autógrafo. — Uma festa de boas-vindas aos heróis?

— Era, mas o que será de nós quando eles ficarem sabendo o que aconteceu no desfile? — perguntou Liam enquanto assinava o cabo do punhal de um ladrão.

— Você está falando sobre o rei Bandido ter roubado a estátua bem embaixo do nariz de vocês? — perguntou o pirata.

— Vocês já ficaram sabendo? — indagou Ella. — Isso aconteceu hoje de manhã.

— As notícias correm — respondeu Ripsnard.

— Eles sabem e mesmo assim ainda gostam de nós — disse Duncan, batendo a mão em saudação na do assassino meio ogro.

— Ah, claro — disse Ripsnard. — Porque sabemos que um bando de caras durões como vocês não vai deixar um insulto desses sem resposta. Estamos loucos para ver o que vai acontecer.

Os príncipes se entreolharam.

— Nós também — disse Liam.

Duncan se sentou à mesa oficial da Liga dos Príncipes, puxou uma folha de papel e uma pena e começou a escrever.

Gustavo revirou os olhos irritado.

— Como você consegue carregar tudo isso... Ah, esqueça.

— O que está fazendo, Duncan? — perguntou Frederico.

— Escrevendo um livro — respondeu Duncan. — Esse pessoal simpático me deu uma ideia. Agora que somos oficialmente heróis, acredito que é minha responsabilidade compartilhar meus conhecimentos de herói com o mundo, para aconselhar e dar dicas a outros rapazes e moças que estejam precisando salvar seus reinos.

— Um tipo de manual para aspirantes a aventureiros? — perguntou Frederico com uma sobrancelha erguida.

Duncan concordou.

— E *você* se considera a pessoa certa para escrever isso? — perguntou Gustavo.

— Ah, podem opinar quanto quiserem. Vou adorar receber ajuda — respondeu Duncan.

— Duncan, creio que nós quatro, ou cinco, ainda temos muito que aprender antes de sermos considerados heróis de verdade — disse Liam.

— Então, este será um trabalho em desenvolvimento — respondeu Duncan, enquanto escrevia o título do seu livro: O GUIA DO PRÍNCIPE ENCANTADO PARA SALVAR O SEU REINO.

— Ei, vejam o meu exemplo. Nunca se sabe para onde o destino levará você — disse Ella. — Eu adoraria dar algumas dicas. Mas acho melhor chamá-lo de O GUIA DO HERÓI.

— Acredito que contribuir para um trabalho literário esteja muito mais de acordo com meu estilo do que invadir a fortaleza de uma bruxa — comentou Frederico.

— Acho isso uma perda de tempo — disse Gustavo.

O pirata barbado se aproximou e despejou um punhado de moedas de ouro sobre a mesa, diante de Duncan.

— Vou querer dez cópias assim que estiver pronto.

Os príncipes se entreolharam.

— Colocar nosso nome em algo assim — disse Liam — vai nos tornar famosos.

Frederico sorriu.

— Que venha a fama então.





← AGRADECIMENTOS →

Assim como os príncipes, eu não conseguiria ter escrito este livro sem ajuda.

Meu muitíssimo obrigado a Noelle Howey, minha arma secreta. Nem sei como mensurar a sorte que tenho por ter me casado com uma das melhores escritoras e editoras que existem. De uma única fonte, recebo amor, apoio e aconselhamento especializado na área da literatura. Perdi as contas de quantos furos de enredo, inconsistências e piadas sem graça meus leitores foram poupados, graças ao critério apurado e ao bom gosto de Noelle. Todos nós devemos a ela, de verdade.

Não posso deixar de agradecer também à minha filha, Bryn, que, além de ter servido de inspiração para Lila, também foi minha leitora crítica e nunca teve medo de dizer: “Esta parte poderia melhorar, papai”. Obrigado também ao irmão dela, Dashiell, por não ter deixado de ser fã, apesar de sua infelicidade por não ter aparecido nenhum ninja na história.

Agradeço também às minhas agentes: Jill Grinberg, que me incentivou desde a primeira vez em que mencionei a ideia sobre os Príncipes Encantados, e à incrível Cheryl Pientka, que fez mágica para vender este livro e fazer com que eu me sentisse em um conto de fadas.

Uma salva de palmas para Jordan Brown, da Walden Pond, que defendeu este livro desde o momento em que o leu e sempre me incentivou a aprimorá-lo. Trabalhar com Jordan foi como um curso intensivo de criação literária infantojuvenil. Além de ter sido muito divertido. Ter um editor com tanto entusiasmo e energia — e ainda um grande conhecedor da área — foi uma experiência fascinante.

Por último, mas não menos importante, obrigado a todos que leram *O guia do herói* em suas primeiras encarnações e contribuíram com comentários impagáveis: Neil Sklar, Ivan Cohen, Christine Howey, Brad Barton, Evan Narcisse e Katelyn Detweiler. Todas as anotações e comentários fizeram diferença.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

O guia do herói para salvar o seu reino

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/341390ED382959>

Site do autor

<http://christopherhealy.com/>

Twitter do autor

<https://twitter.com/christophrhealy>

Facebook do autor

<https://www.facebook.com/Christopher-Healy-The-Heros-Guide-229072350509126/>

Goodreads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/418792.Christopher_Healy

Sinopse do livro

http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=27719

Sobre o autor

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=7303

Livros do autor

http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=7303